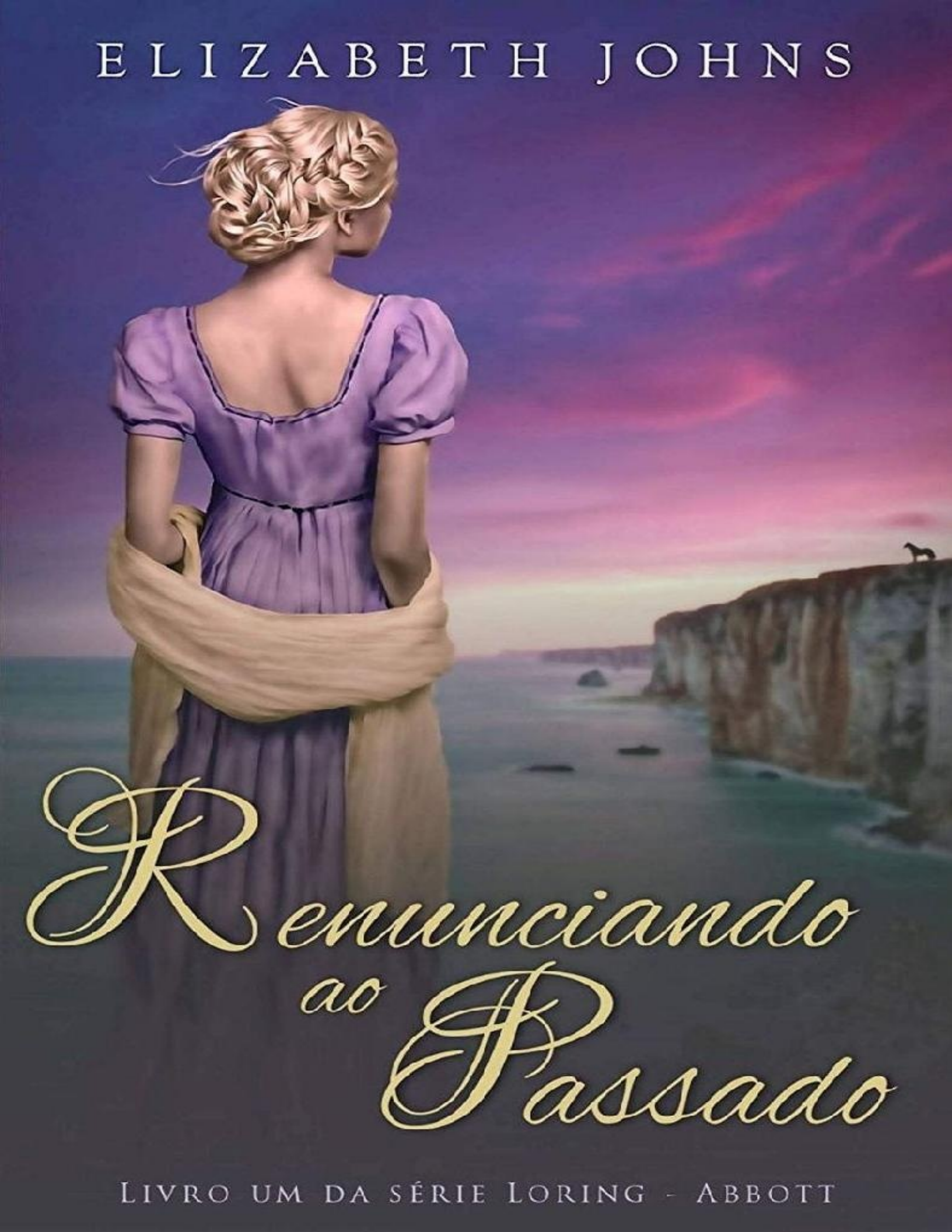
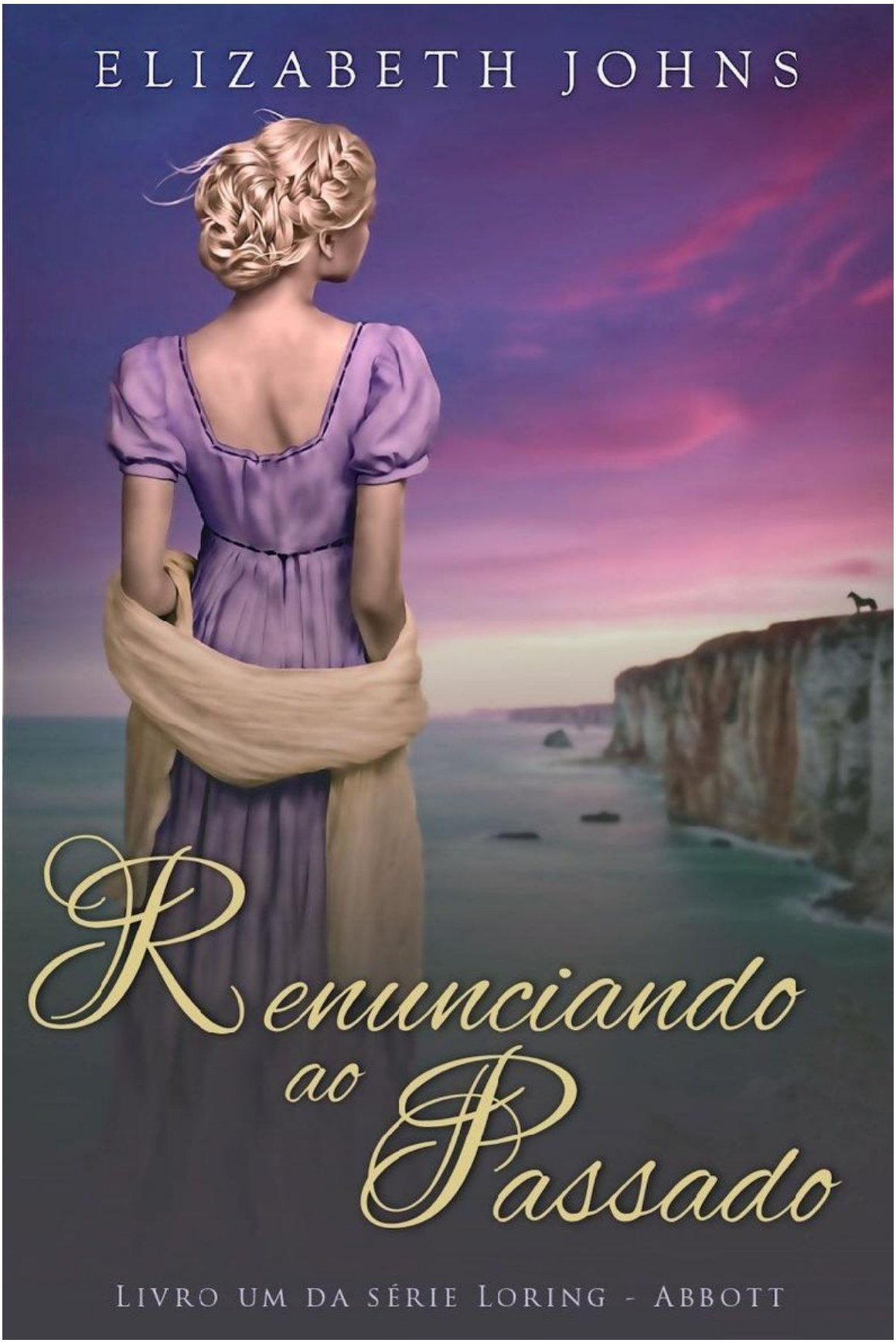
ELIZABETH JOHNS



Renunciando ao Passado

Livro um da série Loring - Abbott


ELIZABETH JOHNS
Renunciando ao Passado
Livro um da série Loring - Abbott

CAPÍTULO UM

América

Agosto de 1814

O stras. Seus lábios pareciam ostras úmidas e viscosas. Ironicamente, ostras também faziam com que ela sentisse vontade de vomitar. Elinor apertou a boca contra o ataque em seus lábios, tentando respirar pelo nariz, apesar dos odores desagradáveis que emanavam daquela pessoa. Ela olhou para a parede, imaginando como isso poderia ter acontecido. Ela deveria estar segura contra avanços indesejados, principalmente em uma escola! Como poderia sair disso o mais rápido possível e não ferir os sentimentos dele?

Elinor sentiu um calafrio e começou a suar. Tinha que parar com isso imediatamente antes que perdesse todo o controle. Colocou as mãos no peito dele e gentilmente empurrou.

— Sr. Wilson, por favor! Isso dificilmente é um comportamento apropriado para os amigos. — Esperava que o ponto fosse claro, porque ela sentiu os sinais reveladores de umidade e ritmo cardíaco acelerado começando.

— Mas senhorita Abbott, deve saber o que sinto pela senhorita! Eu quero que seja minha esposa! — Ele deslizou a mão sobre os poucos fios remanescentes de cabelo em cima de sua cabeça brilhante, um gesto que fazia quando nervoso.

— Não, senhor. — Ela fez uma pausa e balançou a cabeça. Ela falou com mais calma do que sentia. — Eu realmente não sabia. Fico bastante lisonjeada com seus sentimentos, mas receio que não desejo que sejamos mais do que amigos. Eu sinceramente peço desculpas se o senhor interpretou mal meu carinho como sendo mais do que platônico.

Oh não, aqui vêm eles: os estágios de rejeição.

Negação! Os olhos arregalados, o olhar mortificado, a cabeça trêmula.

— Com certeza deve estar brincando, senhorita Abbott. Não posso estar tão enganado, com certeza. A senhorita passa muito tempo aqui.

— Eu lhe asseguro, não faria brincadeiras sobre tal coisa. — Ela estava aqui pelas crianças, não por ele!

Raiva! O rosto vermelho, as veias pulsando em suas têmporas e garganta.

— Mas deve se casar comigo! Como eu pude estar tão enganado em seus sentimentos?

— Mais uma vez, garanto-lhe que nada foi feito intencionalmente.

Negociação. Ele começou a andar pela sala e jogou as mãos para o ar.

— O que posso fazer para que mude de ideia? Deve haver alguma coisa! Pense nas crianças!

— Senhor, por favor. — Rastejar era tão impróprio. O que mais havia para dizer?

Aceitação! Suas mãos e seus ombros caíram, seu olhar no chão.

Bem, torcia para que a aceitação viesse mais tarde, porque ela não iria ficar ali esperando por isso. Ela correu em direção à porta, tentando não desmaiar. — Senhor, peço desculpas, mas não posso ficar. Se cuide, Sr.

Wilson. — Ela fugiu o mais rápido que pôde, parando apenas para esvaziar o estômago nos arbustos atrás do estábulo.

Elinor jogou a perna sobre a égua e partiu como se os cães do inferno estivessem atrás dela. Ela sabia que deveria se sentir lisonjeada pelo Sr.

Wilson tê-la pedido em casamento, mas isso a enfureceu. Ela estremeceu quando se lembrou da sensação de seus lábios repugnantes e mãos úmidas sobre sua pessoa quando se declarou para ela. O que aconteceu com o método antiquado de usar as palavras primeiro? Ela tinha que parar de pensar nisso ou iria vomitar novamente. Por que continuava se encontrando no centro da atenção indesejada dos homens?

Finalmente voltou para River's Bend, a fazenda que seu pai havia comprado a apenas alguns quilômetros de Washington, do outro lado do rio Potomac, em Alexandria. Enquanto cavalgava pelos campos abertos da aldeia até a casa

senhorial, começou a sentir o pânico diminuir. A sensação do vento em seu rosto e seu cabelo chicoteando ao redor era um conforto bem-vindo. Realmente se sentiu mal por suas interações com o Sr.

Wilson. Será que um dia chegaria o momento em que pudesse ser tocada por um homem e não ficar ansiosa? Seria capaz de recuperar seu espírito livre que agora parecia estar preso dentro dela?

Elinor baixou o corpo contra o cavalo enquanto se encaminhavam para as árvores. A chuva da tarde proporcionava pouco alívio na tarde abafada de agosto. Afastou alguns galhos baixos enquanto suas folhas pingavam gotas grandes em seu rosto, sem diminuir o ritmo. Enquanto limpava a água dos olhos, viu um homem de pé estupefato no meio do caminho. Não havia lugar para ela ir com as árvores de um lado, a margem do rio do outro. Puxou as rédeas o mais forte que pôde e Athena se ergueu nas patas traseiras. Elinor perdeu o controle das rédeas e voou para trás do cavalo.

— Ai! — Elinor conseguiu gritar essa palavra enquanto lutava para recuperar o fôlego. Agora ela entendia o que significava perder o fôlego. Ela mexeu as mãos e os dedos, ainda capaz de sentir tudo, e olhou para cima para ter certeza de que Athena estava bem, quando ouviu a voz de um homem perguntando se ela estava bem. Ela levantou-se desajeitadamente e limpou as saias cobertas de lama, depois começou a repreender o estranho.

— Claro que não estou bem! Por que estava no meio do caminho? Não me viu chegando?! — Ela gritou com os punhos cerrados ao lado dela.

O estranho olhou para ela por debaixo do chapéu, e ela viu um par de luminosos olhos azuis brilhando para ela. — Não era eu quem estava cavalgando como um demônio! — Ele gritou de volta para ela.

Como ousa falar comigo assim! — Posso ver que está ileso, então faça a gentileza de se retirar da nossa propriedade!

Com isso, se virou e foi até o cavalo, que estava preguiçosamente mastigando a grama. Uma vez montada, conseguiu pulverizar lama em Easton enquanto instava seu cavalo para frente, descontando toda a sua frustração nesse homem, sabendo que estava se comportando abominavelmente, mas não se importando com isso. Ela estava tão distraída que nem sequer pensou em quem ele era ou porque estaria em River's Bend.

Elinor cavalgou até sentir o vento levar um pouco de sua frustração. Finalmente, desacelerou o galope da égua para o passo enquanto

chegava ao estábulo. Escovou e alimentou a égua antes de se sentir calma o suficiente para encontrar os outros.

Parou na porta e respirou fundo mais um pouco antes de entrar na casa, ainda incrédula. Jogou o capuz encharcado no vestíbulo ao lado da cozinha, chutou as botas enlameadas e enfiou os pés nos chinelos. Passou pela cozinha, atraída pelo cheiro de seus biscoitos favoritos. Aqueles que sempre curavam o que a afligia. Elinor pegou algumas das guloseimas e beijou Cook na bochecha com um meio sorriso.

A cozinheira olhou desconfiada para ela, observando que estava molhada e enlameada da cabeça aos pés, mas não a repreendeu, verbalmente pelo menos. Haviam poucas coisas que irritavam Elinor, então os criados não se intrometiam em seus assuntos, simplesmente entregando-lhe uma toalha e agindo como se tudo estivesse normal. Ela ouviu Cook murmurar algo sobre "mimada e sem limites" e "precisar de um homem para domá-la".

Isso, na verdade, provocou um sorriso em Elinor quando ela se afastou, porque sabia que essa era uma das maneiras pelas quais Cook expressava carinho. Parcialmente seca, Elinor continuou para o escritório, onde encontrou seu pai sentado atrás da grande escrivaninha de mogno, absorvido em uma carta. Seu velho Spaniel que estava deitado aos pés de Sir Charles, abriu um olho para ver quem era o intruso e prontamente voltou a tirar uma soneca.

Elinor parou e observou seu pai da porta, terminando seus biscoitos enquanto permitia que uma sensação de calma a penetrasse. Seu cabelo era prateado ao longo das têmporas e recuava para trás de seu rosto, mostrando as linhas de um sorriso fácil. Ela caminhou até onde o precioso conjunto de chá de sua mãe foi colocado e tocou o bule para ver se ainda estava quente. Satisfeita, ela se serviu de uma xícara e encheu a xícara do pai. Ele finalmente olhou para cima e ela deu um beijo em sua bochecha. — Ah, aí está, minha querida. — Ele sorriu para a menina dos seus olhos. Deve ter notado aquele olhar no rosto dela. — Qual é o problema? Havia algo de errado com uma das crianças da escola?

— Não. — Ela franziu a testa. — Eu sou tão óbvia? — Só seu pai para não notar o quão suja ela estava, ou perguntar o porquê, mas em vez disso, observar sua

agitação.

— Receio que sim. — Sir Charles baixou o trabalho e observou-a começar a andar de um lado para o outro no tapete, o pânico dela agora se

transformava em irritação. Ele esperou pacientemente que ela soltasse suas palavras reprimidas.

— Recebi outra oferta! — Ela disse em frustração e jogou as mãos para cima como se perguntasse por quê.

— Deveria estar lisonjeada, minha querida — comentou Sir Charles, com um olhar divertido para a filha, enquanto bebia calmamente o chá. —

Foi o professor da escola?

Ela assentiu. — Por que eles sempre devem fazer uma proposta? Eu pensei que nós éramos amigos, papai. Estou fazendo algo errado que confundam meus sentimentos? Assumir que eu estou interessada? Quando percebo que eles gostam de mim *dessa* maneira, faz minha pele arrepiar! —

Como se fosse uma sugestão, ela estremeceu com o pensamento. —

Então *me sinto* culpada por rejeitá-los!

Sir Charles foi sentar-se no sofá e deu uma pequena batida com a mão no local ao lado dele. Ela sentou-se, tentando minimizar os danos ao sofá, e ele colocou o braço em volta dela e aconchegou-a a ele. Essas eram as vezes que ela sentia falta de sua mãe. Seu pai nem sempre sabia como lidar com essas situações, além de segurá-la e dar tapinhas nas costas dela. Elinor muitas vezes não tinha modos femininos e, embora tivesse frequentado uma escola de refinamento para moças, isso ainda não lhe era natural.

— Não pare de ser você mesma, Elly. Apenas seja honesta e gentil com seus sentimentos. Quando o homem certo aparecer, não se sentirá enojada com a oferta dele. — Seus olhos brilharam para ela, mas pelo menos não riu alto.

— Hmph, — foi tudo o que Elly pôde responder. Ela sabia que nunca iria parar de ter esse sentimento em torno dos homens. Pelo menos ela podia conversar com homens agora e ser amiga deles. Ou então pensou que podia. — Então não

o incomoda que eu não tenha aceitado ninguém? E se eu decidisse me estabelecer aqui? Isso o incomodaria? Disse que a fazenda seria minha, não é?

Ele suspirou. — Não, querida, não tenho pressa para que se case. Eu só comprei essa fazenda como um investimento. Eu não planejava ficar aqui tanto tempo, Elly. Eu sei que está confortável aqui, mas acho que deveria dar uma chance à Inglaterra mais uma vez antes de tomar uma decisão.

Depois de alguns momentos ponderando a declaração enquanto comia outro biscoito, ela descartou. Eles já tiveram muitas discussões sobre ela

não querer voltar para a Inglaterra. Mudou de assunto quando notou um pergaminho aberto sobre a mesa. — De quem é a carta, papai? É por isso que queria falar comigo?

— Sim, sim. Do Gabinete da Guerra na Inglaterra. Parece que as negociações estão sendo iniciadas. — Ele se levantou e voltou para a mesa.

— É uma notícia maravilhosa! — Elinor bateu palmas de empolgação, pois se orgulhava de estar bem informada sobre os acontecimentos políticos.

— Sim, mas significa que ficarei longe por algum tempo. As reuniões estão sendo realizadas em Ghent. — Sua excitação desapareceu tão rapidamente quanto havia chegado. Ela franziu a testa.

— Por que as negociações estão sendo realizadas na Bélgica? A guerra é entre a América e a Grã-Bretanha! — Exclamou Elinor, exasperada. — É tão longe!

— Desde quando a lógica entrou em negociações políticas? Especialmente a Bélgica sendo uma parte neutra e tudo mais —

seu pai respondeu. Elinor sorriu a despeito de si mesma enquanto seu pai tentava fazer pouco de um assunto que ela sabia que ele temia que se aproximasse dela. — Querida, devo ir. Essa guerra deve ser interrompida, e se eu puder ajudá-los a ver como isso é inútil e devolver os países a seus acordos prévios, então a vida aqui pode ser pacífica novamente. — Ele fez uma pausa, sabendo que ela não gostaria de sua próxima declaração. —

Quero que vá para a sua avó enquanto eu estiver fora.

Ela franziu o nariz para ele. — A próxima coisa que eu sei que vai dizer é que eu preciso ter uma última temporada em Londres!

Uma pausa desconfortável se seguiu. Ele olhou para ela interrogativamente. — Na verdade, sim, eu ia sugerir isso. Presumi que todas as meninas desejavam se vestir como uma princesa e dançar em bailes. Apesar de não se importar em jogar a palavra *vestido* para longe. —

Ele olhou para seu traje de montaria enlameado, de pernas separadas, enquanto falava com um brilho nos olhos.

Então notou o vestido dela. Ignorando sua zombaria por seu traje, ela disse: — Eu não estou discordando que o senhor deveria ir ajudar a fazer a paz, apenas que eu deva ir para a Inglaterra enquanto faz isso. Não tenho nenhum desejo de ter uma temporada extravagante em Londres entre um grupo de aristocratas ociosos, imorais e autoindulgentes, especialmente

enquanto há uma guerra acontecendo aqui! Como eu poderia fingir ser feliz enquanto estiver imersa na frivolidade?

— Acredito que deve ter perdido um adjetivo ou dois. Talvez vaidosa, gananciosa, arrogante ... e é *porque* há uma guerra acontecendo aqui que eu insisto que vá. — Sir Charles sacudiu a cabeça. Ele nunca previu quando vieram para a América há vários anos, para servir como um ministro diplomático para o rei, que Elinor se transformaria em uma americana ferozmente independente, quase anti-inglês.

Elinor sorriu. — Talvez isso tenha sido um pouco excessivo, mas sabe como me sinto sobre títulos inúteis e pessoas que sentem que o trabalho está abaixo delas. — *O pai dela ganhara o seu "Sir", o que era diferente, claro*. — Eu não preciso de centenas de vestidos com as melhores modistas e dançar em um baile todas as noites para me sentir respeitável. Aqui eu tenho os soldados feridos, as crianças do vicariato e a fazenda para me manter utilmente empregada. Esta é minha casa agora.

— Por que você, Elly, ficaria linda em um saco de batatas, —

respondeu Sir Charles, balançando a cabeça em sua tenacidade. — No entanto, a Inglaterra é sua herança, e sua mãe sempre quis uma temporada em Londres para você. — *E um bom marido inglês*, pensou Elinor. — Além disso, nem toda a

sociedade é como descreve. Há muitos que defendem causas dignas e se esforçam para fazer o certo por seus arrendatários e aos necessitados. Se procurar pelo bem, vai encontrá-lo - assim como tem feito aqui. — Ele fez uma pausa pensativa, imaginando a melhor abordagem a seguir com ela. Poderia dizer que ela claramente não havia mudado de ideia até agora. — Não visitou nossa família desde que partimos; pode ser sua última chance de ver sua avó.

Elinor suspirou, mas acenou com a cabeça, sem vontade de discutir. Sua avó era o único argumento que sempre funcionaria. Também seria bom ver sua irmã mais velha, Sarah, e seu irmão, Andrew. Ele estava no exército e lutava contra Bonaparte. No entanto, ela ouviu que Bonaparte tinha sido exilado, então esperava poder ver Andrew.

Elinor sabia que estava sendo intransigente sobre ir para a Inglaterra, mas estava começando a sentir seu mundo desabar sobre ela. Mudança não era o seu acontecimento favorito, mas não podia dizer ao pai a verdadeira razão pela qual não queria mais voltar para a Inglaterra. Seu pai a abraçou e beijou o topo de sua cabeça loira dourada.

— Desde que prometa que posso voltar aqui quando não encontrar o Príncipe Encantado no final da temporada, — disse ela resignada.

— Claro. Rezo para que essas negociações acabem rapidamente e eu possa me juntar a você para ver o sucesso que fez. — Ele piscou para ela. Ela revirou os olhos de brincadeira e tentou agitar seus cílios.

— Pai, eu disse que iria. Você não disse que eu tinha que ser uma atriz!

— Não, querida, nunca uma atriz! — Ambos compartilharam uma boa risada sobre o pensamento, já que ambos sabiam que Elinor não era uma debutante típica de Londres, e ser atriz, ou mesmo conhecer uma, era um pensamento proibido para uma dama na Inglaterra.

— Vai fazer bem o suficiente, moça. Será um prazer revigorante. Receio que sua vida aqui tenha sido muito séria. Eu nunca pretendi que colocasse tanto em seus ombros - isso não foi correto de minha parte. Apenas me prometa que vai tentar se divertir e saber que tem aqui para voltar se não gostar, embora eu saiba que não será o caso.

Elinor pensou que *talvez* ele visse o charme de sua filha sob uma luz diferente da

dos grandes defensores da sociedade londrina.

Houve uma batida na porta da sala e Abe, seu mordomo, entrou com uma mensagem. Sir Charles examinou a nota com um olhar preocupado no rosto. Elinor esperou para ver se tudo estava bem. Sir Charles olhou para o papel com uma expressão de consternação.

— Há algo errado? — Ela perguntou por causa do olhar em seu rosto.

— Não sei, mas esta mensagem é do Comodoro Gordon. Eles estão posicionados perto da costa, perto de Alexandria.

— Então, o que isso significa para nós? — Elinor tinha certeza de que não seria uma boa notícia.

— Não tenho certeza, Elly. Ainda espero que isso termine logo, mas temo que fique feio primeiro. Ele estará enviando um mensageiro mais tarde com detalhes. — Ele apertou os dedos sobre a ponte do nariz, um sinal de que estava preocupado, mas não o pressionou. — Eu deveria ter suspeitado pela crescente presença de soldados na cidade, só que eu esperava mais avisos. Precisamos nos preparar.

— Por que há mesmo uma guerra? Esta guerra foi travada uma vez -

os britânicos perderam. Eles precisam deixar a América e parar de tentar controlar o mundo. Se houvesse um governo tirânico do mal aqui, eu

entenderia. Mas essas pessoas deixaram a Inglaterra para ter uma vida melhor e não estão prejudicando ninguém.

— América declarou guerra, lembre-se. Sabe que os britânicos se sentem justificados em retaliar pela destruição de York. — Ele balançou a cabeça, sem saber ao certo como lidar melhor com sua filha mais nova quando ela era fortemente inspirada por uma causa. Normalmente era mais moderada.

— Isso é tão inútil! — Ela ergueu as mãos e beijou a bochecha do pai. — Vou vê-lo no jantar, papai. — Ele assentiu distraidamente, então ela escapou para os estábulos assim que pôde colocar suas botas de volta. Precisava desesperadamente controlar suas emoções. Será que o dia de hoje pararia de trazer notícias indesejadas? Se tornou uma especialista em esconder seus

verdadeiros sentimentos de seu pai. A única coisa que não suportaria era que seu pai soubesse de sua vergonha. O que ele pensaria dela então? Ela havia escondido aquele momento horrível de sua vida nas profundezas de sua alma, entorpecendo-se a qualquer intimidade de sentimento que não fosse com aqueles mais próximos a ela para suportá-lo.

Com o coração pesado, Elly montou seu cavalo e saiu cavalgando com tanta força quanto sua égua podia, enquanto lágrimas começavam a escorrer pelo seu rosto. Uma vez que o choque inicial estava fora de seu sistema, ela desacelerou para um trote até chegar ao seu ponto favorito com vista para o Potomac. Ela desmontou e inalou o cheiro fresco de pinho e chuva, e ouviu a água batendo nas margens do rio abaixo. Estava agradecida pela brisa da água no calor úmido da tarde.

Esta tinha sido sua calmaria, sua paz por seis anos. Ainda estaria aqui quando ela voltasse? Como encontraria fuga na Inglaterra? A perspectiva de *enfrentá-lo* novamente era a pior coisa que podia imaginar. Ela se jogou no chão e olhou para o céu, procurando por respostas. Fechou os olhos quando uma nova onda de mortificação se aproximou dela.

Se lembrava de sentir-se de forma similar há seis anos, antes de deixar sua casa de infância para vir para a América. Havia deixado tudo o que era familiar enquanto tentava lidar com o ataque e a profunda sensação de perda pela morte de sua mãe. Agora não podia imaginar ser feliz na Inglaterra. Na América, havia começado a se encontrar, não sob a sombra de seu passado, com lembranças constantes de seu ataque. Estava livre para ser ela mesma aqui. A sociedade inglesa era muito mais rígida com regras não escritas. Ainda seria inglesa o suficiente? Sua família entenderia que ela

nunca poderia se casar - sem que dissesse a eles por quê? Eles acreditariam nela se lhes dissesse o porquê? Como enfrentaria seu agressor novamente?

Não tinha ideia, mas era isso que seu pai queria, então tentaria, a menos que pudesse encontrar uma maneira de evitar isso. Se convencera de que poderia evitar a volta. Não conseguia nem mesmo reviver aquela noite conscientemente, embora não tivesse o luxo de controlar seus pesadelos. Estava crescida agora. Poderia fazer isso. Ela devia.

Elinor sentou-se em sua pedra favorita na margem do rio, arremessando pedras e

pensando em como passava a maior parte de seus dias e em como era gratificante o trabalho. Ajudou a ensinar as crianças da aldeia e, recentemente, começou a ajudar a cuidar de soldados feridos na escola que frequentava em Washington, a Escola Preparatória para Moças. Riu alto ao pensar na expressão de sua tia primitiva se visse Elly com sangue nas mãos ajudando o cirurgião, ou com uma horda de filhos de escravos libertos a seus pés aprendendo a ler. Não, pensou, ela nunca se encaixaria na sociedade educada.

CAPÍTULO DOIS

O major Adam Trowbridge, agora Visconde Easton, estava em sua última missão para o Exército de Sua Majestade. Com seu irmão mais velho tendo morrido recentemente em uma corrida de cavalos e seu pai doente, ele iria se estabelecer depois de oito anos de honorável serviço à Sua Majestade e talvez trabalhar no Ministério da Guerra. Um trabalho de gabinete. Ele suspirou. Era agora o herdeiro de seu pai, já que seu irmão não achara adequado fornecer um herdeiro antes de sua morte. Prinny, o infame príncipe regente, não gostava de herdeiros lutando nas linhas de frente. Além disso, Easton não queria estar lutando na América, mas lutando contra Bonaparte, isso sim tinha um propósito. Lutando na América? Bem, ele havia visto morte e destruição mais do que suficientes por uma centena de vidas, e disputas sobre restrições comerciais não incitavam a paixão por mais. Mesmo o grande Wellington não concordara com essa campanha.

Pelo menos, enquanto estivesse aqui, ele iria ver seu padrinho, a quem não via há séculos. Foi enviado para entregar uma mensagem hoje a seu padrinho, que estava servindo como ministro do rei em Washington. Esperava passar uma rara e agradável noite com Sir Charles antes de voltar ao temido negócio que seus superiores tinham em mente para Washington. Aparentemente a casa da fazenda de Sir Charles ficava bem perto da água, e sua segurança contra qualquer ataque não podia ser garantida, então ele foi enviado com uma missiva de advertência.

Easton pegou um pequeno barco do navio no porto, subiu o rio Potomac até a doca na propriedade de Sir Charles. Ele soltou um suspiro quando a plantação e a propriedade apareceram. Uma linda mansão branca ficava de frente para uma curva do rio. A casa era cercada por enormes carvalhos, pinheiros e colinas cobertas de vinhas e campos de tabaco. Um cenário mais pitoresco do que ele podia imaginar. Era como se um belo retrato ganhasse vida com sons e fragrâncias como acompanhamento. Pelo menos entendeu por que Sir Charles

permaneceu na América depois do início da guerra, quando a maioria dos fiéis britânicos fugiu.

Parado ali, Easton foi atingido por um desejo que nunca conhecera antes. Ele havia passado oito anos vagando nômade com o exército, seguindo e dando ordens. Os vínculos que sentiu com seus companheiros de armas foram suficientes - uma camaradagem silenciosa de pessoas que nunca teriam interagido de outra forma, não fosse pela conexão da guerra.

Era apenas uma criança quando partiu, invencível e arrogante, o exército sendo seu destino como um segundo filho. Ele o aceitara de bom grado, mas nada jamais poderia verdadeiramente tê-lo preparado para as duras realidades da guerra.

Agora era um homem, endurecido pelos horrores da batalha e da perda, cheio de cicatrizes físicas e mentais. De repente, o pensamento de se estabelecer e trabalhar sua própria terra quase o dominou. Ele desejava voltar para casa e nunca mais olhar para essa vida. Tinha esperança de que em algum lugar existisse uma pequena medida de paz para sua alma alienada.

Easton se lembrou então da filha de Sir Charles: A Pequena Elly, como eles a chamavam. Se perguntou com quantos anos ela poderia estar agora. Tinha sido uma garota adorável, pequena com cachos dourados e charme suficiente para conquistar um exército inteiro. Ela os seguia a todos os lugares em suas botas rosa e sujas, e nenhum deles tinha coragem para afastá-la, não que isso a tivesse dissuadido. Então ela ia cavalgar, pescar e atirar com todos eles. É claro que eles a provocavam implacavelmente colocando rãs e vermes em sua cama, mas ela estava cheia de coragem, retribuindo tanto quanto era capaz. Esperava que ela não tivesse se transformado em uma tola, como a maioria das mulheres que ele conhecia.

O barulho de um cavalo a galope o tirou de seu devaneio, lembrando-o de colocar sua fachada agradável de volta no lugar. Olhou para cima e viu uma garota voando em seu cavalo castanho, diretamente para ele de uma forma alucinante, muito rápida e distraída para notá-lo subindo do cais na propriedade. Ela estava vestida como um cavalariço, cabelos loiros fluindo descontroladamente para trás, montando como um menino em sua saia de pernas separadas.

Enquanto estava lá boquiaberto, ele se deu conta de que ela não o viu e logo o atropelou. Ele pulou de volta para a margem lamacenta do rio, ao mesmo tempo em que ela o viu e parou em seu cavalo tentando evitar o atropelamento. Em vez de parar, o cavalo empinou e a jovem voou, aterrissando em um baque desajeitado aos pés dele.



— Ai! — Com o cabelo na lama e os membros espalhados em todas as direções, ele ofereceu a mão para ajudá-la a se sentar enquanto ela tentava recuperar o fôlego, mas ela ignorou.

— Está bem, senhorita? — Ela olhou em volta e viu seu cavalo, e então olhou para ele. Claramente, o bem-estar do cavalo era de extrema importância aqui. Mais uma vez, ele ofereceu seu braço, mas ela o enxotou, depois se levantou e começou a alisar suas saias cobertas de lama. Um pouco tarde para se preocupar com as aparências, ele pensou.

— Claro que não estou bem! Por que estava no meio do caminho? Não me viu chegando?! — Ela gritou com os punhos cerrados ao lado dela.

Ele ficou olhando para ela de boca aberta, debaixo do chapéu. Ele ansiava por limpar a lama do seu rosto para ver como ela era. É claro que tinha ficado impressionado ao observá-la, mas não iria admitir isso enquanto ela tentava culpá-lo por ela estar cavalgando de forma irresponsável!

— Não era eu quem estava cavalgando como um demônio! — Falou como se ela fosse um soldado de suas tropas.

— Posso ver que está ileso, então faça a gentileza de se retirar da nossa propriedade!

Com isso, se virou e foi até o cavalo, que estava preguiçosamente mastigando a grama. Uma vez montada, conseguiu pulverizar lama em Easton enquanto instava seu cavalo para frente. Percebeu que ela havia dito *nossa* propriedade. Ele gemeu. Não poderia chamar a Pequena Elly de manhosa ou afetada pelo menos.

ELINOR VOLTOU a tempo de se banhar apressadamente e se vestir para o jantar.

Cook a informara de um convidado para jantar, e o pai também informara Josie para vesti-la adequadamente. Ela normalmente se vestia sozinha, mas em ocasiões especiais sua criada a ajudava. Josie havia acabado de encher a

banheira quando Elinor entrou. Sem perder o ritmo, disse: - Achei que a senhorita fosse andar a cavalo, não em porcos!

— Muito inteligente, Josie. Fique sabendo que fui jogada do meu cavalo! — Elinor disse, esfregando o traseiro dolorido enquanto lembrava.

Então recomeçou a andar, o que não ajudou em nada suas dores.

— Bem, há uma primeira vez para tudo, suponho, — disse Josie quando começou a ajudá-la a se livrar do traje de montaria enlameado.

— Havia um homem irritante parado no meio caminho! Por onde mais eu poderia ir? Ele nem se moveu até eu estar em cima dele!

Josie só ouvia parcialmente, envolvida demais em deixar sua senhora pronta para o jantar, o que não era tarefa fácil. — Com a senhorita. _Josie cutucou Elinor em direção ao banho. — Como poderei arrumar seu cabelo se ele estiver ensopado? Não temos tempo para lavá-lo, secá-lo e vesti-la.

— Não podemos apenas limpar a lama? Não preciso de um cabelo extravagante para hoje à noite.

Josie deu um suspiro exasperado e atacou a bagunça, enquanto Elinor se esfregava com o sabão. — Por que exatamente hoje temos que ter um convidado? Não estou com disposição para companhia. — Ela se enxugou, depois notou que Josie havia escolhido um vestido elegante de seda verde-clara enfeitada com creme, um presente que sua avó havia enviado para seu próximo aniversário. Elinor se virou para ela e balançou a cabeça veementemente quando chegou a hora de se vestir.

— Isso é indecente. Pode ser a última moda em Londres, mas o decote deixa pouco para a imaginação! Além disso, é apenas um pequeno jantar, nada como

os da cidade. — Caminhou diretamente para o seu guarda-roupa e olhou para todos os vestidos pendurados lá que ela tinha poucos motivos para usar. Sua avó continuava enviando-os apesar de suas cartas protestando contra eles. Todos pareciam igualmente inadequados para ela enquanto os escolhia.

— Srta. Elly, mal mostrará seus ombros! Ele é um cavalheiro inglês e esperará que a senhorita aja como uma dama inglesa, então vamos vesti-la como uma. ” *E torcer para que eles não notem o resto.* “ — Sua Graça não enviaria, de maneira alguma, algo impróprio, e tenho que obedecer às ordens de Sir Charles. — Josie cruzou os braços como se quisesse que ela protestasse. Elinor estava cansada demais para discutir e se rendeu aos cuidados da criada.

Josie estava com eles desde que vieram para a América. Quando a encontraram era órfã e sem lar, e a adotaram como criada doméstica e de companhia. Josie e Elinor agiam como irmãs.

— Além disso, precisamos começar a praticar se vamos tê-la pronta para os gostos da temporada, — disse Josie.

— Ha! Eu nunca estarei pronta para os gostos da *temporada*, e sabe bem disso. Josie, acho que se encaixaria melhor do que eu! — As duas riram. — Se importa mais com a última moda e os penteados. Eu nem sequer uma vez olhei para essas revistas, e as tem memorizadas. — Ela apontou para a pilha de *La Belle Assemblées* que sua avó havia enviado. Josie as devorou quando colocou suas mãos sobre elas.

— Bem, tenho que estar preparada quando chegarmos lá, não é?

Elinor suspirou e abaixou a cabeça tentando não se encolher quando Josie tentou pentear os emaranhados em seu cabelo, um dos efeitos colaterais de uma boa e dura cavalgada.

— Josie, sabe tão bem quanto eu que não tenho nenhum interesse em ir lá à procura de um marido. Mesmo que alguma pobre alma tenha pena de mim e me queira, ou que eu encontre alguém que não me enoje, não acho que poderia continuar com *isso*. — Josie ficou quieta por uma vez, fingindo se concentrar em escovar o cabelo de Elinor. Ela era a única pessoa para quem Elinor havia contado sobre o ataque. — Estou tão feliz que pelo menos você estará comigo. Não acredito que suportaria ir até lá e encará-lo sem tê-la comigo lá.

Josie deu um aperto reconfortante no seu braço. — Não será tão ruim, senhorita Elly. Pode encantar a todos e depois se interessar por ninguém em particular. A senhorita verá. E tem um cavalheiro de Londres no andar de baixo para praticar seu charme. Agora vá e o surpreenda completamente!

— Essa é uma ideia nova. Encante e flerte com todos para que ninguém perceba que não sou favorável a ninguém. Perfeito! Se eu soubesse como encantar e flertar. — Ela balançou a cabeça até que Josie a puxou. — Mas isso nunca vai funcionar. Vovó veria diretamente através de mim, mesmo se eu, remotamente, possuísse as habilidades necessárias para isso. Não posso nem fingir para não ferir os sentimentos de alguém. —

Fechou os olhos como se isso fosse um sonho louco do qual ainda não tinha despertado totalmente. — Graças a Deus está vindo comigo! — Elinor se levantou e abraçou Josie com força, e então relutantemente se vestiu. Depois de ajudá-la a vestir o vestido verde, Josie arrumou seu cabelo



em um estilo novo, discreto, mas elegante, que aparecera na revista mais recente.

Elinor ofegou quando se olhou no espelho, quase incapaz de se reconhecer. Josie sorriu com orgulho para sua senhora. Até mesmo Elinor teve que admitir que ela *parecia* uma dama.

ELINOR DESCEU para jantar em um transe de negação. Não que ela se opusesse a ser feminina, mas se opunha a fazer tudo do jeito *deles*, ou seja, da sociedade inglesa. Tinha visto e ouvido o suficiente da temporada de sua irmã Sarah para lembrar. Ela se viu no corredor olhando para a porta da sala, incapaz de aceitar o fato de ter de enfrentar na Inglaterra seu maior pesadelo - ver seu agressor novamente.

Elinor recuperou o juízo e entrou na sala para cumprimentar o convidado de seu pai, lembrando de que sabia agir como uma dama. Entrou olhando o pai enchendo os copos com uísque, então não notou o ofego involuntário que veio do visitante quando ele teve um vislumbre dela.

— Boa noite, papai. — Ela estendeu a mão e beijou-o na bochecha.

— Se superou esta noite, querida. Está linda. — Ele sorriu para ela.

Elinor falou através de seu sorriso: — Não me tente a revirar os olhos, papai. Isso arruinará minha atuação. — Isso fez Sir Charles rir.

— Elinor, venha receber nosso convidado mais bem-vindo. Eu não poderia estar mais feliz por ele estar aqui. — Ele apontou para o cavalheiro junto à lareira de costas para eles. Seu interesse foi despertado.

Seu pai estava feliz?

O convidado então se virou e, de repente, Elinor sentiu seu coração começar a bater rapidamente enquanto olhava para os mais belos olhos de safira que já vira desde ... — E este é meu afilhado, major Easton. Se lembra de Adam? Era tão jovem quando saímos da Inglaterra e ele estava na escola a maior parte do tempo.

Oh céus! Ela se pegou olhando para ele e mal se lembrou de falar. Certamente esta não era a mesma pessoa? Ela devia falar ... — Claro que me lembro do grupo de garotos barulhento em casa sempre causando

estragos, vindos da escola com Andrew. — Ela conseguiu sorrir encantadoramente, embora estivesse em leve choque por ele ser o homem de mais cedo.

Easton riu. Ele iria humilhá-la por quase atropelá-lo?

— É um prazer vê-la novamente, senhorita Abbott. — Ele tinha malícia em seus olhos quando pegou sua mão e deu um leve beijo nela, o que fez uma mecha de cabelo castanho-dourado cair sobre sua testa. Ela apenas se impediu de estender a mão para afastá-lo. Gracioso! O que ela estava pensando? Ela quase tinha atropelado este homem em sua fúria, deixando-o coberto de lama. Estava tão zangada que não notou como era bonito sob o chapéu.

— Por favor, me chame de Elly. Nós não somos tão formais aqui. Além disso, uma vez que se coloca rãs na cama de alguém, é difícil pensar nela formalmente.

— Srta. Elinor, então. Lembro-me de uma menina espevitada, pequena e

magricela nos seguindo por todo lado. — Easton sorriu como se dissesse:

"A que vejo diante de mim agora não é magra". Em vez disso, ele disse: —

É absolutamente encantadora, senhorita Elinor.

Ele estava flertando com ela? Se viu olhando de baixo para cima aquela pessoa que se elevava sobre ela, emanando masculinidade em seus reluzentes Hessians sobre os calções justos. Passou pelo casaco azul-marinho, e parecia que deixava seus olhos ainda mais azuis, quando encontrou o sorriso divertido dele. Ele a pegou encarando-o! Começou a corar e ficou irritada consigo mesma por agir como uma colegial boba.

— Estava me perguntando por que não está usando seu uniforme? —

Ela

percebeu

que

ele

não

aceitara

essa

desculpa,

mas

era cavalheiro demais para mencioná-lo.

Sir Charles se aproximou para cumprimentar outro convidado que acabara de chegar. Haveriam dois convidados?

— Não seria bom ser notado, não é? — Ele se inclinou um pouco mais para perto e disse mais baixinho: — Sorte sua que seu pai mantém roupas para o seu irmão à mão. A minha parece ter ficado, de alguma forma, enlameada na minha

viagem para cá. — Ele sorriu genuinamente divertido e olhou- a da cabeça aos pés como ela acabara de fazer com ele. Ela sentiu um rubor subindo dos dedos de seus pés. — Está linda, embora com a lama fosse encantadora.

— Ora, obrigada, milorde, — ela disse enquanto olhava naqueles olhos, desafiando-o. Seus olhos tinham um verde esmeralda profundo quando estava chateada ou zangada. Se ele soubesse quem ela era e mesmo assim não tivesse tido a cortesia de se anunciar? Era assim que as coisas deveriam ser?

— Se andar como se os cães do inferno estivessem em seus calcanhares, é provável que quebre o seu belo pescoço um dia. — Ele estendeu a mão e tirou algo de seu cabelo. — Deixou passar uma mancha.

Como ele ousava criticar a forma como cavalgava! Foi ele quem não saiu do caminho! Nunca lhe ocorreu que estivesse brincando com ela, ou que poderia estar certo. — Milorde, eu acho mais perigoso ficar no caminho de um cavalo a galope, — ela respondeu, com o rosto corado.

— Touché, senhorita Elinor. — Ele ergueu o copo para ela e tomou um gole indiferente. Sir Charles entregou-lhe uma taça de vinho e riu, enquanto Easton dizia: — Talvez seja uma moleca adulta, embora tenha feito uma grande transformação desde que a vi pela última vez. — Seus olhos examinaram seu rosto quando ele disse isso, e Elinor sentiu o coração disparando no peito. Deixe-o zombar dela. Talvez ela até merecesse um pouco isso.

— Receio que a culpa seja toda minha, Adam. — Sir Charles disse ao pegar uma bebida para o recém-chegado. — Nunca insisti para que Elly aprendesse as formalidades e os encantos da sociedade inglesa. Não posso dizer que me importava muito com eles antes, e não o faço agora. — Ele entregou a bebida para o convidado.

— Aqui, aqui. — Eles levantaram seus copos para brindar a isso.

— Posso apresentar nosso outro convidado? — Sir Charles, Easton e o estranho se reconheceram com um breve aceno de cabeça. Elinor estendeu a mão para o recém-chegado e ofereceu seu sorriso mais encantador, determinada a ser uma anfitriã graciosa. Esse cavalheiro estava muito mais próximo da idade do seu pai, mas sem o rosto amável ou acolhedor.

— Capitão Dyson, minha filha, Elinor Abbott. — O capitão pegou a mão de

Elinor e beijou-a com um arco elegante.

— O prazer é todo meu, senhorita Abbott. — Ele olhou para Sir Charles. — Ela é a imagem espelhada de Elizabeth! — Disse com o ar um pouco afetado.

Elinor não se sentia à vontade ao seu redor, embora aparentemente conhecesse sua mãe. Ela olhou de lado para o pai, que assentiu e disse: —



bem-vindo à nossa casa, sir. Espero que aqui possamos oferecer algumas horas de folga de suas tarefas desagradáveis. — Isso soou agradável. Foi o melhor que ela conseguiu reunir. O capitão deu-lhe um aceno de cabeça com um olhar reminiscente, enquanto o pai o levava para discutir assuntos de guerra.

Elinor não sabia o que fazer com ele enquanto contemplava Easton. Ele não poderia ser o mesmo menino sujo e fedorento que costumava colocar criaturas em sua cama! Era agora um patife presunçoso e arrogante? Nunca fugindo de um desafio, ela perguntou: — E em que cresceu, milorde?

— Receio não poder responder a isso — respondeu ele com uma risada zombeteira, mas seu comportamento ficou sombrio, seus olhos subitamente frios. Foi-se o flerte encantador. Curioso.

— Vergonha? — O estava desafiando a chocá-la, embora pela aparência dele, deveria ter visto e feito de tudo. Ela sabia que uma dama adequada iria refrear a língua, mas descobriu que não podia se conter.

— Nada com que eu ousaria manchar seus ouvidos, senhorita Abbott

— provocou ele, mas, antes que ela pudesse responder com inteligência e sem sotaque aos comentários dele, seu mordomo, Abe, entrou para anunciar o jantar.

Easton ofereceu seu braço a Elinor para deixá-lo acompanhá-la ao jantar. Como ela poderia recusar? Ela ansiava por um tempo para se recompor. Londres ia ser realmente difícil.

O JANTAR NÃO ERA FORMAL, embora nunca soubesse pela mesa que foi colocada. Eles se sentaram em uma grande mesa redonda de mogno que a família usava para refeições particulares, preferindo ver todos ali. Elinor estava muito consciente de ser a única mulher presente e a tensão pairando no ar.

Cook se superou com a refeição, motivo de orgulho para ela quando servia ao melhor de Londres. A refeição era tão deliciosa que, até o momento, houve pouca conversa além das brincadeiras triviais sobre as

tentativas de cultivar uvas para vinho neste clima. Quando a sopa foi removida e o peixe, frango e carne de veado colocados diante deles, seu pai tentou conversar. Não era seu forte, apesar de ser um diplomata.

— Elly não está muito feliz em ter uma temporada de Londres, —

declarou Sir Charles. Elinor evitou sufocar com uma tosse. *Papa, como você pôde?* Todos os olhos se dirigiram para ela com surpresa.

Ela fez um aceno de sua mão. — Há muito a ser feito na fazenda e estou confortável aqui.

— Bobagem, — o capitão Dyson exclamou pomposamente. — O que uma dama inglesa adequada quereria fazer aqui com os bárbaros? Seu lugar é na Inglaterra.

— Bárbaros? — Ela não tentou mascarar o choque em seu rosto.

— Aqui há selvagens e escravos! — Retrucou ele com indignação.

— Não há selvagens aqui, sir. — Bem, ela não tinha visto nenhum selvagem. — Eu concordo que o uso de escravos é abominável; esperamos que outros fazendeiros sigam o exemplo, libertem seus escravos e paguem salários como nós fazemos. Mas selvagens?

Sir Charles balançou a cabeça para Elinor avisando que não desse qualquer outra resposta. Ela olhou para Easton e jurou que ele estava rindo atrás de seu vinho. Elinor segurou a língua e o capitão Dyson continuou jovialmente, como se nada de afetado tivesse sido dito. — Ela será a Incomparável da Temporada, sem dúvida. Muito bonita. — Ele assentiu como se concordasse consigo mesmo.

Ela pensou ter ouvido Easton murmurar: — Ela será incomparável, mesmo.

Poderia tê-lo chutado acidentalmente debaixo da mesa. Decidiu pressionar com questões mais importantes para ela. Se dirigiu ao capitão Dyson: — Quanto tempo esse conflito vai durar, sir?

Ele olhou para ela com os olhos arregalados, como se não entendesse por que estava tendo essa conversa. — Não precisa preocupar com sua linda cabecinha com essas coisas, senhorita Abbott.

— De fato? — Ela fez uma pausa. Estava apenas começando. — Vejo os efeitos na aldeia em primeira mão. A agricultura é a própria essência da sobrevivência fora das cidades, por isso, quando as nossas culturas são bloqueadas e confiscadas, isso destrói o sustento dos aldeões. Os filhos de várias famílias, parecem desaparecer no mar. Vi e tentei ajudar os soldados



feridos no hospital. Então, quando as coisas que afetam nossa vida diária forem embora, suponho que poderei parar de me preocupar.

Sir Charles se mexeu desconfortavelmente na cadeira. O capitão Dyson parecia pronto para explodir.

Ninguém respondeu, então ela cutucou: — Os britânicos já perderam a Guerra da Independência, mas ainda impõem restrições comerciais e impressionam jovens americanos em sua marinha.

— Eles são cidAdans britânicos, senhorita, quer aleguem que emigraram ou não. Desculpa convenientemente viciosa, se você me perguntar. Além disso, eles estão apenas colhendo o que plantaram, —

respondeu Dyson. — Acho melhor deixar os detalhes da guerra para aqueles que sabem o que ela é.

Elinor contou até dez e reprimiu uma resposta, sabendo que cairia em ouvidos surdos. Ela se levantou, forçando todos os homens a se levantarem. — Perdoem-me, cavalheiros, parece que estou com dor de cabeça. Aproveitem sua noite. Boa sorte em sua jornada. — Ela fez uma rápida reverência e saiu galantemente da

sala, a cabeça erguida.

Os

homens

olhavam

abertamente

enquanto

ela

se

afastava. Sem dúvida, seu pai estava sentindo a ausência de sua mãe agora. Quando ela saiu, ela ouviu sua oferta para uma das premiadas safras de seus próprios vinhedos para tentar mudar o teor da refeição, mas não antes de ouvir Dyson proclamar: — Sim, Charles, melhor afastá-la dessa sociedade incivilizada o mais rápido possível.

Elinor correu para o terraço, esperando que algum ar fresco aliviasse seu ressentimento. Ela estava extremamente frustrada consigo mesma por perder a paciência. Aqueles pedantes afetados eram exatamente o motivo pelo qual ela não desejava ir para a Inglaterra. Até mesmo o major Easton estava rindo dela, o ladino! Elinor sentiu que ele a olhara várias vezes durante o jantar. Não havia nada de flagrante, mas ela tinha consciência dos olhos dele sobre ela. Aquele homem era bonito demais para o seu próprio bem, claramente um canalha. Apesar de si mesma, achou sua maneira ríspida intrigante - perigosamente.



QUANDO ELINOR ENTROU NA SALA, o tempo congelou. Que clichê. Mas, na verdade, Easton sentiu como se não houvesse mais nada na terra, exceto a criatura semelhante à uma deusa diante dele. Cabelo de cachos dourados, olhos verdes esmeralda e um sorriso para suavizar os corações mais duros. Até o dele.

Especialmente o dele. Então ele abriu a boca.

Elinor era como ele se lembrava, mas crescida. *Muito* crescida.

Certamente não esperava que ela se transformasse nisso, nessa Vênus-briguenta-corajosa. E então teve que destravar seus pensamentos e sua língua o suficiente para falar coerentemente com ela. Esse não foi um dos seus melhores momentos. Primeiro, ele olhara para ela como se ela fosse a última mulher na face da terra, então continuou dizendo as coisas erradas, embora tivesse gostado muito do temperamento dela. Teria que encontrar uma maneira de se controlar em torno dela se ela estivesse indo para Londres; caso contrário, seria um idiota gago e babão.

Elinor ia causar revolta onde quer que ela fosse. Tinha a habilidade natural de atrair para si mesma, aqueles que esperavam conseguir um pedaço de seu fascínio. Ela não iria gostar de Londres. As damas a detestariam por distrair toda a atenção masculina, e os machos ... seriam atingidos por ela. Ela era o sonho de todos os homens, se fossem honestos -

bonita, porém não afetada, tão capaz em um cavalo ou em discussões intelectuais como qualquer homem. Ela seria veemente e genuína com todos sem saber as regras maliciosas do jogo chamado Temporada, e eles a comeriam viva se ela permitisse. Era inglesa de nascimento, mas ainda seria considerada uma estranha pela maioria.

Easton ficou olhando para ela enquanto saía da sala, tendo se segurado com Dyson. Ele permaneceu quieto durante o jantar, não desejando se trair a seus superiores. Ele era ferozmente patriota à causa britânica, mas não concordou com essa campanha. Concordou com Elinor. Precisava tirá-la de seus pensamentos, já que não tinha direito de tê-los.

Ele suspirou. Ela conquistaria Londres, tudo bem.

SIR CHARLES BATEU na porta de Elinor e depois espiou com a cabeça para dentro. — Ainda está acordada?

Elinor olhou para cima, perdida em outro romance de Jane Austen que sua avó havia enviado. — Sim, papai, entre. Tem alguma coisa errada? —

Ela perguntou quando viu seu rosto, ficando preocupada.

Ele balançou sua cabeça. — Receio que sim. Adam veio nos avisar. A frota deve começar a revestir o Potomac ao longo das margens de Alexandria, e eles não podem garantir nossa segurança. Ele acha que devemos fugir enquanto pudermos. O comandante de todas as forças britânicas, almirante Cochrane, planeja enviar forças para atacar Washington e Baltimore em breve. Estamos praticamente cercados.

Elinor

ofegou

e

sentou-se

direito.

—

Por

que

não

estou surpresa? Suponho que estamos em perigo direto?

— É muito arriscado ficar. O último lugar que desejo que esteja é aqui com navios apontados para as nossas margens. — Ele se sentou na beira da cama ao lado dela. — Sem mencionar todos os soldados que estarão por perto.

Ela se jogou desajeitadamente de volta nos travesseiros, desalojando algumas penas. — Por que papai? Por quê? — Ela nunca entenderia.

— Eles sentem que devem buscar reparação pelos ataques no Lago Erie e York. Há muito pouco raciocínio nas pessoas em guerra, e estou aqui a mando de Sua Majestade. Muitas das fazendas ao longo da costa já foram saqueadas e queimadas, e não posso garantir que isso não aconteça conosco. Eu também não posso ter certeza da sua segurança. É melhor para mim seguir em frente em direção às negociações de paz, já que os britânicos estão perdendo a paciência

com a guerra, esperançosamente antes que haja feito muito dano. Vou começar os arranjos, mas precisamos nos mover rapidamente.

— Quanto tempo? — Ela girou o final de sua trança através de seus dedos com um olhar preocupado em seu rosto.

— Em breve. Se eles já estão montando o ataque de ambas as direções, como Adam diz, uma questão de dias — ele disse baixinho, tristemente. Ele estendeu a mão e acariciou a mão dela.

— Eu sinto muito, papai. — Ela se sentiu horrível sobre seu comportamento. Ela não lutaria em deixar mais nada.

— Eu também, amor. Eu também. — Mas ambos sabiam que não era pelo comportamento dela.

Sir Charles se inclinou, a beijou na testa e enfiou as cobertas ao redor dela como fazia quando ela era criança. Elinor assentiu em reconhecimento, mas sentiu uma sensação de afundamento na boca do estômago. Ela apagou as velas e tentou dormir em vez de chorar, mas, estranhamente, tudo o que ela podia ver eram aqueles olhos ridiculamente azuis provocando-a.

Ela teve dificuldade em não pensar no que aconteceria na Inglaterra. Ela teria que enfrentar os demônios que ela reprimiu tão cuidadosamente nos recessos escuros de sua mente. Ela superou tanto sozinha, tinha apenas treze anos quando sua mãe morreu e ela foi atacada. É

verdade que nunca se acharia capaz de ter um relacionamento com um homem, mas conseguira encontrar algum propósito na vida. Agora, diante do iminente retorno à Inglaterra, não pôde impedir que as velhas lembranças se esgueirassem de volta. Ela se revirou e finalmente caiu em um sono profundo.

«— Por favor pare! Está bêbado! — Ela disse se virando para encará-lo enquanto tentava afastá-lo dela. Ele continuou a segurá-la com força e tentou beijá-la apesar de seus protestos. Ela começou a lutar furiosamente. Seu vestido foi rasgado até as anáguas enquanto eles lutavam.

— Por que está fazendo isso? O que há de errado com você?

Ele agarrou seus dois pulsos e olhou para ela, rindo loucamente.

Então, notando seu vestido rasgado, o olhar mudou para pura luxúria, seus olhos demoníacos.

— Pare! Está me machucando! — Ela chorou. — Nãoooooooo! »

— Senhorita Elly! Acorde! — Elinor começou a agitar os braços. Ela estava encharcada de suor. Josie acendeu uma vela e colocou um pano frio em sua testa. — Shh. Acabou agora. Apenas um sonho ruim. Ele não vai machucá-la mais. Não vou deixar. — Josie segurou Elinor até que ela acordasse o suficiente para perceber que estava em seu próprio quarto e de fato tivera um pesadelo. Ela esperava que Josie estivesse certa.

CAPÍTULO TRÊS

Sir Charles já havia tomado seu desjejum e estava saindo para a cidade quando Elinor desceu na manhã seguinte, mais uma vez usando seu confortável traje de equitação, com o cabelo preso em uma única trança nas costas. Chamou Josie na sala de café da manhã para que pudesse começar os preparativos para a viagem à Inglaterra com ela. Josie estava muito mais animada para ver Elinor na sociedade do que ela mesma estava. Chegou a juntar as mãos ao pensar em ver sua senhora vestida para bailes e passeios nos parques. Sonhou durante semanas depois de cada uma das cartas da irmã de Elinor sobre Londres - Hyde Park, apresentações de gala, bailes, museus - e memorizou cada página das revistas feminina que enviaram. —

Não fique tão triste, senhorita Elly! Não está um pouco animado? Não será tão ruim.

— Não, Josie. Não estou excitada. Só irei porque o papai acha melhor. Estou muito contente com a minha vida aqui, fazendo um bom trabalho. Não desperdiçando dinheiro em vestidos que poderiam alimentar centenas de bocas famintas. *” Ou vendo o homem que assombra meu sono”*.

— Oh, entendo. — Mas ela não entendia. Tudo o que importava a Josie era como sua linda senhorita Elly ficaria no braço de um belo lorde e, certamente, o homem certo seria capaz de ajudá-la com as ansiedades de um relacionamento. Sempre pensou que poderia continuar incentivando Elinor ... — Mas não pode se casar bem e continuar fazendo um bom trabalho?

Elinor sorriu. — Não tenho que me casar para fazer isso! — Essa seria a

suposição lógica da maioria das pessoas. Pena que eles ficariam desapontados.

— Não, mas se divertiria bem mais tendo um bom partido ao seu lado!

E sabe muito bem que não pode ter pequeninos sem um marido.

Elinor já estava conformada com isso, mas, no entanto, uma rápida visão de bebês rechonchudos de olhos azuis brilhou diante dela. Desejou poder ter tudo isso com um estalar de dedos ou encontrando o homem dos seus sonhos, mas isso não iria acontecer. Continuou como sempre, ignorando a parte sobre crianças. Josie sabia, mas, por não ter passado por

isso, não entendia. Ela não conseguia entender. Elinor se obrigou a rir e revirou os olhos para Josie. — E talvez um belo namorado para você?

— A cereja no topo do bolo! — Atrevida, como de costume.

Josie passaria o resto do dia fazendo as malas, e Elinor se dirigiu aos estábulos, iria passar o dia se despedindo das crianças, dos soldados e amigos que fizera na antiga escola que virou hospital. Infelizmente, agora teria que evitar a escola já que ela não estava pronta para enfrentar o Sr.

Wilson ainda.

Teddy, o cavalariço, já tinha seu cavalo selado e esperando. Ela se aproximou e cumprimentou Athena, que relinchou e se empurrou para Elinor esperando a cenoura que sabia estar no seu bolso. Elinor riu e a entregou, acariciando a égua que mastigava com deleite. Se humanos fossem assim tão fáceis de lidar. Ela estava começando a montar quando ouviu uma voz atrás dela.

— Bom dia, senhorita Elinor, se importaria se eu me juntasse a senhorita por um tempo? Seu pai me garantiu que não se importaria de me mostrar mais desta esplêndida terra. — Ela ouviu a voz suave de Easton quando ele entrou no estábulo, com o cabelo um pouco despenteado pelo vento.

— Major Easton. — Tentou não demonstrar seu choque. Ela olhou para longe, uma mão na sela, um pé no estribo, de costas para ele, debatendo. O que ele ainda estava fazendo aqui? Por que não foi embora? Ela estava hesitante em ficar sozinha com ele, seu pesadelo na noite passada lembrando-a dos perigos dos libertinos. Também tinha muito a fazer antes de partir para a Inglaterra, mas

mostrar sua amada River's Bend era uma fraqueza. Ela ainda estava irritada com ele por criticá-la, e estava determinada a manter a calma e a distância do bonito patife. Fez o melhor que pôde para lhe dar uma bronca não-verbal, mas, como ele estava olhando nos olhos dela, apesar de ela estar com o pé no estribo, teve pouco efeito. Que incômodo!

Ignorando sua óbvia relutância, ele se aproximou e começou a acariciar Atena, que se aninhou diretamente nele, se servindo de um cubo de açúcar. Traidora, Elly pensou consigo mesma.

— Por favor? Eu ficaria muito agradecido. — Ele sorriu para ela, e seria amável, se uma covinha não a espreitasse. Covinhas tinham que ser uma criação do diabo. Olhou para ele com ceticismo, imaginando por que

estaria tentando ser charmoso. Já tinha visto seu lado arrogante na noite passada.

— Estou surpresa que queira andar comigo depois de afirmar tão eloquentemente, a sua opinião sobre minha habilidade de andar a cavalo, —

disse ela com um sorriso.

— Sua habilidade de cavalgar é excepcional e sabe disso, senhorita Abbott. Eu raramente ando com as damas.

Um desafortunado sem vergonha! Não, ela não ia deixá-lo levá-la a perder a cabeça hoje. Ela deu seu sorriso mais doce e falou calmamente. —

Ah. Então duvida da capacidade feminina de lidar com um cavalo? Ou eu deveria estar satisfeita por estar sendo condescendente em ir comigo?

Não havia uma boa resposta para isso, pensou Easton. — Absurdo.

Acho que, por experiência, é uma má ideia combinar emoções com dificuldades. — Ele nunca conseguiria dizer a coisa certa ao redor dela? Raramente andava com mulheres, porque ele nunca estava perto delas. É verdade que nunca fora um mulherengo e evitava debutantes como a peste, mas achava que a maioria das damas o achava encantador. Ele certamente não conquistou sua reputação como mulherengo. Elinor aparentemente não se impressionou com suas habilidades. Talvez ele devesse apenas sorrir mais para ela. As covinhas sempre funcionaram com sua mãe. Nunca gostou de brincar de sedutor ou libertino, mas

gostava de ver como explodia o temperamento de Elinor quando ele fazia isso.

— Eu concordo, — ela disse com uma sobrancelha levantada e erguendo o queixo, o que ele achou muito cativante. — Está insinuando que as mulheres só cavalgam rápido quando estão emocionadas?

— Desculpe. Eu senti que estava cavalgando assim ontem por algum motivo. Eu uso isso como minha fuga pessoal, e achei que a senhorita poderia estar fazendo o mesmo.

Elinor descobriu que seus olhos começaram a brilhar e se virou antes que traísse sua emoção. Ela permaneceu em silêncio.

— Posso *porrrr favorrrr* montar com a senhorita? Irei apenas segui-la então, — Easton disse com outro sorriso.

— Muito bem. — Ela grunhiu e acenou em assentimento. Não exatamente como uma dama.

— Que gentileza sua, senhorita Abbott.

Ela ia gritar. — Prepare o Centurion para ele, Teddy. — Se era um passeio que queria, era um passeio que teria, ela sorriu para si mesma. Centurion era um garanhão nervoso.

— Já fiz isso, senhorita Elly. — Teddy sorriu quando ela entregou as rédeas para Easton.

Primeiro a égua, agora o cavalariço. Não havia ninguém do seu lado?

Pelo menos Centurion manteria Easton na linha. Ela reprimiu uma risada e deu um sorriso travesso por cima do ombro enquanto habilmente montava sua égua sem a ajuda de um bloco de montagem.

Ela ouviu Easton rir arrogantemente enquanto olhava para o cavalo inquieto. Ele não parecia nem um pouco preocupado com o jovem garanhão.

— Por que está aqui e não planejando a derrubada de Washington? —

Ela deixou escapar. Quis falar de forma tão sarcástica quanto parecia, mas

também queria que soasse um pouco mais eloquente.

Ele olhou para ela com surpresa em seus olhos. — Senhorita Abbott, sou mais solidário aos seus sentimentos do que posso admitir. — Ele começou a dizer mais, então parou. — Continuarei acompanhando seu pai a pedido do general Ross. Nós nos encontraremos com eles mais tarde.

— Então por que está aqui? Se não concorda com o que está acontecendo, quero dizer? — Ela olhou para ele, incrédula, procurando em seu rosto, esperando a resposta que queria ouvir.

Ela viu um breve lampejo de algo em seus olhos, então ele voltou ao seu comportamento arrogante.

— Porque é meu dever, apesar de achar o princípio desta missão complexo agora que estou aqui. Espero que acabe em breve. Venderei minha comissão quando voltarmos. — Ele parecia querer falar sobre o assunto, mas hesitou. — E, seu pai me pediu para passar a manhã com a senhorita, para ver se eu poderia aliviar qualquer um dos seus medos sobre Londres. — Covinha, novamente. Ela ia matar seu pai. Elinor assentiu como se pudesse aceitar sua resposta, mas a ideia de ele lutar por algo com o qual não concordava a incomodava. Não o invejou nisso. Virou a égua e estalou a língua. Ela decolou com um leve salto ao longo da primeira sebe no seu passeio predileto, passando pelos campos de tabaco em direção ao rio. Ela ponderou quantos soldados se sentiriam como Easton? Sabendo que eram peões de reis e presidentes que poderiam ou não ter os melhores interesses no coração, mas um desejo de proteger o que acreditavam.

Abandonou esses pensamentos perturbadores e riu enquanto corriam pelos campos. Easton fez com que Centurion a acompanhasse passo a passo com tanta facilidade, que ela teve de admitir que a impressionou. *Ele deve ser da cavalaria para cavalgar assim. Não me admira que tivesse olhado de forma arrogante para Centurion*. Os dois se perderam no passeio, encontrando camaradagem na equitação, feita pela emoção do vento em seus rostos e pelo choque dos cavalos abaixo deles. Elinor adorava a fuga da realidade, onde suas preocupações pareciam ser levadas embora.

Eles cavalgaram até os cavalos começarem a diminuir o ritmo pelo esforço. Elinor finalmente puxou as rédeas, trazendo-os para o trote, e eles seguiram num silêncio amigável enquanto guiava Easton por um caminho que os levaria ao seu

local favorito. Ela parou em uma árvore onde os cavalos poderiam beber e pastar, e Easton seguiu sua liderança. Se abaixou e espirrou água no rosto para se refrescar da tarde úmida de agosto, e então começou a descer o caminho pelo vinhedo. Easton finalmente a seguiu depois de parar de ficar boquiaberto por ela.

Elinor pegou um cacho de uvas de uma das videiras próximas e desceu a colina de volta ao local especial. Ela normalmente não compartilhava esse lugar com ninguém, mas tinha pouco tempo para aproveitá-lo. Depois sentaram-se à beira do rio em tranquilidade confortável durante algum tempo, ouvindo o suave rolar da água, até que Easton quebrou o silêncio. —

Há quanto tempo mora aqui?

— Na fazenda? — Ele assentiu. — Papai a comprou logo depois que chegamos, seis anos atrás. Inicialmente como um investimento, então nós a amamos tanto que nos mudamos para cá. Ele achou que eu precisava de mais espaço para vagar do que na casa da cidade.

— Então está indo para Londres diretamente daqui?

Elinor assentiu, ainda olhando para a água. Ela arrancou metade das uvas e as compartilhou com ele.

— Existe uma razão especial para não estar feliz com a perspectiva?

— Ele perguntou, olhando para ela comendo as uvas. Ela se recusou a olhar para ele, por medo de que enxergasse através dela.

— Gostaria de deixar isso? — Ela gesticulou com as mãos o rio ao redor, as árvores de cem metros de altura e as colinas no fundo.

— É incrível sem dúvida, mas eu concordo com seu pai que aqui pode ser inseguro para a senhorita por um tempo. Não será tão terrível. Tem muitas conexões bem colocadas lá na sociedade. — Se absteve de



mencionar o fato de que era inglesa, embora ela estivesse certa de que ele queria.

Ficou sentada em silêncio por um tempo, arrancando as uvas do cacho e comendo-as. Então confidenciou em voz baixa: — Eu nunca serei aceita lá. Lembro-me bem da temporada de Sarah para saber que não posso me ajustar à sociedade. — Ela suspirou. — Não depois de viver assim.

— Quem disse que deve se ajustar? — Ele olhou em seus olhos, e ela sentiu seu coração amolecer um pouco. Desviou o olhar rapidamente, determinada a não ser levada por ele. Nunca mais.

Olhou para ele desconfiada. — Eu vou desgraçar minha família com o meu jeito ousado, como graciosamente apontou ontem à noite.

— Não foi isso que eu quis dizer, — ele disse suavemente.

— Quer dizer que a minha língua irritante e maneiras indomáveis serão bem-vindas nos salões de *ton* em Londres? — Ela olhou, desafiando-o a contradizê-la. — Sabe tão bem quanto eu que qualquer indício de individualidade é evitado em uma mulher. — Desviou o olhar, começando a se sentir oprimida quando tudo começou a se fechar sobre ela. Se levantou e ajeitou as saias.

— Preciso voltar. Ela se virou para voltar a subir a colina quando Easton, em todos os seus dois metros, pegou no seu braço e a girou para ele. Ela se encolheu ao contato. Ele olhou nos olhos dela com ternura, mas depois se afastou quando viu que a assustara. Ela não podia dizer a ele por qual outra razão não queria voltar para a Inglaterra, ou por que tinha medo de ficar perto demais dele.

Ela fugiu para Athena e partiu. *Ele já pensa que eu sou uma fedelha,* ela pensou, então ela continuou, sem olhar para trás.

Easton não tinha ideia do que tinha dado tão errado, mas algo estava assombrando a Pequena Elly.

ELINOR FEZ sua ronda naquela tarde para se despedir, tentando esquecer seu encontro com Easton. Não lidou bem com isso. Parecia que era incapaz de manter a compostura estando ao lado dele. Ele provavelmente ainda a via

como a pequena mocinha de quando era uma garotinha na Abadia, ou pior, de quando ela tinha sido uma jovem desajeitada de treze anos com seu corpo

amadurecido além de seus anos e seu rosto coberto de manchas. Ela se sentiu tão crescida naquela noite na Inglaterra, em seu primeiro vestido apropriado no seu primeiro jantar com os adultos. Elinor achara Easton tão bonito naquela noite, mas ela não pensara mais nisso depois do ataque. Ela havia trabalhado arduamente para manter a calma ou a indiferença quando necessário, e era como se todos aqueles anos de trabalho duro tivessem sido desperdiçados quando o vira novamente, agora adulto.

Por que ele a afetava tanto? Não era como se ela quisesse suas atenções *desse jeito*. Céus, sabia que ele devia ter gostos muito mais refinados quando se tratava de mulheres. Com seu charme e sua aparência de malandro, ela não tinha dúvida sobre suas habilidades com o sexo feminino. Talvez ainda fosse vaidosa o suficiente para querer a atenção dele, provando então, que não era tão repulsiva quanto se sentia? Não havia encontrado muitos homens do seu tipo antes, e esses pensamentos estavam trilhando um perigoso caminho que ela não podia permitir. Ela precisava afastar esse sentimento rapidamente. Como era possível sentir atração depois do que um homem fez com ela? *Porque no fundo sabe que nem todos os homens machucam as mulheres.*

Com essas perguntas permeando seus pensamentos, ela atravessou a ponte de Athena em direção à casa do ministro em Washington, esperando que Easton fosse embora logo e pudesse voltar a ser composta e serena.

Bem, talvez não serena, mas calma. Pelo menos ele não estaria em Londres.

Elinor chegou à esquina movimentada da avenida Connecticut e deixou Athena no estábulo com o cavalariço que trazia, por insistência de seu pai, quando ia à cidade. Ela amava o jardim do pátio cheio de lembranças de sua mãe. Jardinagem era a paixão dela e juntos, Elinor e seu pai, encheram esse pequeno jardim no meio da cidade com as árvores, flores e ervas favoritas da mãe quando chegaram pela primeira vez da Inglaterra. Sentou por um momento no banco de pedra no centro e absorveu a paz que transmitia a sensação da presença de sua mãe ali.

Levantou-se depois de alguns instantes, tendo chegado a tempo para tomar chá e ansiosa por sua hora especial do dia que passava com seu pai. Desde que vieram para a América, o chá era o momento que passavam juntos, sempre que possível, na cidade ou na fazenda. Ela estava se sentindo melhor e cantarolou enquanto caminhava pelo jardim, abelhas zumbindo

por toda parte. Arrancou algumas flores mortas enquanto passeava, absorvendo o cheiro inebriante das rosas em toda a sua glória numa tarde quente de verão.

Elinor caminhou pelas portas abertas até a biblioteca e encontrou Easton, bonito em todo seu esplendor, tomando chá com seu pai, absorto em discussões. Respirou fundo. Não deixaria esse homem incomodá-la. Ela entrou na sala, caminhou até o serviço de chá e começou a se servir de uma xícara antes que eles a notassem. — Espero não estar me intrometendo? —

Os dois homens se levantaram à sua chegada.

— Claro que não, querida. Precisávamos de um intervalo de qualquer maneira. — Então ela estava se intrometendo. Que assim fosse. Seria separada de seu pai em breve, e roubaria cada minuto que pudesse.

— Algum plano para a partida? — Ela olhou para Easton por cima da xícara, se perguntando se ele entenderia o que ela queria dizer. Ele olhou para ela. Ela gesticulou para os homens se sentarem.

— Nada definido, querida. Apenas esteja pronta. — Seu pai tentou esconder a preocupação em seu rosto, mas ela podia senti-la. Ele parecia ter envelhecido uma década desde que a tinha visto na noite passada.

— Acredito que minhas coisas estejam embaladas, pelo menos. — Ela nunca estaria pronta. — Tem mais reuniões hoje à noite?

— De certa forma. — Sir Charles não olhou para ela quando disse isso. Interessante. — Poderia me desculpar por alguns minutos? — Ele saiu da sala, e seus olhos afiados o seguiram com um olhar preocupado em seu rosto.

Easton finalmente quebrou seu silêncio. — Ele está tentando poupá-la de sua preocupação, senhorita Abbott. Eu entraria no jogo.

Ela se virou e olhou para ele. — Desculpe-me? — Ele ficou impassível e sentou-se ali com um ar arrogante de indiferença. Finalmente se virou para olhar para ela, e ficou assustada com o que achava ter visto ali. Desgosto? Aborrecimento? Então seu olhar mudou para contemplação, e ele finalmente decidiu falar. Então não iria mencionar o comportamento dela mais cedo. Isso foi um alívio pelo menos. Aparentemente não seria civilizado também.

— Cochrane quer se mudar para Washington hoje à noite, então estaremos saindo em breve para encontrá-los.

Se pretendia chocá-la, bem, conseguiu, mas não queria que ele soubesse disso.
— Por que está me contando isso? Claramente é contra o



seu melhor julgamento fazê-lo.

Ele inclinou a cabeça em reconhecimento. — Porque seu pai está doente de preocupação e muito dessa preocupação é com sua segurança. Eu agradeceria muito se não o acossasse ainda mais sobre o assunto. Eu deduzi que não ficaria satisfeita até que o obrigasse a lhe contar.

— O senhor, milorde, é muito gentil. — Ela forçou o sorriso mais insincero que pôde, e sem mais demora, virou-se e saiu da biblioteca, fazendo um grande esforço para ser digna, com o queixo erguido. Tudo o que ela queria fazer era gritar: — Vá embora sua criatura insuportável, impertinente, arrogante e odiosa!
— Claro, ela não lhe dera motivos para achar que merecia um tratamento melhor, mas ainda assim se irritava. Segurou a língua e chegou ao cavalo antes de soltar um grito de frustração. Ela tinha uma viagem de cinco milhas para casa para poder se recompor. Estava muito além da ponte antes de perceber que não se despedira do pai.

SIR CHARLES VOLTOU para a sala e deu a volta procurando a filha.

— Ela fugiu. Receio tê-la assustado — disse Easton, envergonhado.

— Só está chateada por ter que ir. Normalmente não é tão, tão ...

emocional. — Sir Charles acenou com a mão, procurando as palavras certas.

— Não, milorde, peço desculpas. Parece que eu nunca digo a coisa apropriada quando ela está por perto.

Sir Charles riu. — Ela parece ter esse efeito nos homens. E não tem ideia.

Recebeu pelo menos quatro ofertas de casamento este ano e se aborreceu todas as vezes.

Easton sentiu uma pontada de ciúme e descartou. Não estava preparado para o papel de marido, mesmo que Elinor estivesse interessada, o que ela claramente não estava. Como segundo filho, não era esperado que ele se casasse, então nunca tentou ser digno de ser um marido. Sua vida nos últimos oito anos não teve lugar para uma dama. Ele se encolheu quando pensou nas esposas que seguiam o tambor, sem saber quando haveria

comida, muitas vezes dormindo ao relento em temperaturas congelantes ou sufocantes, movendo-se constantemente, enfrentando a brutalidade de não saber se seus entes queridos voltariam para casa naquele dia .... Forçou seus pensamentos de volta ao presente e para a tristeza da vida de seu irmão que foi desperdiçada. Easton era agora o herdeiro. Ele precisava se tornar um marido.

Como se sentisse seus pensamentos, Sir Charles disse: — Já é hora de pensar em uma esposa, hein? Senti muito ao ouvir sobre a morte de Max, Adam. No entanto, será sua responsabilidade manter sua linhagem.

Easton engoliu visivelmente. — Não sei como ser um marido.

— Ninguém sabe, meu rapaz. Nós aprendemos como também irá aprender. A chave é encontrar a dama certa — disse Sir Charles com um sorriso conhecedor.

— Mas eu estou tão acostumado com os meus hábitos, nenhum dos outros oficiais quer dividir quartos comigo, — Easton argumentou com uma risada. Isso podia ser um exagero, mas serviu para mostrar sua opinião.

— Mais uma vez, simplesmente precisa da pessoa certa, — disse Sir Charles com naturalidade.

Sir Charles poderia estar certo? Acreditava que ainda tinha inteligência e charme, quando conseguia se lembrar de tirar o chapéu de soldado. Seria difícil depois de oito anos de estrutura e regras rígidas e ter a responsabilidade de tantas vidas, mas costumava se divertir antes do exército. Ele até riu um pouco em alguns bailes de Wellington quando teve a oportunidade.

— Vou pensar sobre isso, senhor, embora não tenha certeza de que haja uma dama viva que mereça ser atada a mim. — Ele pensou no sorriso espirituoso de

Elinor naquela tarde a cavalo. *Eu não me importaria de estar atado a ela.* Ele sabia que não deveria ter tais pensamentos. Mesmo se tivesse que se casar um dia, não seria com ela.

— Imagino elas que podem decidir isso por si mesmas.

— Talvez. — Ele sorriu de volta para seu padrinho.

— Venha, — Sir Charles levantou e fez um gesto para Easton segui-lo,

— vamos descansar e ter um bom jantar antes do assunto desagradável que teremos na nossa frente esta noite.



SIR CHARLES e Easton chegaram ao local do ataque ao fedor da morte e a fumaça negra e espessa subindo dos prédios em chamas. Gemidos dos feridos e gritos de mulheres e crianças assustadas ecoavam ao redor deles. Easton odiava isso. Ele queria estar em casa. *Apenas mais algumas semanas disso, se Deus quiser.*

Eles se levantaram e observaram o coronel Knott gritando ordens para queimar tudo à vista. — Isso é loucura total! Essa não foi a ordem dada! Eu deveria dizer alguma coisa? Onde está o general Ross? — Easton procurou com os olhos, mal controlando sua raiva. A cidade estava repleta de civis inocentes, e eles estavam chovendo fogo e enxofre como se estivessem em um campo de batalha. Ele não podia ficar parado observando por mais tempo. Se virou para Sir Charles: — Eu o encontrarei na casa do ministro mais tarde. Por favor, fique em segurança.

— Boa sorte, filho. — Sir Charles se virou e afastou o cavalo dos soldados empunhando suas tochas em Washington.

Easton desmontou e se dirigiu a Knott com um propósito. — Senhor.

— Ele saudou. — Com todo o respeito, está queimando casas civis desnecessárias? As ordens eram para preservar os desarmados e destruir apenas os edifícios do governo!

Atônito com a temeridade de Easton de questionar suas ordens, Knott replicou: — Eles não nos deram a mesma cortesia! Pense nos ataques de Erie! E o almirante Cochrane disse que só poupa a vida dos desarmados!

— Nós nos inclinamos para o nível deles? Queima casas com mulheres e crianças dentro? E o General Ross que está dirigindo esse ataque? —

Murmúrios de concordância soaram dos soldados ao redor deles enquanto uma multidão começava a crescer, o que só enfureceu Knott.

— Soldados, eu não ordenei que parassem! A menos que queiram encontrar uma acusação de insubordinação, sugiro que sigam as ordens! Agora! — Virou-se para Easton furioso quando os soldados correram com relutância. — Leve suas preocupações para o General Ross, mas sugiro que mantenha suas opiniões para si mesmo, a menos que seja ordenado de outra forma! Se eu o pegar ordenando que alguém desafie

minhas ordens, vai se arrepender. A última frase foi dita com malícia, antes de Knott se virar e sair.

Easton respirou fundo várias vezes para se acalmar e foi procurar seus homens. Ele se recusou a ter qualquer parte em matar inocentes. A desumanidade da guerra iria assombrá-lo pelo resto de sua vida, mas pelo menos não tinha mulheres e crianças em sua consciência, e não pretendia começar agora. Viu seu ordenança, Buffy, a frente e cavalgou rapidamente em direção a ele. Emitiu rapidamente suas ordens, conforme as instruções do general Ross, para limitar a destruição aos alvos armados e governamentais planejados e evitar a morte civil desnecessária. Ele viu o alívio nos rostos de suas tropas. Easton deixou seu adjunto responsável enquanto ia procurar o general Ross.

Ele contornou a esquina de um prédio em direção à casa do ministro, onde esperava encontrar sua liderança. Ele ouviu o estalo do tiroteio e rapidamente se abaixou sobre o cavalo. Os americanos deviam estar respondendo ao ataque. Ele esporeou o cavalo para a frente e desmontou em frente à residência. Sentiu uma estranha sensação nas costas e se virou para encontrar Knott indo em sua direção com a espada e a pistola desembainhadas. Ele se virou para a residência, ouviu o estalo de uma pistola e sentiu uma explosão de dor nas costas ao cair de bruços no chão.

Sentiu o calcanhar de uma bota desabar sobre sua cabeça e a perfuração de uma

espada ardendo profundamente em sua perna. Gritos vieram de perto, e Easton sentiu a bota e a espada serem levantadas dele, e Knott se foi. Tentar levantar se provou inútil com sua cabeça rodando e sua perna fraquejando. Ficou deitado em agonia, sentindo o sangue correr dele até que não conseguiu fazer mais nada, e então desapareceu na inconsciência.

CAPÍTULO QUATRO

N aquela noite, Sir Charles ainda não havia voltado para casa, o que não era muito incomum, já que ele costumava ficar na residência em Washington se estivesse em reuniões ou festas tardias. Mas esta noite não era usual, porque houve um ataque planejado em Washington. Elinor não tinha ideia do que isso realmente significava - onde seu pai estava ou o que ele estaria fazendo. No que um ataque realmente implicava? Certamente seu pai não iria pegar espadas e pistolas e ajudar os britânicos contra a América! Ele estava aqui para promover a paz! Ela andou ansiosa por um tempo, depois tentou ler um pouco. Repetiu os passos e depois tentou ler.

Elinor também estava ansiosa sobre a notícia de sua partida, já que seu pai a avisou para que estivesse pronta. Por que ele não queria contar o que estava acontecendo? E por que ela não disse adeus? Por causa do insuportável major Easton, foi por isso. Tinha andado de um lado para o outro a noite toda, entre a raiva de sua prepotência e a culpa por seu comportamento em relação a ele.

Ela finalmente desistiu de fazer um buraco no tapete e estava fechando a biblioteca depois de esperar ali até as primeiras horas da manhã. Ouviu o som familiar de cavalo e carruagem e correu para a porta da frente para cumprimentar seu pai. Mas não foi seu pai o que ela viu saindo da carruagem, mas o corpo flácido de um oficial sendo carregado por um soldado britânico e um dos lacaios.

— O que aconteceu? — Ela perguntou enquanto se apressava para tentar ajudar o oficial que estava sangrando e parecia sem vida.

— Os britânicos atacaram Washington esta noite, levaram tochas com eles, — anunciou o cocheiro de seu pai.

Um suspiro coletivo soou entre aqueles que agora se juntavam a ela na entrada. — E ele?

— Foi baleado, senhorita. Recebi instruções de Sir Charles para trazê-

lo até aqui. — A voz veio do soldado britânico, bem molhado e sujo, carregando o homem ferido.

— Mas porque aqui, é tão longe? — Estavam a mais de cinco milhas da cidade. Por que não o levaram ao cirurgião do exército?

— Ele disse que a senhorita entenderia, que poderia ajudá-lo. E disse para não contar a ninguém que ele estava aqui. — O soldado parecia nervoso, preocupado que fosse mandá-lo embora. Na verdade, estava apavorada e surpresa por seu pai mandar um soldado enfermo para sua casa. Bem, ele estava aqui e ela faria o que pudesse.

Elinor assentiu e disse aos lacaios que levassem o oficial a um dos quartos de hóspedes, dando ordens aos criados.

— Traga-me algumas ataduras, whisky e água fervida. Envie alguém para buscar o Dr. Harrison e diga que é urgente. Espero que possamos manter esse homem vivo por esse tempo. Mande Josie vir me ajudar e mantenha a pressão sobre a ferida! — Os criados correram para suas tarefas e ela subiu correndo atrás deles.

Porque seu pai o mandou para cá e não para o hospital? Algo sobre a mensagem de seu pai puxou seu coração. Ela não podia deixar esse homem morrer, e não se permitiria pensar sobre por que seu pai tinha feito isso. Olhou para cima e sussurrou: — Deus, por favor, que papai esteja em segurança.

Enquanto subia as escadas, tentava se acalmar recordando o que seu pai sempre dizia. « *Não entre em pânico»*. Ela se forçou a entrar no quarto para tentar realizar seu próprio milagre.

— Quão grave é, Josie? — Elinor perguntou à empregada. Josie também ajudara no hospital, por isso tinha alguma experiência.

— Ele perdeu muito sangue, mas ainda está vivo. — Entenderam o que ela não disse - por enquanto.

Elinor olhou para o soldado que o oficial tinha trazido e quando ela apontou para o buraco em suas costas perto do ombro direito perguntou, —

Essa é a única ferida?

O soldado, pálido, assentiu: — Acho que sim, senhorita, mas estava tão escuro que não tenho certeza. — Então ele sussurrou um pedido: —

Tem que salvá-lo, senhorita.

— Vou tentar fazer o meu melhor. Qual é o seu nome? — Ela tentou continuar falando porque o soldado estava claramente nervoso por seu superior. Josie voltou para a sala com os suprimentos, e elas começaram a organizá-los enquanto conversavam e tentaram trabalhar rapidamente.

— Eles me chamam de Buffy. — Ele olhou para ela sem jeito, mas ela sorriu de volta para ele como se isso fosse um apelido normal.

— Bem, Buffy, eu sou Elinor. — Ele assentiu e olhou para ela, ainda estupefato que uma dama estivesse na enfermaria. — Por favor, ajude-me a tirar o que sobrou da camisa dele e vire-o no lado esquerdo para que eu veja se a bala atravessou. Se não, teremos que removê-la. Se o Dr. Harrison não estiver aqui em breve, teremos que fazer o que pudermos.

Eles o viraram e ela colocou um travesseiro sob ele. *Nenhum buraco de saída no peito, então a bala não atravessou.* Ela suspirou. *Nenhum sinal do Dr. Harrison; claro, ele estava no hospital. Por favor, Deus, deixe-me ter estômago para isso. Assistir a outra pessoa não é o mesmo que fazer.*

Ela respirou fundo . *Mas ele vai morrer se não fizer, Elly*. Ele provavelmente morreria de qualquer maneira, então qualquer coisa que ela fizesse era melhor que nada. Ela assentiu como se tivesse se convencido, arregaçou as mangas e começou a trabalhar, tentando manter as mãos trêmulas imóveis. Ela pegou a água fervida e começou a enxaguar a ferida que ainda estava sangrando. *Pelo menos não está jorrando*. Ela começou a tentar explorar a ferida com o dedo, o que fez o oficial estremecer de dor.

Ele podia sentir pelo menos. *Isso é um bom sinal, não é*?

— Peço desculpas, senhor. Foi baleado e estamos tentando extrair a bala. Eu não sei se pode me ouvir ou não, mas talvez me entenda. Por favor viva, senhor. Por favor.

Eventualmente, Abe, o mordomo, entrou na sala sem fôlego. —

Senhorita Elinor, o Dr. Harrison está com as próprias mãos cheias, mas ele enviou algumas ferramentas caso precise delas. Ele disse que a senhorita saberia o que fazer com elas.

Josie começou a arrumar as ferramentas e limpá-las na água fervida. Essas ferramentas eram muito mais úteis do que o que Josie conseguira pegar da cozinha. Uma tentativa com o fórceps, e ela foi capaz de puxar a bala para fora. Todos na sala soltaram um suspiro de alívio, até que o sangue começou a sair do buraco. Ela aplicou pressão na ferida, mas apenas diminuiu o fluxo. Ela não esperava isso. Francamente, ela pensou que a bala teria se alojado no osso de seu ombro. Ela tentou tudo que sabia para diminuir o sangramento, mas as ataduras continuavam encharcadas.

— Acredito que eu poderia costurá-lo para parar o sangramento, — ela disse, para não tirar as esperanças deles. Josie pegou sua agulha e linha e entregou a ela. Ela pegou o whisky e enxaguou o ferimento, fazendo o homem gemer. Ela odiava costurar uma ferida susceptível a infectar, mas,

de qualquer maneira, ele iria sangrar até a morte se ela não conseguisse parar o sangramento.

— Um ponto de cada vez, — ela sussurrou. Elinor tinha visto o Dr.

Harrison fazer isso muitas vezes, então ela começou a costurar as camadas e o sangramento começou a diminuir. — Dentro e fora, dentro e fora, — ela murmurou. Conversar consigo mesma era tão reconfortante. Ela detestava costurar, mas de alguma forma isso não a incomodava tanto se imaginasse que estava cerzindo um par de meias. Ela riu um pouco para si mesma com a ironia. Só ela poderia encontrar humor nisso.

Todo mundo a rodeava e observava assombrado enquanto ela trabalhava meticulosamente, um trabalho lento, pois Josie tinha que limpar o sangue entre os pontos constantemente. Elinor finalmente fechou a camada externa, colocou um pouco de basilicum em cima, em seguida, envolveu ataduras firmemente em torno de seu ombro e costas com ajuda.

Respirou fundo, como se tivesse segurado o ar o tempo todo, depois desabou em uma cadeira e enxugou a testa.

Buffy falou primeiro. — Foi maravilhosa, senhorita. Os cirurgiões no campo não

teriam sido tão bons, se tivessem se incomodado.

— Obrigada, Buffy, mas ainda temos um longo caminho a percorrer. Nem sei se o que fiz foi correto. Eu sei que o Dr. Harrison não fecha as feridas que ele acha que provavelmente vão infeccionar, mas eu não sabia como parar o sangramento. — Ela ficou em silêncio por alguns instantes, e depois se sacudiu de volta ao presente. — Qual é o nome dele?

— Ela não sabia por que isso importava.

— Major Easton. O melhor e mais respeitado soldado que já vi ao lado do próprio Wellington. Seus homens o seguiriam em qualquer lugar ou fariam qualquer coisa por ele. — Buffy sorriu com orgulho descrevendo seu superior.

Elinor empalideceu. Como ela poderia não ter notado? Ela tinha estado muito atenta à tarefa em mãos. Era melhor que não soubesse que era ele. —

Sabe por que Sir Charles pediu para trazê-lo aqui? — Ela perguntou baixinho, atordoada com a revelação.

— Não senhorita. Suspeito que ele tenha suas razões. — O soldado olhou para baixo como se tivesse medo de fazer contato visual.

— E meu pai está seguro? — Ele assentiu. Graças a Deus.

Ela teve de aceitar que era toda a informação que receberia. — Vou me lavar e recolher os suprimentos que precisaremos nos próximos



dias. Depois ficarei com ele por um tempo, e você poderá pegar o turno da manhã. Se conseguirmos passar desta noite, então temos motivos para ter esperança. Ela o deixou banhando e trocando o major e se foi para lavar o seu choque com um banho.

ELINOR VOLTOU UM POUCO REFRESCADA, mas temendo as longas horas à sua frente. Ela mandou que os outros fossem descansar, mas Josie se recusou a

deixá-

la. Sentaram-se em ambos os lados do homem e observaram a respiração subir e descer em seu peito por vários minutos. Ele ainda parecia pálido, mas pelo menos seus lábios não estavam tão azuis.

Josie falou primeiro. — Certamente é bonito. Que pena desse belo espécime. — Ela estalou a língua e balançou a cabeça.

— Josie! Esse é o afilhado de papai! — Elinor fingiu-se ultrajada, mas seu sorriso a traiu.

Josie continuou descaradamente: — Não importa quem ele seja. Eu posso ser uma empregada, mas não sou cega. — Ela corou, mas sorriu, e Elinor não pôde deixar de rir. Ela também não era cega. No entanto, fez um exame mais atento do paciente, agora que haviam sobrevivido à crise imediata, e embora nenhum de seus traços fossem individualmente perfeitos, o todo certamente formava uma imagem escultural. Elinor tinha visto homens sem camisa no hospital, mas nenhum tinha feito suas entranhas dar cambalhotas. Ele era tão diferente dela - duro, onde ela era macia, bronzeado e marcado pelas ondulações dos músculos, e tinha um pouco de cabelo dourado. Suas bochechas estavam quentes e ela olhou para o seu rosto. Afastou uma mecha loira escura. Ela nunca poderia tê-lo estudado quando estava acordado. Ora, se apenas pudesse ter essa calma perto de homens quando eles estavam acordados. Não sabia se alguma vez conseguiria dominar isso.

Elinor e Josie ficaram sentadas a noite toda com o major. Ele começou a tremer como se estivesse congelando. — Acredito que ele está em choque. Eu ouvi o Dr. Harrison falar sobre isso. Deve ser por causa de todo o sangue que perdeu, mas não acho que há nada a fazer além de mantê-lo



aquecido e tentar levá-lo a tomar líquidos. — Não tiveram muito sucesso nisso. Toda vez que tentavam fazê-lo beber algo, escorria muito líquido pelo queixo. Continuaram tentando, e ele engoliu um pouco. Ela caminhava de forma

intermitente pelo quarto, sabia que não ajudaria, mas dissipava parte de sua tensão.

— Fazer um buraco no tapete não o fará melhorar, Srta. Elly. — Josie repreendeu.

— Eu sei, eu sei, mas eu não posso me conter. — Ela manteve seus círculos.

Mais uma vez, o major começou a tremer e a se debater. Elas substituíram seus cobertores e tentaram acalmá-lo o melhor que puderam. Elly tentou cantar baixinho em seu ouvido cada hino e canção que conseguia lembrar, o que parecia acalmá-lo. Ele gemia de dor de vez em quando, e embora Elinor odiasse administrar o láudano, ela finalmente deu a ele uma pequena dose para tentar impedir uma convulsão.

— Parece como se ele estivesse tendo pesadelos, — disse Josie, pensativa.

— Ele pode estar revivendo a batalha. Eu vi outros soldados fazerem o mesmo. Não posso imaginar como conseguem reprimir o que viram.

— Como seus pesadelos?

Uma pergunta inocente, mas Elinor congelou. — Possivelmente.

— Costumava tê-los o tempo todo quando veio pela primeira vez. E

eles começaram de novo. — Josie não precisava ter mencionado esse fato. Ambas sabiam que os pesadelos tinham recomeçado, já que Josie estava segurando Elinor quando ela acordou na noite passada. Sentindo que Elinor não queria falar sobre isso, Josie voltou ao assunto do homem ferido.

— Consegue entender o que ele está dizendo?

— Não, e provavelmente ele não iria querer que entendêssemos.

Parece que ele está finalmente se acalmando. Vamos secá-lo, já que parece que derramamos mais sobre ele do que dentro ele.

Josie sorriu e disse: — Farei essa parte, senhorita Elly. Pode olhar para o outro lado.

SIR CHARLES finalmente apareceu depois do amanhecer. Veio para verificar seu afilhado e ficou aliviado ao encontrá-lo vivo. Elinor voou para os braços dele. — Papa!

— Eu sabia que poderia salvá-lo, Elly. — Ele a abraçou ferozmente.

— Ele ainda não está a salvo, pai. — Ela saiu dos seus braços, foi até a janela e olhou para os jardins. — Porque aqui?

— Coronel Knott. — Sir Charles pausou em um silêncio interminável, depois decidiu que deveria contar toda a história. — Adam o enfrentou por tentar incendiar toda Washington, e foi isso que ele recebeu em agradecimento.

— Santo Deus! — Elinor engasgou. — Quão ruim são os danos, papai? — Elinor lutou contra as lágrimas enquanto pensava em todas as pessoas que conhecia e cuidava na cidade.

— A Casa do Presidente, o novo Capitólio e outros. Ross havia ordenado que minimizasse as baixas particulares, mas Knott queria que tudo fosse destruído. Easton o enfrentou e se recusou a seguir essas ordens.

Os homens concordaram com Easton. Foi tão inútil, Elly. — Ele balançou a cabeça em desgosto. — Não acredito que mais alguém tenha visto Knott atirar nele, mas o afastei dali o mais depressa possível, quando Knott estava distraído. Knott teria encontrado uma maneira de acabar com ele.

— Ele estará em apuros se nós o salvarmos?

— Sim, temo que Knott já esteja procurando por ele. Knott só pareceria um tolo, mas posso testemunhar, assim como Ross e alguns outros, se for preciso.

— Mas ele não foi insubordinado com as ordens de um superior?

— Graças a Deus que foi, Elly. Ferir inocentes não nos faz melhores do que aqueles que estão supostamente retaliando! Infelizmente, agora há um clamor contra os britânicos, e aqui não estaremos seguros. Precisamos sair daqui o mais rápido que pudermos. Quando ele poderá ser transferido?

— Nós temos uma escolha? — Sir Charles balançou a cabeça. —

Então acho que teremos que aproveitar nossas chances.

— Vou fazer arranjos e ajudá-lo a sair hoje à noite, se possível. Onde está o seu ordenança?

Elinor indicou o quarto de vestir ligado ao dormitório. — Dormindo em uma cama lá dentro. Ele estava exausto.

Sir Charles acordou Buffy para auxiliar Easton. Josie e Elinor negociavam com Abe e Buffy sobre vigiar seu paciente. O Dr. Harrison



chegou e reafirmou que Elinor havia realmente feito um trabalho decente e que tudo o que podiam fazer agora era esperar. Ele disse que uma ferida no ombro devia curar facilmente com o devido cuidado e descanso. Ela rezou para que não ela fizesse nada para que ele piorasse! Esperava que Easton acordasse antes de partir. Ela se sentiria um pouco melhor sobre seus esforços e com a viagem deles, embora, por instrução do dr. Harrison, tivesse lhe dado mais láudano para ajudar a aliviar a dor, de modo que ainda não acordara.

EASTON SE VIU TENTANDO ACORDAR, mas não conseguia abrir os olhos. Uma voz familiar feminina estava enviando alguém para pegar bandagens novas. Estava em um hospital? Ele tentou abrir os olhos, mas sua visão estava embaçada e o lugar todo girava. Então a mulher se inclinou sobre ele para despi-lo. Estava sonhando? Estava sendo despido? Mas então estremeceu de dor quando ela moveu seu ombro. De um lado para o outro, ela o moveu como se estivesse removendo um curativo. Conseguiu abrir os olhos, mas tudo ainda estava embaçado e sua cabeça latejava. Ouviu um sussurrar e o que era isso - um seio? Um anjo? Ele devia estar no céu. Talvez ele devesse apenas ver ...

— Milorde! — Ela arrancou o curativo! Não, inferno. Definitivamente inferno.

— O que aconteceu? Estou no hospital? — Um par de olhos azuis safira se encontrou diretamente com um par de verdes esmeralda.

Por um momento o tempo parou.

Elinor estava nitidamente desconfortável com o ímpeto de consciência que sentia em seu olhar e se virou.

— Foi trazido aqui depois de ser baleado. E na casa de Sir Charles, seu padrinho. Se lembra de mim?

Ele fez um pequeno aceno de cabeça, pareceu voltar ao presente, então olhou silenciosamente pela janela por alguns minutos, e Elinor pensou que ele poderia adormecer novamente. Então ele disse calmamente: — Quanto ele queimou de Washington?



— O Capitólio, a Casa Branca e alguns outros edifícios do governo. Aparentemente ele foi detido antes de ir mais longe.

— Graças a Deus, — ele sussurrou. Ela assentiu.

— Existe alguma coisa que eu possa fazer para deixá-lo mais confortável?

— Ajude-me a esquecer, — ele disse baixinho. Ela entendeu esse sentimento completamente.

— Infelizmente, devemos partir para a Inglaterra imediatamente. Papai diz que não é seguro ficar aqui.

Josie voltou ao quarto com as ataduras e elas o ajudaram a se sentar. As mãos de Elinor de repente se atrapalharam e tremeram quando ela tentou fazer o curativo. Por que ela estava tão nervosa agora que ele estava acordado? Ele notou seu desconforto? Terminou o mais rápido possível, e assim que deitou a cabeça dele no travesseiro ele adormeceu novamente. Elinor, totalmente constrangida, recuou para a porta sem fazer contato visual, desculpou-se rapidamente e fechou a porta. Talvez ele dormisse a maior parte da viagem.

Como iria passar semanas em um navio com esse homem? Sabia que estava exagerando, mas manteve sua sanidade mental evitando os homens, e não havia como evitá-lo em um navio. Ela não gostou do jeito que ele a fazia se sentir

como se não tivesse controle sobre seus sentimentos ou emoções. Sem mencionar a traição de seu corpo.

Josie se afastou para obter o máximo possível de suprimentos. Elinor sabia que levar Easton em uma jornada tão cedo era arriscado, mas também se permanecesse aqui. Continuava dormindo e ela ficou sentada em silêncio enquanto aguardava a volta de Sir Charles para levá-los ao navio. Elinor estava tentando acalentar suas últimas horas em River's Bend.

SIR CHARLES VOLTOU MAIS TARDE naquela noite, antes do jantar. Ela esperou que ele falasse primeiro. Não parecia satisfeito. — Deve partir hoje à noite, — disse ele solenemente.

— O que quer dizer com ‘deve’, papai? — Estava com medo que já soubesse.

— Eu não posso acompanhá-la para a Inglaterra. Preciso ir rapidamente direto para Ghent.

— Não posso viajar com ele sem acompanhante! — Ela não era uma defensora das regras; simplesmente não queria ficar sozinha com ele. Além disso, precisaria de ajuda para cuidar dele.

— Esta é uma situação incomum, Elinor. Tive a sorte de obter qualquer passagem com todos os britânicos fugindo no momento. É com uma companhia de navegação privada que vende algumas cabines para aqueles que podem pagar. Haverá alguns servos e um cozinheiro. Terão cabines adjacentes.

— Adjacentes? — Ela estava tentando manter a calma, mas sua voz soou severa.

— Não há outra opção, e confio em Adam implicitamente, Elly. Não pude antecipar o que aconteceu. Além disso, ele não está em condição ...

Elly, preciso que faça isso. Ninguém no navio a conhecerá, e pode desembarcar na Inglaterra sem que ninguém mais saiba. — Seu pai raramente a repreendia. Sentia-se como uma criança pequena a quem mandavam tirar as mãos do pote de biscoito. — Receio que Knott queira acabar com ele, — continuou o pai. — Há soldados procurando por ele e fazendo perguntas desconfortáveis. Uma vez que esteja a bordo em segurança, deixarei que saibam quais ações tomei, mas precisamos levá-lo embora com segurança primeiro.

— Claro, papai. — Easton teria muita sorte se vivesse, mesmo se Knott não o encontrasse. Ela sabia disso melhor que ninguém. E seu pai tinha razão. Ninguém saberia das circunstâncias quando chegassem à Inglaterra, e Josie estaria com ela, assim como Buffy com o major. Ela podia não gostar da ideia, mas eles tinham que se afastar da América.

— Não há outro jeito?

Sir Charles sacudiu a cabeça. Elinor se virou para controlar as lágrimas. Como a vida de alguém poderia virar completamente de cabeça para baixo em dois dias?



QUANDO A CARRUAGEM SE AFASTOU, Sir Charles viu vários soldados britânicos subirem até a casa. Esperava que não tivessem notado a partida da carruagem, mas ele ordenou a Teddy que fosse por uma rota diferente para evitar a detecção.

— Papai, olhe! — Elinor também viu os soldados.

— Calma, querida. Eu falei a Abe o que dizer - que a estou apenas acompanhando até as docas. Eles não podem saber que eu enviei Adam para minha casa. — Assim esperava. — Tenho certeza de que eles estão aqui apenas para passar uma mensagem."

Elinor recostou-se no banco, mas agora estava apreensiva por Easton e Sir Charles. Se Knott soubesse que Sir Charles ajudara Easton, iria se vingar contra ele também? — Papai, vai ficar em apuros por ajudá-lo? —

Ela perguntou nervosa, mas tinha que dar voz às suas preocupações.

— Não planejo que ninguém descubra. Nenhum dos servos, exceto Abe, sabia que era Adam que foi trazido para casa. Há multidões retaliando e queimando qualquer coisa britânica no momento, então é muito natural que eu a remova daqui caso alguém queira saber do meu paradeiro. Planejo revelar tudo para o General Ross assim que a ver em segurança. Ele terá boas sugestões.

— Acha que o coronel Knott simplesmente deixará a questão ser esquecida?

— Duvido, e é perigoso para eles estarem procurando na multidão civil essa noite. Não posso acreditar que até mesmo Knott seja tão ousado.

— Então, por que mais os soldados estariam em casa?

— Como eu disse, devem estar entregando uma mensagem. — Ele parecia tão confuso quanto ela se sentia.

De repente, o som de cascos de cavalos começou a ficar mais alto ameaçando ultrapassá-los. Elinor começou a rezar em silêncio para que os soldados não os perseguissem. A carruagem parou bruscamente, provocando um gemido do semiconsciente Easton, mas Elinor estava mais preocupada com a ameaça imediata. Por que eles pararam? O cavaleiro fez algo para o Teddy? Sir Charles saltou da carruagem para impedir que o intruso visse seus passageiros.

— Graças a Deus é só você, Abe. — Sir Charles soltou um suspiro de alívio.

— Sim, Sir. Eu não os teria perseguido se não fosse urgente. — Sir Charles assentiu, e Abe continuou: — Os soldados estão revistando a casa. O coronel Knott está com eles e está furioso.

— Ele sabe com certeza que nós o temos? — Sir Charles perguntou preocupado.

— Não penso assim, mas ele tem muita suspeita. É melhor eu voltar.

— Sir Charles assentiu, então Abe virou o cavalo e enfiou os calcanhares para incitar a égua. Sir Charles correu de volta para a carruagem e Teddy saltou para conduzir os cavalos.

— Papa, vamos conseguir a tempo?

— Só o céu sabe, amor.

— Devemos mudar para botes?

— Eu não acho que poderíamos chegar a tempo com apenas Teddy e eu para remar.

— Josie e eu podemos remar! — Josie assentiu em veemente concordância.

— Não, não poderíamos levar toda a sua bagagem. É melhor rezar para termos uma vantagem inicial e que não suspeitem que o temos conosco. Abe não disse a ele de onde estaria saindo.

Eles cavalgaram alguns quilômetros em silêncio, tentando ouvir os sons de perseguição. Quando a carruagem se aproximou das docas de Alexandria, eles começaram a cheirar o fedor de fumaça e viram bandos de civis furiosos com tochas procurando por qualquer coisa ou alguém para desabafar sua fúria. Eles passaram pela fazenda de Lorde Fairfax e Elinor notou as chamas ardentes saltando dos telhados e dos campos ao redor. Ela teve que reprimir seus gritos e pedidos a Deus para que River's Bend não recebesse o mesmo destino, esperando que seus esforços para libertar seus escravos contassem alguma coisa. Se eles descobrissem uma carruagem com dois soldados britânicos, os resultados não seriam agradáveis. Pelo menos o cocheiro deles, Teddy, era americano.

Elinor ouviu Teddy insistir com os cavalos assustados pelas ruas curvas e em chamas, através da fumaça espessa e da multidão enfurecida.

Seu coração martelou no peito, esperando que eles não fossem notados e Knott e os casacas vermelhas não estivessem em perseguição. Não poderia ser muito mais longe.

— Assim que pararmos, vão para o navio imediatamente. Eu enviarei a bagagem. Não se demore! — O treinamento de Sir Charles como um ex-coronel do exército estava se mostrando sob coação.

Eles chegaram o mais perto possível do cais. Sir Charles ajudou Buffy a levar Easton, depois levou Josie e Elinor para fora. Gritou ordens para os ansiosos trabalhadores das docas e marinheiros que esperavam a chegada deles, e uma fúria de atividade irrompeu quando os baús foram descarregados e levados embora.

Elinor parou, cheia de pavor. — Oh, papai, não posso deixá-lo aqui! Como vai voltar para casa?

— Com muito mais facilidade sem estar abrigando soldados britânicos. Vamos pegar um caminho diferente. Agora vá!

Elinor avistou um grupo de quatro ou cinco casacas-vermelhas atacando rapidamente seus cavalos. Sir Charles virou-se e viu a mesma coisa.

— Vá para bordo agora, Elinor! — Ele a agarrou para um rápido abraço e empurrou-a em direção às pranchas. — Não se preocupe, amor, eu vou lidar com eles. Eu te amo. Eu vou te ver na Inglaterra.

— Eu também te amo, papai. — Ela se virou para andar no passadiço com uma sensação de desgraça. Não havia como voltar atrás agora, haja o que houver.

— Estaremos juntos antes que perceba, — Elinor ouviu sir Charles chamá-la.

Assim que ela pisou no parapeito, um marinheiro puxou as pranchas enquanto os operários da doca soltavam as cordas que os prendiam e gritavam: — Inflar as velas! — Então eles estavam se movendo.

Ela se virou com relutância para acenar às suas despedidas finais, mas o bando de soldados britânicos alcançou Sir Charles. Um homem furioso, provavelmente Knott, desmontou e foi até Sir Charles, gritando e lançando acusações. O pai dela ficou parecendo perplexo e depois se virou para ela, acenou e piscou para ela com um sorriso. Ela acenou de volta e sorriu, tentando brincar. Não havia nada que ela pudesse fazer por seu pai agora, exceto ajudar seu afilhado.

Elinor olhou para os mastros que se aproximavam, com as velas soltas e voltadas para a proa do enorme navio de casco de madeira. Gaivotas barulhentas zombavam de sua situação enquanto circulavam no alto. Ela inalou profundamente o ar salgado do mar que não fornecia conforto como

os cheiros perto do rio. Enviou uma oração silenciosa por seu pai, sua jornada e por Easton. Estava agradecida pela escuridão, assim não teve que assistir seu amado pai e a terra desaparecerem à distância.

CAPÍTULO CINCO

O Primeiro Oficial os dirigiu do convés principal por uma escada estreita, na parte mais distante do navio, até duas cabines pequenas separadas por uma sala de estar perto dos quartos do Oficial e do Capitão. Buffy estava ajudando Easton a se acomodar enquanto Josie remexia seus baús. Elinor olhou em torno do pequeno alojamento, muito distante do luxuoso navio de passageiros em que ela e seu pai tinham viajado seis anos atrás. A cabine continha dois beliches

embutidos e uma pequena mesa com duas cadeiras, todas pregadas no chão.

Houve uma batida na porta ao lado, e Buffy estava lá com um olhar preocupado. — Senhorita, acho que deveria checar o major. Ele está muito quente.

Elinor assentiu e se virou para pedir ajuda a Josie. — Josie, por favor, encontre os suprimentos e traga-os para mim. Buffy, veja se pode encontrar alguma água fria. — Elinor sabia que soldados morreram mais de infecções do que das balas que os atingiram, e havia pouco que ela pudesse fazer por ele, especialmente em um navio. *Isso não é um bom presságio. O navio mal saiu das docas.* Ela entrou na cabine ao lado e encontrou um Easton meio consciente, encharcado de suor. Josie entrou carregando bandagens e remédios. Buffy já havia removido a jaqueta e o colete de Easton.

— Josie, me ajude a tirar a camisa dele, precisamos inspecionar a ferida.

Eles finalmente removeram o curativo e a área estava levemente vermelha. Então ela se sentiu ao redor da linha de pontos, que estava um pouco quente; mas estava vermelha ou quente o suficiente para causar febre? Elinor gemeu. Por que isso estava acontecendo? Ela não teve treinamento suficiente para isso! Enxaguou a ferida com alcool e aplicou mais basilicum, depois cobriu a ferida e sentou-se em uma cadeira. Ela não tinha outros pensamentos além de que seria um milagre se Easton vivesse para ver a Inglaterra.

O trio prosseguiu com a árdua tarefa de manter os panos frios, as roupas secas e os lençóis limpos para Easton. Elinor pingava as tinturas de ervas que tinha feito e qualquer forma de sustento que pudesse em sua boca

e esperava que ele não se engasgasse. Ele acordava de forma intermitente, mas nunca parecia estar completamente consciente de seu entorno.

Em seu delírio, Easton deu dicas sobre as batalhas que o assombravam. Gritos de: “Devemos detê-lo! “ Ou “não as crianças! Salve as crianças! ” Gritava em agonia e se debatia acompanhando essas visões horríveis, e Elinor só podia imaginar os tormentos que os soldados sofriam muito além dos campos de batalhas reais.

Passaram vários dias intermináveis desta maneira, e Elinor e Buffy se revezavam para ficar com ele. Essa cabine era menor, com apenas um beliche e uma rede improvisada para o segundo passageiro à noite. Josie estava muito doente, com o

enjôo marítimo, para dormir em uma rede balançando, então Elinor e Buffy geralmente dividiam o turno da noite.

Elinor começou a se preocupar, em parte pela exaustão, pois mal saía do lado de Easton. Ele não estava melhor, e sua febre parecia estar mais alta com poucos momentos de alívio. Aqui não havia Dr. Harrison para lhe dar instruções, apenas o seu próprio julgamento, com um nível baixo de formação no assunto, que se tornava mais questionável a cada dia exaustivo que passava. O que aconteceria se ele morresse? Elinor não suportava pensar nisso.

Ela tinha muito tempo para reflexão enquanto alternava olhando para o moribundo e para fora da pequena escotilha. Sempre pensava em suas interações desde a chegada dele duas semanas antes, e sentia vergonha de si mesma. Que comportamento vil a tinha possuído? Deveria ter sido mais simpática com ele, ou até mesmo gentil. Jurou que tentaria ser diferente se ele se recuperasse. Ela esperava poder descobrir como impedi-lo de afetá-

la.

Josie e Buffy entraram no quarto para verificar Easton.

— Senhorita Elly, tem feito muito por ele! Vá tomar um pouco de ar fresco e tirar uma soneca. Eu prometo que a avisarei se acontecer alguma coisa.

Elinor sacudiu a cabeça. Não sairia enquanto ele permanecesse perto da porta da morte. Devia dar, por seu pai e por Easton, o seu melhor. Olhou para ele. Seu rosto estava vermelho como uma lagosta e ele estava ardendo de febre. Ela correu até ele, e os dois servos a observaram com crescente apreensão.

— Acha que deveríamos sangrá-lo, senhorita Elly? — Ela ouviu Buffy perguntar. Olhou para ela com horror.

— Eles ainda praticam isso na Inglaterra?

— Sim, senhorita.— Ele parecia envergonhado por sugerir isso.

— Sinto muito, Buffy. Eu não quis criticar. O Dr. Harrison acredita que o sangramento não faz mais do que drenar seus corpos da energia de que precisam para lutar. Não tenho certeza do que está certo. Eu não tenho as ferramentas para sangrá-lo de qualquer forma. Receio que tenhamos de abrir a ferida e ver se há

algum sinal de supuração sob a pele. Tem que haver alguma causa para a febre. — Ela colocou a cabeça entre as mãos. —

Deveríamos ter ficado lá até que ele estivesse melhor. Onde o Dr. Harrison poderia ter tomado o devido cuidado com ele.

— E ser morto por uma explosão de canhão? — Sim, essa era a alternativa.

Josie chegou e envolveu os braços ao redor de Elinor quando ela começou a chorar. Elinor sentiu a presença avassaladora de uma emoção oscilando na histeria que crescia por dentro. — Senhorita Elly, não tivemos escolha. Tem feito o melhor que pode e agora está nas mãos do Senhor. —

Josie estava certa. Ela não teve o luxo do tempo para emoções.

— Ele não teria uma chance com um cirurgião no campo, senhorita, —

Buffy disse, também tentando encorajá-la, mas ver Elinor tão preocupada o deixou assustado.

Buffy e Josie ajudaram a remover as ataduras de Easton. Quando as retiraram, a ferida nas costas ainda não parecia infectada. — Buffy, tem certeza de que não há outros ferimentos que possam estar infectados? Esta ferida parece tão limpa.

— Bem, senhorita, ele teve feridas antigas na perna da Península, mas eu não olhei de perto.

— Vamos ter que olhar agora, antes de abrirmos o das costas. — Este certamente não era o momento para a modéstia perdida. Eles puxaram os lençóis de cima dele o suficiente para examinar a antiga ferida em sua perna. Estava do outro lado do beliche, então ela presumiu que Buffy se sentia perdido ao trocá-lo. Ela mesma tentou não olhar, pelo bem dele.

Havia listras vermelhas brilhantes vindo de uma ferida vermelha no meio de uma massa de pele enrugada e cheia de cicatrizes. Ela balançou a cabeça. Deveria ter verificado todo ele antes, mas ela não quis. Deveria ter pensado melhor. — Outro tiro de arma? — Ela olhou para Buffy interrogativamente.



— Acho que sim. Sir Charles só ouviu um tiro. Talvez seja uma faca ou espada cortada?

— Eles também podem causar infecções. Devemos dar a ele um pouco de láudano. Isso vai doer mais do que o tiro. — Buffy cuidou dessa tarefa, enquanto Elinor tirou algumas tesouras de sua bolsa de suprimentos e mergulhou-as na bebida para limpá-las. Ela começou a cortar a pele morta, camada por camada. Depois que terminou, encharcou a ferida no uísque e pegou algumas toalhas e começou a empurrar a ferida. Easton começou a gemer alto e a se debater. Buffy e Josie fizeram o possível para segurá-

lo. Imediatamente a ferida se abriu e começou a escorrer um líquido amarelado fedido.

— Oh Deus no céu. Não admira que ele não esteja melhorando. — O

estômago de Elinor se agitou. Josie saiu correndo do quarto.

— Nossa, senhorita Elly, isso é horrível. — Buffy afirmou o óbvio, pegando um lenço para cobrir o nariz. Josie voltou e parecia que tinha vomitado.

— Desculpe, senhorita Elly. Eu não estava esperando esse cheiro. O

que fazemos agora?

— Tentamos tirar o veneno e vamos limpá-lo. Ele não vai gostar dessa parte. — Ela pressionou e empurrou até que ela não conseguia mais remover nenhum fluido infeccioso, cortou a pele morta, então pegou a bebida para enxaguar a área. Elinor se sentiu culpada por ter se preocupado em estar no navio com ele. Ha! Neste ponto, ela só esperava que ele sobrevivesse. Preparou um emplastro, passou na ferida aberta e envolveu a bandagem ao redor dele.

— Agora o que?

— Vamos esperar para ver.

ELINOR NÃO CONSEGUIA DORMIR por se preocupar com Easton, e quando conseguiu cochilar por alguns minutos, foi por exaustão. De alguma forma, se sentia responsável por ele – fosse por um sentimento de orgulho ou pelo que ela não sabia, mas sentia mesmo assim. Não sabia se poderia suportar se ele



morresse. Ele tentou fazer amizade com ela, e foi dura porque ele era bonito e tinha sido um pouco arrogante. Não deveria ter sido tão rápida em julgar, mas velhos hábitos eram difíceis de mudar. Depois de ver suas velhas cicatrizes, descobriu um novo nível de respeito por ele. Ela não tinha ideia de como ele andava sem mancar ou como cavalgava um cavalo. Ela não podia começar a imaginar o que ele devia ter passado para ter essas cicatrizes.

Continuaram enxaguando a ferida com uísque e embalando-a com um cataplasma malcheiroso de alho, banana-da-terra e milefólio, e tentaram obrigar Easton a beber chás que Elinor aprendera a fazer com o dr.

Harrison. Estava disposta a tentar qualquer coisa. Ele ainda não recuperara totalmente a consciência. Quando trocou o curativo, Elinor se sentiu levemente encorajada por que a área não parecia piorar ou ter mais venenos para drenar.

Ela acordou com o empurrão de Buffy um pouco depois.

— Senhorita Elly, ele está frio! — Ela pulou para verificar se havia pulsação. Ainda estava lá. Ele não estava *tão* frio *assim.*

— E ele está encharcado. — *Graças a Deus, a febre deve ter baixado*. Eles trabalharam para secá-lo mudá-lo para lençóis secos. Trocar lençóis em um navio com uma pessoa ainda na cama era uma luta, na melhor das hipóteses. Easton ainda não mostrava nenhum sinal de despertar, mas pelo menos havia motivo para ter esperança. Ela voltou a dormir na rede da cabine, um pouco mais pacificamente do que antes.

QUANDO ADAM ACORDOU, estava faminto e doia como o diabo. A sala parecia estar balançando para frente e para trás. Ele finalmente conseguiu abrir os olhos -

algo que esteve tentando fazer, ao que parecia, há dias, mas tinha estado quente, desorientado em uma névoa da qual não tinha sido capaz de sair. Ele piscou algumas vezes, seus olhos se ajustando à luz fraca. Parecia que era madrugada ou tarde da noite; não sabia dizer qual. Estava acostumado a acordar em lugares estranhos, mas geralmente sabia onde estava.

Ele olhou ao redor do quarto desconhecido e viu alguém deitado em uma rede ao seu lado, mas não parecia com Buffy. Inclinou a cabeça para o lado, tentando se concentrar, e viu longas ondas douradas penduradas do lado e uma pequena forma feminina agrupada sob um cobertor - Elinor. Por que ela estava no quarto dele? Tentou se virar e, *ai!* Dor em seu ombro e perna o atravessou, e ele começou a lembrar pedaços sobre ser baleado, estar na fazenda e Elinor. O que ela fez por ele? Ele deve ter lutado entre estar consciente e inconsciente por algum tempo. Sabia que ela estava lá. Tinha lembranças de sua voz, seu perfume, seu toque. Nada específico, mas ele sabia.

Seu estômago roncou e sua boca parecia o deserto do Saara. Olhou ao redor da sala e viu um jarro de água. Certamente ele poderia tomar um gole de água sem perturbar Elinor. Conseguiu se sentar se apoiando no braço bom, mas descobriu que ficara exausto com aquele pequeno esforço. Jogou as pernas para o lado do beliche de um modo desgracioso. Suas pernas tremiam e soube que não conseguiria atravessar a sala sozinho, por menor que fosse. Olhou para Elinor que estava dormindo pacificamente e não quis perturbá-la, mas se perguntou quanto tempo ela iria dormir? Tentou não pensar naquele copo de água delicioso e refrescante que mataria sua sede. Claro, quanto mais tentava não pensar sobre isso, mais tinha que tê-

lo. Talvez se fizesse cócegas na bochecha dela, só um pouco. Ela se virou. Bem, pelo menos a vista era melhor, mas ela não acordou.

Ela parecia um anjo, ainda que exausto. Talvez devesse tentar aguentar um pouco mais e não a perturbar. Talvez se fosse bem devagar. Deslizou seus pés até o chão e, *oof!* Agarrou a rede em que ela estava para se firmar, mas em vez disso a jogou para fora, depois caiu bem em cima dela. Ela gritou, é claro. Ele conseguiu chiar, — Shh, — embora sua boca parecesse estar cheia de algodão seco.

Elinor parou de gritar, mas seu coração parecia que iria sair de seu peito. Quando

ela percebeu que não estava no meio do seu pesadelo recorrente, soltou o ar que estava segurando. Olhou para cima para ver Easton sorrindo de orelha a orelha, e então ele começou a rir histericamente. — Está horrível, senhorita Abbott.

— Ingrato infeliz! Tinha que me assustar assim? Ela exclamou, depois sorriu, aliviada demais por vê-lo acordado e coerente para ficar com raiva. Então ela respondeu: — Está horrível. Se importaria de explicar por

que está em cima de mim? — Ele nunca saberia o quanto custou a ela falar racionalmente nessa situação.

Ele sorriu timidamente, debatendo claramente com que tipo de resposta poderia se dar bem. Ele escolheu o seguro. — Gostaria muito de dizer que foi por um motivo amoroso, mas estava apenas tentando pegar um copo de água, e minhas pernas aparentemente não estão se comunicando com o meu cérebro.

— Demorei um pouco para conseguir ficar sobre minhas pernas no mar sem uma lesão. — Ela saiu de baixo dele e o ajudou a sentar no beliche. Então foi até o jarro e serviu-lhe um copo de água. De repente, ele percebeu que estava apenas em suas roupas íntimas e se cobriu rapidamente enquanto ela o servia.

— Obrigado. — Ele estendeu a mão trêmula para pegar a água. —

Então estamos em um navio. Isso explica muito. — Ela o ajudou a tomar a bebida, e então ele estendeu a outra mão. Ela a olhou como se tivesse lepra. Ele a colocou mais distante. — Há quanto tempo eu estou fora de ação?

— Muitos dias. Perdi a conta. — Ela relutantemente pegou a mão dele.

— Eu tenho sido um paciente horrível? — Ele perguntou quando a puxou para sentar na cama ao lado dele. Ela hesitou, mas sentou-se.

Certamente alguém tão fraco não seria uma pequena ameaça para ela, fisicamente pelo menos.

— O pior.

Ele riu. — Mas não esperaria menos.

— Verdade. — Meu Deus, como ela estava feliz em ver as covinhas e esses

olhos abertos novamente.

— Então me ajudou apesar de me desejar perto de Jericó? — Seus olhos brilhavam e ele ainda segurava a mão dela.

— Eu não diria Jericó, porque eu poderia facilmente tê-lo deixado ir para lá. — Ela percebeu que sua mão ainda estava na dele e a puxou de volta.

— Touché.

— Gostaria de comer? Abrir os olhos e me assediar é apenas parte da recuperação.

— Estou apenas começando. No entanto estou faminto. O chef é decente? — Ele grunhiu de dor e fraqueza enquanto se reposicionava com cautela.

— O chef? — Ela riu. — O que eles enviaram foi comestível.

— Buffy está por perto? Eu adoraria um banho. — Ele cheirou a si mesmo e fez uma careta.

— Um passo de cada vez, Easton. Ele e Josie devem acordar em breve e virão verifica-lo. — Houve uma batida na porta e um jovem grumete trouxe uma bandeja para Elinor. Ele pareceu um pouco surpreso ao ver Easton acordado.

— Devo trazer outra bandeja para o senhor? Eu trouxe o habitual, madame. — O rapaz pareceu pouco à vontade, sem saber o que fazer.

— Isso seria bom. Algum caldo e pão, talvez? E se possível também a água do banho se não fosse errado. — Ela viu Easton tentando roubar o bacon da bandeja. O garoto assentiu e saiu. Ela bateu na mão dele.

— Eu quero bacon. Eu *preciso* de bacon. — Ela riu. Homens eram todos iguais.

— Claro que precisa. Mas seu estômago ainda não está pronto para isso. — Imediatamente, o estômago dele roncou alto.

— Meu estômago diz que está. Além disso, todo mundo conhece os milagrosos poderes de cura do bacon. Bem, na Inglaterra de qualquer maneira. — Ele tentou cruzar os braços e tentou fazer o seu melhor para dar um olhar digno de “tente

me parar", mas seu braço estava fraco demais para fazer a manobra. O olhar era mais parecido com o de uma criança petulante que não estava conseguindo o que queria, mas ela desistiu. Depois de um olhar não tão sutil.

— Esse é o argumento mais patético para o bacon que eu já ouvi.

Talvez um pedacinho. Um. Não preciso tê-lo perturbando seu estômago também. — Ela foi recompensada com um enorme sorriso.

— Está acordado! O grumete nos deu a notícia, — Buffy disse quando irrompeu pelas portas. Correu para a cama onde Easton se sentou e o envolveu em um abraço. Então se lembrou e pulou para trás. — Desculpe, major. Fico feliz em vê-lo bem. Eu estava com medo de que ... bem, o senhor sabe. — Easton assentiu, então obviamente se arrependeu do movimento rápido. Buffy estava muito falador hoje. — Então a senhorita Elinor tirou a bala e o costurou. Então o senhor teve febre e deveria ter visto o que ela fez na sua perna. Para aquele gel penetrar fundo. Todos eles tremeram com a lembrança.



— Aparentemente este gato velho tem nove vidas. E uma boa cirurgiã. — Ele deu um sorriso com um aceno para Elinor.

Buffy e seu comandante começaram a conversar entre eles alegremente, e Elinor foi para cabine ao lado, puxando Josie com ela. Com sorte Easton assumiria que ela estava lhe dando algum tempo para conversar com Buffy, comer e se banhar em privacidade. Uma coisa era Easton incapacitado. Outra bem diferente era o bonito, charmoso e encantador estar acordado. Teria que estar em guarda, pois seu coração e sua cabeça estavam travando uma guerra sobre ele.

Depois de um tempo, Buffy bateu na porta ao lado e perguntou se as damas poderiam ajudá-lo a levar o major para o convés para tomar ar fresco.

— Ele está forte o suficiente? — Josie perguntou, surpresa.

— Agora que está acordado, não haverá nenhum impedimento, —

Buffy disse com orgulho.

Elinor sentou debatendo consigo mesma. Ela não sabia se havia outros passageiros a bordo, mas a probabilidade de serem vistos juntos e reconhecidos na Inglaterra depois era pequena. Além disso, qualquer um perceberia o quanto ele estava fraco e isso lhe faria bem. Eles sempre poderiam negar ter compartilhado tais circunstâncias.

— Existem outros passageiros a bordo? — Melhor estar informada.

— Sim, senhorita. Ouvi dizer que há uma senhora mais velha, mas ela fica na cabine com o enjoo do mar. Eu ainda não a vi.

— Tudo bem, nos faria muito bem ter um pouco de ar fresco. Sei que tenho claustrofobia. — Se bem que se surpreenderia se Easton conseguisse caminhar três metros depois do episódio desta manhã, quanto mais subir e descer os degraus do convés.

Easton riu e sorriu em agradecimento a piada. Ele não seria capaz de fazer mais do que sentar em uma cadeira no convés, mas era um começo.

NOS DIAS QUE SE SEGUIRAM, começaram a rotina de tentar fortalecer Easton com comida, passear no convés e tomar ar fresco. Ele estava determinado a

recuperar sua força o mais rápido possível, mas não seria fácil. Nunca aceitou fazer nada devagar.

Eles ficavam principalmente sozinhos, comendo na cabine e jogando cartas ou xadrez à noite. Muitas vezes, Elinor lia para eles de um dos livros que trouxera, mas mantinha uma distância educada. Easton se perguntou por que Elinor era diferente agora, quieta e retraída. O que aconteceu com a pequena ousada? Buffy contara sobre sua dedicação - como nunca saíra da cabine e como insistira em vigiar a noite, quando a febre sempre era a pior. Ficou perplexo por ela ter feito tanto. Ela era diferente de qualquer outra mulher que conhecia. Mas por que a mudança? Estava enojada com ele em algum nível? Talvez o considerasse um covarde por desafiar o coronel Knott. Talvez ele fosse. Ou ele a ofendera? Ela ainda estava irritada com o último encontro deles em Washington? Com sorte, ela estaria apenas com saudade de casa.

Segundo o capitão, restavam apenas alguns dias até chegarem à Inglaterra, se os ventos permanecessem a seu favor. Easton queria ficar em melhores condições com Elinor antes de chegar, mas não sabia como. Não tinha certeza se ela estava irritada com ele pessoalmente, ou porque ela estava sendo forçada a ir para a Inglaterra e ainda ter que cuidar dele. Nunca antes uma mulher mostrara tão pouco interesse por ele daquele jeito, que talvez fosse o que mais gostasse nela. Naturalmente. Com ela, estava incerto, e se viu estranhamente flertando ou tentando fazê-la se abalar apenas para derrubar a parede que ela parecia ter colocado.

Easton continuou ganhando força. Foi capaz de mancar por conta própria e poderia usar o braço um pouco. Estava comendo refeições normais e até tinha um toque de cor nas bochechas. Quando recuperasse um pouco de sua musculatura perdida, ninguém saberia o quão perto da porta da morte ele esteve.

Os quatro estavam sentados no convés como se tornara seu costume nos últimos dias, desfrutando do intenso ar fresco do mar. O dia estava mais calmo que o normal e não muito frio.

Decidiu que ele resolveria as coisas por conta própria. Não tinha certeza o que havia em Elinor que o fazia querer se esforçar tanto. Sentia como se tudo tivesse mudado desde aquela noite em Washington, como se pudesse ter uma segunda chance. Talvez fosse o fato de que ela era filha de Sir Charles, mas havia algo nela que o fazia querer ajuda-la. Talvez fosse gratidão o que ele sentia.

— Senhorita Abbott, se importaria de dar um passeio comigo no convés? Está um lindo dia.

Ela olhou para ele e hesitou. Sentindo sua hesitação, ele disse: —

Vamos, eu não mordo. Nós passamos pelo inferno e voltamos, certamente podemos passear pelo convés sem muita dificuldade.

Ela capitulou e pegou o braço que ele ofereceu. Depois de caminharem em silêncio por alguns minutos, Easton não aguentou mais. —

Senhorita Abbott, fiz alguma coisa para ofendê-la?

Assustada, ela parou e olhou para ele: — Claro que não. Por que pensa assim?

Ele riu e olhou de volta para os olhos dela, — Ora, porque é ofensivamente educada comigo e fica o mais longe possível de mim. Por que a reviravolta? Não estou acostumado à pessoa dócil e mansa que está diante de mim.

Ela não disse nada, pensando claramente em quanto dizer.

— Temo sofrer um declínio caso ela não volte logo. Tenho certeza de que foi a Srta. Abbott quem me induziu a lutar tanto para viver. — Ele deu aquele seu característico e insolente sorriso com covinhas.

Ela corou e ficou novamente sem palavras. Ele podia ver sua mente procurando por palavras apropriadas enquanto ela mordia o lábio inferior. Finalmente, tudo o que ela disse foi: — Sinto muito por não estar acostumada a me entregar à lisonja que parece oferecer a maioria das mulheres.

— Acha que desejo isso? — Eles se entreolharam interrogativamente, e antes que ele percebesse o que estava fazendo, se inclinou para colocar um simples roçar nos lábios, mas ela se virou e pousou em sua bochecha. Ela não gritou nem bateu nele, mas se afastou enquanto balançava a cabeça.

Nenhuma repreensão? Se sentiria melhor se ela o tivesse repreendido. Procurou seus olhos, mas não tinha certeza do que estava vendo. Por que ele fez isso? Não era um libertino, então por que estava agindo como um? — Sinto muito, senhorita Abbott. Eu não sei o que aconteceu comigo.

Ele suspirou e deixou seus ombros caírem um pouco. — Podemos, pelo menos, ser amigos? Prometo tentar não agredir seus lábios no futuro sem permissão.

Ela relutantemente assentiu e se afastou para caminhar de volta para suas cadeiras no convés antes de sua resolução derreter. Easton ficou olhando para ela. Ele se perguntou o que havia feito de errado. E ela não havia realmente respondido a ele. Satisfatoriamente, pelo menos. Enquanto ficou lá, franzindo a testa, ouviu uma voz chamando seu nome.

— Major Trowbridge? Que surpresa encontrá-lo aqui!

Ah não. Ele reconheceu essa voz. O que diabo ela estava fazendo aqui? A fofoqueira mais infame de Londres. Claro, a passageira idosa. Faria uma prece para ter o mar agitado pelo resto da viagem. Ele se virou e se curvou. — Lady Dunweather. Fico feliz em ver que está se sentindo melhor.

— Quem era aquela? — Nenhuma saudação ou como está de Lady Dunweather. Direto para fofoca, como de costume.

— Uma parente. — Quase. — Filha do meu padrinho.

— Nunca tentei beijar qualquer um dos meus parentes dessa maneira. — Ela ergueu a sobrancelha em suspeita.— “Onde está Sir Charles? Eu não o vi ainda.
— A maldita mulher teria notado isso.

Easton sabia que teria que lidar com a próxima declaração que faria ou despedaçaria a temporada de Elinor, então permaneceu quieto. Lady Dunweather era a fofoqueira mais maliciosa de Londres. Ela estreitou os olhos enquanto esperava por sua resposta.

— Sua acompanhante está com ela. Sir Charles ia acompanhá-la, mas foi chamado para negócios oficiais. Infelizmente a guerra não permitiu condições ideais de viagem e companhia.

— Dificilmente teria escolhido essas condições eu mesma. — Ela assentiu com a cabeça e pareceu um pouco satisfeita com esta explicação, mas estava claro que ela estaria observando. Ele tentou desviá-la perguntando por ela e por seu assunto favorito. Ela viajou para visitar sua filha na Virgínia, mas saiu com a ameaça de guerra ao longo da costa. Este desvio não a apaziguou por muito tempo.

— Então, a menina mais nova de Sir Charles Abbott? Eu tinha me esquecido dessa. — Olhou pelo convés avaliando Elinor, considerando onde arquivar essa informação para mais tarde. — Espero uma apresentação.

— Claro.

— Por favor, diga por que está viajando em um navio de passageiros em vez do de Sua Majestade? — Ela perguntou, esperando que houvesse um pouco de escândalo envolvido.



Ele hesitou. Não queria mencionar o infeliz incidente com o coronel Knott, mas mencionar a lesão pelo menos impediria que ela suspeitasse que seu relacionamento poderia ter sido impróprio, embora soubesse que estaria por toda a cidade no minuto em que chegassem. Talvez devesse ter usado uma funda.

— Fui ferido em um dos confrontos americanos e os Abbotts tiveram a gentileza de me dar tempo para que me recuperasse em sua casa. Mesmo que eu desejasse violentar a senhorita Abbott, teria sido completamente impossível. — Ele sorriu com o sorriso que mostrava suas covinhas para transformar Lady Dunweather em um doce. Pareceu funcionar. Normalmente não era grosseiro, mas ela não era uma pessoa normal

— Major! Como pode dizer uma coisa dessas, seu patife! — Ela bateu nele com o leque, mas pareceu satisfeita por agora.

— Isso é o que queria saber, não é?

— Hmph. Traste impertinente.

— E agora, sua senhoria, devo me desculpar, pois esta companhia exaltada excede a atividade prescrita para o dia, e estou me sentindo muito fatigado. Ele se inclinou elegantemente e saiu mancando. Talvez tenha exagerado um pouco para o benefício dela.

— Parece bem para mim, seu ladino! — Ela disse, sorrindo atrás dele quando ele se virou. Ele caminhou em direção a sua cabine, mas parou e procurou um lugar para ficar sozinho e pensar.

EASTON FICOU sozinho por um tempo. Não sabia como lidar com Elinor. Sentiu uma certa agitação nela. Por que ele se importava? Gostava das brigas verbais com ela de antes, mas agora ela mal estava conversando com ele. Ela era linda e podia andar como o vento, o que realçava sua beleza, mas havia algo mais atraindo-o para ela. Por que tentou beijá-la? Ele sabia que não deveria. Riu para si mesmo. Ela era adorável quando nervosa; ele não podia se ajudar. Nunca tivera a intenção de ficar preso, embora Sir Charles insinuasse com veemência naquele momento, que não se importaria

com um casamento entre eles. Não era o filho primogênito, afinal, e pretendia nunca se casar. Agora, não tinha condições de se casar apesar das garantias de Sir Charles. Por alguma razão queria provar a Elinor que não era um trapaceiro - mate-a com gentileza e seja seu amigo. Mas ela merecia mais do que qualquer coisa que um velho soldado de batalha tinha a oferecer.

Seus pensamentos deram um tom mais sombrio ao que acontecera em Washington. Ele esperava que Sir Charles estivesse certo de que não haveria nenhuma repercussão de suas ações contra Knott. Tinha certeza de ter feito a coisa certa. Na verdade, faria tudo novamente. Tomara que Knott permaneça em silêncio - ele atirou em seu próprio homem nas costas, afinal de contas, e havia regras próprias para essa conduta. Além disso, Knott o deixara para morrer. Sim, sem dúvida Sir Charles estava certo de que não haveria mais nenhum comentário, especialmente porque Easton planejava vender tudo quando chegasse à Inglaterra.

Easton estava ansioso para passar um tempo na propriedade. Ele duvidava que fosse trabalhar no Ministério da Guerra depois do que acontecera em Washington. Certamente não tinha nada a ver com o fato de que Elinor passaria tempo com sua avó na propriedade vizinha.

— Perdoe-me, major. — Josie se aproximou timidamente de Easton em seu devaneio.

— Oh, Josie. Está tudo bem, ou veio para assistir o pôr do sol também? — Ela olhou para ele como se estivesse bravo. As criadas não ficavam apreciando o pôr-do-sol com um cavalheiro. Ela balançou a cabeça. — Não milorde. Não pretendo ser impertinente e tudo mais, mas o notei com a senhorita Elinor mais cedo.

Ele se virou para olhar para ela, incerto se estava surpreso ou indignado. — Sim?

— Bem, veja. Me parece que o senhor é doce com ela. — Ela realmente levantou a mão para impedi-lo de protestar! — E ela não reage bem se acha que está flertando. Seria melhor se tentasse fazer amizade com ela. Soltar suas defesas dessa maneira. Bom dia, milorde. — Ela piscou, fez uma rápida reverência e saiu correndo antes que ele pudesse responder. Ele ficou boquiaberto depois que ela se foi.

CAPÍTULO SEIS

Elinor notou Easton falando com a dama mais velha, vestida com roupas extravagantes. Até mesmo os ricos em Washington não se exibiam de maneira tão ostensiva. Para Elinor, havia uma diferença entre o tipo de qualidade que exigia exibição e tinha que ser anunciada, contra tipo que simplesmente ... era. Aquilo, o modo que ela gesticulou intimamente e a falta de reciprocidade de Easton, predispuseram Elinor a não gostar da mulher. Easton pareceu perturbado quando a conversa terminou e não voltou ao seu lugar no convés. Em vez disso, foi embora.

Elinor gemeu para si mesma. Esperava que a mulher não a tivesse visto ou que não tivesse lugar na sociedade. Estava sendo tola. Ela pensou mais acerca do que Easton havia dito. Eles só poderiam ser amigos?

Quantas vezes ela mesma disse isso? Elinor não queria manter a distância de propósito, julgá-lo por sua experiência anterior. Era difícil estar perto de um homem bonito e não sentir que estivesse, de alguma forma, ameaçada. Essa era a diferença? Ela tinha sido capaz de fazer amizade com aqueles homens na América, porque não tinha nenhuma atração por nenhum deles? Por que ela se sentiu culpada quando se viu atraída por Easton?

Elinor ainda não gostava do jeito que se sentia quando estava perto dele, embora ele não tivesse agido com ousadia ou arrogância desde o tiro.

Ele parecia um Easton diferente. Talvez estar perto da morte tivesse esse efeito. Algo nela se agitou quando ele tentou beijá-la, algo do qual ela precisava desesperadamente se afastar. Então ele perguntara a ela o que tinha mudado e ela ficou totalmente sem saber o que dizer. Não podia ter dito exatamente: «Tenho medo de ficar sozinha ao seu lado quando está acordado». Ou: «Estou com medo do que sinto quando me olha assim». Ela rezou para que eles chegassem à Inglaterra em breve. Não sabia quanto do charmoso Easton ela poderia aguentar, mas estava determinada a tentar ser mais próxima do normal possível.



EASTON FINALMENTE VOLTOU para a cabine para descansar. Elinor estava tomando chá na pequena mesa da sala de estar; ele sentou, cansado, em uma cadeira em frente a ela. — Posso acompanhá-la, senhorita Abbott?

Ela assentiu com a cabeça, mas se moveu para a borda mais distante inconscientemente. — Buffy e Josie virão?

— Eles estão jogando cartas com os criados. — Ela viu o olhar exausto em seu rosto. — Se excedeu, milorde. Devo chamar Buffy? Por que não se deita e descansa?

— Bobagem. Apenas um pouco fatigado. Há algo hipnotizante em ver o sol se pôr atrás do mar. Um pouco de chá e alguns minutos de descanso me farão ficar como novo.

— Terei que dar uma ordem? — Ela sorriu de brincadeira e serviu-lhe uma xícara. Estava se esforçando para não agir desajeitadamente, mas como conseguia acabar ficando sozinha com ele o tempo todo?

Ele fez uma continência para ela, embora lhe doesse levantar o braço tão alto. — Prometo que serei bom daqui em diante. — Ambos sabiam que ele queria dizer mais do que como um paciente.

— Senhorita Elinor, encontrei uma conhecida antes e sinto que devo avisá-la sobre ela, pois ela é uma notória fofoqueira em Londres.

— Fiz algo do qual deva me preocupar? — Estava com medo de que já soubesse. As regras eram mais relaxadas na América, mas até ela se preocupava em compartilhar camarotes adjacentes. Ela se perguntou, enquanto eles estavam sentados sozinhos na sala de estar da cabine, se isso tivesse chegado à atenção da dama.

— Espero que não. Ela estava muito curiosa a seu respeito. Tentei garantir a ela sobre a decência da nossa situação e a informei da minha lesão,

mas

seria

melhor

se

ninguém

conhecesse

nossas

verdadeiras acomodações de viagem.

Elinor assentiu. — Bem, o que está feito está feito. Papai não viu nada de errado nisso, e é claro que nada de errado aconteceu, mas sugiro que não tente me beijar em público novamente.

— Isso significa que é aceitável em particular? — Ele perguntou brincando, mas se olhares pudessem matar, ele estaria morto com as adagas vindas dos olhos de Elinor. — Prometo me comportar. Suponho que devo manter uma distância adequada da senhorita em Londres para que ela não tenha ideias.

— Sim, isso provavelmente é sábio. Infelizmente, se minha temporada for como a de Sarah, estarei ocupada desde o amanhecer até o anoitecer.

Espero poder pelo menos conseguir momentos para cavalgar. — Ela olhou ansiosamente para as folhas de chá no fundo da xícara.

Easton ainda estava tentando desvendar Elinor. Se ele tivesse sequer sugerido que qualquer outra mulher seria comprometida, elas estariam tentando forçá-lo a um noivado. Mas não ela. Não parecia que o pensamento lhe ocorresse. Como ela era diferente de todas as damas afetadas que ele suportara no Mercado de casamento no passado! Esperava que ela se mantivesse inalterada no final da temporada.

Os dois ficaram sentados, tomando chá, por um tempo. Elinor tentava não se sentir desconfortável, e Easton tentava pensar em algo *amigável* para dizer a ela. Eles finalmente estavam sozinhos juntos, e ele não conseguia pensar em nada significativo para discutir.

— Onde aprendeu suas habilidades médicas, se não se importa que pergunte?

Ela levantou o olhar do chá com curiosidade. Ele realmente estava interessado nisso? — Não tenho certeza se classificaria como habilidades. Talvez eu chame isso de experiência. Mas para responder à sua pergunta, suponho que por acidente. Minha escola de etiqueta em Washington foi transformada em um hospital improvisado e comecei a me voluntariar para ajudar os soldados feridos. Eu escrevia cartas, os alimentava ou às vezes apenas lia para eles. Eventualmente, eles precisavam de ajuda com outras coisas, e nunca havia pessoas suficientes para ajudar. — Ela contemplou seu chá. — Parecia hipócrita sentar e assistir quando eu tinha mãos capazes para ajudar. Muitos daqueles meninos pobres ainda deviam estar em casa com suas mães, mas lutavam por coisas que ainda não podiam compreender. — Ela balançou a cabeça. — Me perdoe. Fez uma pergunta simples, e eu entrei em um discurso sobre o porquê.

— Absurdo. Vai encontrar em mim a última pessoa que reclamaria sobre como ou por que ganhou suas habilidades médicas. Eu provavelmente

estaria sob o solo em Washington ou enterrado no mar se não fosse pela senhorita. — Ela corou encantadoramente. Ele podia admirar isso o dia todo. — Além disso, acho absolutamente fascinante. Eu nunca estive muito perto das mulheres, mas as que conheço ficariam histéricas com o pensamento de sangue.

— Não posso dizer que sua escolha de companhia feminina tem muito a recomendá-lo.

— Isso é um eufemismo. Eu não diria exatamente a minha *escolha*. E é uma das razões pelas quais não me opus ao exército.

— Por alguma razão me sinto obrigada a defender meu sexo! — Ela riu. — Embora eu não possa tolerar histeria ou impraticabilidade. Acho que deve haver um compromisso entre a vida no exército e as damas aristocratas.

— Espero que sim, já que agora é meu destino. Suponho que possa me esconder na propriedade e evitar todas as mulheres, embora isso não faça o meu pai feliz.

— Mulheres *Frívolas,* — ela corrigiu. — Bem, poderia colocar uma placa no portão que diria que nenhuma mulher frívola seria permitida. —

Ela riu. — Embora eu acredite que esse tipo raramente é capaz de entender dicas.

— Exatamente. — Ele suspirou. — Se descobrir como evitá-las ou detê-las, ficarei para sempre em dívida com a senhorita. — Como se já não estivesse. — Agora conhece o meu medo mais profundo - o temido Mercado de Casamento.

Ela soltou uma risada. — É assim que eles chamam? — Eles balançaram a cabeça em desgosto mútuo. — Então, para onde vai depois de Londres, se está evitando o Mercado de Casamento? — Ela perguntou como se tivesse comido um limão muito azedo.

Ele considerou a pergunta dela divertida, mas respondeu amavelmente. — Minha intenção quando saí de casa há um ano foi vender minha patente depois da campanha americana. Irei amarrar algumas pontas soltas em Londres, depois vou para casa, para ter uma vida rústica no campo por um tempo. — Ele não pôde deixar de sorrir quando pensou em sua casa. — Então, suponho que me sentarei no Parlamento. Eu tenho muitas opiniões sobre como as coisas devem ser melhoradas para me afastar completamente. — Ele riu um pouco.

— É bom ouvir isso, — ela disse baixinho.

Easton arqueou uma sobrancelha e olhou interrogativamente para ela. — O que quer dizer?

— Que é bom conhecer alguém com um senso de propósito - de fazer o bem, quero dizer.

— Acha que todos os aristocratas ingleses são vagabundos preguiçosos? Suponho que a *ton* de Londres poderia lhe dar essa impressão, certamente, mas segundos filhos devem ser produtivos ou serão pobres, —

disse ele com um brilho nos olhos, mas se inclinou para frente, como se para contar um segredo profundo. — Estamos muito mais perto das massas do que deixamos transparecer.

Ela considerou a questão pensativamente. — Não acredito que eu pensasse que todos eles eram preguiçosos. Mas confesso que minha memória da Temporada de Sarah me deixou com a impressão de que a maioria era. — Muitas de suas relações também ajudaram a formar essa opinião, mas ela decidiu não mencionar isso.

— É por isso que está relutante em ter uma temporada? Acha que nenhum de nós é digno? — Ele perguntou provocativamente, mas com uma ponta de verdade nisso. — Estamos todos sendo julgados por alguns?

Ela corou ao ouvi-lo falar de seus pensamentos de tal maneira e percebeu o quão intolerante ela parecia. — Bem milorde, quando coloca assim, soa um pouco ridículo. Mas eu espero viver uma vida que tenha significado. Eu *estava* vivendo uma vida que tinha significado. Além disso, não pretendo me fixar aqui e tenho planos para retornar à River's Bend quando for seguro novamente. Então, faz pouca diferença o que eu penso dos cavalheiros ingleses de qualquer maneira.

— Então terei que fazer minha missão mostrar à senhorita que a Inglaterra e os cavalheiros ingleses são dignos. Não podemos tê-la voltando para a América com um sentimento tão ruim sobre nós.

— Muito bem. Desejo-lhe sorte. Tentarei apreciar seus esforços. —

Ela riu. Estava grata por poder ficar mais confortável em sua presença. Se repreendeu interiormente por não lhe dar uma chance mais cedo, mas não pôde deixar de sentir que estava sendo atraída por alguma força que não podia controlar.

— Isso é tudo que posso pedir. Acho que irei gostar muito de tentar —

acrescentou ele suavemente. E as malditas covinhas estavam de volta.



OS MARES não foram tão amigáveis nos últimos dias, e eles não combinaram com Josie. Com sua acompanhante sentindo-se enjoada e sabendo que Lady Dunweather estava à espreita, Elinor preferiu ficar na cabine durante o resto da viagem. Estava feliz que Easton parecia ter parado de flertar, gostando realmente de sua companhia, estranha como era. Eles chegariam logo à Inglaterra e seguiriam caminhos separados, e poderia esquecer tudo sobre ele, ou pelo menos as sensações desconfortáveis que sua presença causava.

A dupla e seus acompanhantes acabaram chegando à Inglaterra em um dia de outono vigoroso. Easton estava se sentindo bem o suficiente para assumir o comando do transporte, pelo qual Elinor ficou grata além das palavras. Ele deixou Elinor e Josie sob os cuidados de Buffy. As damas estavam extremamente felizes de estarem em terra e andavam alegremente como se fossem seus primeiros passos, enquanto esperavam que os baús fossem descarregados.

Easton logo chegou com uma carruagem de viagem e um carrinho de bagagem organizado para o transporte das docas para Londres. Esta foi a primeira vez que Elinor viu Easton em seu uniforme completo, e o velho ditado era verdadeiro: havia certamente algo sobre um homem de uniforme. Ele havia recuperado um pouco do peso que perdera nas duas primeiras semanas de viagem, quando estava acamado e febril, e preenchia seu uniforme da maneira mais agradável possível. Mesmo o mancar não impediu seu fascínio.

Elinor estremeceu contra o frio arrepiante que parecia vir do rio Tâmisa, junto com um odor desagradável de peixe morto e lixo apodrecido. Josie decidiu ir em cima com Buffy, apesar do frio, não estando pronta para mais enjoos após seus últimos dias no mar.

Easton acomodou Elinor na carruagem e entregou-lhe uma manta para protegê-la do frio. Ele sentou no banco em frente a ela, mas suas longas pernas pareciam cercá-la, preenchendo grande parte do espaço interno. Ela ficou chocada ao descobrir que não estava com medo dele, confiava que ele não a machucaria. Ponderou isso quando ele olhou pela janela e percebeu que apesar das seis

semanas em que esteve com ele quase constantemente,

sabiam muito pouco um do outro. Estava agradecida e desapontada por terem chegado, pois se viu querendo conhecer tudo sobre ele, apesar de saber que era fútil. Ela precisava se distanciar do que nunca poderia ser.

Uma névoa espessa se instalava sobre a cidade, mas ela olhava para fora da janela de qualquer maneira, principalmente vislumbrando lâmpadas de rua e prédios antigos. Enquanto percorriam as várias áreas de Londres, os pensamentos de Elinor se voltaram para o que ela enfrentaria quando chegasse. Deveria se encontrar com sua família em Londres, depois ir para Loring Abbey para o feriado de Natal. Sua avó, a duquesa viúva de Loring, seria sua patrocinadora e a apresentaria na corte. Elinor adorava a avó, que, apesar de sua idade, era muito calorosa e amorosa, e certamente divertida. Alguns podiam chamá-la de excêntrica, exceto que era normal para uma duquesa. Elinor não pôde deixar de sorrir quando pensou em sua avó. Esperava desesperadamente que não tivesse mudado muito com a idade, mas não acreditava que tivesse baseada nas cartas e presentes regulares que recebia.

Quando finalmente chegaram à residência do duque na Audley Street, Elinor sentiu que a viagem fora rápida demais. Easton desceu primeiro, ajudou Elinor a sair e levou-a até a porta enquanto Josie e Buffy carregavam seus baús pela entrada dos criados.

— Vai entrar? — Ela ficou surpresa com a repentina sensação de melancolia que experimentava ao dizer adeus. Meu Deus, como sua opinião mudara em poucas semanas!

Ele balançou sua cabeça. — Estou ansioso para saudar meu pai. Por favor, dê meus cumprimentos à sua família. Chamarei em breve para verificar como está. — Ele pegou a mão dela e deu um beijo. Então olhou para cima timidamente e disse: — Suponho que eu não deveria ter feito isso, prometi não a beijar mais. — Ele olhou para ela de uma forma que fez a temperatura subir dentro dela.

— Na verdade, só prometeu não assaltar meus lábios sem permissão,

— brincou ela. Estava orgulhosa de si mesma por administrar aquela réplica inteligente.

Elinor virou-se para a porta preparando-se para cumprimentar sua família, que

não via há seis anos e então voltou quando Easton disse:

— Bem, acho que isso é uma espécie de adeus. As regras serão diferentes agora.

Ela assentiu. — Eu sei.

Ele pegou as mãos dela e olhou nos seus olhos. — Não sei como lhe agradecer, senhorita Abbott. Não há palavras suficientes, mas por favor, saiba que, se alguma vez precisar de alguma coisa, estou a seu serviço. —

Ele fez outra reverência, depois se virou e voltou para a carruagem.

CAPÍTULO SETE

L ***ondres***

Easton observou Elinor entrar e pensou que ficar longe dela seria quase impossível. Depois que a porta se fechou atrás de Elinor, ele bateu no teto da carruagem, sinalizando ao cocheiro para prosseguir. Observou as casas familiares passarem enquanto refletia sobre tudo o que havia acontecido desde a última vez que esteve aqui.

Tudo seria diferente agora. Seus dias no exército estavam praticamente terminados e teria que começar a aprender como ser um nobre. Ao contrário de outros irmãos, Adam nunca invejou a posição de seu irmão mais velho como herdeiro. Sentiu uma onda de tristeza por seu irmão ter ido embora e nunca ter tido a chance de dizer adeus. Pois apesar de seus caminhos serem opostos, eles tinham sido próximos. Tinha visto tanta morte no exército, que era mais doloroso saber que seu irmão fora imprudente com sua vida, ou bebendo demais ou se engajando em corridas perigosas.

Adam rapidamente se sentiu culpado por seus pensamentos sobre seu irmão, Max. Ele mesmo não era culpado por ter sido imprudente? Com suas ações, praticamente pediu ao coronel Knott para matá-lo. Se não fosse por Elinor, ele também estaria morto. Esfregou inconscientemente a perna machucada, enquanto pensava em tudo o que ela fizera por ele. Nossa, mas ela era difícil de decifrar! Durante semanas o tinha ignorado ou ficado furiosa com ele, isso quando não estava salvando sua vida. Eles pareciam ter desenvolvido uma espécie de amizade nos últimos dias, pelos quais era grato. Não tinha certeza por que tinham começado de forma tumultuada, mas esperava que isso tivesse

passado. Desejou que pudesse ser o único a lhe mostrar a cidade e ajudá-la a conhecer as partes boas da vida aqui, mas isso seria muito arriscado para sua reputação. Esperava que alguém da sua família fosse receptivo, já que ela não era o modelo da típica debutante inglesa que esperavam.

A carruagem parou em frente à casa de sua família em Londres e Easton rezou para que seu pai estivesse na cidade. Não via o pai desde antes da morte de Max, mas tinha negócios na cidade para atender antes de poder

partir para o campo. Subiu os degraus e o mordomo de longa data, Hendricks, abriu a porta para ele antes que pudesse bater.

— Hendricks. — Sorriu tirando o chapéu e o entregando.

— Milorde. Está bem? Sua chegada é inesperada, mas muito bem-vinda.

— Obrigado Hendricks. É bom estar em casa. Fui ferido, mas como pode ver estou relativamente intacto. — Se virou para tirar o casaco.

— Gostaria de dizer o quanto estou aliviado por tê-lo em casa — disse Hendricks nervoso.

Easton se virou ao notar o tom preocupado na voz do mordomo. — Há algo de errado, Hendricks?

O mordomo hesitou e depois disse: — O conde não está bem.

O coração de Easton despencou para as botas. — Está aqui, eu presumo? — Hendricks não estaria em Londres se o conde não estivesse. O

mordomo assentiu. — Está muito doente?

— É difícil dizer, milorde. — Hendricks suspirou, desconfortável sendo o portador de más notícias. Easton insistiu fazendo gestos com as mãos, ansioso para ouvir o estado de seu pai.

— O médico diz que tem tido crises apopléticas e elas estão se tornando mais frequentes. Algumas delas foram muito severas, deixando-o fraco e com dificuldade em falar. Ele não tem sido o mesmo desde que seu irmão... — Hendricks parou, incapaz de falar da perda do outro filho.

Easton assentiu. — Irei vê-lo agora. Obrigado, Hendricks. — Se virou e foi até o quarto do pai, o temor crescendo a cada passo. Bateu levemente na porta e a abriu silenciosamente quando não houve resposta.

Easton entrou na câmara escura e deixou os olhos se ajustarem. Espiou seu pai na cama grande e sentiu sua garganta apertar quando notou o quão frágil seu pai estava. Conseguiu controlar sua emoção e caminhou em silêncio em direção à cama.

— Adam? — O Conde estendeu a mão e pegou a de Easton.

— Sim, pai. Sou eu. — Apertou amorosamente a mão do pai. Ele abriu os olhos e sorriu. Embora o sorriso fosse torto, Easton ficou aliviado ao ver que a aflição não afetara o comportamento agradável de seu pai. Se inclinou e abraçou o pai o melhor que pôde.

— Sente-se, filho. Temos muito o que conversar. — As palavras do conde eram arrastadas, mas compreensíveis.



Easton sentou na cama ao lado de seu pai. — Como está, pai? Hendricks disse que teve algumas crises — disse suavemente, tentando não fazer da doença de seu pai um problema, sabendo que iria afetar o orgulho de seu pai.

— Estão todos fazendo com que pareça mais do que é, embora eu diga, com o que aconteceu com Max e tendo essas crises me tirado as forças, percebo como a vida é curta. Sabemos em nossa mente que somos mortais, mas até perdermos algo que amamos, não sabemos disso em nosso coração.

Easton acenou com a cabeça. Entendia. Durante a guerra, alguns de seus melhores amigos estavam com ele no café da manhã e não estavam mais para o jantar. A parte mais difícil de tudo era não ficar entorpecido a tudo ao seu redor. Percebeu que estava perdido em pensamentos quando ouviu o pai falar.

— Diga-me por que voltou antes para casa, meu filho.

Easton começou a informá-lo do ocorrido, deixando de fora apenas os detalhes necessários sobre a retaliação do coronel Knott. Debateu sobre o quanto revelar a seu pai, mas ele parecia ainda ter sua inteligência intacta e saberia, mais cedo ou mais tarde. O conde era um dos homens mais bem relacionados da cidade, e Easton não tinha dúvidas de que saberia sobre o que acontecia na guerra mais recente, se possível. Respeitava demais o pai para pensar em mentir para ele.

Easton também tentou contornar o quão perto da morte ele realmente esteve, mas não queria minorar o quanto Elinor havia feito por ele. O conde sentou-se e ouviu atentamente o relato de Easton sem interromper, embora Easton pudesse vê-lo tentando conter a emoção quando lhe disse que ela havia retirado a bala e tratado sua infecção. Quando Easton terminou seu relato, o conde o chocou dizendo apenas: — Por favor, traga Elinor para me visitar em breve.

ELINOR OBSERVOU Easton subir na carruagem e se sentiu abandonada e sozinha quando virou e se viu presa em uma indesejada sensação de reminiscência. Estava no limiar de uma grande mansão de pedra. A fachada

palaciana permanecia inalterada desde seu último dia na Inglaterra, seis anos atrás. Lutou contra o desejo de correr atrás de Easton e implorar para ele não a deixar aqui. Lembrou a si mesma que não era mais uma adolescente ingênua e que tinha que enfrentar seus demônios. Respirou fundo, depois levou a mão até a aldrava e bateu.

Barnes, o mordomo, abriu a porta, olhou com curiosidade para a mulher malvestida e se perguntou por que ela não usara a entrada dos criados, embora estivesse muito bem treinado para mostrá-lo. Elinor notou sua ligeira hesitação e tomou o assunto em suas próprias mãos: — Suponho que a família não está à minha espera? Barnes, certo? — O mordomo aturdido hesitou, por isso Elinor avançou ao grande saguão de mármore na entrada da casa do duque de Loring. Sentiu uma onda de emoção engoli-la. Estava mentalmente e fisicamente esgotada das últimas semanas, e estar ali trouxe à tona tudo o que queria manter fechado para sempre. Tudo aconteceu tão rápido que, de alguma forma, sentiu que estava sonhando, que acordaria e voltaria à América. Não lhe ocorrera como devia estar desgrenhada e cansada, para não mencionar o quão suja, da viagem.

Chocado com o uso de seu nome, Barnes deu outra olhada, o espanto visível em seu rosto. — Senhorita Elinor? É a senhorita mesmo?

— Sim, e eu esperava que minha chegada não tivesse sido uma surpresa, pois me pareceu que papai e vovó estiveram planejando a minha visita há algum tempo. — Sorriu e entregou-lhe o chapéu e a peliça.

— Sim, senhorita Elinor, essa era a esperança, mas não sabíamos quando chegaria. Estão todos crescidos. — Ele estava obviamente envergonhado por não a reconhecer.

— Tem alguém na residência, ou estão em Loring Abbey? Papai pensou que eu deveria encontrar a família aqui. — Olhou em volta, notando que o gosto ostensivo da duquesa não havia mudado.

— Estão na sala de jantar — disse ele balançando a cabeça em direção a sala.

— Bem, não irei interrompê-los, Barnes. Seria ótimo se pudesse indicar meu quarto, para que possa tomar um banho e que me levassem uma bandeja.

— Certamente. Vou chamar a Sra. Brown para acompanha-la ao seu quarto. — Ele mandou um lacaio buscar a criada.

— É bom tê-la de volta, senhorita Elinor. Eles estão preocupados com a senhorita. — *Eles* significam sua avó. Elinor sorriu por dentro ao ver a

pequena fenda no mordomo normalmente reservado.

— Obrigada, Barnes. É maravilhoso vê-lo novamente. — E deu um sorriso encantador quando a Sra. Brown entrou para cumprimentá-la.

— Senhorita Elly! Deixe-me dar uma boa olhada na senhorita! — A velha babá, agora governanta de casa, sabia exatamente quem ela era. A Sra. Brown deu-lhe um grande abraço, depois estendeu as mãos e examinou-a da cabeça aos pés. — Oh, como se parece com Lady Elizabeth!

É melhor tomar banho e tirar essas roupas antes que os outros a vejam! —

A Sra. Brown se virou e começou a apressar Elinor a subir a escada, mas vozes vieram pelo corredor em direção a eles.

— Barnes, quem está aí? O que é essa comoção? — A duquesa olhou para a entrada e viu uma mulher aparentemente questionável em Elinor. Levantou a

mão para impedir que Barnes respondesse e prontamente se colocou onde pudesse bloquear a visão de Elinor de seus convidados. Apressou o grupo de damas para a sala de estar, sussurrou algo para alguém, em seguida, fechou a porta atrás deles para vir e ver quem estava em sua casa.

— Qual é o significado disso, Barnes? — A Duquesa gesticulou com as mãos para cima e para baixo, para a criatura parecida com uma governanta e coberta de terra à sua frente.

Elinor queria rir da visão na frente dela. *Mal*. Aparentemente, sua prática musselina azul marinho não era apreciada como moda. — Tia Wilhelmina, que bom vê-la de novo. — Elinor disse, levantando de uma profunda reverência.

Barnes conhecia esse olhar. Ele correu para pegar a Duquesa antes que ela desmaiasse e conduziu-a para a saleta próxima. — Pedirei que tragam seus sais. — A Sra. Brown falou atrás dele sem a mínima preocupação.

Elinor olhou para a sra. Brown e encolheu os ombros. — Suponho que ela está feliz em me ver? — Era uma pergunta retórica. A Sra. Brown começou a puxar Elinor para as escadas, mas ela hesitou. — Não acha que devemos dar uma olhada nela?

— Ela ficará bem. Acontece pelo menos uma vez por dia — a governanta gorducha disse sem dar outra olhada.

— Deve ser delicioso. — Elinor não esperava uma resposta. — Vovó está aqui?

— Ela pediu uma bandeja em seu quarto.

— Oh, ela não está doente, está? — Elinor esperava desesperadamente que não. Não poderia sobreviver ali sem o apoio de sua avó.

A governanta riu. — Ela ainda é saudável como um cavalo. Só não desejava a companhia de hoje à noite.

— Gostaria de ir cumprimentá-la antes do meu banho. — Continuaram subindo as escadas. Elinor estava determinada a afastar o passado e não o deixar superá-la. Notou o batimento cardíaco aumentar e sentiu algumas gotas de suor na testa enquanto subia as escadas e caminhava pelo corredor que havia sido o último caminho para sua tortura. Mas Elinor ficou tão animada para ver a avó que seus

pés mal tocavam o chão. Bateu na porta da avó e ouviu: — Entre!

Elinor entrou no quarto e ficou ali esperando que a avó levantasse os olhos da leitura. Ela envelhecera muito em seis anos, mas ainda era extremamente bonita. Ela falou sem levantar os olhos da página. — Deixe-o sobre a mesa, Hanson. — Ela acenou com a mão para indicar sem olhar para cima. — Este livro é bom demais para ser descartado, a menos que seja urgente. — Hanson era a criada da viúva.

— Isso depende se considerar uma viajante cansada da América urgente ... — Sua voz sumiu quando viu a realidade atingir o rosto de sua avó. A velha senhora pulou da cadeira mais depressa do que a própria Elinor e abraçou-a como a neta há muito perdida que era. Depois que ela teve o suficiente, empurrou Elinor para o comprimento do braço para olhar para ela. Então foi até a penteadeira, pegou um pano e limpou o rosto de Elinor.

— Estou tão horrível, vovó? Tia Wilhelmina desmaiou. — Ela riu. —

Resolvi vir vê-la antes de um banho.

— Essa fofoqueira não desmaiou por causa da sujeira ou do seu vestido surrado. — A viúva disse.

Elinor ficou perplexa. — Fiz algo de errado? Além do meu vestido surrado, é claro!

— Olhe no espelho, querida. Mesmo vestida como uma governanta, colocará Beatrice na sombra. Ela não recebeu uma oferta nesta temporada, agora o orgulho da sua tia Willy ficará ferido por certo. Obrigado querida! A vida acabou sendo muito mais excitante! — Ela esfregou as mãos enrugadas juntas em antecipação.

— Oh. Não sabia que Beatrice já tinha feito sua apresentação. — Isso era tudo de que ela precisava. Pensava que estaria desfrutando da



companhia da prima durante isso tudo, e sua tia e avó montavam uma competição. Uma criada bateu na porta para fazer Elinor saber que seu banho estava pronto.

— Vá e descanse, querida. Vamos nos encontrar amanhã de manhã. —

Elinor deu a sua avó outro grande abraço e saiu para o refúgio luxuoso de um banho.

Não conseguia se lembrar de ter aproveitado mais um banho. Tinha sido um longo mês se lavando apenas com um pano e uma pequena bacia, a água doce era preciosa demais para ser desperdiçada em banhos. Ficou na água até que estivesse muito fria, e então vestiu uma camisola de flanela macia, arrastou-se para a cama e mal conseguiu se colocar sob a colcha antes de cair em um sono profundo.

ELINOR DORMIU MAIS do que nunca. Quando acordou, demorou um pouco para perceber onde estava, aconchegada em uma luxuosa cama de dossel em um quarto com um fogo quente e cortinas rosa de veludo penduradas do teto ao chão. Começava a se lembrar de que estava na casa do tio Robert em Londres, quando uma criada espiou por trás da grande porta de madeira para ver como ela estava. Ela entrou e fez uma reverência, e então, humildemente, declarou que Grace gostaria que Elinor tomasse café da manhã com ela no quarto quando estivesse vestida. Elinor esfregou os olhos, espreguiçou-se e relutantemente retirou as cobertas. Desceu e foi até a bacia para jogar água no rosto para acordar.

— Me pediram para ajudá-la a se vestir e levá-la até sua graça.

Elinor assentiu e permitiu que a criada a vestisse e prendesse seu cabelo, imaginando onde Josie estava. Uma musselina azul-claro havia sido selecionada para ela, e após debater com vários argumentos decidiu contra. Depois de estar pronta, foi conduzida pelo corredor até os aposentos da avó.

— Bom dia, vovó. — Elinor se inclinou, beijou sua avó na bochecha e se sentou ao lado dela. Uma xícara de chocolate e pão doce estava esperando por ela.

— Já acompanhando o horário de Londres, pelo que vejo. — Ela riu enquanto Elinor tomava lentamente sua bebida. — Infelizmente, temos um dia agitado. Odeio apressá-la em sua primeira manhã, mas temos mais trabalho a fazer do

que eu esperava. — Não trouxe nenhum dos vestidos que lhe enviei? — Perguntou ela, olhando por cima da toalete de Elinor. Sorriu com amor, e Elinor notou as linhas profundas gravadas no rosto de sua avó e que seu cabelo tinha ficado completamente prateado. Ela ainda era extremamente bonita, mas Elinor sentiu uma pontada no coração por ter perdido todos aqueles anos sem ela.

Elinor assentiu e abriu a boca para protestar, mas sua avó levantou a mão. — Antes de se tornar provinciana para mim, senhorita, suas objeções estão devidamente anotadas, mas recusadas. Esperei seis anos por esta temporada e pretendo aproveitá-la. Não gostei da de Bea ou Sarah, elas eram mimadas estraga-prazeres, mas irei aproveitar a sua. Fará a vontade dessa velha, não é?

Elinor suspirou, mas não pôde negar a sua avó. — Enquanto estiver dentro da razão, tentarei.

Satisfeita, a avó olhou para Elly e disse: — Bem, depressa então! Tomei a liberdade de agendar compromissos com o modista e coiffeur! E também devemos ir à Bond Street para gorros, luvas, sapatilhas e o resto. Também enviei uma nota para a rainha para sua apresentação. Deve ser apresentada na corte para poder sair oficialmente, sabe. Trouxe alguma joia da sua mãe?

— Só as pérolas, vovó. Sarah tem seus diamantes. — Elinor quis rastejar de volta para cama e ainda não estava acordada nem há uma hora.

— Não importa, eu tenho o suficiente para compartilhar. — Elinor conteve um gemido, imaginando estar amarrada como o ganso no Natal.

Ao recolherem as toucas e os lenços para irem à modista, ouviram a prima, lady Beatrice, e a tia na sala da manhã discutindo sobre ela. A viúva ergueu o dedo aos lábios para poder ouvir.

— Deveria ter visto o vestido dela! Ora, eu não teria minha criada apanhada naquele traje. Ela não está apta para a sociedade. Eu sabia que deixar Charles arrastá-la para as colônias seria um erro!

— Mamãe, não pode esperar que eu a leve por toda a cidade. Não vou deixar ela arruinar minhas chances. Pense em como vão rir de mim se eu for vista com ela! Não farei isso! — Elinor podia imaginar Beatrice batendo os pés como quando criança. Estavam juntas como quando crianças, mas eram

completamente opostas agora, e Elinor temia que nada tivesse mudado a esse respeito pelos sons das coisas.

— Claro que não, querida. Só espero que possamos impedir que a família seja desonrada.

Uma sensação de pavor superou Elinor. Como se atreviam! Elas achavam que queria estar ali ou ser como elas? Decidiu desapontá-los sendo tão graciosa quanto podia, lembrando sua mãe e Sarah. Ela olhou para a avó e a viúva revirou os olhos. Elinor não lhes daria mais razão para menosprezá-la.

— Bem, querida, vamos acabar com isso. — Sua avó lhe deu um leve empurrão.

— Bom dia, Willy, Bea. — A viúva entrou irreverentemente na sala. Elinor viu sua tia fazer uma careta ao nome predileto da viúva para ela. Teve que lutar contra uma risada.

Elinor levantou o queixo e deslizou para a sala atrás da avó com um sorriso doce no rosto. — Tia, espero que esteja se sentindo melhor esta manhã? Me desculpe por tê-la surpreendido ontem à noite.

Sua tia tinha se recomposto desde o choque da noite anterior, mas ainda não estava satisfeita, já que Elinor podia se sentir examinada da cabeça aos pés. Sua voz era fria, com indiferença. — Elinor, estamos felizes que possa se juntar a nós. Por favor, perdoe meu pequeno episódio ontem à noite. Me atacam nos momentos mais estranhos.

— Mais provável ser conveniente — a viúva murmurou.

— E Beatrice! Como está linda! Tenho certeza de que deve ter dezenas de pretendentes. — Elinor havia se voltado para a prima que a avaliava com desdém. Elinor esperava que Deus não fosse abatê-la por sua lisonja ridícula.

Surpreendida por esse charme, Beatrice olhou com curiosidade para a mãe. — Obrigada, Elinor. Mudou muito desde que a vimos — disse Beatrice sem calor em sua resposta educada demais. Beatrice olhou Elinor de cima a baixo, obviamente desaprovando seu vestido, mas não tinha certeza se era tão malcomportado ou surrado quanto a mãe pensara. Elinor certamente era bonita e isso não deixava Beatrice feliz.

Elinor estava farta de ser examinada.

A viúva tinha tido o suficiente da hipocrisia artificial daquele nora-fofoqueira e de sua neta. — Bem, moças, podem recuperar o atraso depois. A levarei às compras para refrescar seu guarda-roupa.



— Sim, uma modista nos Estados não é o mesmo. Preferem a funcionalidade e o recato.

Abafando completamente o sarcasmo, Elinor e a viúva deixaram Beatrice e a duquesa pensando que o encontro correu bem.

ELINOR TINHA MUITO pouca lembrança de Londres, tendo passado a maior parte de sua infância na propriedade rural em Sussex. Seus sentidos estavam sobrecarregados quando inspecionou seus arredores. O barulho constante, os cheiros nocivos, o nevoeiro fuliginoso, a multidão, competiam para esmagar sua sanidade. Ela nunca tinha experimentado nada parecido. Os extremos de riqueza e pobreza de uma área para a outra estavam contribuindo para o seu choque cultural. Queria correr o mais longe que pudesse e ficar sozinha por horas. Mas, infelizmente, a carruagem parou quando chegaram ao primeiro compromisso.

Elinor tentou imaginar lugares para onde poderia fugir enquanto suportava o tempo com a modista exclusiva. Madame Bissette não tinha escrúpulos em limpar seu calendário para a ilustre viúva e sua neta, a qual esperava que desse a ela prestígio e material para fofocar.

Elinor ficou de pé como um manequim enquanto Madame levava tecido após tecido para cobri-la, proferindo "*magnifique*" a cada peça selecionada, claramente satisfeita com sua genialidade. A assistente mediu, imobilizou e fez moldes. Depois de expressar algumas opiniões sem qualquer resposta, Elinor percebeu que ela claramente não era a atriz principal nesta cena, apenas um adereço. Encontrou-se duramente pressionada para pensar em qualquer outra coisa que não gostasse mais do que de ser incomodada. Finalmente colocou o pé para baixo quando chegou a vez dos numerosos babados, cordões e fitas. Não

achou que eram necessários para mostrar seus atrativos, sem mencionar que suas ideias sobre modéstia eram muito diferentes das dela. A viúva e Madame mantiveram as cabeças juntas sobre os livros de modelos. Eventualmente, Elinor foi liberada, mas não antes de ter que trocar seu prático vestido por um já pronto em um estilo mais moderno até para os padrões de Londres.

Depois de encomendar vestidos para a manhã, trajes para caminhar, para viagem, trajes de montaria e vestidos de baile, foi coagida a ir até a chapelaria adquirir vários novos chapéus para acompanharem os numerosos vestidos encomendados. Elinor não aguentava mais e insistiu em ir para casa antes de cair em um areeiro.

— Chega, vovó! Certamente Josie pode ir com Hanson para pegar o resto — disse sem qualquer tom de raiva quando voltaram para a carruagem. A viúva a olhou cética.

— Suponho esteja cansada, Elinor. Acho que a forcei o suficiente para o seu primeiro dia.

— Confesso que estou com saudade de casa. Não consigo ver razão para todo esse alarido.

— Iremos para Abbey daqui a algumas semanas para o Natal, e sentirá mais em casa lá. Tente segurar um pouco mais. É tão antinatural em ser uma moça que teme bailes e festas?

— Papai perguntou a mesma coisa. Suponho que sou, vovó. Não sonho com bailes e vestidos. Prefiro ambientes sociais menores e mais íntimos, e estava realmente feliz em River's Bend.

— Como assim? Deixou um namorado para trás? — Perguntou curiosa.

— Nenhum que estivesse interessada dessa forma. — *Vamos esclarecer esses pensamentos logo.*

— Então deixou corações partidos. — A Viúva assentiu como se fosse exatamente como suspeitava.

— Espero que não. Não pretendia magoar ninguém, mas não me interessava por nenhum deles. — Elinor se atrapalhou com os botões de sua capa, desejando ter

qualquer outra conversa e não essa.

— Oh céus. Será que é muito exigente? — A viúva avaliou isso com um olhar preocupado.

— Simplesmente não estou interessada em casamento. — *Devia dizer a ela que me sinto mal quando os homens se aproximam?*

— Absurdo. Está feliz agora, mas seu pai está muito preocupado em encontrar o marido adequado. Ele não está ficando mais jovem e expressou sua preocupação crescente em suas últimas cartas.

— Expressou? Eu não sabia disso. Pensei que ele estava feliz comigo lá. Pensei que ele precisava de mim. Quem cuidará dele? — Elinor sentiu-se desanimada por sua ignorância sobre os sentimentos de seu pai e pelo

pensamento de que poderia realmente ter de se casar. Certamente eles não a obrigariam.

A viúva acenou com a mão rejeitando. — Criança boba! Não tem nada a ver com isso. Nós, pessoas de idade, começamos a sentir nossa mortalidade e queremos ver as coisas em ordem para aqueles que deixaremos para trás. Isso é tudo o que ele quis dizer com isso; sabe que ele ama tê-la por lá. Ele sente que foi egoísta a mantendo para si mesmo por tanto tempo. Eu, no entanto, não me importaria em ter outro neto para saltar no meu joelho.

— Tentarei um pouco mais se isso irá agradá-lo — disse Elinor resignada, pensamentos preocupados rodando em sua cabeça. — Ele nunca mencionou que queria que eu encontrasse alguém, só que apreciarei o homem certo quando o encontrar. — Bem, pelo menos tentaria parecer como se estivesse tentando, como Josie sugeriu.

— Sabe que só queremos a sua felicidade e nunca a forçaríamos a casar. Será bem cuidada, independentemente disso. Agora me conte mais sobre River's Bend e sua viagem, e por que seu pai não veio me cumprimentar.

Elinor percebeu que não contara à avó sobre seu companheiro de viagem. Não que houvesse tido muito tempo para isso. Decidiu que seria melhor lhe contar agora do que esperar que Lady Dunweather a surpreendesse com isso. — Foi *interessante*. O afilhado de papai foi ferido e forçado a fazer a viagem comigo.

Papai teve que ir diretamente para Ghent.

— Lorde Easton?

— Não, Major Easton.

— Entendo. Eles são um e o mesmo. Seu irmão mais velho, Max, foi morto cerca de um ano atrás, e assim o major Easton tornou-se visconde de Easton, embora não demore muito até que se torne o conde. A saúde de seu pai é muito deficiente.

— É um lorde? Ele nunca mencionou isso. — Elinor não ficou tão feliz com as notícias, por algum motivo. Não que ele tenha tentado esconder alguma coisa; ele, sem dúvida, assumiu que ela sabia tudo sobre ele. Mas ele havia falado de segundos filhos.

— Ele provavelmente assumiu que lembrasse que ele era o filho de um conde. Suponho que deveríamos adicionar *o Peerage de Debrett* à sua lista crescente de coisas para revisar. Ele a acompanhou? Por favor, me diga que

Wilhelmina não sabe que viajou com ele sem acompanhante! — Elinor balançou a cabeça. — Suponho que ele estivesse ansioso para chegar em casa ou para proteger sua reputação. — A duquesa assentiu em aprovação.

— Era muito tarde depois de uma longa jornada. Ele disse que estava ansioso para cumprimentar seu pai. Enviou seus cumprimentos, embora tenha mencionado manter distância na cidade.

— Tenho certeza de que o veremos em breve. A sociedade é bastante escassa aqui agora. Que pena que Andrew ainda esteja com Wellington no continente.

— Mas Easton detesta o mercado de casamento — disse duvidando que o visse.

— Não detestam todos? Mas o conde o pressionará por um neto. É

melhor não mencionar sua recente amizade com Easton, especialmente com sua tia ou Bea. — A Viúva pensou que Elinor não tinha ideia de que seria considerada comprometida se a notícia vazasse . Embora não pudesse pensar em um partido melhor para Elinor, não queria que isso acontecesse por escândalo, a menos que fosse necessário. Ela se rebaixaria a isso, no entanto, para manter sua

neta na Inglaterra.

— Me pergunto quando ele descobriu sobre seu irmão. Não acho que ele ficará muito feliz em ouvir que seu pai quer netos dele. Eu não teria coragem de casar se descobrisse que Andrew ou Sarah haviam morrido. E

como está Sarah?

— Aumentando. Novamente. Espero que a veja no Natal.

— Oh meu Deus, mal posso esperar! — A viúva a ignorou e já estava com as rodas girando para colocar Easton e Elinor juntos, mas sabia que, se pressionasse com muita força, Elinor correria para o outro lado. Então planejava para si mesma, embora já tivesse a sensação de que sabia como tudo iria acontecer.

— O tempo dirá o que Easton fará. Vamos tomar chá e prepará-la para a sua primeira noite na cidade. O cabeleireiro deverá estar aqui em breve.

— Sua avó esfregou as mãos em uma antecipação vertiginosa. Elinor se preparou para a batalha.

O cabeleireiro, Monsieur DuPont, estava esperando por elas quando voltaram para a casa. Elinor terá dado boas-vindas ao alívio de um cochilo ou chá, mas em vez disso se viu implorando para manter seu cabelo.

Eventualmente, Monsieur ficou do lado de Elinor. Ele realmente a ouviu quanto a não querer que seu cabelo fosse cortado. E por que todos aqui

eram franceses? Ou fingindo ser? A viúva queria ser ousada, mas Elinor queria manter seus longos cachos enrolados. Sua mãe sempre lhe dissera que seu cabelo era parte de sua beleza, e que tinha que ficar com eles. No entanto, ela recusou os penteados encaracolados, que eram tão artificiais em sua opinião, para um look *au naturel* que a fazia se sentir à vontade. Mal sabia ela que se destacaria mais por esse motivo. Monsieur puxou o cabelo para trás com pentes de diamante, permitindo que alguns fios se agitassem em seu rosto e as ondas caíssem naturalmente do alto. — Original, *n'est-ce pas*? — Declarou, admirando seu trabalho.

CAPÍTULO OITO

Easton se serviu de uma bebida e afundou na poltrona confortável junto ao fogo. O tempo úmido e frio estava afetando suas feridas mais do que gostaria de admitir. O dia havia sido exaustivo, e era só meio da tarde. Nada estava indo como planejado. Havia parado no Ministério da Guerra para renunciar à sua comissão, mas foi informado de que levariam isso em consideração assim que a guerra terminasse. Foi considerado em licença para se recuperar de seus ferimentos. Enquanto pensava em enxaguar as dores num banho quente, Hendricks entrou para anunciar um visitante.

— Major Abbott para vê-lo, milorde.

— Andrew? — Easton se levantou e se aproximou para cumprimentar seu melhor amigo.

— Adam! — Eles trocaram apertos de mão e um tapinha fraternal nas costas. Easton estremeceu quando Andrew atingiu sua lesão ainda dolorosa.

— O que está fazendo aqui? Será que Old Hookey realmente permitiu que se afastasse a mais de um quilômetro de distância, ou ele está aqui também? — Easton fingiu estar procurando por seu comandante, o general Wellington. Andrew era um grande favorito do famoso general.

— Muito engraçado. Papai chegou ontem de Ghent e me mandou imediatamente para ver a Elinor.

— Ele fez um excelente tempo, pois nós só chegamos ontem. —

Gesticulou para Andrew sentar e foi buscar uma bebida para eles. Se encolheu quando claramente mancou, sabendo que não escaparia do olho de seu amigo. Andrew notou, mas não disse nada. — Então viu sua irmã, certo?

— Estou indo para lá, mas vim buscá-lo primeiro — Andrew disse em sua maneira habitualmente despretensiosa.

A cabeça de Easton disparou com aquela declaração. Tantos pensamentos giravam em sua mente naquele momento, o principal era: será que Andrew exigiria que Adam fizesse uma proposta para ela?

Andrew viu a consternação de seu amigo e riu. — Relaxe, bobo. Simplesmente não quero suportar sozinho todas as minhas parentes

femininas. Vernon e Fairmont estão voltando e deverão estar lá também. Pensei que poderia querer participar da reunião.

Easton relaxou visivelmente. Adoraria estar reunido com todos os seus amigos, mas isso não seria sensato. Certamente, Andrew havia sido informado sobre sua situação com Elinor. Lutava com a ideia. Estava tentado a ir, mas sabia que quanto mais interagisse com Elinor, mais provável que sua situação se tornasse conhecida.

Como se estivesse lendo sua mente, Andrew explicou: — Sim, meu pai me contou sobre sua situação. Knott foi um maldito incômodo. Mas o que está feito está feito.

Easton riu apesar da situação. Andrew sempre foi pragmático. — E a sua irmã?

— Não estou preocupado. Sei que não faria nada de errado. Além disso, foi ferido. — Andrew virou o conteúdo de sua bebida e se levantou para sair. Easton não devia ficar surpreso por seu amigo ser tão confiante, e se perguntou como Andrew se sentiria se soubesse os verdadeiros pensamentos de Easton sobre a Pequena Elly. — Virei buscá-lo às oito. —

Antes que Easton pudesse protestar, Andrew saiu pela porta.

O JANTAR nessa noite seria íntimo, um assunto de família. Elinor se vestiu novamente com a seda verde-pálida de cintura alta com fitas creme que cruzavam o corpete. Usara o mesmo vestido quando conhecera Easton, mas não o veria, pelo menos em breve. Todos sabiam que os homens não notavam essas coisas de qualquer maneira. Que bobagem dela pensar que ele se lembraria daquela noite assim como ela. Estava completamente inconsciente de que não se reutilizava vestidos na alta *sociedade*.

Desceu as escadas nervosa, esperando não esbarrar com *ele.* Não tinha ouvido falar de seu agressor desde a sua chegada. No entanto, ela começou a correr quando ouviu a voz de Andrew, todo nervosismo substituído por excitação. Ela entrou na sala de visitas, seus olhos procurando pela reunião surpreendentemente

grande, e então a conversa parou e todos se viraram para ela. Seus olhos finalmente encontraram seu irmão Andrew no meio do

mar de fardas, e ela imediatamente correu para o tão esperado abraço de seu querido irmão. Depois que alguém clareou a garganta, se tornou consciente da festa reunida e decidiu se afastar de Andrew.

— Não posso acreditar que está realmente aqui! — Ela ignorou os murmúrios de sua tia e prima sobre maneiras coloniais atrozes.

— Elly! Duvido que poderia reconhecê-la na rua! — Observou a imagem de sua irmãzinha agora crescida e incrivelmente linda. —

Encontrei nosso pai em Ghent e ele me enviou diretamente para verificá-la, com a bênção de Wellington, é claro. Não me avisou que eu teria que ser seu guarda-costas! — Balançou a cabeça, incrédulo, e depois se lembrou da audiência. Elinor quase engasgou com a ironia daquela afirmação. —

Deixe-me apresentá-la a alguns de nossos conhecidos que pode não reconhecer. — Pegou seu cotovelo e levou-a para um grupo de cavalheiros. Imediatamente, ela focou os olhos em Easton e seu coração deu um pulo. Por que ele estava aqui?

— Elinor, este é Lorde Easton, o afilhado do papai. Tenho certeza que se lembra de Adam. — Deu a ela um olhar de conhecimento. Ela fez uma reverência graciosa.

—

Sim,

eu

me

lembro.

Lamento

saber

da

sua

perda, *Lorde* Easton. Deve ter sido um grande choque. — Ela não pôde evitar. Por que deveria se importar que ele não lhe dissesse que seu irmão havia morrido e agora ele era um nobre?

Ele olhou para ela com tristeza que rapidamente disfarçou, pegou sua mão e beijou-a levemente. — Obrigado, senhorita Abbott. Parece...

— Como uma moleca reformada? — Deu um sorriso precoce e depois se virou para cumprimentar os outros antes que ele pudesse responder.

— E nosso primo Rhys, lorde Vernon. Elinor. — Estendeu a mão para um homem elegante, não tão alto quanto Easton ou Andrew, mas vestido impecavelmente, com uma cabeça fina de cabelo castanho ondulado e olhos castanhos chocolate. Sim, ela se lembrava de seu primo, ele era um parente distante.

— Andrew, seu malvado diabo. Não mencionou que nossa pequena Elly se transformou em um diamante! — Cutucou seu primo, brincando com ele.

Andrew resmungou que não precisava saber das implicações. —

Parece que fizemos a descoberta juntos. Minha Elly sempre teve o hábito de cavalgar, com cabelos selvagens e um bronzeado. A turma de melhores

amigos riu ao recordar a jovem ousada que costumavam aterrorizar quando eram pequenos. — Imagino que ainda seja temperamental pelo modo como a vejo me encarando!

Ela lhe deu um soco de brincadeira no braço, corando adoravelmente de vergonha, e então notou sua prima Beatrice furiosa do outro lado da sala. — Chega de bobagem! Estou muito contente de ver todos novamente, mas vamos acabar com esse absurdo, ou nunca poderei levá-los a sério.

Como quiser, senhorita Abbott. Posso acompanhá-la ao jantar antes que alguém a roube? — Lorde Vernon ofereceu o braço, mas tia Wilhelmina não tinha intenção de deixar que Elinor pegasse um dos pretendentes de Beatrice.

A duquesa interveio diante de toda a atenção. — Ora, Ora, Vernon. Não pode interferir com a ordem correta das coisas, ou vai confundir nossa hóspede *colonial*. Deve acompanhar lady Beatrice. —

Beatrice se colocou possessivamente no braço dele, com um olhar de advertência por cima do ombro para Elinor, para indicar que ele não estava disponível.

Vernon aceitou como um cavalheiro, lançou a Elinor um olhar de desculpas e saiu para flertar e homenagear Beatrice. Beatrice lançou seu sorriso coquete em Vernon e olhou para Elinor, esperando rebaixá-la: —

Fico feliz em ver que está fazendo bom proveito do meu antigo vestido, prima Elinor.

Imperturbável e inconsciente da intenção maliciosa, Elinor respondeu:

— Foi muito gentil de sua parte emprestá-lo à minha causa, Bea.

A viúva fingiu sussurrar, dizendo alto o suficiente para que todos ouvissem, que Beatrice fizera a todos um favor dando-o a Elinor. Então fingiu estar aborrecida com Andrew. — Vai ignorar a sua avó a noite toda?

— Andrew sorriu para ela diabolicamente, então passou a adorá-la como se ela fosse trinta anos mais jovem. — Sabe que eu sempre guardo o melhor para o final, vovó. — Eles riram juntos enquanto ele a levava para a sala de jantar.

Elinor se virou e encontrou Easton a observando, o que a agradou mais do que queria admitir. Ela levantou um pouco um ombro questionando, em seguida, pegou o braço que ele ofereceu galantemente. — Sinto muito, eu não sabia sobre o seu irmão.

— Não teria feito nenhuma diferença. Eu mesmo só descobri recentemente. Ainda estou tentando aceitar as mudanças. — Ele acenou

com a mão como se fosse rejeitar o assunto.

— Está indo bem? Não esperava vê-lo aqui. Pensei que fosse manter a distância.

Ele deu de ombros. — Andrew me arrastou de casa. Ele disse que era apenas uma pequena reunião de família. — Deu de ombros mais uma vez. — Eu

também precisava lhe falar.

— Oh? — Ela olhou para ele com desconfiança, esperando.

— Há alguém que gostaria de vê-la antes que sua agenda esteja cheia demais. Parece que terei que fazer anotações pelo seu tempo, senhorita Abbott, se esta noite for algo para julgar.

— Não seja absurdo. Sempre haverá tempo para o afilhado de papai —

ela cutucou.

— Sei qual é meu lugar, — disse ele de brincadeira. — Se não encontrassem muita dificuldade a senhorita e Andrew poderiam nos visitar na Grosvenor Square amanhã? — A olhou interrogativamente.

— Quem gostaria que eu visse, lorde Easton? — Ela estava muito curiosa.

— Por favor, pare de me chamar de lorde. Não consigo pensar em mim mesmo como tal. Ainda acho difícil ser chamado de Easton. — Ele fez uma pausa e olhou para baixo.

— Eu realmente sinto muito pela sua perda — sussurrou Elinor.

Ele se recompôs de seu momentâneo lapso de controle e continuou: —

Meu pai insiste em fazer-lhe uma visita, mas está doente demais para sair nesse frio. Se estiver muito ocupada, talvez ...

— De modo algum. Ficaria honrada em abrir espaço para *ele*. — Ela deu um sorriso atrevido, em seguida, tomou seu lugar na mesa entre Andrew e o Duque, mas em frente a Easton, tentando não olhar para ele com muita frequência. Flertou com ele uma segunda vez? Ela tinha que se fazer parar! Olhou para cima e encontrou Beatrice olhando para ela, e profetizou que seria uma noite longa.

Elinor não tinha visto o tio no meio da multidão na sala de estar. Ele sentou-se à mesa e não pareceu reconhecê-la. Ele olhou para ela com os olhos arregalados como se estivesse olhando para um fantasma. —

Elizabeth?

— Não, tio, é Elinor. — Ela sorriu para ele.

— Bem, quando entrou aqui? Por que ninguém me disse? Levante-se e cumprimente seu tio apropriadamente! — Ele levantou para abraçar Elinor



e depois olhou para a mesa da Duquesa ao redor da grande peça central, como se estivesse prestes a abordá-la por sua falta de tato. Elinor colocou a mão em seu braço para impedir que mais cenas fossem colocadas em sua porta.

— Cheguei apenas ontem à noite, tio. Então vovó me manteve fora o dia todo para fazer compras.

— Culpada da acusação! — A viúva opinou com entusiasmo, bastante satisfeita consigo mesma. Ela já havia bebido um copo ou dois de clarete neste momento.

Ligeiramente apaziguado por esta explicação, o duque instalou-se para desfrutar de uma conversa com a sobrinha e acompanhar seus feitos na América. Ela sempre foi uma das favoritas dele, a imagem exata de sua falecida irmã Elizabeth. Infelizmente, Beatrice tinha saído a Wilhelmina em aparência e temperamento. Ao ouvir que Elinor ainda era louca por cavalos como a mãe, o duque disse:

— Bem, poupe um pouco de tempo para o seu velho tio nos próximos dois dias e iremos cavalgar.

Isso trouxe um sorriso genuíno ao rosto de Elinor. — Amanhã de manhã é cedo demais?

— Assim que eu encontrar sua montaria. Irei procurar no Tattersall's.

— Posso acompanhá-lo, por favor? — Isso soou muito mais agradável do que um dia na modista.

— Não é coisa para uma dama ir ao Tatts. Não é apropriado. — Por que achava que essa não era a primeira ou a última vez que ela ouviria isso?

O RESTANTE da noite foi em grande parte agradável, desde que Elinor evitasse a variedade feminina da família. Ela foi capaz de se manter com as cartas, tendo aperfeiçoado suas habilidades na viagem através do Atlântico. Depois que os convidados se despediram, Andrew acompanhou Elinor pelas escadas até o quarto e se inclinou para beijar sua bochecha desejando boa noite.

Quando se virou para sair, Elinor o chamou: — Oh, Andrew, preciso que me leve para ver o conde. Lorde Easton disse que seu pai pediu que fossemos. — Ela não notou seu olhar de consternação na escuridão do corredor. Ele ficou sem palavras. — Bem, está ocupado? Posso pedir a vovó para me acompanhar.

— Não, eu posso levá-la.

As coisas estavam ficando mais estranhas a cada minuto. Andrew ficou em silêncio, obviamente distraído. Ele a seguiu de volta ao seu quarto e caiu em uma das cadeiras junto a lareira. Claramente precisava conversar com sua irmã. Seu clube poderia esperar.

— Como está o papai? — Ela tirou os chinelos, subiu na outra cadeira e colocou os pés sob ela.

— Envolvido em negociações. Disse que estavam fazendo uma avaliação de tudo, e ele chegou lá na hora certa. — Tomou um gole da bebida que ainda segurava na mão.

— Espero que ele possa ser benéfico. Foi bom que tenha vindo me dizer que ele está bem. Eu tenho estado preocupada.

— Perder minha irmãzinha pode ter tido algo a ver com isso. — Ele sorriu. — Então, papai mencionou que salvou Easton.

— Suponho que eu possa ter feito. Presumo que ele tenha contado que viajamos juntos para a Inglaterra.

— Melhor não mencionar isso, Elly. Não a coisa toda. Easton não vai.

— Ele balançou a cabeça veementemente para enfatizar seu ponto.

— Eu sei, Andrew. Papai não pareceu considerar isso em momento algum. — Ela encolheu os ombros, como se tentasse se convencer de que não era para se

considerar. — Havia pouca escolha. Nós tínhamos que sair dali. Lorde Easton disse que fomos vistos por lady Dunweather —

acrescentou com indiferença.

Andrew gemeu. — Não ela! Isso é má sorte. Ela pode arruiná-la com uma palavra, Elly. Embora Easton e Vernon sejam considerados os solteiros mais cobiçados da cidade, o que me diverte muito, ficarei feliz em compartilhar o fardo. Easton sempre pode escolher, e as damas o adoravam apesar de ser um segundo filho. Não que ele se interessasse tanto por elas, quem sabe como ele conseguiu essa reputação. Agora que ele é o herdeiro, as ladies estarão à caça, e o velho o incitará a montar o quarto de bebê antes que ele perceba. — Riu da ideia de Easton acorrentado.



— Se eu estiver *arruinada*, terei uma boa desculpa para voltar para casa. — Sim, ela zombou da definição inglesa da palavra arruinada. Se eles soubessem. No entanto, a mente de Elinor girou com esses boatos sobre Easton, nenhum dos quais se encaixava ao homem com quem ela passara várias semanas. Ele não era um libertino? Ela não conseguia conciliar o que ele era.

Andrew sacudiu a cabeça. — É melhor contar a vovó sobre lady Dunweather. Vai precisar da ajuda dela para passar por isso. Duvido muito que tenha sido a última de Lady Dunweather.

— Eu pretendia contar a ela e me distrai. — Teria que se lembrar disso de manhã. — Andrew? — Ele olhou para ela. — Existe algum lugar onde possamos cavalgar? Vou explodir se não puder ter tempo para limpar a minha cabeça.

— Não tem uma montaria aqui.

Ela não deveria ser dissuadida. — O tio disse que me daria um. Tenho certeza de que há algo que posso pegar emprestado até então.

— Se formos cedo, podemos andar um pouco no Hyde Park. Eles desaprovam a equitação séria lá, mas pode se esgueirar um pouco mais cedo se for cuidadosa.

— Irá me mostrar então? — Ela bateu palmas de excitação. Como ele poderia recusar?

Ele fez uma pausa antes de responder. Acompanhar sua irmã seria um trabalho em tempo integral. — Irei uma vez. Não tenho me levantado antes do amanhecer todos os dias, afinal.

Ela

colocou

os

braços

ao

redor

dele.

—

Obrigada! Obrigada! Finalmente, algo para olhar para frente.

Então se sentiu culpado e previu limitar seu hábito noturno para atender a uma mulher, sua irmã não menos que isso. O que havia de errado com essa imagem?

ELINOR LEVANTOU CEDO e arrastou Andrew de sua cama para cumprir sua promessa de cavalgar com ela. — Disse que tinha que ser cedo, então levante-se! — Ela

disse em sua voz mais alegre quando o cutucou e tentou tirar volta suas cobertas. Ele mal as agarrou a tempo.

Andrew gemeu. — Eu disse que senti sua falta?

Ela sorriu o sorriso amoroso de uma irmã. — Vou encontrá-lo no andar de baixo em quinze minutos.

Apesar de seus resmungos, Andrew estava no andar de baixo e pronto para sair a

tempo. Uma égua de aparência dócil tinha sido selada por Elinor. Ela e Andrew olharam para o cavalo e caíram na gargalhada. — Eu digo, homem. Quem falou para selar o cavalo da viúva? Tem alguma coisa que possa cavalgar mais de dez jardas?

— Não é apropriado para uma dama, milorde. Nem Lady Beatrice nem sua Graça cavalgam.

— Bem, então sele o castrado de Sua Graça.

Os olhos do cavalariço arregalaram. — Não poderia fazer isso, milorde. Não é adequado para nenhuma dama.

— Sele o castrado. Sei que sua graça não vai se importar. A senhorita Elinor pode montar melhor do que qualquer homem que conheço, exceto Easton. — Andrew usou a voz autoritária de soldado. — Levarei a culpa, se necessário.

O cavalariço relutantemente levou a égua para trás e selou o cavalo, sacudindo a cabeça e resmungando baixinho.

— Eu monto melhor que Easton! Como pôde dizer uma coisa dessas, Andrew? — Elinor lhe deu uma cotovelada.

O cavalariço voltou com um magnífico castrado cinza, mas tinha uma sela de aparência estranha no topo das costas. — Que tipo de sela é essa? —

Elinor contorceu o rosto tentando localizar o objeto estranho.

— É uma sela lateral, senhorita — retrucou o cavalariço como se fosse um idiota. Ela ignorou sua impertinência e olhou para Andrew.

— Certamente não espera que eu monte como tal? — Ela parecia verdadeiramente ofendida.

Ele bateu o rosto com a mão em frustração. — É assim que as damas cavalgam aqui, Elly. Se for vista cavalgando, será condenada rapidamente.

— Não sei cavalgar assim. Ouvi dizer que não são seguras. Além disso, não é por isso que estamos acordados tão cedo, para não sermos vistos?

— Esse é o agradecimento que recebo por ajudar. — Ele olhou para o céu em falsa exasperação, em seguida, seu rosto se abriu em um sorriso

largo, e ele piscou para ela. — Tudo bem, mas só de manhã, e tem que prometer aprender a montar de lado e andar assim em público.

— Tudo bem. — Ela fez uma careta. — Se for necessário. — Logo as selas foram trocadas, e eles foram para o parque, ambos os cavalos prontos para esticar as pernas.

— Onde podemos deixá-los ir, Andrew? — Elinor examinou o parque em busca de um lugar adequado.

— Há um pequeno espaço do outro lado do parque. Não está autorizada a galopar no Rotten Row.

— Todas essas regras! Vamos, então. — Ela seguiu, e eles deixaram os cavalos ditarem o seu ritmo, desde que ousassem antes de desmontarem para deixá-los se refrescar no Serpentine.

— Sente-se melhor, El? Sei que não gosta disso aqui, mas faz o papai e a vovó felizes. Tente por algumas semanas, então podemos sair para o campo.

Ela assentiu. — Vou tentar. Eu simplesmente não sei o que devo fazer ou dizer a maior parte do tempo. Ter uma conversa educada é estranho para mim. Tudo parece o oposto do que estou acostumada. Vovó sempre se preocupa que eu seja apta para a sociedade.

— Sorria, dance e fique bonita. — Ele fez sua melhor imitação.

— Em outras palavras, não fale! — Eles riram, e ela quase se sentiu normal por um minuto. Então ocorreu a ela que não conhecia as danças na Inglaterra. — Hum, Andrew? Acha que poderia me ensinar a dançar?

— Não sabe dançar? Nem um pouco? — Ele não fingiu seu olhar de choque.

— Talvez um pouco. Aprendi algumas danças na escola de meninas que frequentei, mas ouvi Beatrice falando sobre uma nova dança chamada valsa sendo a última moda.

— Essa é simples. Posso fazer isso. Aqui. — Ele agarrou a mão dela e sua cintura e começou a cantarolar e contar os passos para ela.

— Isso é fácil, mas parece bastante escandaloso para as antigas regras de etiqueta.

— Sim, de fato, mas é minha irmã.

— Então eu só posso valsar com você? — Ela riu. — Oh, Andrew, não podemos galopar em Hyde Park, mas podemos valsar? — Isso provocou outra rodada de risos.



— E você não pode valsar até que tenha permissão. — Ele se afastou, parecendo perceber que suas aulas improvisadas de dança deveriam ser dadas no salão de baile em casa.

— Permissão? Mais regras? Quantas semanas a mais? — Ela colocou as mãos nas têmporas em frustração.

Ele balançou sua cabeça. — Eu também não gostaria de ser mulher aqui. Não será ruim quando aprender como seguir em frente. Vamos voltar e eu vou levá-la para conhecer o conde depois do almoço. — Imagino que terei que me esconder da vovó por lhe dar aulas de dança no Hyde Park. —

Ele riu de seu humor.

— Adicione isso à minha lista de pecados.

ELINOR SE DIVERTIU IMENSAMENTE com Andrew naquela manhã e passou o resto do tempo até o almoço com a avó, sendo medida para o vestido de apresentação na corte e o vestido de baile. Sua avó conseguiu uma apresentação quase privada para Elinor com a rainha Charlotte, para dali a dois dias. Sua avó era amiga íntima da rainha desde a sua chegada à Inglaterra.

A apresentação para a rainha e o pensamento de um baile em sua homenagem

foram suficientes para fazê-la considerar desmaiar, um hábito que detestava em mulheres excessivamente dramáticas. Esperançosamente, a vida social em Londres era muito pequena nesta época para o baile não ser uma aglomeração. Sua avó interrompeu os pensamentos de Elinor, enquanto recolocava seu vestido de dia.

— Então, minha querida, Andrew disse que vai conhecer o velho Wyndham hoje? Ele deve estar querendo agradecê-la por salvar Adam. Não posso imaginar o que teria feito a ele perder os dois filhos. Max era difícil às vezes, mas amamos nossos filhos independentemente.

Elinor ficou feliz por não saber da morte do irmão de Easton. Teria sido uma pressão inacreditável pensar que estava salvando um último filho. — Há algo que eu deva saber sobre o conde, vovó? Confesso que não me lembro dele. Ele é severo?

— Céus não! Ele é uma alma gentil, muito parecido com o seu pai. Poderia arranjar um muito pior para sogro.

— Perdão? Ele não vai ser meu sogro. — Ela se virou rapidamente e mal se conteve.

— Não, claro que não. — A Viúva sorriu para si mesma. — Só disse que poderia arranjar um pior. — Mudando de assunto, ela continuou: —

Sua tia Willy diz que seu tio Robert finalmente convocou Nathaniel para casa.

À menção de seu nome, Elinor sentiu o sangue correr de seu rosto antes de desmaiar.

CAPÍTULO NOVE

Elinor abriu os olhos para o horrendo cheiro de vinagre e as pérolas de sua avó a atingiram no rosto quando se inclinou sobre ela.

— Qual é o problema, criança? Não é de desmaiar como sua ridícula prima!

— Sinto muito, vovó. — Elinor se sentou, mas sua cabeça girava um pouco. O que ela ia fazer? Não suportaria ver Nathaniel novamente. Seis anos. Finalmente aprendera a lidar com o que ele fizera e não suportava enfrentá-lo novamente.

Essa era uma das razões pelas quais tinha sido grata a América - por escapar dele.

— Elinor? Elinor? Ela olhou para cima para ver o rosto preocupado de sua avó. Sentindo que algo estava errado, sua avó colocou os braços em volta dela e a abraçou como sua mãe havia feito anos atrás.

Elinor rompeu em lágrimas e chorou. Chorou por sua mãe, chorou por sua amada casa e chorou por sua inocência da qual tinha sido despojada. Por ele. Ela nunca se permitiu perder tanto o controle.

Depois que as lágrimas se transformaram em soluços, a viúva perguntou em voz baixa: — Quer conversar sobre isso? — Elinor balançou a cabeça e hesitou, embora quisesse desesperadamente aliviar-se desse pesado fardo.

— Pode ajudar.

— Nunca contei a ninguém a história toda. Josie sabe um pouco. —

Elinor assoou o nariz e suspirou.

Sua avó a abraçou e sussurrou: — Tome seu tempo, meu amor. Mas espero que saiba que pode me dizer qualquer coisa.

Elinor assentiu. — Eu sei.

— É Nathaniel? — Elinor assentiu. — Ele ... *machucou* você? —

Elinor assentiu. A viúva empalideceu. Nenhuma delas pode falar por um tempo. — Querido Deus. Antes de você partir?

— Sim. — Sua avó levou um momento para digerir esse conhecimento antes de finalmente falar.

— Por que não contou a ninguém?

Elinor pensou por um momento, nunca tendo verbalizado por que se mantivera em silêncio e depois encolheu os ombros. — Eu temia que ninguém acreditasse em mim. Estava com vergonha, com medo que fosse minha culpa. Nem sei exatamente como isso aconteceu. Só lembro dele me atacando e rasgando meu

vestido e me beijando asperamente. Lembro-me que estava bêbado e lutei com ele, e era rude e ... me tocou. Eu, em ...

intimamente. — Ela soluçou. Não podia dizer em voz alta. — Parecia possuído. Acordei no dia seguinte com hematomas, me sentindo péssima.

— Ela não conseguia olhar a avó no rosto.

— As contusões. Lembro que disse que caiu da escada — sussurrou a viúva, recordando aquele dia terrível.

Elinor assentiu, as lágrimas começando a escorrer pelo rosto.

— Eu não sabia o que estava acontecendo. Ainda não sei exatamente o que aconteceu, mas é por isso que não posso me casar, vovó. Não posso fazer isso. Além de saber que não sou pura, acho que jamais poderia deixar outro homem me tocar desse jeito. Não aguentaria. Mesmo que alguém aceite produto estragado.

— Oh, Elly. Não está estragada! — Elinor não pôde olhar para o rosto de sua avó por temer a decepção que veria ali.

— Por favor, vovó. Admita. A sociedade nunca iria perdoar isso. Os cavalheiros esperam uma virgem intocada. Sabe que tudo é culpa da mulher. Devo ter dito ou feito algo para incentivá-lo, com a perspicácia que tinha aos 13 anos de idade, vestida de luto com um colarinho até o meu queixo. — Ela levantou as mãos para exagerar seu ponto. — Essas coisas nunca são culpa do homem. — Tentou manter o rancor fora de seu tom de voz. Sua avó inclinou o rosto de Elinor em sua direção para que ela pudesse olhá-la nos olhos.

— Vou ajudá-la com esse horror. Eu falhei com você e vou ajudá-la com isso.

— Não falhou comigo. Não poderia saber.

— Se eu tivesse insistido para que eles controlassem Nathaniel, se eu não tivesse deixado Charles fugir ... todos nós estávamos tão sobrecarregados de pesar.

— Isso não teria mudado nada. A América foi boa para mim. Não tive que enfrentá-lo ou a qualquer outra pessoa e me sentir como um fracasso. Fiquei entorpecida por um tempo e incerta, mas aprendi a ter



força. Só tenho que aprender a lidar com os homens. E, e ... — Desviou o olhar e suspirou. — A vê-lo novamente.

A viúva ponderou e suspirou. — Vai ter que vencer isso e enfrentá-lo.

— Não sei se posso. — Ela balançou a cabeça.

— Claro que pode. Está sendo corajosa há seis anos e precisará ter coragem para fazê-lo por mais tempo. Se fugir, ele ganha. — Ela parou para deixar que Elinor digerisse o que ela dizia. — Mas se ele se aproximar de você, eu o castrarei pessoalmente.

Elinor olhou para a avó, incrédula. Ela fez parecer tão fácil, como se tudo o que aconteceu fosse tão simples quanto ser apanhado com espinafre nos dentes. Elinor não podia arriscar a se machucar assim novamente. Não foi apenas a violência física, foi a destruição emocional por alguém que ela havia confiado e amado.

— Quando ele vai voltar?

— Ele está no continente há anos com o exército. O duque comprou-lhe uma comissão, esperando que isso o ajudasse a crescer, mesmo que seja malvisto enviar o herdeiro. Ele estava fora de controle, jogando, bebendo e lutando duelos. Eu não tinha ideia de que a lista incluía es ... — Elinor ergueu as mãos em sinal de protesto.

— Não diga isso. Não posso suportar essa palavra. — Ela balançou a cabeça. — Preciso de algum tempo para me recompor. Irá manter isso entre nós?

A viúva assentiu distraidamente, ainda em choque, e Elinor saiu rapidamente.

ELINOR TENTOU DESCANSAR um pouco antes de ter que enfrentar Easton e o Conde. Não conseguia acalmar sua mente o suficiente para realmente dormir, então solicitou um banho. Esfregou a pele vigorosamente como fizera nos primeiros dias após o ataque, como se isso ajudasse a lavar o horror.

Elinor não pretendia contar a sua avó sobre Nathaniel, mas depois de guardar para si mesma por seis anos, ela realmente se sentiu melhor sabendo que não estava mais carregando o fardo sozinha. Como sua avó

poderia pensar que encará-lo, como se nada tivesse acontecido, seria possível?

Elinor levou anos até mesmo para olhar nos olhos de algum homem, embora soubesse que a maioria não era como Nathaniel. Ainda não conseguia se sentir confortável estando sozinha com um homem, salvo seu pai e Andrew. Mas e se ele ficasse em casa com eles? Ela não seria capaz de dormir. Não, teria que fazer Andrew abrir a casa da cidade ou ir para uma estalagem, e isso significava que ela teria que contar a Andrew.

Como sua avó acha que ela poderia enfrentar seus medos? Esperava que ela falasse com Nathaniel como se nada tivesse acontecido? E se ele tentasse de novo?

Se forçou a respirar fundo e relaxar para poder encarar Easton e seu pai com um pouco de graça. Não se sentia completamente confortável com o que experimentava com Easton, mas pelo menos não era o mesmo sentimento doentio que sentia com a maioria dos homens. E ele tinha sido gentil e amigável desde sua lesão.

Elinor subiu na cama para descansar alguns minutos antes da hora de saírem.

ELE A EMPURROU, suas costas batendo em uma árvore. Ela sentiu os espinhos de uma roseira rasgarem sua carne quando caiu no chão. Lutou para ficar de pé e voltou para a casa através da porta mais próxima. O ouviu tropeçando atrás dela, respirando pesadamente. Apesar de sua embriaguez, aproximava-se dela. Lágrimas quentes escorriam pelo seu rosto e seus pulmões doíam por ar enquanto corria desesperadamente escada acima. No momento em viu a porta, tentou agarrar a maçaneta e sentiu um aperto no tornozelo. Tropeçou e caiu de bruços no corredor. Onde na terra estão os criados? Por que ninguém está aqui para ajudar?

Nathaniel virou-a e ela o chutou na virilha, como lhe havia sido ensinado quando era mais nova. Isso só o deixou irritado, mais determinado. Tentou afastá-lo, mas seus esforços eram fúteis, sendo seu peso quase duas vezes o dela. Ele era tão forte, mas ela se recusou a descer sem lutar. Ele a empurrou para o quarto dela, e ouviu a chave girar na fechadura atrás dela.

Ficou de pé, paralisada de medo, olhando para essa pessoa delirante, seu peito subindo e descendo com fortes dores de medo e esforço. Gritou, mas sabia que era inútil, pois o riso e a música lá embaixo eram muito

altos para qualquer um ouvir. Qualquer um? Por favor Deus. Alguém. Quando ele saltou para ela, continuou gritando enquanto tentava lutar contra ele, mas sentiu um punho duro e doloroso bater contra sua cabeça.

TOC Toc. — Elly? Olá? Está bem?

O som da batida despertou Elly de seu pesadelo, graças a Deus. Ela pulou da cama e gritou: — Entre.

Andrew enfiou a cabeça para dentro. — Está pronta para ir? Pensei que poderíamos caminhar, já que fica a apenas duas ruas de distância. Posso ouvi-la me castigando por sequer pensar em pegar uma carruagem a uma distância tão curta.

Ela sorriu, mas ele podia ver em seu rosto que algo estava errado. — O

que aconteceu, El? — Caminhou até a cama e a pegou em um abraço fraternal. Ela hesitou, mas sabia que ele não aceitaria uma resposta banal.

— Nada. — Ela enterrou o rosto ainda mais em seu peito.

— Não parece ser nada. — Ele acariciou suas costas em um ritmo suave e ficou quieto.

Ela hesitou, mas sabia que tinha que contar a ele. — Foi há muito tempo atrás, Andrew. Estar aqui está agitando memórias antigas. Estou tentando decidir a melhor maneira de lidar com elas.

— É tristeza pela mamãe? Tinha apenas treze anos quando ela faleceu, então o pai levou-a para as colônias. — Ele sondou gentilmente.

— Gostaria que fosse isso — ela sussurrou, desviando o olhar. Ele pegou suas mãos e viu a pele ferida e vermelha. Olhou com medo.

— Alguém a machucou, Elly? O que aconteceu? Foi violada? — Ele procurou seu rosto e viu a resposta. Ficou tenso de raiva e pulou para longe.

— Diga-me quem e eu vou matar o canalha! — Ela nunca tinha visto seu irmão jovial em tal estado. Seu rosto estava vermelho e suas veias saltaram de seu pescoço. Ele fechou os punhos ao lado do corpo, pronto para infligir danos.

— Acalme-se, Andrew. Por favor. É exatamente por isso que não posso te dizer. Mas precisa confiar em mim. Juro. — Ela se levantou e colocou as mãos suaves em seus braços, esfregando-os para cima e para baixo, desejando que ele se acalmasse.

Ele respirou fundo e olhou para ela por um longo tempo, provavelmente considerando suas ações. Notou nas emoções desfilaram em

seu rosto, quando ele percebeu o quanto a machucaria ainda mais, se fizesse uma exibição pública do incidente.

— Vejo que concorda comigo. Irei pensar sobre lhe dizer. Não pretendia contar à vovó e preciso de mais tempo. — Ela foi até a penteadeira, retocou o cabelo e alisou o vestido diante do espelho.

Ele sacudiu a cabeça como se tentasse limpá-la. — É a única que foi injustiçada, e ainda assim está me acalmando.

— Isso aconteceu há muito tempo. Tive anos para praticar. Venha, vamos buscar um pouco de ar fresco no caminho para ver Lorde Wyndham.

— Pegou o braço dele, puxando-o para a porta.

— Tem certeza? Eu posso enviar suas desculpas. Resistiu ao seu puxão, não convencido.

— Tenho certeza. Vovó disse que não devo deixar isso dominar minha vida e tenho que encarar meu passado para seguir em frente. Vai ser difícil, mas acho que ela está certa. Eu só tenho que determinar como.

Ele acenou com um acordo inseguro, e apertou-a em outro grande abraço. — Farei o meu melhor para ajudá-la. Nunca terá que enfrentar qualquer outra coisa sozinha. Sabe disso, não sabe?

Elly e Andrew desceram as escadas para pegar seus chapéus e jaquetas. Ela se forçou a respirar lenta e profundamente para retratar uma calma exterior que não

sentia.

— Como pode estar composta, Elly? — Andrew perguntou como se estivesse lendo sua mente, pegou seu braço enquanto faziam o caminho em direção a Grosvenor Square.

— Tive anos de prática em raramente mostrar emoção sobre mim mesma. Sobre os outros é outra história. — Lembrou-se da explosão apaixonada que tivera no jantar sobre a Guerra Americana. Oh, podia estar novamente lá. Ela olhou para o raro céu azul e saboreou o ar fresco e puro.

— Então, quais são seus planos agora que Bonaparte foi capturado? —

Ela perguntou, mudando o assunto enquanto passavam por uma fileira de casas em direção à praça.

— Estou tentando decidir. Eu poderia trabalhar no Ministério da Guerra como Easton ia, ou virar respeitável e assumir uma das propriedades.

— Algum plano para uma esposa? — Ele deu a ela um olhar incrédulo. Como ela ousava dizer a palavra *esposa*?

— Viu como se sente? — Brincou e cutucou-o com o cotovelo.



— Bem, não a incomodarei sobre ficar acorrentada, e eu apreciaria se retornasse o favor.

— Estava apenas curiosa, de qualquer forma. É muito bonito; até uma irmãzinha consegue ver isso. Imagino que tenha muitas mães e debutantes que pensam no casamento ao vê-lo.

Andrew grunhiu. — Devemos afirmar que onde eu comparecer, será só para o seu bem.

ENQUANTO SUBIAM os degraus até a bela casa da cidade de Wyndham,

Elinor pôs o rosto corajoso e tentou se preparar para uma tarde de sorrisos e polida educação.

O mordomo pegou seus chapéus e jaquetas, depois os levou para a sala de visitas. A decoração era elegante, mas discreta, e Elinor, inconscientemente, aprovou a simplicidade.

Easton ajudava o pai a se levantar para cumprimentá-los. Sorriu e fez apresentações. — Pai, esta é a senhorita Abbott. Miss Abbott, meu pai, Garreth Trowbridge, conde de Wyndham. — Ele e Andrew também trocaram cortesias, mas estavam muito familiarizados.

— É um prazer conhecê-lo novamente, milorde. — Elinor afundou em uma profunda reverência.

O frágil Lorde Wyndham pegou sua mão, sacudiu-a com delicadeza e deu-lhe um beijo paternal. — Estou muito grato por ter vindo me visitar, srta. Abbott, mas agradeço mais pela senhorita e pelo que fez. Por favor, venha se sentar comigo para que eu possa desfrutar de uma conversa? Eu conhecia bem seus pais, mas não a vi desde que era uma criança pequena. Eu me sinto bastante intrigado com todas as histórias que Adam me contou sobre a senhorita. — Ele riu enquanto se arrastava cautelosamente de volta para o sofá, ajudado por Easton.

Elinor levantou uma sobrancelha questionadora, mas Easton simplesmente sorriu para ela sobre o conde e se concentrou em ajudar seu pai. Elinor sentiu-se instantaneamente à vontade com o conde e seus olhos bondosos.

— Espero não o desapontar, milorde. — Corou levemente, mas olhou para ele diretamente, e ele sorriu tranquilizadoramente.

— Não há possibilidade disso. Eu confio que seu pai está bem?

— Andrew disse que chegou em segurança em Ghent e está ocupado tentando resolver os problemas do mundo. Ainda é cedo, mas confio que teremos boas notícias em breve. — Ela sorriu, mostrando seu orgulho pelo pai.

O conde sorriu calorosamente para Elinor. — Sim, Sir Charles tem uma maneira de suavizar as coisas. Ele sempre foi o diplomata, mesmo quando éramos jovens.

O mordomo trouxe o chá e colocou-o em uma mesa diante deles.

— Senhorita Abbott, se importaria de fazer as honras? — Ele gesticulou levemente para o serviço de chá.

— Só se me chamar de Elinor a partir de agora. — Ela sorriu lindamente para ele.

Ele piscou para ela e ouviu Andrew e Easton rindo. Ela passou a servir a todos antes de sentar-se novamente ao lado do conde. Os homens continuaram falando sobre a guerra e os possíveis resultados.

— Eu tinha pensado em me juntar ao meu pai, mas vou esperar até depois do baile de Elly e possivelmente o Natal. Vou esperar que ele me avise. No momento, me quer aqui com ela — disse Andrew, pensativo.

Sou grata por isso, Andrew — disse suavemente para ele, e eles se entreolharam com compreensão. Easton notou uma mensagem não dita entre os dois.

— Recebemos a notícia de que o General Ross foi morto por atiradores de elite em Baltimore, logo depois de zarparem. Dizem que recuamos depois disso. Temos esperanças de que isso acabe de uma vez por todas — Andrew ofereceu, sabendo que Easton e Wyndham iriam querer as últimas novidades sobre a guerra.

— Sim, o povo está começando a resmungar e questionar a futilidade da guerra, com as perdas no Continente e o crescente rombo nos cofres —

disse Lorde Wyndham em voz baixa.

— Me pergunto o que os fez recuar — disse Easton, olhando para o fogo, pensando. Elinor olhou para Easton e viu tristeza e decepção em seu rosto. O general Ross tinha sido um de seus mentores e amigos. Elinor suspeitou que ele também estivesse se perguntando o que sua morte afetaria em seu caso contra o coronel Knott, caso suas ações viessem à tona.

— Covardia? Mas isso é do meu conhecimento limitado das coisas, é claro. — Ela conseguiu um sorriso insincero. Andrew lançou um olhar espantado para ela.

— Entendo porque meu filho foi levado para a senhorita, Elinor. Espero que

encontre tempo para me visitar novamente enquanto estiver aqui. Será sempre muito bem-vinda. Lhe devo mais do que posso esperar pagar.

— Ficaria honrada por sua companhia novamente. E por favor, milorde, não tenha nenhum senso de dívida comigo. Meu pai ama seu filho como se fosse seu, e eu realmente teria feito o possível para salvar qualquer um que precisasse da minha ajuda. O Senhor me guiou a cada passo do caminho, pois tenho certeza de que não foram minhas habilidades que salvaram seu filho.

Easton e Andrew ouviam em silêncio as conversas de Earl e Elinor, embora os dois não percebessem, completamente absortos na conversa entre eles.

— É muito modesta, Elinor. Duvido que teria viajado através do Atlântico por qualquer um, mas eu admito que sou parcial, e não hesitarei em lhe dizer o quanto espero que seja minha filha um dia, em breve.

Elinor e Easton engasgaram simultaneamente com o chá. Elinor corou. Easton protestou: — Pai! — Mas havia pouca censura em sua voz. O

conde sorriu. Provocara a resposta que pretendia.

— Não é necessário que ele se case comigo, milorde. Entendo como a sociedade iria ver a situação se soubessem, mas eu lhe asseguro, seu filho foi um perfeito cavalheiro. — Se inclinou um pouco mais perto, sorrindo docemente e sussurrou não muito baixinho — Mas obrigada, foi amável de qualquer maneira.

— Não foi isso que eu quis dizer. Mas a deixarei em paz, por agora.

— Acho que devíamos deixá-lo descansar agora, milorde, embora tenha sido um verdadeiro prazer. — Elinor se levantou e fez uma reverência, apontando com as mãos quando o conde tentou se levantar. —

Por favor, não se levante por minha causa. — Ela estendeu a mão, e ele a pegou. — Até a próxima vez, milorde. Piscou precocemente para ele.

— Eu os acompanho. — Easton pegou o braço de Elinor e os acompanhou até o saguão de entrada. Ele se inclinou e sussurrou em seu ouvido: — Obrigado. Se continuar a encantá-lo assim, ele nunca deixará de insinuar.



Ela sorriu para ele. — Não acho que estava insinuando. Ele é bem encantador. Se posso fazer algo para trazer um sorriso ao seu rosto, então vale a pena. Bom dia, major Easton.

— Bom dia, senhorita Elinor. Andrew. — Ele fez um arco elegante.

ENQUANTO ELINOR e Andrew estavam visitando o Conde, a viúva, um membro prudente, mas experiente da sociedade , escolheu investigar o conhecimento e os sentimentos de Lady Dunweather em relação à neta, convidando-a a tomar um chá para uma reunião preventiva. Ela sempre acreditou que o prevenido estava armado, e ela não tinha planejado intervir, mas não tinha certeza de como Elinor reagiria diante de um escândalo e da chegada de Nathaniel. Temia como a *ton* receberia Elinor e fofocas maliciosas arruinaram muitas pessoas de caráter mais fraco do que Elinor, independentemente de quão poderoso seus parentes eram.

Felizmente, o baile seria no final da pequena temporada em Londres, e a *sociedade* estaria se retirando em breve para suas casas de campo para as férias. A viúva não tinha intenção de deixar a neta fugir pelo Atlântico outra vez.

Lady Dunweather e Sua Graça, a duquesa viúva de Loring, haviam juntado muitas reverencias antes. Não havia animosidade externa entre as duas damas, mas nenhuma delas estava acima de usar a outra impiedosamente para seus próprios objetivos quando lhes convinha.

— Lady Dunweather. — Barnes anunciou sua chegada.

— Duquesa, que prazer. — Ela afetou seu sorriso mais insincero quando entrou na sala, vestida em suas enormes saias largas e seu alto turbante.

— Gertie. É maravilhoso vê-la. — A viúva conduziu seu leque na tentativa de dispersar o fedor irresistível de gardênia misturadas com Dunweather.

— A que devo o prazer de ser convidada para o chá com a Duquesa?

— Não posso convidar uma velha amiga para o chá? — Barnes colocou o serviço de chá diante delas, e a viúva começou a servir. Lady

Dunweather serviu-se de vários sanduíches.

Ela deu uma mordida em um sanduíche de pepino e levantou a sobrancelha com um sorriso enquanto mastigava. — Não se incomode com pretextos, Duquesa. Somos velhas demais para isso, e não precisaria, de qualquer maneira. Isso não estaria relacionado ao fato de eu estar no navio com sua neta? Ou o fato de ela estar com lorde Easton e desacompanhada por semanas?

A viúva descartou isso com o elegante aceno de sua mão. —

Possivelmente. Mas posso garantir que não houve impropriedades. Ele foi ferido, pelo amor de Deus! E a acompanhante estava com ela, claro.

— Claro. Ainda não a encontrei, mas estou curiosa. Ela já está criando um burburinho. Enquanto se comportar, não vejo nenhum problema.

— Não considero que vá haver qualquer problema mesmo. — Colocou sua xícara de chá no pires com objetividade. — Não é *sua* neta que irá fazer sua estreia em breve?

— Isso é uma ameaça? — Ela engoliu em seco.

— Vejo que nos entendemos. — A Duquesa poderia ter colocado uma montanha abaixo com seu olhar.

Lady Dunweather sorriu – ou melhor, fez uma careta - e acenou com a cabeça em concordância. Isso tudo fazia parte do jogo.

— Pode aconselhá-la a usar um pouco mais de cautela. Tornou-se conhecimento público que ela galopa no parque todas as manhãs montando como homem — ela fez uma pausa para efeito — e ela foi vista dançando no parque. — Essa não é a maneira de desencorajar a especulação sobre si mesma. Os mais exigentes não gostam disso.

A viúva suspirou e assentiu. Talvez fosse velha demais para ser a acompanhante de Elinor. Ela não prestava atenção, preferindo ler em seu quarto e dormir até o meio-dia. As velhas damas continuaram a fofocar por mais vinte minutos antes

que Lady Dunweather se despedisse. A viúva ficou satisfeita com o trabalho da tarde, mas ignorava que Beatrice ouvira cada palavra.

CAPÍTULO DEZ

N a manhã seguinte, Elinor saiu para uma caminhada matinal com Josie.

Andrew não tinha conseguido cavalgar naquela manhã e ela prometera não ir sozinha. Por acaso, eles encontraram o ordenança de Easton, Buffy, e ele e Josie tiveram uma conversa profunda. Josie e Buffy estavam encontrando maneiras de se encontrar por acaso com alguma frequência. Elinor riu.

Ela se afastou um pouco, mas manteve-se à vista de sua acompanhante por causa do decoro. Decoro? Ha! Elinor tinha recebido bastante educação em relação à sociedade londrina, a maioria deles confirmou suas opiniões prévias como corretas. Não poderia se importar menos com as opiniões da sociedade se sua prima fosse o exemplo.

Haviam regras sobre regras que não foram escritas, mas um solecismo social se quebradas. Os homens eram encorajados a se prostituir, jogar e beber até pelo menos a idade de trinta anos. As únicas dívidas consideradas dignas de pagamento eram as dívidas de jogo com outro cavalheiro, a igreja era meramente outro evento social do qual era aceitável estar ausente, e a quebra dos Dez Mandamentos parecia ser parte das regras da sociedade bem-sucedida. De fato, Elinor pensou que poderia reescrevê-las de acordo com a sociedade:

1. Não deverás colocar ninguém antes de ti.

2. Serás o ideal que todos buscam adorar.

3. Só blasfemarás se não for ao redor das damas.

4. Lembre-se do dia de sábado, contribuindo para a sua paróquia local com novos órgãos e telhados dedicados em seu nome.

5. Honre seu pai e sua mãe casando-se apenas com outro membro da aristocracia.

6. As mulheres não cometerão adultério antes de terem um herdeiro e um sobressalente.

7. Não matarás a não ser em duelo contra outros cavalheiros.

8. Poderás dar falso testemunho contra outrem até que se provem o contrário.

9. Não galoparás no Hyde Park.

10. Não valsarás até que tenhas permissão.

ELLY TEVE que rir em voz alta. O mais triste é que todas eram verdadeiras.

Precisava encontrar algo digno para gastar seu tempo e tentar proteger sua alma até que estivesse longe desse lugar esquecido por Deus.

— Um penny por seus pensamentos?

Elinor deu um pulo. — Easton, não o tinha visto aí.

— Desculpe, não pretendi assustá-la. Eu a ouvi rir e daria quase qualquer coisa para saber o que trouxe aquele sorriso ao seu rosto.

— Verdadeiramente? É muito ridículo.

— Me delicio com a ridiculosidade. — Ela deu-lhe um sorriso de lado por sua palavra peculiar.

— Muito bem. O senhor quem perguntou. Estava pensando sobre as regras da sociedade. Inventei uns Mandamentos da *Ton* para me ajudar a lembrar. Uma blasfêmia, tenho certeza.

— Esclareça-me, por favor.

— Não diga que não o avisei! — Então começou a regalá-lo com sua lista de mandamentos, assinalando-os em seus dedos enquanto recitava.

Felizmente, ele compartilhava seu senso de humor. Eles se divertiram e continuaram caminhando juntos pelo parque. — Suponho que não devemos rir. É horrível, embora seja verdade. — Ele olhou para ela com um sorriso.

Ela sorriu de volta timidamente. Desejou que ele não a olhasse desse jeito. Isso fazia com que ela se sentisse como geleia. Ela suspirou e mudou de assunto. — Como tem passado? Parece estar se curando bem. Confesso que parece estranho

estar tanto em sua companhia, em seguida não mais.

De acordo com a vovó, é inapropriado eu chamá-lo, lhe escrever ou ser vista sozinha com o senhor.

— Sim, deve adicionar isso à sua lista. — Ele sorriu, e eles desfrutaram de um silêncio amigável por um tempo. — Tenho ficado afastado de propósito, então não haveria motivo para falatórios.

— Só há uma pessoa que falaria, e a vovó disse que cuidaria disso.



— Precisa de uma chance para se instalar e fazer o seu próprio caminho. Tenho medo se for vista muito em minha companhia ...

— De que as pessoas tenham a ideia errada? Não estou tentando agarrar um marido, Easton — disse ela, com um pouco mais de força do que pretendia.

— Sei disso, e a senhorita sabe disso, mas as fofocas aqui não lhe darão outra chance. Eles não permitirão que possamos ser só amigos. — E

sinceramente, ele não queria mais que fossem apenas amigos, não mais.

Seria um tolo em deixar a única mulher na qual tinha algum interesse escapar de suas mãos, agora que precisava se casar. Ver seu pai tão doente finalmente o convenceu, mas ele precisava descobrir como convencê-la e aprender como ser merecedor dela. — Os oceanos não são tão distantes quanto costumavam ser. A sociedade eventualmente nos alcança, aqui e ali.

— Então eu sinto muito por isso. Acredite ou não, eu realmente senti sua falta. Parece verdade que amizades aqui são difíceis de conseguir. —

Não podia acreditar que disse isso! Com isso, fez uma reverência e se virou para pegar Josie, deixando Easton de pé ali, observando-a com um sorriso atônito e um pedaço de esperança em seu peito.

O DIA em que ela seria apresentada à rainha finalmente havia amanhecido.

Estava vestida em trajes obrigatórios da corte - um vestido incrivelmente complicado de crepe branco sobre cetim com uma longa cauda, aros laterais e um decote baixo. E ainda seguido por um adorno com um véu e três plumas de avestruz presas na parte de trás. Ela quase dominou o caminhar de costas para a ocasião, já que era exigido que saísse assim da sala na presença da realeza. Embora fosse grata por ter sua avó ao seu lado, nunca ficara tão aliviada como quando saiu da sala sem cair de cara no chão! A rainha tinha sido amável pelo menos, e falara palavras amáveis para ela sobre sua mãe, depois conversou brevemente com a viúva.

A apresentação acabou rapidamente. Todo o trabalho de entrar no vestido, praticar a reverência real e andar para trás, e não esteve no salão nem por cinco minutos. A maioria das debutantes não ficava lá por muito

tempo. Se não fosse por sua avó, Elinor não teria garantido mais do que uma rápida saudação de Sua Majestade.

Um chá seria celebrado para as poucas debutantes apresentadas naquele dia, em oposição às grandes recepções normalmente realizadas para marcar o início da temporada na primavera. Sua avó insistiu para que ela comparecesse a ele para começar a conhecer algumas das proeminentes matronas da sociedade. Aparentemente, elas iriam fazê-la ou quebrá-la.

Entraram em outra mansão tão luxuosa quanto o Palácio St. James e o Loring Place, e então foram levadas a uma sala de estar que já estava cheia de matronas e debutantes, todas ostentando arcos e penas reveladoras. Ela estava mais do que feliz em permanecer ao lado de sua avó durante sua primeira incursão em um covil de vândalos, quando viu Lady Dunweather congelou no lugar. Fazê-la ou quebrá-la de fato. Infelizmente, quando parou de repente, a pena de avestruz de alguém tirou o melhor de seu próprio adorno, e uma parte de seu cabelo caiu em espiral sobre seu rosto. Ela pediu licença para se retirar à sala privada para consertar o estrago.

Ainda desconhecida para a maioria dos outros presentes, entrou furtivamente na sala antes que seu cabelo caísse em mais desordem. Parou quando ouviu a voz estridente que só poderia pertencer a uma pessoa, Beatrice. Rapidamente se escondeu atrás de uma porta, esperando passar despercebida. Não havia

percebido que Beatrice estaria presente, mas Elinor não queria acrescentar nenhum material para a fábrica de fofocas de Bea, nem ter que falar com ela mais do que o necessário. Grata que os painéis combinavam com seu vestido, se escondeu em silenciosa espera enquanto ouvia:

— Então me fale sobre essa sua prima. Estou morrendo de vontade de ouvir tudo sobre isso. — Não ela, isso.

— Ela é deselegante. Deveria ter visto o que estava vestindo antes que a vovó tomasse o controle em suas mãos. Ela é bonita o suficiente suponho, mas as maneiras dela são completamente diferentes! Devia ouvir como ela fala! — Ela riu sugestivamente. A pele de Elinor se arrepiou quando a ouviu. Deixaria Beatrice rebaixá-la. Quanto mais estava em torno de Beatrice, menos conseguia se importar com o que ela pensava. Ouviu uma voz sensual falar. Elinor espiou um pouco para ver uma deslumbrante morena se preparando ante o espelho ao lado de Beatrice.

— Pobrezinha. Espero que esteja certa. Contanto que ela mantenha as patas longe dos nossos homens. Não a deixarei entrar aqui e destruir tudo

pelo qual trabalhei. A novidade deve acabar em breve.

— Ouça... ouça! Tenho certeza de que posso garantir que isso não aconteça. — O riso de novo. O que isso deveria significar? E sairiam logo?

Não queria seus homens. Experimentara suas patas e elas não eram nada que desejasse.

— Tem visto Lorde Easton atualmente? Está de volta à cidade. Ouvi dizer que está com um aspecto delicioso. — De repente, Elinor sentiu vontade de dar uma patada nelas, só que com suas garras.

— Querida, sabe que só tenho olhos para Rhys. — Beatrice examinou as unhas. — Easton estava no jantar na outra noite. Suponho que é bonito o suficiente para um encontro. Nunca pensei nele de outro modo, já que ele era um segundo filho.

— Mas não é mais. Talvez deva mais consideração a ele — a morena disse, com malícia em sua voz.

— Pensei que estivesse focando mais alto. Há algo que não está me dizendo? —

Sua voz ficou ainda mais estridente, se tal coisa fosse possível.

— Eu disse que Nathaniel estará voltando em breve.

— É sempre bom ter um plano alternativo. Além disso, pode valer a pena se contentar em ser condessa se ele estivesse na minha cama todas as noites — respondeu a morena linda com as curvas voluptuosas e a risada rouca.

Elinor estava ficando enjoada. Ela não podia competir com pessoas como ela, mesmo que pensasse que havia alguma chance para ela e Easton.

Elinor foi finalmente deixada sozinha e conseguiu enfiar o cabelo errante de volta no adorno. Relutantemente, voltou para a avó com um sorriso forçado no rosto.

— Ah, aí está, minha querida. Tudo arrumado? — Sua avó olhou para ela com aprovação.

— Acredito que sim. — Graças aos céus por pelo menos ter sua avó.

Então a diversão realmente começou: o desfile de Elinor como se ela fosse uma montaria no Tattersall's.

— Sorria e divirta-se — Sua avó sussurrou em seu ouvido enquanto a conduzia de uma matrona para outra. — Posso apresentar Gertrude, condessa de Dunweather. Minha neta, senhorita Abbott. Elinor, esta é uma velha amiga. — Ênfase na palavra velha. Não importando que tivessem a mesma idade.

— Lady Dunweather. — Elinor proferiu sua melhor reverência real.



— Ela não é a rainha, querida. — A viúva bateu suavemente com seu leque. Elinor apenas sorriu docemente. Todas as senhoras gostavam de ficar lisonjeadas.

Lady Dunweather assentiu com aprovação. Mas não pôde se conter.

Falou em voz baixa para transmitir sua sabedoria mundana. — Sabia que as senhoras não montam como homens na Inglaterra? — A Viúva gemeu.

Elinor se forçou a permanecer em silêncio e conseguiu ficar espantada.

— Não me diga? Como montam aqui?

— Em sela lateral, é claro.

— Oh céus. Foi gentil da sua parte me dizer isso. Pedir ao meu tio que me ensine imediatamente. — Ela esperava que soasse sincera.

— Eu assumi que a senhorita não sabia, ou não teria feito tal coisa.

Surpreende-me que o seu acompanhante não tenha achado conveniente lhe dizer estas coisas. Se precisar de conselhos, fico feliz em ajudar. — Ela olhou presunçosamente para a viúva, que mordeu a língua em nome da neta.

— Me honra, lady Dunweather. — Elinor esperava que tivesse conseguido parecer arrependida e humilde, embora não fosse nenhuma dessas coisas. Pensar que ela desistiu da América por esse artifício. Sua avó se virou para cumprimentar outra conhecida e lady Dunweather se inclinou para falar.

— Estou de olho, senhorita Abbott. Não me desaponte. — Sem esperar por uma resposta, a velha bruxa se afastou com o turbante e as saias, deixando para trás um cheiro enjoativo de gardênia.

EASTON ENTROU no clube de cavalheiros White, cumprimentando o velho porteiro cujo nome lhe escapara. Nunca havia passado muito tempo com os passatempos da moda, mas, por algum motivo, ainda não estava pronto para ir para casa. Precisava de tempo para pensar. Tinha que determinar como se afastar de Elinor publicamente, mas conseguir convencê-la de que valia a pena ficar na Inglaterra e fazer parecer que era ideia dela. Tanta coisa havia mudado em sua vida, mas não tinha resolvido muito por si mesmo, seu

futuro. Ver Elinor no parque esta manhã só fez aumentar sua determinação para conquistá-la. Nunca antes estivera tão à vontade com o pensamento de estar ligado a alguém por toda a vida.

Não tinha nada pessoal contra as jovens damas, além da pouca idade e da

aparente falta de inteligência. Mas não tinha nada além de repugnância pelas damas calculistas da sociedade e suas mães intrigantes. Para ser justo, havia algumas que eram inteligentes e bonitas, mas nenhuma era Elinor. Ela era tudo que elas não eram. Mas como convencê-la?

Easton refletiu sobre essas coisas enquanto passava pela janela de arco, onde alguns dândis estavam em um debate acalorado sobre corridas de cavalos. A biblioteca de pilares antigos, mantinha os lordes discutindo o último projeto de lei do Parlamento ou as melhores estratégias para acabar com a guerra com os Estados Unidos. Certamente teve sua porção nisso.

Acenou com a cabeça, mas continuou andando. Outra sala tinha jogos de cartas de alto risco - não, obrigado. Continuando o passeio, passou pelo notório livro de apostas que estava cercado de jovens rapazes selvagens e sem nada melhor para fazer. Absolutamente não. Então ouviu as palavras que fizeram seu coração afundar.

— Incomparável. — Balançando as sobrancelhas.

— Ouvi dizer que é uma selvagem. — Rodadas de risos e cutucando um ao outro.

— Americana..., mas não. — Alguém comentou, seguido por — não uma megera como nossas damas.

Querido Deus. Notícias de Elinor atingiram os clubes. Muitos não tiveram a sorte de vê-la, muito menos de serem apresentados. Era mais na novidade que eles estavam apostando. Haviam apostas relativamente inofensivas como quem ela escolheria se casar, até o tipo menos inofensivo sobre quem poderia fazer outras várias coisas com ela.

Easton tentou controlar a raiva que sentia pois não queria chamar mais atenção para Elinor e acabar tornando as coisas mais difíceis para ela. Era linda, mas muito mais do que qualquer um desses idiotas superficiais saberia. Ninguém era merecedor de sua beleza ou bondade, inclusive ele, mas, egoistamente, não queria que ninguém mais a tivesse.

Em vez disso, marchou até um canto silencioso e sentou-se em uma das cadeiras de couro. Pediu uma bebida, esperando por alguns momentos de silêncio consigo mesmo e seu uísque. Certamente, a sabedoria estava no fundo do copo.

— Um guinéu por seus pensamentos.

— Eles não valem a pena — Easton respondeu à voz familiar sem olhar para cima.

— Posso acompanhá-lo? — Easton acenou para a cadeira vazia.

— Claro. — Sinalizou o garçom para outro copo. Andrew sentou-se e inclinou a cabeça para o teto.

— O que o aflige, meu amigo? Nunca soube que tocasse na bebida tão cedo.

— Nada com que se incomodar. Apenas me ajustando a todas as mudanças. — Ainda não estava disposto a confessar suas intenções sobre Elinor para irmão dela, ou informá-lo que ele estava planejando como cruzar seu caminho com mais frequência. Isso não significava que não falaria sobre ela. — Como está indo sua irmã até agora? Ela foi bem clara de que não estava ansiosa para ser apresentada à sociedade.

— Bem, ela está sendo apresentada à Rainha enquanto falamos, então é oficial. Nossa avó está determinada a dar a ela uma apresentação completa, gostando ou não.

— Bem, ela é extraordinária assumindo coisas. — Isso era um eufemismo, se ele alguma vez tivesse usado um.

— Esperemos que eles não descubram que ela é uma herdeira —

Andrew disse com um grande suspiro como um exasperado irmão mais velho. — Vou levá-la ao teatro hoje à noite para sua primeira verdadeira aparição.

— Ah. Então, talvez a especulação diminua um pouco depois disso. —

Obrigado pela dica, Andrew.

— Especulação? — As sobrancelhas de Andrew se elevaram.

— Easton lançou um olhar penetrante para os livros de apostas.

— O diabo!

— Exatamente igual aos meus sentimentos.

— Ambos esvaziaram seus copos. Easton sorriu interiormente. Parecia que ele iria ao teatro naquela noite. Seus planos de deixá-la sozinha pareciam menos lógicos a cada minuto. Quando pensou em um daqueles apostadores idiotas se oferecendo para ela, ele disse a si mesmo que estaria lhe fazendo um favor, mantendo os pretendentes mais nefandos longe.



ELINOR ESTAVA grata por ir para o teatro sozinha com Andrew na carruagem. O

jantar com sua família tinha sido outro penoso encontro com a duquesa e Beatrice. Então a viúva decidiu que Andrew era o suficiente para acompanhar Elinor, para que ela pudesse voltar ao seu livro. Ah, ter idade suficiente para fazer o que quisesse, pensou Elinor sonhadoramente. Eles subiram para dentro, cada um ocupou seu lugar na carruagem e ela curvada do cansaço.

Josie explodiu de satisfação ao colocar Elinor em um vestido azul-celeste de seda com cobertura de prata. O vestido tinha um corpete de camponês e mangas cobertas, com outro decote indecente que exibia mais encantos do que Elinor queria, embora parecesse modesta em comparação com a maioria das mulheres que vira. Ela mexia nervosamente nas luvas, esperando não se envergonhar no teatro.

— Como está indo até agora, Elly? — Andrew perguntou, notando sua depressão.

— Sinto falta de casa. Sinto falta do papai. É maravilhoso vê-lo e vovó, mas não tenho vontade de ficar na casa onde não quero estar. — Ela explicou suas interações com a duquesa e lady Beatrice.

— Ciumenta como uma gata mimada, aposto. Ela não tem uma chance ao seu lado, especialmente quando abre a boca. — Ela riu da franqueza de Andrew. Era uma coisa que ela adorava em seu irmão. — Eu sinto muito pelo pobre diabo que for pego por ela. — Elinor concordou.

Completamente. No entanto, a maioria dos homens não prestava atenção nem notava nada além dos atributos físicos ou do tamanho do dote, e Beatrice estava cheia de ambos.

— Andrew! — Ela admoestou-o enquanto ria. — Ela parece me ver como uma competição! Eu pensei que nós éramos da família, mas elas me tratam como se eu fosse uma leprosa. Tenho que continuar a ficar com elas?

Não podemos abrir a casa da cidade? — Ela não se incomodou em mascarar o desespero em sua voz, e não queria dizer a ele que o retorno de Nathaniel era o principal motivo para ela sair daquela casa.



— Esse é o modo da *ton*. Melhor se acostumar com isso. Depois de aprender as regras, não será tão ruim. Eu não estava planejando abrir a casa por apenas algumas semanas. Não seria a melhor coisa para você estar em uma casa de solteiro, mesmo que seja do seu irmão. Bem, não com os acontecimentos normais de qualquer maneira. — Ele mexeu as sobrancelhas para ela.

Elinor deu-lhe um olhar meio questionador e meio reprovador. — Não olhe para mim desse jeito, Elly. Eu não sou um santo, mas não sou tão horrível assim. Se ficar tão ruim, é claro que podemos abrir a casa. Vovó irá protege-la. Tenho certeza de que ela está amando isso.

— Vou tentar, mas me recuso a me acostumar com isso. A família deve ser mantida em um padrão diferente da *ton*. — Ela disse a última palavra com a devida acentuação esnobe. — Mais alguma palavra do papai?

— Infelizmente, nada de nota.

— Então essa palhaçada continua indefinidamente.

Não houve resposta quando pararam em frente ao teatro.

— ELINOR SENTIU-SE como uma turista boquiaberta. O novo Teatro Drury

Lane era tão opulento quanto se poderia esperar, mas a opulência que estava tentando não encarar era as pessoas. Seu próprio ser foi repelido pela extravagância contida no espaço relativamente pequeno. Os homens usavam grandes gemas em seus lenços e as mulheres estavam se derretendo com eles. Seus vestidos combinavam com as joias em esplendor, e suas cabeças estavam vestidas com elaboradas misturas de turbantes, plumas e frutas. Elinor descobriu que estava usando seu novo vestido com culpa e estava fascinada apesar de tudo.

Andrew notou a expressão preocupada no rosto de Elinor. — Agora, por que faz esse um beicinho, mana? Suponho que isso era para ser divertido, não decepcionante. E a peça ainda nem começou.

— É tão, tão rico. Me sinto culpada, especialmente sabendo que esse é o tipo de coisa que a guerra está apoiando.

— Não diga isso a mais ninguém, El. — Não era uma idiota, seu olhar dizia.

— Toda Londres é assim? — Ela olhou ao redor com uma expressão de desânimo quando eles caminhavam em direção ao camarote ducal.

— Não, só a *ton*. Há muita ostentação. O mais triste é que muitas pessoas estão abaixo dos alçapões. Concordo que é vulgar, mas acaba se acostumando depois de um tempo. Suponho que não há muito disso nas colônias, não é? Conheci alguns nababos de Nova York e eles cheiram a dinheiro.

— Há pessoas ricas, suponho. Não fui exposta a esse grau. E não são mais as colônias, Andrew — ela gentilmente repreendeu.

— Há muitas coisas boas que pode fazer aqui El, se isso a faz se sentir melhor. A família de Easton administra um orfanato em uma das favelas, embora ele não queira que todos saibam disso. Ele é uma pessoa silente.

— Sua estima por Easton aumentou dez vezes. No que mais o teria julgado mal?
— Interessante. Acha que ele se importaria se eu fosse lá? Eu adoraria fazer algo útil enquanto estiver aqui.

— Não faria mal perguntar. — Eles foram interrompidos por homens no poço acenando, furiosamente tentando chamar a atenção de Elinor. Eles queriam ver melhor a nova beleza no camarote do duque. — Deveria ignorá-los Elly, então eles a deixarão em paz.

— Eles estão acenando para mim? Para que? — Perguntou enquanto acenava de volta para eles que rugiram de prazer. Então se virou com um olhar interrogativo para Andrew enquanto ele gemia.

— Não acene El. Não é correto. E não se importe com as pessoas olhando. Só querem ver como é a novidade da cidade.

Aquilo de novo não - o assunto da sua estreia na sociedade, pensou Elinor.

Andrew fez sua melhor impressão de mortificação. Ela fez um balanço das pessoas ao seu redor.

— Que estranho! E como as pessoas são intrometidas! — Ela ofegou.

— Meu Deus, essas pessoas estão olhando para mim através de seus binóculos! — Se virou quando sentiu um corar de constrangimento começar em seu peito e se elevar. Odiava essa parte de ser justa. Era difícil esconder as emoções quando corava como um tomate.

— Oh, Elly. Na sociedade londrina é tudo sobre novidades e fofocas.

Ignore-os, irão desistir se não der a eles nada para tagarelar. — Ou apostar,

ele pensou consigo mesmo. Voltou sua atenção para outro lugar, claramente não interessado na peça mais do que o resto deles.

Ignore-os. Mais fácil falar do que fazer. Felizmente as luzes estavam apagadas, sinalizando o início da peça. Ela nunca tinha ido a uma peça extravagante ou a um teatro chique, embora tivesse lido todas elas muitas vezes. Tentou se acomodar e aproveitar o drama, pois o notório Edmund Kean estava interpretando o personagem principal de Shakespeare de Ricardo III. No entanto, ela estava consciente de ser cobiçada de todos os ângulos e lorgnettes, e encontrou uma linha de admiradores masculinos se formando do lado de fora do camarote assim que o primeiro intervalo começou.

Beatrice, acostumada a ser o centro das atenções, começou a falar mais alto e a flertar mais do que o normal. Parecia que não tiraria o braço do Lorde Vernon ou o deixaria irreconhecível, pela forma com que ela continuava batucando com o leque. Isso não atraiu mais atenção em sua direção, apenas fez suas atenções para com Vernon, parecerem ainda mais vulgares.

Elinor, não acostumada a esse tipo de atenção, estava se sentindo sobrecarregada, e esse sentimento não foi ajudado pelo desdém que recebia de sua tia e prima. Elas achavam que ela queria estar aqui? Ser como elas?

Ou a avó dela teria que acabar com esse absurdo, ou sua incursão na sociedade acabaria rapidamente. Ela se forçou a se submeter até o segundo intervalo e implorou a Andrew que a levasse para casa.

Ele se inclinou para falar baixinho. — Vamos tentar dar um passeio primeiro. Saindo agora, eles só falariam mais. Tente agir naturalmente e desfrutar da peça.

Ela sussurrou de volta com os dentes cerrados, tentando manter um sorriso: — Não suporto as pessoas olhando para mim. Não quero estar no desfile como um show de horrores!

— Melindrosa! Sensível! Ele lhe deu uma cotovelada do modo como os irmãos fazem, depois a arrastou para ficar de pé ao redor do Grand Saloon. — Está mudada, El. A irmãzinha que saiu daqui há seis anos prosperou em ser o centro das atenções. *Sim, ser atacada a havia afetado.*

Ao se dar conta do que disse: — Sinto muito. Não queria ser insensível sobre o que aconteceu. Ainda estou tentando entender tudo.

— Não, eu sou diferente. A realidade é que nossas experiências nos mudam, algumas para melhor, outras para pior.

— Concordo. E como se lida com eles, nos molda em quem somos. —

Profundo. E verdadeiro. Ela estava tentando pelo menos. Ela apertou o braço dele.

Não demorou muito para o grupo de lordes desordeiros tomar conhecimento de Elinor. Andrew lançou seu melhor olhar carrancudo para eles, e mantiveram distância, mas não seus gritos de aprovação ou olhares.

Ele comprou taças de vinho, depois a conduziu na direção oposta ao terraço e, assim que estavam fora do alcance da voz, ela começou a rir.

— O que, por favor diga, é tão engraçado Elly? — Ele olhou para o copo de vinho e viu que ainda estava cheio. Não, ela não estava disfarçando. Ele inclinou a cabeça e a olhou. — Bem?

Ela acenou com a mão. — Isto. Eu. Você. Tudo isso. É simplesmente ridículo demais. — Ela riu ironicamente. — Considerando como passei meus dias antes de chegar aqui, não consigo me reconciliar com o fato de que é assim que eu devo passar meu tempo.

— Bem, não é um sonho. Infelizmente, esta é a sua realidade por um tempo. Pode muito bem tentar aproveitar ao máximo.

— E deixar de lado meus modos práticos, pudicos e puritanos? — Ela lançou um olhar cético para ele, zombando de si mesma.

Ele deu de ombros e lançou um meio sorriso. — Quando em Roma?

Elinor suspirou. — Estou fazendo o meu melhor. Agora, por favor, podemos ir?

Andrew olhou para ela por um momento. Ergueu as mãos em sinal de resignação e, grandiosamente, apresentou o braço para acompanhá-la. Ao chegarem à carruagem, ele disse: — Está diferente, El. Sei que é uma *mulher* agora, mas

tente não ser tão séria e esconda aquela *joie de vivre* que encanta a todos.

— Não tenho certeza se ainda a tenho. — Elinor falou baixinho, sem saber até se Andrew escutara, pois, lorde Vernon os estava chamando e vindo atrás deles.

— Saindo cedo? Espero que tudo esteja bem, srta. Abbott, Andrew? —

Seu rosto mostrava uma preocupação genuína.

— Obrigada pela sua preocupação, lorde Vernon. Ainda não estou acostumada com as multidões. — Enquanto falava com lorde Vernon, avistou Easton do outro lado do salão, rindo e encantando uma multidão.

Uma multidão de mulheres sorridentes - incluindo a morena luxuriosa do chá mais cedo - se apoiando em cada palavra dele. Uma pontada de inveja a



consumiu, e tentou se livrar, lembrando-se de que não tinha pretensões com Easton e que nunca poderia. Se ele não gostava disso, tinha uma maneira interessante de mostrá-lo.

— Bem, depois de toda a conversa esta noite, queria pelo menos garantir um passeio no parque enquanto eu tiver a chance. Posso buscá-la para levá-la em um passeio amanhã?

— Eu já tenho um compromisso amanhã.

Lorde Vernon levantou a mão para o coração. — Já? Eu fui derrotado!

Atrevo-me a pedir o dia seguinte?

Ela sorriu de sua brincadeira e consentiu em andar com ele no dia depois de amanhã. — Isto é, se minha avó já não tiver planos para mim. —

Ela disse como uma reflexão tardia, lembrando do que lhe disseram para dizer.

— Mas é claro. Até então. — Ele beijou a mão dela e acenou com a cabeça para Andrew.

Depois que voltaram para a carruagem, Andrew acreditou que devia avisar sua irmã. Ele não tinha certeza de como se sentia sobre todos os seus amigos pendurados atrás dela. — Elly, tentarei não interferir muito, mas reivindico o privilégio de irmão mais velho. Alguns desses caras jogam duro e rápido com dinheiro e mulheres. Tenha cuidado. As classes superiores de Londres jogam por regras diferentes de todos os outros.

— Se refere a Lorde Vernon? Ou Lorde Easton? Vocês foram sempre inseparáveis! — Ela ficou surpresa com o aviso severo dele.

— Não significa que eles sejam bons o suficiente para minha irmã. É

só que já está causando um rebuliço. — Não queria dizer o quanto. — Além disso, todo mundo sabe que Bea está rodeando Vernon há séculos. Ela está apenas esperando que ele acerte tudo. — Elinor bufou. — Easton não está atrás de anáguas. Não se interessa. Estranho isso.

Essa notícia agradou a Elinor. Extremamente.

EASTON ASSISTIU, do outro lado do teatro, como todo libertino desgarrado conhecido pelo homem, bajulava Elinor. O que Andrew estava pensando

em permitir que eles se aproximassem dela? Teria que falar com ele sobre isso depois. Certamente ele viu o perigo? Ou não percebia como sua irmã era linda?

Durante o intervalo, tentou atravessar a multidão até o camarote do Duque, apenas para descobrir que Elinor e Andrew já haviam partido.

Frustrado, saiu para a sala de estar, apenas para ser preso por Lady Lydia.

Tentou o seu melhor em sorrir para o comportamento coquete de Lady Lydia, mas isso o aborreceu e repugnou. Se irritou quando viu Vernon flertando descaradamente com Elinor. O canalha beijou a mão dela e não soltou! Andrew estava completamente inconsciente? Lady Lydia Markham persistiu em suas atenções, apesar das óbvias tentativas de Easton de encerrar a conversa. Acabou tendo que ser brusco e rude para fugir, mas não chegou a tempo de pegar Elinor. Eles já tinham ido embora.

CAPÍTULO ONZE

O tempo mudou e uma chuva fria e miserável se abateu sobre eles por vários dias. Elinor estava perto da loucura por ser mantida em casa, ou teria tentado recusar o convite que sua avó fez para um recital naquela noite. Elinor amava a música, mas Andrew havia renunciado aos recitais por várias razões, principalmente porque a sociedade os usava para mostrar suas filhas debutantes. Elinor estava apenas procurando uma desculpa para fugir da casa. Ela se sentia como uma prisioneira com apenas sua avó e livros como uma companhia agradável, já que evitava a tia e a prima o máximo possível. Andrew se manteve afastado em seu clube cavalheiros ou no de boxe, o Gentleman Jackson, e ela se viu sentindo falta da companhia de Easton.

No passeio de carruagem, a Viúva lamentava mais um recital insípido, mas explicou que ninguém jamais recusava um convite para um dos eventos de Lady Ashbury. Ela raramente se divertia, mas quando o fazia era toda fúria. — Este é o primeiro recital que assisto lá. Me pergunto como ela vai torná-lo espetacular?

— O que ela faz para tornar seus eventos melhores do que outros? —

Elinor perguntou curiosa, talvez isso não fosse ser tão tedioso quanto pensara.

— Ela decora a casa em temas selvagens e tal. Nunca vi nada tão extraordinário. No entanto, não posso imaginar o que ela poderia inventar para este. Suas três filhas são aparentemente a atração. Elas raramente estão em público.

— Elas estarão se apresentando? — Elinor estremeceu contra o frio entrando na carruagem apesar de seu envoltório aquecido.

— Isso que diz o convite. Aposto que haverá jovens fanfarrões alinhados na porta.

— Elas são muito bonitas, então.

— E são trigêmeas. — Ela bufou.

— Ah. — Isso explicava tudo.

As duas damas saíram da carruagem, protegidas por vários lacaios segurando grandes guarda-chuvas, que as guiaram até a porta minimizando

as chuvas com eficiência. Os fanfarrões não estavam realmente alinhados na porta, mas havia uma multidão de pessoas dentro de casa com uma propensão definida para as espécies masculinas. Ela nunca tinha visto trigêmeas antes, então estava bastante curiosa.

Embora não pudesse ver muito, o saguão de entrada parecia bastante comum. Se havia um tema, não tocou nesta parte da casa. A multidão se separou o suficiente para deixar a viúva passar, e Elinor a seguiu, sorrindo o melhor que pôde. Ela sentiu os olhares e sussurros de muitos na multidão enquanto passavam, encontrando-se ainda sendo o objeto da novidade. Ela estava grata por entrar no salão mais espaçoso.

Elinor recebeu um programa quando foi direcionada para a sala, uma incrível criação em forma de violino, que anunciava uma noite com Beethoven pelas Ladies Anjou, Beaujolais and Margaux. *Sua mãe deve ser francesa. Ou uma conhecedora de vinhos.* Então entraram na sala que tinha sido transformada em uma réplica de Viena, incluindo o Palácio de Hofburg, a Rathaus, a Catedral de Santo Estêvão e um característico riacho de água do rio que atravessa a 'cidade' de Donau. Elinor tinha certeza de que sua boca estava escancarada de espanto, mas não conseguia evitar. Tentou não ponderar o custo extravagante de tal evento. As cadeiras foram colocadas estrategicamente em volta das réplicas em miniatura.

Os lacaios começaram a extinguir as velas quando os convidados foram instados a sentarem, e Elinor ficou fascinada com o espetáculo. Uma vez que os convidados estavam sentados, não havia sinal de palco ou de artistas. Enquanto Lady Ashbury se levantava para apresentar o espetáculo, Elinor viu Andrew e Easton se esgueirando, os ladinos! Então, o edifício em forma de ópera vienense começou a girar, e Elinor colocou fora de sua mente tudo o mais no momento. Do outro lado do prédio estavam as trigêmeas, um atrás de um piano, outra sentada atrás de um violoncelo e a terceira segurando um violino. Três meninas idênticas de cabelos negros pareciam deusas em sua beleza etérea. Elinor não foi a única que pensou assim enquanto olhava para os rostos da plateia.

Sua avó sussurrou em voz alta: — Vamos esperar que a música corresponda à decoração. — Elinor tentou encobrir sua risadinha. Essa noção foi rapidamente dissipada quando a garota do violoncelo começou, e então se juntaram as outras no *Triplo Concerto de Beethoven*. Ela foi rapidamente atraída para o drama da história que estava sendo contada, e

ficou surpresa quando Lady Ashbury anunciou um intervalo enquanto o palco girava para longe da plateia.

Não demorou muito para que uma multidão de homens crescesse perto do palco, esperando uma introdução ao trio. Elinor não podia culpá-los. Ela mesma estava bastante fascinada. Quando a viúva se dirigiu à sala privada, Elinor foi buscar comida para elas.

— Posso lhe conseguir algo, srta. Abbott? — Elinor se virou para ver Easton em pé na frente dela, parecendo tão bonito quanto o diabo em sua casaca preta, colete de safira e calça preta de cetim. As roupas se moldavam ao seu corpo de soldado musculoso, do qual ela conhecia todos os contornos e cicatrizes – as quais ela *não* deveria estar pensando, lembrou a si mesma. Ela se abanou para esfriar suas bochechas, de repente quentes, quando se virou para a mesa cheia de bebidas e sobremesas.

— Eu estava indo pegar refrescos para mim e vovó. — Inclinou a cabeça em direção à mesa.

— Posso ajudá-la, então? — Ele daria cem libras para saber o que ela estava pensando naquele momento, quando a pegou olhando-o da cabeça aos pés.

— Claro. — Ela sorriu timidamente. Queria tanto vê-lo, e agora estava sem palavras!

— Acha que o vinho será francês? — Ela riu. — Ou acha que elas têm um irmão chamado Bacchus? — Ele jogou a cabeça para trás, rindo.

— Infelizmente, o nome do irmão delas é Charles.

— Que decepcionante. — Ela fingiu um olhar desapontado, mas não conseguiu parar um sorriso.

— De fato. — Eles riram novamente enquanto se dirigiam para o enorme bolo em forma de piano forte.

— O que prefere um A menor ou G maior, senhorita Abbott? — Ele acenou com a mão para o bolo.

— Oh, qualquer tecla serve. — A noite poderia ser mais absurda? Ela sentiu

como se tivesse entrado nas páginas de um conto de fadas. Eles fizeram o seu caminho em direção às mesas abastecidas, passando por Andrew na multidão esperando para encontrar as trigêmeas.

— Agora vejo o que trouxe meu irmão para a cova do leão. — Ela olhou para os homens fazendo papel de bobos. — Ele me disse que tinha que evitá-los. — Ela riu e mal suprimiu uma bolha de champanhe de escapar dela.

— Sim, estranho como isso funciona. Também não é a meu gênero preferido, mas não posso dizer não à minha tia. E, claro, Andrew não queria que eu viesse sozinho.

— Não, claro que não. Tenho certeza de que foi um grande sacrifício.

— Pelo menos a música é excelente. Normalmente, elas são ruins o suficiente para nos fazer ranger os dentes até que eles caiam.

— E a vista é excelente, até eu devo admitir. — Ela sorriu timidamente.

Ele não pegou a isca. — É uma pena que tudo isso seja desperdiçado amanhã.— Ele olhou em volta para a pompa e ostentação em exibição e encolheu os ombros.

— Sou um peixe fora d'água, estou com medo. Está muito longe dos campos de batalha ou dos campos de tabaco.

— Ou até mesmo as ruas de Londres — ele disse baixinho.

— Isto me lembra. Queria lhe perguntar sobre como ajudar seu orfanato. Se eu puder costurar roupas ou fazer alguma coisa enquanto estiver aqui?

Ele olhou para ela, contemplando. — Suponho que Andrew tenha contado sobre isso. Nós não gostamos de anunciar quem é o benfeitor. Isso tira das crianças. — Ela assentiu e olhou para ele. — A ajuda é sempre bem-vinda. Nunca há falta de trabalho a ser feito. Vou levá-la até lá em breve, se quiser.

— Eu apreciaria mais a diversão do que possa imaginar, embora talvez devesse encontrar algo para fazer além de costurar. Sou uma costureira horrível.

— Acho que deveria ser grata por não poder ver sua obra nas minhas costas. —

As covinhas apareceram para ela.

Eles logo se juntaram a Lorde Vernon e Andrew, que pareciam desapontados. Elinor se inclinou para o irmão quando ele chegou para beijá-la na bochecha.

— Por que tão triste Andrew, Lorde Vernon? — Ela fez uma reverência para os recém-chegados. — Isso tem algo a ver com algumas trigêmeas de cabelos negros?

— Elas estarão de volta em breve, meninos. — Uma voz com um sotaque francês disse enquanto ria atrás deles. Eles se viraram para encontrar uma Lady Ashbury bastante divertida diante deles. Os homens se curvaram e Elinor fez uma reverência, embora ainda não tivesse sido

apresentada. — Fico feliz em ver que conseguiu afinal, Adam. Tem negligenciado sua tia favorita desde o seu retorno.

— Me perdoe, tia Simone. — Ele se inclinou e beijou sua tia obedientemente na bochecha. Elinor soltou um suspiro de alívio que ela não percebeu que estava segurando. De repente, ocorreu-lhe que significava que as trigêmeas eram suas primas. Aleluia! Ela ouviu Lady Ashbury pigarrear e Elinor olhou para cima para vê-la inclinando a cabeça na sua direção. Ela tinha se distraído e perdeu uma pergunta?

— Perdoe-me, não percebi que não tinha sido apresentada, tia. Marquesa de Ashbury, senhorita Abbott.

— Finalmente nos encontramos — disse Lady Ashbury. — Ouvi muito sobre a senhorita. Espero ser capaz de melhorar nosso relacionamento quando minha casa não estiver cheia de convidados. — Ela olhou ao redor, indicando o salão lotado.

— Lady Ashbury — Andrew inclinou-se sobre a mão dela. — Posso dizer que tem filhas muito talentosas. Elas são adoráveis para ... escutar. —

Lady Ashbury sorriu com um brilho nos olhos quando Andrew percebeu que quase se envergonhava.

— Acho que sim, Sr. Abbott. Obrigado. Espero que aproveite o resto do entretenimento. — Ela deu outro sorriso e saiu para cumprimentar alguns outros

convidados. Elinor estava gostando muito mais de seu bolo e champanhe agora, enquanto ouvia sem preocupação os homens que discutiam as trigêmeas. Ela se divertiu com o interesse de Andrew e planejou usar isto contra ele no futuro se necessário. De uma forma fraterna, claro.

Enquanto Lady Ashbury se afastava, lorde Vernon voltou-se para envolver as atenções de Elinor. Ele se curvou sobre a mão dela enquanto Andrew conversava com Easton. — Parece mais elegante esta noite. Estou muito encantado.

Easton e Andrew tossiram seu aborrecimento com seu flanqueamento, mas Vernon os ignorou.

— Ainda estamos combinados para nosso passeio no parque, senhorita Abbott? — Vernon levantou a vista e piscou o olho.

— Sim, claro. Estou ansiosa por isso. Estive no parque pela manhã, e tenho certeza de que será igualmente adorável à tarde — respondeu Elinor.

— Se acha que é adorável tendo seu irmão como guia, tenho certeza de que posso fazer muito melhor. — Sorriu de forma devassa para ele. Andrew

teve que se defender.

— Elly pode ver através de você, sabe, Vernon. Por que ela preferiria um belo rosto bajulador ao seu irmão mais velho? — Retrucou alegremente.

— Devo declarar as vantagens óbvias, Andrew? — Elinor lembrou a si mesma que se tratava de brincadeiras masculinas entre amigos, mas estava andando perto de águas perigosas. Ela olhou para Easton para ver como ele reagia, mas ele ainda estava lá olhando para ela.

— Eu poderia chama-lo lá fora, Vernon. — Andrew olhou Vernon para ver até onde o amigo levaria o tratamento de sua irmãzinha.

— Sim poderia, mas não vai. Sabe que minhas reais intenções são honradas. ─Easton endureceu.

Beatrice se aproximou e passou um braço pelo de lorde Vernon, marcando possessivamente seu território. — Ah. Rhys, está envergonhando minha querida prima com sua provocação. Percebe que ele só está brincando, não é mesmo

Elinor? — Ela olhou de Elinor para Vernon. —

Não deve provocá-la assim, querido. Ela pode realmente pensar que fala sério. — Ela gargalhou e sorriu para Elinor. Lady Lydia se aproximou em um vestido decotado que era cavado para exibir seu seio vantajoso, e ela obviamente estava ciente do efeito que causava.

Nada atraía moscas para o mel como a competição, pensou Elinor.

— Por que está tão sério? Perdi algo importante? — Ela praticamente ronronou quando se inclinou muito perto de Easton. Elinor ansiava por lhe dizer exatamente do que ela sentira falta, mas não haviam sido devidamente apresentadas, de modo que não podia nem falar com ela sem ser imprópria. Lady Lydia olhou para Elinor com ousadia, com uma expressão no rosto que indicava o que achava dela. Elinor olhou de volta com a mesma impaciência, recusando-se a ser intimidada pela vadia manipuladora.

Andrew fez as apresentações. — É um prazer, certamente — disse lady Lydia com frieza.

Felizmente, Easton a salvou. Aparentemente, seu irmão estava muito distraído com os ativos de Lady Lydia para recuperar o juízo. — Miss Abbott, vejo sua avó tentando chamar sua atenção. Posso acompanhá-la até ela?

— Isso seria muito bem-vindo, obrigada. — Quando eles estavam longe do grupo, Easton se inclinou para ela. — Ignore-as. Estão apenas com inveja.



— Eu duvido disso, mas agradeço pelo apoio de qualquer maneira. Confesso que não estou acostumada a esse tipo de malícia aberta.

— Bem, talvez devêssemos alterar o sinal na entrada da propriedade para incluir esses tipos.

— Não tenho certeza se qualquer um dos adjetivos que eu possa pensar para descrevê-las seria apropriado para um sinal.

Eles sorriram um para o outro e Elinor sentiu um calor se espalhar sobre ela. *Se apenas...*

A TARDE seguinte chegou junto com uma enorme quantidade de visitas em Loring Place. A presença de Elinor em Londres tornou-se inevitavelmente conhecida, e muitos ficaram bastante curiosos para ver a mania mais recente na cidade. Elinor não gostou da atenção, mas estava determinada a ser agradável. Quando Lorde Vernon foi anunciado e revelou sua missão de levar Elinor para passear no parque, Beatrice engasgou e olhou para Elly. Lorde Vernon, prevendo astutamente a birra iminente, perguntou, inclinando-se sobre a mão de Beatrice: — Está livre para se juntar a nós, lady Beatrice? Prometi a Andrew que mostraria à sua prima as delícias de um passeio à tarde no parque.

Isso foi bom, pensou Elinor. Isso também significava que ela seria forçada a passar à próxima hora em um pequeno espaço com Beatrice. Beatrice foi pacificada, por enquanto. Elinor não via nada além de desgraça e destruição em seu futuro. O Senhor a ajudasse se ela alguma vez agisse como a megera que Beatrice fazia.

Josie ficou encantada com outra chance de Elinor se vestir melhor e escolhera uma musselina lilás clara com mangas compridas e cintura alta na moda. Elinor vestiu sua capa de tecido e luvas de pelica para frustrar o frio da tarde e colocou um gorro combinando na cabeça.

Eles seguiram para o circuito e Beatrice estava claramente entrando na fase de desespero, na opinião de Elinor. Esperava que nem sempre ela se comporte assim em torno dos homens. Talvez isso explicasse por que não teve ofertas sérias na temporada passada. Quando eles saíram para entrar no

cabriolé, Beatrice começou a gritar. — Mas não pode querer levar todos nós nisso! — Claramente ela sempre agia dessa forma.

— Claro que eu posso. As duas são esguias o suficiente para igualar ao tamanho de um homem adulto. Ou pode optar por ficar em casa, se tiver alguma objeção a estar perto de mim ou de sua prima. — Ele sorriu para ela, sabendo que ela tinha se içado em sua própria armadilha. Elinor tentou não sorrir, mas foi adorável assistir à agitação de Beatrice. No entanto, ela não ousaria ficar em casa, então aceitou de má vontade a ajuda de Vernon na engenhoca. Era bem pequeno, mas Elinor estava se deliciando com o desconforto de Beatrice e sentiu pouca culpa

por isso.

Eles

seguiram

pela

rua

e

pelos

portões,

e

então

pararam. Aparentemente, quando Lorde Vernon disse uma tarde passeando no parque, na verdade queria dizer que uma tarde sentada na carruagem. Havia uma multidão no parque; era impossível se mover a uma velocidade maior do que o passo de um caracol. Por Londres estar supostamente escassa de pessoas nesta época do ano, Elinor estremeceu ao pensar naquele lugar quando era considerado lotado. No entanto, Lorde Vernon e Beatrice pareciam não se perturbar com o ritmo, quando todas as carruagens paravam para cumprimentá-los. Lorde Vernon parecia bastante satisfeito consigo mesmo, sendo escoltado por duas beldades, e era capaz de exibir sua boa sorte diante dos outros dândis presentes.

Elinor de repente encontrou numerosos brilhos, narcisos e janotas curvando-se sobre sua mão. Ela nunca tinha visto os gostos de homens vestindo tais trajes ridículos! Suas camisas pareciam alcançar suas sobrancelhas e seus coletes eram brilhantes o suficiente para iluminar um quarto. Eles disseram que sua pele era tão bela quanto uma neve fresca e compararam seus olhos à água dos lagos e aos oceanos. Água dos lagos? Eles devem estar pensando em lagos diferentes do que ela conhecia. Eles brincavam? Deveria levar isso a sério? Olhou para Beatrice, recebendo sua própria versão de adoração, e então virou o rosto para poder rir. Ela realmente riu alto.

— Olah, Senhoritah Abbott — disse um homem com uma pronúncia exagerada e afetada que era favorecido no meio do grupo: — Seráh que ah encontrarei pela manhãh, galopando a éguah brancah? — Ela se virou para ele, parcialmente recuperada de seu ataque de riso. Ele havia se vestido com um colete verde-limão coberto de flamingos cor-de-rosa e botões dourados do tamanho de pires. Sua cartola tinha uma fita para

combinar. Fascinante. Ela apostava que seria baleado se ele se atrevesse a usar isso na volta para casa.

Beatrice pareceu mortificada. Ela murmurou para Vernon: — Eu disse que ela iria me envergonhar.

O janota, Sr. Sinclair, continuou enquanto a olhava com o seu monóculo; fazia com que seus olhos parecessem tão grandes quanto seus botões. Ele assentiu com aprovação. — Senhoritah Abbott, tem melhor aptidãoh em um cavaloh que algum diah tiveh.

Uma vez que ela decifrou o que ele disse, ela respondeu: —

Obrigadah, Senhor Thinclair. — Ela conseguiu falar o nome dele com uma risada e um rosto sério. Ela sabia que não deveria, mas não podia se conter.

Isso provocou gargalhadas dos espectadores, e eles bateram nas costas de Sinclair com uma provocação bem-humorada. Em vez de repugná-los com suas maneiras americanas, ela se aproximou deles. Ela ouviu Beatrice gritar sobre o riso, e Vernon apenas sorriu e piscou para ela. *Pobre Vernon. O que ele viu em sua prima?*

Na manhã seguinte, viram a sala cheia de flores e cartões para Elinor, como prova de sua nova fama. Naquela tarde, as flores foram acompanhadas pelo desfile de admiradores que enviaram os buquês e ninharias. Ela as mandou diretamente para o orfanato. Se ao menos eles tivessem enviado o dinheiro que gastaram nas flores. Os figurinos absurdos que os senhores usavam eram apenas eclipsados pelos absurdos poemas e odes que haviam sido escritos para suas sobrancelhas, orelhas e nariz. Isso não poderia ser real. Ela não poderia ter imaginado esse absurdo em seus sonhos mais loucos. Os curiosos de Londres vieram ver essa novidade que era meio americana em suas maneiras, mas britânica de sangue azul em seu pedigree.

O que constituía um pesadelo para Elinor era o desejo mais profundo de Beatrice: ser a mulher mais procurada da sociedade. Beatrice observou o sucesso de Elinor com um crescente ódio. Em vez de perceber que a beleza interior e a indiferença de Elinor eram o que atraíam essa atenção, ela se concentrou em maneiras de colocar Elinor em seu devido lugar. Beatrice tinha muitos admiradores por si mesma, mas qualquer atenção que não se concentrasse nela era uma atenção mal colocada.



A MAIORIA dos dias passava em uma névoa para Elinor. Ela continuava a cavalgar com Andrew todas as manhãs, quando o tempo permitia, aprendendo a montar de lado, na bela égua dourada e branca que seu tio comprara para ela. Não podia esperar para levá-la ao campo para deixá-la correr solta. As tardes estavam cheias de mais visitas, cavalheiros bajuladores e chás abafados com damas da *alta sociedade*. Estava ficando mais acostumada com a tolice e tentava humorizar os admiradores, já que eles pareciam inofensivos. As noites proporcionavam jantares, saraus, bailes ou teatro. Era exaustivo e não deixava tempo para si mesma.

Easton enviara uma nota após a caminhada no parque, informando a Elinor que ele visitaria o orfanato no dia seguinte caso ela gostasse de se juntar a ele. Elinor ficou encantada por ter uma ruptura no constante turbilhão da vida na cidade. Colocou um de seus vestidos práticos que trouxe de casa, agradecida por sua avó não os ter queimado. Easton ajudou Elinor e Josie a entrarem na carruagem, depois bateu no teto, sinalizando ao motorista para prosseguir.

Elinor não saia de Mayfair desde a noite em que chegaram, e estava muito nebuloso para ver qualquer coisa. Esse era um dia claro, e Elinor e Josie assistiram maravilhadas ao passarem pelas ruas sagradas da rica Londres. Ela achara que já havia visto a pobreza antes. Os vendedores e varredores que vira em Mayfair pareciam luxuosos comparados com as mulheres e crianças descalças, meio vestidas, que ela via amontoadas em portas e becos, tentando se manter aquecidas. As pequenas casas cobertas de fuligem estavam desmoronando, e o fedor do esgoto e dos escombros espalhados, tornava o desespero ainda mais surpreendente. De repente, seus problemas pareciam tão

triviais.

Elinor não percebeu que estava mordendo o punho cerrado ou que seus olhos estavam cheios de lágrimas não derramadas até Easton falar e romper o transe.

— Podemos voltar se for demais.

Elinor sacudiu a cabeça. — Eu quero ajudar todos eles. Mas como?

— Não é possível ajudar todo mundo, mas mesmo assim estamos tentando. — Eles pararam em frente a um conjunto de prédios antigos e bem usados como o resto da área, mas pareciam estar em bom estado. — É

isso. Vamos? — Ele as ajudou a descer da carruagem e as acompanhou pelas portas da frente.

Elinor não tinha certeza do que esperava quando pensou em um orfanato, embora triste e desnutridos tenha lhe vindo à mente. Em vez disso, foi recebida com sons de risadas e de crianças. Olhou em volta admirada enquanto eles caminhavam para cumprimentar os " *pais da casa*", como Easton se referia a eles. Passaram por uma sala de aula, uma sala de jogos, uma sala de costura e depois encontraram a " *mamãe*", a sra. Hopkins, na cozinha, instruindo meia dúzia de crianças na arte de fazer pão.

Imediatamente o coração de Elinor se encheu de alegria. Alegria de que essas crianças estavam aprendendo habilidades que os ajudariam a encontrar emprego útil, alegria por terem comida e roupas suficientes e, aparentemente, amor e risos. Não pensou que isso pudesse existir no meio da miséria do lado de fora.

Quando as crianças notaram seus visitantes, elas imediatamente gritaram de alegria e vieram correndo para cumprimentar Easton. Ele se agachou e abriu os braços para recolhê-los em um abraço. Elinor respirou fundo de espanto. Essa saudação os seguiu enquanto visitavam o orfanato com gritos de: — Senhor Adam! Veio ler para nós? Trouxe doces? — E

coisas do tipo.

— Sim, Sim. Depois do almoço. — Ele riu da massa de crianças penduradas nele.

— O Sr. Hopkins levou as crianças para a sala de jantar. As crianças mais novas estavam sentadas perto de pessoas mais velhas que não estavam ajudando a servir a refeição. Elinor ficou na cozinha para ver se poderia oferecer ajuda à sra. Hopkins. Ela sabia que os visitantes causavam mais trabalho. Easton se abaixou e deu um abraço e um beijo na bochecha da Sra. Hopkins antes de seguir os outros. Elinor olhou com perplexidade. A sra. Hopkins riu do rosto de Elinor. — Eu sou sua velha babá.

Elinor tentou não corar pela óbvia falta de decoro. — O senhor Hopkins e eu decidimos aceitar tomar conta daqui quando as crianças da Trowbridge estavam crescidas demais para ainda precisar de mim. Nunca fui abençoada com meus próprios filhos, e agora tenho um punhado. — Ela sorriu de orelha a orelha. — O conde e sua família ficaram contentes em

nos ajudar. — Elinor não sabia o que dizer, por isso a sra. Hopkins continuou andando enquanto colocavam comida nos pratos e os entregavam às meninas para levar para a sala de jantar. — Nunca encontrará uma família melhor do que essa. Meu Adam visita todas as chances que temos aqui, tem um interesse pessoal em cada criança. Sua irmã faz roupas para as crianças quando ela não pode estar aqui para ajudar.

Easton tinha uma irmã? Elinor seguiu a sra. Hopkins até a sala de jantar, sua mente girando com todos os novos detalhes sobre Easton. Estava sentada no meio de uma das mesas, diretamente em frente a ele. Quase deixou cair o queixo no chão quando viu que ele segurava uma menina pequena em seu colo, alimentando-a, parecendo mais feliz do que jamais o vira. Tentou não olhar enquanto a garotinha traçava sua mandíbula com o dedo coberto de batata, e então ele fez o mesmo com ela e eles riram. Ela nunca teria imaginado ele como um pai maravilhoso antes disso; muitas vezes ele parecia tão reservado. Ele piscou para ela quando a pegou encarando. — Senhorita Elinor, esta é a minha garotinha especial, Susie. —

Elinor não podia deixar de sorrir para eles.

Eles participaram de uma refeição surpreendentemente saudável e saborosa, embora simples. As crianças foram bem-comportadas e também ajudaram a limpar depois.

A Sra. Hopkins perguntou, quando todos terminaram: — Sr. Adam, uma história

rápida antes das aulas? — Isso foi recebido com aplausos das crianças. — Então depois, garotos para os estábulos e garotas para a costura.

— Sim, a Sra. Hopkins! — Um coro sincronizado respondeu. Eles se reuniram na grande sala de estar em volta de uma enorme lareira com um fogo crepitante. A sra. Hopkins organizou uma cadeira para Easton e depois colocou telas na frente do fogo para impedir que os dedos curiosos se aproximassem. Enquanto Easton lia para os meninos e meninas em transe que se apoiavam em cada palavra sua, Elinor olhou em volta e se sentiu verdadeiramente à vontade pela primeira vez desde que pisou na Inglaterra. Isso parecia certo. Ela julgara mal Easton e estava tão grata por estar errada. Seu coração estava derretendo em sua direção, de uma maneira que a deixou profundamente desconfortável, e doeu saber que teria que se contentar com a amizade dele.

Ela avistou um menino com grandes olhos castanhos e bochechas rechonchudas olhando para ela por trás das saias da sra. Hopkins. Ele não

poderia ter mais que três anos de idade. Ela sorriu para o pequeno, e ele olhou ao redor para ver se o sorriso era para ele, em seguida, imediatamente olhou para baixo, envergonhado por ser pego olhando para ela. Elinor sentou-se no chão para parecer menos ameaçadora e fez sinal para ele se sentar ao lado dela. Ele só olhou de volta para ela. Oh, como ela queria pegá-lo e afastar seus medos!

Tendo terminado a história, Easton sentou ao lado dela para que pudesse ajudá-lo a distribuir algumas guloseimas, e falar com as crianças. Ele estendeu a mão para o garotinho que se arrastou até o colo de Easton. Quem teria pensado que Easton teria o toque mágico onde ela falhara?

— Meu nome é Adam. Qual é o seu nome?

O garotinho encolheu os ombros.

— Eu suponho que terei que ficar com esse doce para mim, então.

O garoto balançou a cabeça furiosamente e uma lágrima gigante ameaçou cair de seus grandes olhos chocolate. Ele fungou tentando ser um menino grande, mas não conseguiu tirar os olhos do doce.

— Sabe falar? — Easton perguntou.

O garoto assentiu. — Não sei o nome — disse ele, e começou a chupar o polegar em sua boca. Ele esfregou o rosto no casaco de Easton e se recusou a olhar para cima novamente. Easton olhou para Elinor como se dissesse: *Isso foi um completo fracasso*.

— Como gostaria de ser chamado?

Os grandes olhos castanhos olharam para Easton. — Adam.

Easton riu. — Essa é uma excelente escolha. Agora é Adam. É um prazer conhecê-lo. — Entregou o doce ao menino e o abraçou enquanto a criança o devorava.

Easton sussurrou no ouvido de Elinor. — Acho que estou apaixonado.

Eu também. Eu também.

CAPÍTULO DOZE

O dia do baile finalmente chegou, não importava o quanto Elinor desejasse o contrário. O lado promissor era que terminaria e ela estaria muito mais perto de retornar à amada River's Bend. Ela sentia falta de casa, agora mais do que nunca. Sentiria falta de sua família, mas não da sociedade aqui. Era quando Elinor mais desejava a orientação de sua mãe, pois ela saberia como ser apropriada e o que dizer para não chamar atenção para si mesma. A sociedade americana não tinha sido tão difícil, nem tão rigorosa.

E hoje Nathaniel deveria chegar, e não haveria mais como escapar.

Seu quarto estava repleto de buquês que transbordavam do resto da casa. Eles haviam sido enviados com votos de felicidade, como era costume para um baile de boas-vindas. Muitos eram de pessoas que ela nunca conhecera, enviados por velhos amigos da família. Houve uma batida suave na porta. Josie foi atender, esperando mais buquês de um lacaio. Em vez disso, Andrew entrou, carregando flores e uma pequena caixa.

— Está linda, Elly. — Ele fez uma pausa, parecendo desconfortável.

— Foi muito difícil para você, não foi? — Riu enquanto ele estava lá tentando pensar no que dizer. Ele teve a decência de parecer envergonhado.

— Não tenho certeza se gosto de pensar em todo mundo admirando-a nisso. — Ele examinou seu vestido de cetim marfim com um corpete de veludo verde que se encaixava perfeitamente. Ela até colocou os pés para fora para mostrar suas sapatilhas verdes combinando. Havia escolhido o design para este vestido e estava bastante orgulhosa disso. Ele limpou a garganta e balançou a cabeça.

— Sim, bem Elly, estas são para você. — Ele entregou-lhe um buquê de seus lírios favoritos. — E isso é do pai. — Ele entregou-lhe um envelope e uma caixa que continha um par de brincos de diamantes, que tinham sido de sua mãe.

Elinor sentiu uma poça de lágrimas nos olhos. Ela aceitou os presentes, depois estendeu a mão e beijou-o na bochecha. — Obrigada, Andrew.

— Não sou muito bom em formalidades ou conselhos, mas esta noite seja você mesma. Eu estava errado em dizer para sorrir e se

arrumar. Mesmo esse grupo de inúteis verá que tesouro é.

— Obrigada, Andrew, eu acho. — Ele deu um sorriso de menino e beijou-a na testa.

Josie sabia que Elinor estava ficando sobrecarregada e conduziu Andrew para fora. — Está bem, senhorita Elly?

Elinor assentiu. — Não posso fazer isso.

— É o que sua mãe queria — disse Josie suavemente.

— Eu sei, mas não sou eu. Não suporto o pensamento de todos olhando para mim.

— A senhorita será perfeita. Seja a senhorita mesma, assim como ele disse. Se ficar sobrecarregada, imagine-se dançando com seu pai em casa. — Elinor assentiu.

Josie começou a terminar o cabelo de Elinor, colocando belos pentes forrados com esmeraldas de um verde profundo, permitindo que seus cachos dourados caíssem em cascata pelas costas. — Onde comprou esses? Não, não me diga. Vovó, claro. — Josie tossiu. — Josie?

— Ele estava com medo de que não os aceitasse. Ele me fez prometer. E agora é tarde demais para refazer o cabelo. — Ela sorriu sem arrependimento.

— Quem? — Seu estômago revirou.

— Ora, lorde Easton, claro. Ele me deu uma nota caso perguntasse. —

Josie tirou o belo cartão do bolso.— Elinor pegou-o de Josie e o abriu.

Por favor, salve uma dança para mim. Seu, E.

Ela corou. — Posso ter alguns momentos, sua mocinha desonesta? Eu preciso de um pouco de silêncio antes da tempestade.

Josie silenciosamente escapou com um sorriso. Seu trabalho foi feito.

Elinor ficou alarmada com o prazer que sentiu pelo presente e a nota de Easton. Não podia se permitir sentir mais que isso. Ela sabia que ele só queria exprimir amizade e encorajamento com o presente, sabendo o quanto ela temia estar em exibição hoje à noite. Não podia se permitir ter esperança naquele assunto, sabendo que nunca poderia se casar. Ela não sabia como superaria ver Nathaniel novamente. Tremendo ao pensar no que a noite iria trazer, Elinor abriu a nota de seu pai. Ela deveria esperar para ler, mas precisava da falsa coragem que traria.

Querida Elinor



Parte meu coração perder a sua estreia. Agora o mundo inteiro saberá o que eu sempre soube - que é a jovem mais linda da cristandade. Não esconda a luz que brilha dentro de você. Ou quebre muitos corações. Estarei aí em breve. Fizemos uma oferta de paz que espero que seja aceita.

Todo meu amor,

Papa

FELIZMENTE, ela se mantivera ocupada em distrações o dia inteiro e, de repente, encontrava-se na linha de recepção entre o tio e a avó. Como isso aconteceu? Ela mal se lembrava do jantar ou notara as centenas de flores que adornavam o salão de baile, embora cada nicho estivesse repleto de belos arranjos florais, e os castiçais e candelabros de parede estavam cheios de velas brilhantes. Obviamente, seus pedidos para limitar a extravagância não foram atendidos. A orquestra estava dedilhando os sons de preparação em algum lugar ao fundo. Foi levada em um estado de torpor, tentando aparentar a fachada do *tédio* que ela detestava nessa sociedade. Mas, para esta noite, isso a ajudaria a abrandar suas emoções, e portanto, lidar com isso.

Seu tio lhe deu um abraço esmagador, como era seu costume não cavalheiresco. — Não tenho dúvidas do seu sucesso, Elly. Está pronta? Será maravilhosa. — Ele lhe deu um olhar paternal, fazendo-a se sentir a jovem mais especial da sala, apesar das batalhas travadas em seu estômago.

Ela assentiu e lançou a ele um sorriso brilhante. — Suponho que deve ser feito. Só queria que o papai estivesse aqui.

— Sim, isso não pode ser ajudado, mas o resto da família está aqui. Nathaniel chegou e deve descer em breve. Mantive ele falando tanto tempo que não lhe dei tempo para jantar.

Ela sentiu um aperto firme no braço de sua avó e um sussurro no ouvido de — Coragem, querida. — Mas ela já se preparara, por enquanto,

decidida a visivelmente não ser afetada. No entanto, não conseguia controlar o que sentia por dentro. Nada poderia ser pior do que aquelas imagens, que haviam se infiltrado em seus sonhos com tanta frequência ao longo dos anos.

Então ela soube, simplesmente soube, ele estava em pé ali. Apesar de seus preparativos mentais, ficou momentaneamente paralisada de medo. Respirou fundo e depois se obrigou a se virar. Mas a reação dela não foi nada do que esperava. Seu olhar se fixou nele, e ela viu remorso em seus olhos cinzentos, não os olhos possuídos que a assombraram por seis anos. Estava com medo de falar, seu corpo inteiro tenso com antecipação e tristeza?

— Prima. — Ele se curvou.

— Nathaniel. — Isso foi dito com falsa confiança e uma reverência lenta, cada

centímetro dela tremendo.

— Tenho algo a lhe falar, se me permitir. — Ele falou suavemente, mas ela ouviu.

Sua avó interveio, falando em voz baixa e sossegada: — Esta não é a hora e só a verá depois em minha presença. Está claro?

Nathaniel assentiu e tomou seu lugar na fila de recepção. Seu tio olhava para frente e para trás entre os dois, confuso, mas retomou seu lugar sem dizer uma palavra enquanto os convidados eram mostrados. Elinor estava orgulhosa por parecer calma, embora seus nervos estivessem vibrando. Ter tido tempo para se preparar para sua chegada ajudou. Ela se encontrou correndo através de uma variedade de emoções por dentro, enquanto externamente tentava colocar um sorriso genuíno em seu rosto. No entanto, quando Lorde Easton chegou, empurrando Lorde Wyndham em uma cadeira de rodas, não foi necessário nenhum esforço.

— Lorde Wyndham! Estou muito feliz em vê-lo aqui!

Elinor não notou o olhar confuso nos rostos de sua família que não sabiam de sua recente relação com o conde. Sua avó lhe deu uma cutucada educada para lembrá-la.

— Estou feliz por se lembrar de mim depois de todos esses anos, Srta.

Abbott. Está tão linda quanto eu esperava. Ele deu-lhe uma piscadela e ela tentou mascarar sua expressão horrorizada ao perceber seu deslize.

— Sim, milorde, tenho uma excelente memória. Estou feliz que tenha se juntado a nós. — Ela caiu em uma graciosa reverência.



— Não teria perdido por nada no mundo, minha querida — ele disse calmamente. — Guardaria uma dança para mim?

— Pode ter todas elas, milorde. — Ela sorriu encantadoramente.

Ele riu alto. — Eu acho que alguns jovens fanfarrões podem ter algo a dizer sobre isso.

Foi a vez de Lorde Easton. Ele pegou a mão dela e roçou os lábios levemente em sua mão enluvada. — Encantado, senhorita Abbott. — Seus olhos se encontraram, e ele piscou enquanto olhava para os pentes. Ela corou.

ELINOR ESTAVA no topo das escadas examinando a multidão de pessoas que enchiam o salão de baile. Todo seu instinto dizia para ela se virar e correr, quando sentiu seu tio pegar seu braço e levá-la para a pista de dança. A apresentação dele colocou o selo de aprovação em sua aceitação na sociedade. Ela não tinha sido educada para ansiar por essa ocasião, como sua irmã e prima tinham sido. Teria ela se deleitado nesse momento se seu caminho tivesse sido diferente? Não conseguia pensar assim.

A dança de abertura veio e foi. A conversa de seu tio a manteve à vontade, então ela foi capaz de esquecer que estava em um salão lotado de estranhos e que os olhos de todos estavam voltados para ela. Incluindo Nathaniel. Isto é, até que seu tio a levou direto para ele. Nathaniel estava em pé com Andrew, Easton e lorde Vernon, relembrando os velhos tempos, sem dúvida.

— Esses parecem os tipos certos para suas próximas danças Elly. Quem será o primeiro? Esqueci completamente a ordem das coisas.

Nate? O duque olhou para Nathaniel, tentando lhe passar sua mão.

Elinor ficou horrorizada, mas como poderia recusar na frente de todos sem criar uma grande cena? Ela inconscientemente olhou para Andrew e instantaneamente ele soube. Nathaniel estendeu a mão para levá-la a pista, mas Andrew agarrou seu pulso gentilmente e disse baixinho através dos dentes cerrados: — Não precisa fazer isso.

— Sim, eu sei, Andrew. — Mesmo que suas mãos estivessem tremendo e úmidas e ela sentiu um arrepio passar por ela.

Easton e Vernon ficaram observando com curiosidade, mas não fizeram nenhum comentário. Levou toda a força de Easton para se conter. Sentia-se razoavelmente certo de que Nathaniel era a fonte da ansiedade de Elinor, mas

não a natureza disso.

Elinor respirou fundo. *Fique calma. Fique calma*. Uma dança, então ela imploraria a Andrew para levá-la embora. O duque murmurou alguma coisa para Andrew, mas ela não conseguiu distinguir as palavras por causa do ruído de seu sangue batendo em seus ouvidos. Ela estava disposta a permanecer calma, mas suas mãos tremiam ao toque dele de qualquer maneira.

— Prima. — Ele se curvou e ela fez uma reverência, como era costume começar a dança.

— Por favor, não me peça para falarmos agora. Não esta noite.

A dança os separou por alguns passos. Quando eles se reuniram, ele disse: — Muito bem. Não posso culpá-la por se sentir assim. — Ele pareceu desapontado.

A dança os separou novamente. O que quer que Elinor tenha pensado que aconteceria quando reencontrasse Nathaniel, não era isso. Ele parecia tão diferente. Seria possível que ele pudesse ter mudado?

— Sei que minha presença aqui é angustiante para você. Apenas diga a palavra e eu irei embora de novo.

A dança estava terminando, mas a conversa deles apenas começara.

Ambos tinham palavras que precisavam ser ditas; ela não estava preparada para falar agora. Nathaniel levou-a de volta para Andrew, que estava carrancudo com as mãos cerradas por seus lados. Ele se virou para deixá-la e disse em voz baixa, num sussurro: — Sinto muito. — Ele olhou para ela, com lágrimas nos olhos, depois se afastou.

— Isso não acabou, Nate. — Andrew se irritou.

Nathaniel assentiu e continuou andando em direção ao terraço.

Elinor agarrou o braço de Andrew para impedir que ele saísse da pista de dança, tentando evitar a cena que Andrew obviamente tentava conter dentro dele. — Essa batalha não é sua para lutar.

— Eu não concordo — ele disse com mais calma do que se sentia.

— Seis anos atrás eu teria concordado com você. Agora eu preciso me curar. Acho que ele está verdadeiramente arrependido.

— O tempo dirá.

— Por favor, Andrew. Estou te implorando. Deixe-me lidar com isso do meu jeito.

Ele ficou lá por uma eternidade, procurando em seu rosto antes de responder. — Para ele não haverá consequências então? — Perguntou com desgosto, mas o olhar no rosto de Elinor o convenceu. — Como quiser. Eu nunca mais quero vê-la machucada.

Ela poderia dizer que foi necessário um esforço enorme para ele admitir. — Obrigada. — Então ela se forçou a voltar para a pista de dança com seu próximo parceiro, para fingir um pouco mais.

Elinor percebeu que, baseada na multidão, seria considerada um sucesso. Pelo menos isso deveria deixar sua avó feliz. Os pretendentes estavam fazendo fila para ter sua vez com a novidade com sabor americano.

Pelo menos estar ocupada manteve seus pensamentos longe de Nathaniel. Três janotas já haviam pedido ao tio por sua mão. No entanto, a chegada de Nathaniel, visconde Fairmont, foi a maior novidade em anos. O

filho pródigo há muito perdido e herdeiro do duque de Loring tinha voltado para casa, o que desviou parte da atenção de Elinor. Bem, a metade feminina de qualquer maneira. Por isso ela foi extremamente agradecida a ele. A atenção que alguém recebia das mulheres da *ton* era algo do qual alegremente ficaria sem, mas uma mulher em particular estava observando cada movimento de seu primo naquela noite, esperando pelo momento certo.

Elinor fez uma pausa da dança para se refrescar e assistiu, divertida, enquanto Andrew conduzia, uma após a outra, as trigêmeas de Lady Ashbury para a pista de dança. Ele poderia passar a noite toda sem nunca dançar com alguém de fora da família. Todas pareciam igualmente encantadas por ele, mas de qual delas ele gostava? Ele devia ter uma delas em mente para se esforçar tanto com as damas casadoiras.

Lady Lydia estava girando na pista com Nathaniel, usando outro vestido com um

decote amplo e baixo. Elinor se perguntou se ele era a presa mais elevada que ouvira Lydia discutindo com Beatrice. Poderia alguém falar tão friamente sobre o irmão com uma possível pretendente?

Ela supôs que se alguém pudesse, seria Beatrice. Observou Lydia levar Nathaniel até o terraço. Se Elinor não a conhecesse, pensaria que a dama era uma cortesã habilidosa.

— Acredito que a próxima dança é minha, pequena Elly — lorde Vernon sussurrou sedutoramente em seu ouvido. Ele estava parado perto demais. Ela tentou esconder sua relutância e ignorar a dor em seus pés que já estavam protestando. Sorriu e ofereceu seu braço. Ele passou a quadrilha inteira flertando descaradamente com ela. Acreditando que ele devia ter bebido demais, ela tentou esconder seu embaraço e esperou que ninguém notasse seu comportamento desavergonhado.

Ela e Easton se reuniram durante uma das trocas na dança, mas ele parecia austero, quase com raiva. Assim como Beatrice, que era parceira dele. Nenhuma surpresa, ali. Talvez eles estivessem envergonhados pelo comportamento de seus amigos. Que essa dança acabasse logo, e ela poderia se ver livre dele! Ela esperava que Easton pedisse a próxima dança, mas ele não fez mais do que falar sobre trivialidades educadas quando se encontravam durante as trocas na dança. Ele era a única pessoa que ela acreditava incapaz de tal enfado. Lorde Vernon acabou por deixá-la ao lado de sua avó, e Easton seguiu em outra direção.

O restante da noite manteve Elinor dançando com parceiro após parceiro - exceto o que ela realmente queria. Quando ele reivindicaria sua dança? Elinor pensou que certamente ele poderia ter dançado uma vez com ela sem qualquer impropriedade ou observação se isso era sua preocupação. Ele certamente dançou com todas as outras solteiras lá hoje à noite! Quando finalmente chegou à sua vez de se sentar com Lorde Wyndham, ela se congratulou por ter escolhido a dança do jantar, até ver o quanto ele parecia cansado. Então ela já não se sentia tão orgulhosa.

— Perdoe-me, milorde. Deve ser muito mais tarde do que está acostumado. Fui egoísta solicitando sua companhia para o jantar, com pouca consideração pelo adiantado da hora ou pelo cansaço que deve estar sentindo.

Easton, de repente ao lado de seu pai, olhou para ela com gratidão,

aparentemente recuperado de seu mau humor. Talvez fosse apenas por dançar com Beatrice, ela pensou cruelmente, e depois se castigou por ser tão má quanto Beatrice em seus pensamentos.

— Absurdo. Me sinto como rapaz novamente. Tenho a mais bonita dama para o jantar, o que é uma mudança bem-vinda de todos os velhos entes da minha idade. Que notícias tem para mim? — Perguntou ansiosamente, na esperança de obter de seu pai notícias sobre a guerra, como se tornou seu costume durante suas visitas juntos.

Eles conversaram alegremente durante toda a refeição, inconscientes de seus arredores. Elinor sentiu uma paz que não sentia há anos, tendo enfrentado seu maior medo e sobrevivido. Ela realmente sentiu como se fosse passar. Não tinha conhecimento dos olhares e risinhos que estavam circulando, cronometrados perfeitamente para dar-lhes crédito enquanto sentados com Lorde Easton e seu pai.

CAPÍTULO TREZE

A duquesa viúva de Loring tinha um plano. Previra que isso aconteceria, embora assumisse que lady Dunweather fosse a culpada. Aquela mulher tinha algum nervo, e cuidaria dela mais tarde. Ela dispensou Andrew para falar com Easton, para que ele pudesse estar preparado. Então pediu a Elinor que a acompanhasse a sala privada. No entanto, a levou, não para a sala disponibilizada para os convidados, mas para onde poderiam falar em particular.

— A senhora está bem, vovó? — Elinor olhou para o rosto de sua avó e viu que ela não estava. — Posso lhe buscar alguma coisa? Sente-se. Vou chamar Hanson.

— Não querida. Estou bem, mas as notícias da sua viagem com Easton se espalharam. Os rumores não são gentis. Na verdade, são mais cruéis do que eu esperaria de Gertie.

— Não se preocupe comigo, vovó. Eles não podem me machucar. Estamos indo para o campo de qualquer maneira. Posso voltar para a América quando o papai chegar e todos esquecerão de mim.

— Infelizmente querida, não é tão simples assim. Isso afetará aqueles da família que deixou para trás. Isso refletirá negativamente sobre seu pai, e a chance de um bom casamento para seu irmão será diminuída. Os defensores da moral irão

cortar Sarah.

— Isso é tão injusto! Nenhum deles teve nada a ver com isso! — Ela cerrou os punhos indignados ao lado do corpo.

— É assim que são a coisas aqui — ela disse com naturalidade.

— Há algo que se possa fazer? — Implorou Elinor.

A viúva pensou que nunca perguntaria. — Casar com Easton.

— O quê? — O coração de Elinor parou.

— Me ouviu corretamente doçura.

— Eu me recuso a forçá-lo a um casamento sem amor por essa… essa razão ridícula! E vovó... Ele não sabe.

— Não terá importância ao homem certo. — A viúva levou suas objeções como um bom sinal. Elinor não dissera que não queria se casar com ele.



— De alguma forma, acho que seria importante para ele. Que ele iria querer, não... *precisar* de uma esposa que estaria disposta... — ela não foi capaz de falar a palavra.

— Entendo seu significado. Mas o que quis dizer é que com o homem certo poderá superar seus medos.

— E acha que ele é o homem certo. — Elinor afirmou com um suspiro. Ela não podia esperar que sua avó entendesse.

— Você parece estar lidando bem com o retorno de Nathaniel.

— Não tive muita escolha. — Ela fez uma pausa e olhou pensativamente para um ponto na parede. — Ele está muito mudado...

eu acho.

— Seu tio recebeu informações sobre ele enquanto ele estava fora. Não teria pedido a Natanael que voltasse, se não estivesse reformado.

— Ele se desculpou. Mas isso não significa que eu possa esquecer.

A viúva assentiu, se aproximou de Elinor e a abraçou, sabendo que era disso que ela precisava mais que palavras. Depois de alguns minutos deixando Elinor se recompor, ela abordou o tópico que não podia mais ser evitado. — Espero que Nathaniel tenha mudado e que você possa começar a se curar. Mas espero que considere Easton se ele a pedir em casamento. Ele parece se importar com você. — Elinor pareceu surpresa. Percebendo sua surpresa, a viúva acrescentou em voz baixa: — Não presuma saber como o outro vai se sentir sem ouvi- lo.

— Não posso contar a ele, mesmo que me peça para casar com ele pela honra. — Tentou segurar as lágrimas que ameaçavam sair.

— Considere isso, meu amor.

EASTON SOUBE o que havia acontecido e quando a duquesa viúva levou Elinor embora, antes que Andrew o tivesse procurado. Ele não tinha problemas quanto a se tornar o prometido de Elinor; na verdade, ele queria muito isso. Mas suspeitava que ela não ficaria tão feliz. Havia implicações para Elinor que não conseguia entender, e suspeitava que isso tivesse a ver com Nathaniel, lorde Fairmont.

Ele a observara a noite toda, a deslumbrante transformação completa da adorável moleca em uma elegante debutante. Ela estava se comportando graciosamente; os dândis e os janotas bajulavam-na fazendo grandes espetáculos de si mesmos. Isso o divertiu e repugnou ao mesmo tempo. Também notara as interações desajeitadas entre Nathaniel e Elinor. Eles já tinham sido como irmãos e irmãs, há muito tempo, quando ele visitou a propriedade da família durante as férias escolares, mas Nathaniel havia se transformado em um imoral em Oxford, apesar dos esforços de seus primos, e era capaz de qualquer coisa. Easton viu Andrew se aproximando quando estavam se levantando do jantar.

— Easton, posso falar com você? — As pessoas ao redor deles se acalmaram, esperando algo delicioso entrar em erupção. Eles ficariam desapontados.

— Sim, claro. Posso mandar meu pai ser levado para casa?

— Vou chamar sua carruagem.

Os homens colocaram lorde Wyndham a caminho e depois foram ao escritório do duque para ter um pouco de privacidade. — Whisky? Easton assentiu.

Easton falou assim que a porta se fechou atrás de Andrew.

— Isso é sobre a Elinor, não é? Estou feliz em fazer o pedido a ela.

Andrew estava um pouco atordoado. Ele assentiu. Sabia que Easton faria a coisa certa, mas não percebeu que o autoproclamado solteirão eterno estaria disposto a isso. — Parece que Dunweather não manteve sua boca fechada afinal. No jantar, os rumores circulavam mais rápido que o fogo.

— Onde está Elinor? Falarei com ela. — Easton se levantou para ir embora, mas Andrew o deteve.

— Não acho que será tão simples, Adam. — Easton parou e virou-se para Andrew.

— Quer dizer que ela não vai me considerar porque quer voltar para a fazenda?

— Há mais do que isso. — Andrew hesitou. Não podia revelar os segredos de Elly, mas eles estavam em uma situação difícil.

Easton falou antes que Andrew pudesse decidir o que dizer. —

Fairmont?

Os olhos de Andrew voaram surpresos. — Como soube?

— Não posso dizer que sei precisamente, mas é óbvio para mim que algo ocorreu entre eles, observando a reação dela ao redor dele. Passei um



bom tempo com ela, se você se lembra, e ela não age como as outras mulheres ao redor dos homens.

— Não é meu segredo para contar, Easton, mas ela vai, sem dúvida, lutar bastante.

— Ela vale a luta.

— Bem, bem, Easton. Elly finalmente conseguiu arrancar a armadura que envolvia o seu coração impenetrável?

Easton olhou para o líquido âmbar em seu copo como se estivesse fascinado. — Parece que sim.

EASTON PONDEROU sua estratégia enquanto procuravam por Elinor. Se ele perguntasse diretamente, ela recusaria, já que Andrew havia confirmado suas suspeitas. Mas o que ele quis dizer com o ela lutaria? Porque ela preferia Nathaniel a ele? Ele imaginou que descobriria mais cedo ou mais tarde. Ela estava socialmente arruinada porque salvara a vida dele, e ele faria o que pudesse para ajudá-la agora.

Eles encontraram a duquesa viúva e Elinor saindo de uma sala privada, e Easton se aproximou e ofereceu a Elinor seu braço. — Acredito que esta é a minha dança.

— Não acredito que estou pronta para dançar agora, Easton. Há rumores... — Ele a cortou antes que ela pudesse terminar.

— Eu sei. — Seus olhos se encontraram, e ele sorriu. Ela não queria nada além de ser levada em seus braços, para longe dessa situação ridícula.

— Confie em mim.

Confiança não era algo que ela dava facilmente, mas ela confiava nele, percebeu. Ele arrastou-a para o salão de baile antes que ela pudesse montar um protesto e levou-a para a pista enquanto a orquestra começava a tocar as notas de abertura de uma valsa.

— Não recebi permissão! — Elinor protestou, tentando recuar. Ele abaixou a cabeça e sussurrou: — Não importa agora. — Ela olhou para ele

interrogativamente.

— Me acompanhe, e depois falamos. — Ele continuava tão sereno.



Ele viu a viúva e Andrew os observando, tentando não sorrir.

— Nunca pensei em ver o dia em que Adam seria pego... e por Elly, ainda por cima! — Andrew riu.

— Talvez eu tenha que agradecer a Gertie depois de tudo. — A viúva sorriu.

Easton dançou lindamente, conduzindo-a através da valsa como se ela fosse uma princesa das fadas. Ela ficou perdida no momento sem querer e quase esqueceu de estar com saudades de casa, sobre Nathaniel, sobre os rumores. Pela primeira vez em anos, ela não entrou em pânico nos braços de um homem. Mas todas as coisas boas têm de terminar, e a valsa chegou ao fim cedo demais. Em vez de conduzi-la dali, Easton ficou no meio da pista ainda segurando a mão dela.

Ah não. Não! Não! Não! Ela sabia o que ele ia fazer. — Por favor não faça isso. Por favor. — Ela implorou a ele. — Podemos nos falar primeiro?

— Nada que possa dizer mudará o que tem que ser feito agora. Lembre-se, eu disse me acompanhe e depois falamos. Confie em mim. — Lá estava aquela palavra novamente. — Agora sorria e aja como se gostasse de mim. — A multidão os observava com expectativa enquanto dançavam. Agora abriram espaço em silêncio, deixando-os no meio do salão de baile. Sozinhos.

— Damas e Cavalheiros, tenho o prazer de anunciar que a srta. Abbott consentiu em ser minha esposa. — Ele olhou para ela com charme e amor. Ele murmurou: — Sinto muito — mas seus olhos contaram outra história. Ele então levantou a mão dela e beijou-a, enviando calor direto para o seu núcleo.

O RESTANTE do baile foi gasto em parabéns e brindes. Estranho como as pessoas passam de boatos maldosos a parabéns sorridentes num piscar de olhos, pensou Elinor.

Cansado depois de finalmente levar o último dos convidados para fora, Easton sentou Elinor em um sofá na sala de visitas. — Gostaria de conversar agora ou esperar até o dia seguinte? — A maioria da família os

viu juntos, mas decidiu deixá-los conversar, já que estavam noivos, e foram para os seus quartos. O duque parou no caminho e apertou a mão de Easton.

— Falarei com você de manhã, meu filho. — Easton assentiu e o duque se despediu.

— Não mudará nada. — Elinor olhou para as mãos, com medo de olhar para cima e se trair.

— O que não mudará? — Ele não entendeu.

— Easton, não posso casar, nunca. — Elinor inconscientemente tirou as sapatilhas e começou a esfregar os pés doloridos, tentando fazer qualquer coisa, menos olhá-lo nos olhos. — Embora seja grata por sua vontade de se sacrificar.

— Bobagem. — Não estava disposto a empurrá-la ainda, ou dizer a ela que sabia que algo tinha acontecido com Nathaniel. Queria que ela confiasse nele e lhe dissesse quando estivesse pronta. — Tenho um plano. — Ele se abaixou e esfregou seus pés doloridos. Quase não conseguiu evitar de se encolher com a intimidade, mas respirou fundo e tentou relaxar. Ele notou sua reação e achou que ela estava preocupada com o decoro. — Estamos prometidos agora, acredito que posso tocar seus pés.

Por que as damas usam essas engenhocas dolorosas que chamam de sapatilhas?

Ela balançou a cabeça como se ele nunca fosse entender e depois olhou para ele com aqueles grandes olhos verdes. Levou toda a sua força para não a beijar. Ele sabia que seria a pior coisa que poderia fazer no momento.

— Por que fez isso? — Elinor perguntou.

Ele respirou fundo e depois soltou o ar enquanto tirava o peso da perna ruim. — Isso vai aquietar os rumores. Deve ter notado como a multidão estava instável. Ela começou a protestar, mas ele a silenciou com um dedo nos lábios. Quase o irritou tocá-la assim. — Pode chorar se quiser e voltar para sua casa quando chegar a hora. Mas o noivado lhe permitirá mais liberdade enquanto estiver aqui,

e nós podemos passar o tempo juntos novamente sem qualquer conversa. Como velhos amigos. — Ele não tinha intenção de deixá-la escapar, mas ela não precisava saber disso agora.

— O que isso fará com você? — Ela estava considerando, pelo menos.

— Um homem pode suportar ser rejeitado, especialmente alguém que um dia será um conde. É injusto, mas é assim que caminha o mundo. —

Elly assentiu, sabendo muito bem "o caminho do mundo. — É o mínimo



que posso fazer. — E esse era o cerne da questão para ela — Achava que Easton se sentia em dívida com ela, e ela não queria que ele agisse com um senso de dívida.

— Não me deve nada, Easton. — Ele a olhou como se ela não pudesse entender.

— Eu te devo minha vida, Elinor. Não pode ver isso? — Ele implorou, tomando as mãos dela nas suas.

— Não quero que se sinta assim. Não quero que faça nada por senso de honra ou endividamento. Nenhum de nós fez nada de errado!

— Por favor, entenda que estou fazendo isso porque quero. Ninguém está me forçando. — Seu coração pulou uma batida. Ela não ousou esperar.

Ele segurou as mãos dela gentilmente e parecia tão genuíno que ela realmente acreditou nele. Mas por que ele faria isso? Ela olhou longa e duramente para as tábuas de madeira no chão antes de responder. — Está certo. Suponho que devo isso à minha família. Obrigada.

ELINOR ESTAVA TÃO EXAUSTA que se esforçou para chegar ao quarto sem tropeçar. Todos os outros se recolheram, e ela tentou não pensar no fato de que estava sozinha em uma casa grande no escuro, com apenas uma única vela para iluminar seu caminho. Sem mencionar estar na casa que assombrava todos os

seus pesadelos. Ela sacudiu os pensamentos, sabendo que a exaustão física, acrescentada a da agitação emocional que sentia, tornava seu raciocínio enlameado. Ela finalmente chegou à sua porta e pulou quando ouviu um barulho. Abriu a porta, entrou e fechou-a o mais rápido que pôde. Trancou, depois empurrou uma cadeira na frente da porta como medida de segurança. Ela estava aqui há semanas, mas saber que ele estava em casa, simplesmente a fez perder todo o senso de estabilidade.

Desejando não ter mandado Josie para a cama cedo, lutou para sair do vestido de baile, afrouxou o espartilho com uma respiração profunda, depois subiu na cama e se arrastou para debaixo da coberta o mais rápido possível. Ela a enterrou no queixo e deixou as cortinas abertas para poder ver o fogo. Estava exausta, mas não conseguia dormir. Ver Nathaniel

novamente reabriu todas as suas velhas feridas; apesar de não tão ruins, ainda doíam. Finalmente caiu em um sono agitado.

Ela ouviu uma porta se abrir atrás dela, perturbando sua paz e fazendo com que o cabelo na parte de trás do pescoço arrepiasse. Ela correu para o jardim, esperando passar despercebida, desesperada por um pouco de ar fresco. Tentou se esconder atrás de uma árvore e vislumbrar quem estava do lado de fora. Ouviu passos, mas antes que pudesse se virar, o cheiro de uísque pesado tomou conta dela e sentiu braços envolvendo-a.

— Elly, querida. Venha comigo — disse a voz, pronunciando as palavras. Ele estava tentando beijar seu pescoço.

— Querida? Por favor pare! Você está bêbado! — Disse virando-se para encarar Nathaniel enquanto tentava afastá-lo. Ele continuou a abraçá-la com força e tentou beijá-la, apesar de seus protestos. Ela começou a lutar furiosamente. Seu vestido foi rasgado até as anáguas enquanto eles lutavam.

— Por que está fazendo isso? O que há de errado com você?

Seu primo agarrou seus dois pulsos e olhou para ela, rindo loucamente. Então, notando seu vestido rasgado, o olhar mudou para pura luxúria, seus olhos demoníacos.

— Pare, está me machucando! — Gritou quando lágrimas escorreram pelo rosto, não entendendo o que ele queria ou por que alguém que ela amava a

machucaria.

Ignorando-a, ele imediatamente começou a puxar suas anáguas, tentando se forçar sobre ela. Ele a empurrou, as costas dela batendo em uma árvore, e ela sentiu os espinhos de uma roseira rasgando sua carne quando caiu no chão. Ela se apressou e voltou para a casa pela porta mais próxima.

Ela

o

ouviu

tropeçando

atrás

dela,

respirando

pesadamente. Apesar de sua embriaguez, ele a estava alcançando.

Lágrimas quentes escorriam pelo seu rosto e seus pulmões doíam por ar enquanto corria desesperadamente escada acima. No momento em que viu a porta, tentou agarrar a maçaneta e sentiu um aperto no tornozelo. Tropeçou e caiu de bruços no corredor. Onde na terra estão os criados? Por que ninguém está aqui para ajudar?

Nathaniel virou-a de frente para ele e ela o chutou na virilha, como lhe havia sido ensinado quando era mais nova. Isso só o deixou irritado, mais determinado. Tentou afastá-lo, mas seus esforços eram inúteis, sendo

seu peso quase duas vezes o dela. Ele era tão forte, mas ela se recusou a descer sem lutar. Ele a empurrou para o quarto dela, e ouviu a chave girar na fechadura atrás dela.

Ficou de pé, paralisada de medo, olhando para essa pessoa delirante, seu peito subindo e descendo com fortes dores de medo e esforço. Gritou, mas sabia que era inútil, pois o riso e a música lá embaixo eram muito altos para qualquer um

ouvir. Qualquer um? Por favor Deus. Alguém. Quando ele saltou para ela, continuou gritando enquanto tentava lutar contra ele, mas sentiu um punho duro e doloroso bater contra sua cabeça.

Ela desmaiou por alguns instantes e acordou atordoada ao encontrar seu atacante com as calças para baixo, sobre ela, abrindo suas pernas. Quando percebeu o que ele pretendia, tentou empurrá-lo com as pernas e os braços. Ele pôs seus braços para baixo e colocou o rosto ao lado do dela. Ele cheirava a bebida e seus olhos estavam possuídos. Isso não poderia estar acontecendo! Ela estremeceu e gritou novamente, esperando que isso fosse um terrível pesadelo. Tentou silenciá-la com sua boca, mas quando ele tentou enfiar sua língua, ela o mordeu.

— Nathaniel, pare! — Implorou.

— Maldição, pequena prostituta. Quer jogar duro? — Ele se sentou em cima dela, ainda segurando seus braços para baixo, e enfiou a língua em sua boca, forçando-a longe o suficiente para que ela não pudesse morder. Ela amordaçou e tremeu embaixo dele, presa em algum círculo indefinido do inferno. Isso nunca terminaria? Ele saiu de sua boca e quando ela pensou que finalmente seria livre, ele empurrou para dentro dela e ela desmaiou novamente da dor rasgada.

— Elly! Elly! Acorde! — Elinor ouviu uma batida na porta até que despertou o suficiente para perceber que estava em seu próprio quarto e estava tendo um pesadelo. Ela saiu correndo da cama, empurrou a cadeira da porta e abriu o trinco. Colocou a cabeça para fora para ver sua avó em pé no corredor, o rosto pálido e os olhos arregalados de medo.

— Sinto muito, vovó. Eu estava tendo um pesadelo.

— Você está bem?

Elinor assentiu. — Eu os tenho de vez em quando. Sinto muito por tê-

la incomodado.

— Foi pelo fato de ter visto Nathaniel novamente.



— Possivelmente. Por favor, tente voltar a dormir. Não acredito que terei outro pesadelo — Elinor disse enquanto dava um beijo de boa noite na bochecha da sua avó. Só que não era apenas um pesadelo, agora era a realidade dela.

EASTON DEIXOU a residência de Loring tendo a mais estranha experiência de sua vida. Ele havia se encontrado com o tio de Elinor, o duque, mas nada acontecera como ele planejara. Sir Charles dera sua permissão para que ele cortejasse Elinor, mesmo que ele tivesse perguntado, mas esta manhã seu tio insinuou que preferiria que Elinor se casasse com seu filho, Nathaniel! O

duque se certificaria de que Elinor não fosse forçada a um casamento indesejado! Sir Charles sabia disso? Ele se sentiria da mesma maneira? Se houvesse algo predeterminado, seu padrinho não teria sugerido que o queria como genro. Ele balançou sua cabeça. Ele estava tentando protegê-la pelo amor de Deus! Isso era muito estranho.

Elinor estava de boca fechada sobre tudo isso, mas ela tinha sido bastante inflexível sobre o fato de que ela não queria se casar aqui. Ela poderia estar abrigando alguma afeição oculta por Nathaniel? Não era tão comum os primos se casarem como costumava ser, mas ainda era feito. O

coração dele afundou quando pensou no deleite de seu pai quando contou a ele que a viagem deles tinha sido descoberta e ele havia anunciado o noivado. O conde parecia tão apaixonado por Elinor quanto ele próprio. Que situação horrível eles estavam!

Easton descobriu que estava muito satisfeito por ser prometido a Elinor. Claro, o pensamento do casamento em si era um pouco assustador, mas passar a vida com ela não era. A valsa que eles compartilharam foi mágica; ela se sentiu bem em seus braços. Ele não conseguia se ver com mais ninguém. Simplesmente teria que mostrar a ela que ela precisava dele tanto quanto ele precisava dela.



O DIA seguinte não trouxe a felicidade que Elinor deveria ter sentido por finalmente poder partir para o campo. Ela tinha tido alguns minutos para falar com Easton quando ele se encontrara com o duque naquela manhã. Ele meramente informou que ele e seu pai também estavam partindo para o campo para os feriados e ele a encontraria lá.

Então seu tio insistiu em uma reunião familiar depois de falar com lorde Easton. Elinor esperou que o resto da família se juntasse a ela na sala de estar quando Easton partiu. Ficou parada junto à janela, pensando em como poderiam enganar suas famílias a acreditarem em seu falso noivado. Elinor se virou rapidamente quando ouviu o clique da porta e Nathaniel ficou na frente dela. Com o coração disparado, procurou na sala por um meio de fuga. O pânico ameaçou dominá-la. Seus piores temores vieram à tona. O suor irrompeu em sua testa; sua respiração se tornou difícil. De alguma forma, através da névoa de medo, ela o ouviu falar.

— Elinor? Você está bem? — Ele olhou para ela com genuína preocupação enquanto cruzava a sala em direção a ela.

O som de sua voz e sua rápida aproximação a tiraram de seu transe, e ela recuou para deter seu progresso. — Estou muito bem.

Ele olhou para ela ceticamente, em seguida, decidiu prosseguir enquanto tinha a oportunidade. — Tudo bem se eu falar? Os outros devem estar se juntando a nós a qualquer momento. Eu prometo que não ofereço a você nenhuma ameaça.

Ela assentiu com hesitação. O que mais ela poderia fazer? Ela se sentou em uma cadeira próxima, mas não conseguiu encontrar o olhar dele.

Estava lutando para controlar seu medo.

Ele limpou a garganta e começou. — Posso oferecer minhas mais sinceras desculpas? — Ele falou baixinho, mas ela ouviu.

— Perdão? — Este cenário não era um que ela jamais imaginou.

— Eu não quero envergonhá-la ou fazer uma cena, mas temo que não tenha outra oportunidade de pedir perdão.

— Receio não saber o que dizer. — Em seu coração, ela queria perdoá-

lo, mas não sabia se era possível. Ela havia liberado sua raiva há muito

tempo, pelo bem dela, mas não sabia se o medo iria embora. E ele foi a causa disso. Lutando contra as lágrimas, ela balançou a cabeça.

— Não tenho desculpas para lhe oferecer. O que eu fiz… — Ele respirou fundo, obviamente lutando para encontrar palavras para fazê-la entender. — Isso foi muito mais fácil quando eu ensaiava em minha mente todos os dias nos últimos seis anos. Agora, me vejo completamente perdido pelas palavras adequadas.

— Eu não sei se posso, Nathaniel.

— Eu gostaria de fazer isso direito por....

Andrew entrou na sala. Ele olhou de um para o outro como se avaliasse a situação. A cor destacou suas bochechas e ele olhou para Nathaniel. Passando por Elinor, ele bateu com o punho no queixo de Nathaniel. Nathaniel tropeçou para trás, mas não pareceu surpreso.

— Andrew, pare! Está tudo bem. Agarrando o braço dele, ela o puxou para se sentar ao lado dela em um sofá. Ele continuou a franzir o cenho para Nathaniel e, se o fato de ele estar batendo com o punho em sua mão fosse qualquer indicação, estava lutando com um forte desejo de agredir ainda mais seu primo.

Beatrice, tia Wilhelmina e sua avó entraram, alheias às correntes ocultas na sala. Todos se sentaram e olharam desajeitadamente um para o outro, como se perguntando o que estavam fazendo ali, sentados em círculo. O duque entrou propositadamente e ficou junto à lareira sem falar.

Ele parecia deleitar-se com o desconforto que seu silêncio estava impondo. Ninguém se atrevia a falar quando ele tinha aquele olhar em seu rosto. Ele olhou para todos, notando a contusão começando a escurecer a mandíbula de Nathaniel.

Depois que seu tio pareceu satisfeito, ele fechou a porta, limpou a garganta e

começou.

— Chegou ao meu conhecimento que Elinor sofreu gravemente nas mãos de ambos os meus filhos.

— Tio, não. Por favor, não faça isso. — O rosto de Elinor ficou vermelho de mortificação. Como ele poderia fazer isso com ela? Ela puxou nervosamente um dos botões na almofada de veludo dourado perto de seu colo.

— Elinor, lamento falar abertamente dessas coisas, mas esta é a sua família. Insisto em corrigir esses erros. — Voltou-se para Beatrice, cujo rosto estava vermelho de fúria e constrangimento. — Em primeiro lugar

Beatrice, tem alguma coisa a dizer a Elinor? — Elinor queria morrer. Ela não conseguia olhar para cima.

— Eu não tenho nada a dizer — disse ela desafiadoramente, braços cruzados, queixo para cima.

— Muito bem. Seu dinheiro será cortado por um ano, e permanecerá no campo na próxima temporada, a fim de pensar sobre o que fez. Terá que me provar que está reformada antes que eu permita que saia na sociedade novamente.

— Não pode fazer isso comigo! — Ela saltou de seu lugar e começou a andar furiosamente antes de lançar um dedo acusador para Elinor. — Ela deveria estar arruinada! Agora ela vai ser uma condessa? Deveria ter sido eu! Mas não, ela vem de viver com bárbaros, tem as maneiras de um boi, e os homens se atiram nela! — Ela se virou para Elinor. — Vai pagar por isso! — Ela saiu da sala, batendo a porta.

A duquesa se levantou para ir atrás dela, mas o duque disse: — Sente-se, Wilhelmina. Vai ouvir o resto. Tem tanta responsabilidade pelas ações de nossos filhos quanto eu. — Ela se sentou e fechou a boca. Ele se virou para falar com a sobrinha.

— Elinor, Beatrice espalhou os rumores sobre você na noite passada. Ela não foi muito cautelosa sobre isso, no entanto. Eu a ouvi se gabando com uma de suas amigas. — Ele cruzou os braços sobre o peito e olhou para a porta pela qual sua filha havia se retirado.

Elinor não pôde falar. Sabia que Beatrice tinha antipatizado com ela, mas não a imaginara capaz disso. Como ela descobriu? O duque continuou:

— E queria que soubesse que não será forçado a se casar com Easton, a menos que esse seja o seu desejo. Eu farei o que for necessário para corrigir os erros contra você. — Ele olhou para Nathaniel e indicou com um aceno de cabeça para ele falar. Todos na sala permaneciam notavelmente em silêncio.

— O que está acontecendo aqui? Robert? — A duquesa choramingou, mas o duque ergueu a mão para acalmá-la.

Nathaniel foi até Elinor e se ajoelhou diante dela em uma posição submissa, tomando cuidado para não a tocar. — Prima, eu já implorei seu perdão, mas também gostaria de oferecer minha mão como uma pequena oferta de paz por ter roubado sua virtude. Talvez com o tempo eu seja capaz de fazê-la me perdoar.

Wilhelmina desmaiou. A viúva ficou aturdida. Andrew saltou rapidamente de seu lugar e socou Nathaniel novamente.

— Eu deveria desafiá-lo! — Ele gritou sobre a forma curvada de Nathaniel.

Elinor fugiu da sala.

CAPÍTULO QUATORZE

Sussex

Para o crédito de sua avó, as carruagens foram carregadas e eles rumaram para a propriedade rural em tempo recorde. Andrew escolheu montar, dizendo que precisava de tempo para esfriar seu temperamento. Por que ela não poderia ter o luxo? A cabeça de Elinor estava girando. Não tinha ideia de como essa horrível cadeia de eventos tinha acontecido; parecia estar vivendo nas páginas de um horrível romance gótico. Nunca tinha pedido, nem mesmo encorajado nada disso, tinha? Por que essas coisas não aconteceram com as Beatrizes do mundo que se deleitavam com o drama? Não que desejasse nem à sua pior inimiga ser violada, mas o resto não seria menos do que Beatrice merecia. Se Elinor não estivesse preocupada com as repercussões para sua família, estaria no próximo barco de volta à América; Sociedade inglesa que se danasse. Sua avó deve ter lido seus pensamentos.

— Isso acabará, minha querida. Sei que parece que nada no mundo voltará a ficar bem, mas vai. O ar do campo e boas noites de sono, contribuirão em muito para ajudar. Ficará comigo em Dower House e só irá vê-los se quiser.

Se fosse assim tão simples. Seu segredo foi revelado. Seu pai saberia, Easton saberia, e ninguém a olharia da mesma maneira novamente. Era como uma ferida aberta sendo friccionada com sal. Tudo o que havia trabalhado duro para reprimir viria à tona agora, para que outros a acusassem e julgassem. Com a violação e depois a acusação de ser comprometida por Lorde Easton, sabia que seria considerado, terrivelmente rápido, que certamente ela teria provocado tudo. A sociedade considerava arruinada qualquer pessoa que não tivesse uma reputação impecável, e agora tinha duas manchas na dela. As pessoas atravessariam a rua para evitá-la, se não sua família, apontando-a como o tipo de mulher a ser evitada como influência corruptora.

— Depois que saiu, seu tio Robert ameaçou a todos para que ficassem em silêncio sobre o que aconteceu com Nathaniel.

— Ele não deveria ter mencionado isso na frente de todos. Fez soar como se nós simplesmente tivéssemos cometido um erro e tido relações porque queríamos! Como se eu tivesse concordado, e Nathaniel faria a coisa honrada! Como ele pode? Eu ainda não entendo seus motivos. Minha tia e Beatrice só pensarão em usá-lo para seu próprio benefício. — Elinor mal conseguia pronunciar as palavras por causa da mágoa que sentia pelas táticas de seu tio.

— Robert vai se certificar de que não vá além da família. Uma vez que eles sejam capazes de raciocinar, perceberão o quanto isso os machucaria se fosse a público. Por mais mal-intencionados que sejam, não acredito que fariam qualquer coisa para machucar a eles mesmos.

Elinor bufou. — Assim esperemos. Não vejo como esconder isso de papai ou lorde Easton, embora daria minha vida para que fosse o contrário.

— Elinor sabia como isso devastaria seu pai e como ele sentiria como dele o fracasso dela. Faria qualquer coisa para poupá-lo disso.

— Charles é mais forte do que acredita. Imagino que ele fique mais magoado por não ter se sentido segura para contar a ele.

Elinor olhou para cima, chocada com o pronunciamento de sua avó, e logo

desviou os olhos. Como ela poderia pensar uma coisa dessas? Elinor simplesmente assentiu e observou o campo passar pela janela, enquanto tentava se reconciliar com o que estava por vir.

— Ele não queria machucá-la, sabe. Pensou que a ajudaria ao repreendê-los na sua frente, e tentar corrigir as ofensas contra você. —

Elinor não conseguiu responder. Era meio como todo mundo sabendo o que era melhor para ela.

— Ele não poderia ter me perguntado? — A resposta para isso era óbvia e não recebeu resposta.

Felizmente, a propriedade rural ficava a cerca de seis horas de Londres, por isso poderiam fazê-lo em bom tempo, quase evitando a escuridão. Elinor sentiu um pouco do estresse por ter estado na cidade saindo de seus ombros. No campo, não ficaria confinada a uma casa com todas as pessoas que pareciam desprezá-la, e poderia fazer caminhadas e passeios sem a estrita vigilância exigida na cidade. Tinha emoções misturadas sobre o retorno à propriedade de seu tio. Passou a maior parte agradável da sua infância lá, antes que sua mãe adoecesse. Ela observou as colinas cobertas de ovelhas pastando alternadas com florestas exuberantes, enquanto se afastavam da cidade.

Pararam para trocar de cavalo em Crawley, depois seguiram em frente, provando a comida e o vinho do cesto que Cook preparara para a viagem. Para passar o tempo, Elinor regalou sua avó com histórias de sua vida na América, e elas cochilaram de forma intermitente. Estava escuro quando atravessaram os portões de Dower House, e as duas foram para a cama pouco depois da chegada.

Na manhã seguinte, Elinor levantou cedo e saiu correndo da casa. Não montou, procurando a privacidade que andar a pé permitiria. Procurou muitos dos lugares onde encontrara conforto quando criança, mas logo percebeu que, onde quer que fosse, a maioria daqueles lugares seguros incluíam lembranças de Nathaniel. Balançou a cabeça em descrença.

Certamente ela poderia encontrar algum lugar para se refugiar durante a sua estadia aqui.

Encontrou-se vagando em uma área com a qual não estava muito familiarizada. Quando criança não era autorizada a ir nessa direção, já que havia penhascos

íngremes mergulhando na água do Canal abaixo. A cena se encaixava perfeitamente ao seu humor melancólico. Sabia que nada de positivo viria de se contorcer em auto piedade, mas por enquanto era a melhor solução que tinha para acomodar seus sentimentos.

Ela subiu o caminho das árvores através do prado até que sua respiração ficou pesada pelo esforço. Encontrou uma grande rocha na beira dos penhascos com vista para o mar e se acomodou onde podia ver o sol nascer acima do horizonte do outro lado do canal. Olhou em volta maravilhada, uma serenidade passando através dela. Inalou profundamente o ar úmido e salgado e observou as ondas pulverizarem os penhascos até que uma felicidade entorpecente a alcançou.

Estava tão absorta que não ouviu passos se aproximando. Easton se sentou ao seu lado. — Vejo que encontrou meu lugar especial. Posso me juntar a você?

Ela pulou ligeiramente com a intrusão. — Sinto muito. Eu posso partir.

Ele colocou a mão gentilmente em seu braço para impedi-la de levantar. — Por favor fique.

Ela voltou a relaxar contra a rocha. — É lindo. Nunca me permitiram vir aqui quando criança.

— Isso foi o que me manteve são todos esses anos longe. Eu fechava meus olhos e me trazia aqui. O cheiro do pinheiro e do mar, o ar fresco matinal se desvanecendo à medida que o calor do sol sobe no horizonte, as

ondas pulverizando as rochas, os pássaros cantando as suas boas manhãs ...

embora seja difícil descrever as gaivotas cantando.

Elinor fechou os olhos e isso a fez sorrir. Ela abriu os olhos e examinou a paisagem como se quisesse comparar com a descrição dele. Se inclinou para trás para observar as nuvens dançando no céu.

O ar estava úmido e o chão bastante frio, e ela estremeceu sem querer.

Easton começou a tirar o casaco, mas ela ergueu a mão em sinal de protesto. — Estou perfeitamente bem, obrigada. — Ela sentou novamente.

— Tem a sorte de ter essa vista espetacular. Acho que fui atraída para o mar por alguma força subconsciente. Não sabia que isso fazia parte de suas terras.

— Nossas terras não são tão grandes quanto as do seu tio, mas eu prefiro as vistas da nossa. Os quartos da ala familiar têm vistas espetaculares. O barulho das águas me acalma durante a noite. — Easton suspirou e hesitou, não querendo perturbar o momento de paz, mas finalmente falou porque não aguentava mais o suspense. — Chegou a um veredito? — Ela olhou para ele interrogativamente. Ele respondeu calmamente: — Sou eu o seu noivo ou Nathaniel?

— Ah sim. Falou com o tio ontem. — Easton assentiu. Ela ficou em silêncio por um momento, com medo de saber o que lhe haviam dito. Ele descobriria, se já não soubesse. Ele não olhou para ela de forma diferente, então suspeitava que ele não tivesse sido informado do motivo. — O que ele lhe disse? — Ela perguntou baixinho.

— Que não seria forçada a casar comigo, e que poderia ter razões para querer Nathaniel em vez disso. — Ele olhou para o Canal, com medo de ver rejeição em seus olhos.

— Isso foi tudo? — Ela perguntou.

Ele assentiu. — Há alguma coisa que gostaria de me contar, Elinor? —

Olhou diretamente em seus olhos, desejando que ela confiasse nele. Mas ela não segurou o seu olhar. Em vez disso, ela desviou o olhar e sacudiu a cabeça. Ela disse: — Não estou prometida a Nathaniel Ficou claro que era tudo o que ele receberia dela sobre o assunto, mas ela não disse que queria Nathaniel, e que não o queria. Isso era um pequeno lampejo de esperança por enquanto. — Bem, nenhuma boa ação permanece impune — disse ele, tentando aliviar o clima.

— Por favor, não sinta que estou sendo punida por sua causa — disse ela, enquanto o vento chicoteava alguns fios de cabelo em seu rosto.

— Bem, certamente não parece empolgada com o rumo dos acontecimentos.

Ela riu. — Agora isso é um eufemismo. — Ele tirou o cabelo do rosto dela, e ela olhou para ele, cativada por seu sorriso encantador. Ele não tirou a mão do seu rosto e ela não se mexeu. Ela sentiu seu pulso acelerar, mas não estava com medo. Percebeu que ele era o primeiro homem a ir além de sua muralha auto

imposta. Fez uma pausa, considerou contar o que ele inevitavelmente descobriria, mas decidiu adiar a conversa. Não estava pronta para ver a decepção em seu rosto, para desistir dessa amizade recém-descoberta. — Por favor, não pense que tem algo a ver com você — ela implorou.

— Por que sinto que acabou de dizer que eu tenho uma personalidade adorável? — Ele disse bem-humorado, embora tirasse a mão. Ela sentiu uma pontada de desapontamento pela perda de contato.

Ela riu, mas ainda estava tremendo pela manhã fria de dezembro. Ele se levantou e estendeu a mão para ajudá-la. Ela olhou para a mão dele, e então aceitou sua ajuda, a mão dela aquecendo onde segurava a dele. —

Não quero voltar ainda.

Entendendo sua necessidade por este lugar de alívio, ele disse: — Pode vir aqui a qualquer hora que quiser, mas por agora deve voltar para casa antes que congele. — Ela assentiu, sabendo que ele estava certo, mas não querendo deixar a paz que encontrou. Aceitou sua escolta a maior parte do caminho até a Dower House, caminhando em silêncio sociável, apenas com os sons da natureza e sua respiração.

Quando chegaram ao portão da casa, ele parou de repente. — Virá para o chá hoje? Meu pai adoraria vê-la de novo. — Ele fez uma pausa, depois se virou para encará-la. — E eu gostaria que fosse a única a dizer-lhe sobre o noivado. — Ele hesitou. — Ou o não-compromisso, seja o que for que tenha decidido. Contei a ele sobre as circunstâncias no baile, mas não sobre o nosso acordo para que me abandonasse.

Ela tentou não estremecer com a forma como o arranjo soou, olhou para ele e sorriu. — Covarde. — Ela se virou para percorrer o restante do caminho até a casa, e ele riu e gritou para ela: — Boa sorte ao dizer não ao meu pai.

Virou-se e voltou para Wyndham Court com um sorriso no rosto.

Elinor entrou na casa. Já era fim da manhã e a avó logo desceria. No entanto, esbarrou em Andrew enquanto entrava na sala de café da manhã.

— Onde esteve? Procurei em todos os lugares por você! — Ele tinha uma expressão de exasperação, estava com o cabelo despenteado e o lenço

amarrotado como se estivesse puxando.

— Só saí para uma caminhada. Por que? Algum problema? É papai?

— Ela foi até o fogo para aquecer as mãos.

— Papai está bem, até a última vez que ouvi. É com você que eu estava preocupado! A última vez que a vi, não estava em um estado normal.

— Ele andou de um lado para o outro e jogou as mãos para cima, exasperado.

— Foi o único que conseguiu deixar sua raiva esfriar em um passeio. Eu fiquei presa dentro de uma carruagem por horas até que pensei que ia explodir. Perdoe-me por dar um passeio para limpar a minha cabeça.

— Aturdida, ela olhou para ele.

Ele a pegou em um abraço. — Nunca mais me assuste assim. Eu estava com medo que tivesse ...

— Do que teve medo? Que eu pulasse do penhasco? — O pensamento lhe ocorreu.

— Não tive a chance de conversar com você para saber o que se passava em sua mente, e sim, eu estava preocupado que pudesse achar a melhor opção. — Ele deu a ela um olhar aliviado. — Precisamos conversar sobre isso, El. — Ele se afastou e voltou a andar com os punhos cerrados ao lado do corpo. — É preciso toda a força que tenho para não o desafiar em um duelo ou socar a cara dele.

Elinor entendeu completamente o sentimento. Andrew ainda estava furioso. Ela se sentiu assim por anos, até que não pôde mais ficar zangada. Ela esfregou as mãos mais perto do fogo. — Não sei se posso falar. Ainda espero acordar desse terrível pesadelo; em vez disso, tudo continua piorando. — Ela pegou o atiçador e empurrou os troncos, lançando faíscas no ar.

— Acho que devemos contar ao papai. Ele saberá o que fazer. Não quero que se sacrifique pelo que acha que vai acontecer conosco. Tem que falar sobre isso. Sei, por experiência própria, que não é bom manter o mal trancado dentro de nós. Eu observei soldados tentarem durante anos, e isso os devorar vivos.

— Eu tive muita prática. Quero me aliviar do fardo, mas não é tão simples assim. Não suporto ver o que as pessoas pensarão de mim. Então o pensamento de me casar, de ser esperada para ... para ... - sua voz sumiu, e



ele a abraçou apertado, a silenciou e esfregou suas costas suavemente. A soltou e começou a andar pela sala furiosamente.

— Ninguém que importa pensará menos de você. Era apenas uma criança, pelo amor de Deus! Também não esperamos que seja perfeita. —

Ele suspirou e tentou conter sua emoção. — Sofreu o suficiente. Se quiser voltar para a fazenda, irei levá-la.

Sua cabeça se ergueu. — Faria isso por mim? Ela soltou o atiçador e foi abraçá-lo. Precisava da tranquilidade. — Oh, Andrew, como tudo isso aconteceu? O que fiz de errado que essas coisas terríveis nunca param?

— Gostaria de saber. Ainda não consigo entender tudo. — Ele a empurrou para longe e a segurou no comprimento do braço. — Se você não entender mais nada, El, entenda que não fez nada de errado. — Ele balançou a cabeça. — Nathaniel passou por um... — fez uma pausa procurando a palavra certa — …um período. Nunca me perdoarei pelo que ele fez com você. Deveríamos tê-lo parado, mas éramos jovens, estúpidos e arrogantes. Ele entrou pesadamente em bebida e ópio e então perdeu a cabeça. O tio o mandou embora não muito depois de você partir, para forçá-

lo a se reformar.

Ela respirou fundo em contemplação. — Fico feliz que ele esteja melhor e espero perdoá-lo um dia. Infelizmente, não posso esquecer. Mas como eu gostaria!

— Elly, é boa demais. Não sei como foi capaz de permanecer sã.

— Nem eu — ela balançou a cabeça. — E não tenho certeza se estou.

NAQUELA TARDE, Elinor foi até a propriedade de Wyndham com Josie. Ela já estava mais à vontade, tendo mais liberdades do que na cidade. Surpreendeu-se com o quanto Dower House se aproximava mais da mansão Wyndham do que a do Duque, enquanto seguia um caminho de pedrinhas que levava de uma propriedade a outra. Elinor tinha tropeçado quando sua avó sugeriu que ela tome a carruagem. Felizmente, a avó não se decepcionou quando só aceitou uma criada como escolta. Os luxos de ser prometida, ela declarou. *Ha!* Elinor pensou - *o noivado simulado*. Como

explicaria isso ao amável conde de quem gostava tanto? Ela nem sequer tinha dito para avisar sua avó ou Andrew.

Ela chutou algumas das pequenas pedrinhas debaixo das botas, como se elas pudessem reunir as respostas para esse enigma em que ela se via entrelaçada. Contornou uma cerca, depois parou para observar o ambiente enquanto a casa entrava em seu campo de visão. Contemplou um edifício de pedra quadrangular, erguendo-se de uma extensão de gramado. Havia colunas dóricas e torres de canto, ligeiramente elevadas do restante da estrutura, e janelas altas e arqueadas cobriam a fachada da frente. Continuou no caminho em direção à casa, passando por um pequeno lago, e então seguiu para a frente, onde tinha vista para o mar. Era de tirar o fôlego, sereno.

Se aproximou das grandes portas de madeira, que a ofuscavam, mas pareciam pequenas em comparação com o resto da casa. A porta foi aberta pelo mordomo antes que tivesse levantado a mão para bater. — Bem-vinda, senhorita Abbott. Estávamos esperando pela senhorita. — Ela sorriu, depois entregou-lhe o chapéu e a peliça.

— Obrigada... — ela fez uma pausa, esperando por seu nome.

Ele fez uma pequena reverência. — Hendricks, senhorita. Por aqui, por favor.

Elinor seguiu o mordomo do hall de entrada com a luz natural inundando as grandes janelas. O mordomo mostrou a Elinor uma sala aconchegante e mal teve tempo de avaliar o que a rodeava antes que Easton aparecesse com um olhar preocupado. Não o via tão triste desde o dia em que foi baleado.

— O que foi Easton?

— Meu pai. — Ele viu o olhar de terror em seu rosto e a tranquilizou. — Ele

está vivo, mas teve um mal-estar. O médico não tem certeza ainda de quão severo é, mas ele diz que é apenas uma questão de tempo até que algum o leve. Suponho que a viagem tenha sido demais para ele, mas ele insistiu.

— Sinto muito. Sei quão próximos são. — As lágrimas começam a brilhar em seus olhos, apesar de seus esforços para contê-las. — Estou muito apegada a ele, na verdade.

Ele sorriu um pouco com isso. — E ele a você.

— Voltarei outra hora se me enviar uma mensagem quando for conveniente. Ou se puder ser de alguma ajuda.

— Na verdade, ele pediu para vê-la. — Easton fez uma pausa desajeitada e enfiou as mãos nos bolsos. — Queria pedir um favor primeiro. Se importaria de continuar com a farsa para meu pai? Ele está tão apaixonado por você e pela ideia de que será sua filha ... bem, ele não fala de outra coisa. Lamento lhe pedir isso, mas não posso suportar tirar a única coisa que lhe dá esperança agora.

Ela olhou pela janela, sem saber como responder. — E se ele se recuperar? O que vamos dizer a ele então? Eu não suportaria machucá-lo.

— Receio que não haja chance disso — disse ele em voz baixa. Como ela poderia recusar? Ela assentiu e ele estendeu o braço. — Vamos?

Ele a conduziu por uma grande escadaria central que fazia a curva em direção aos quartos privados da família em uma direção e os quartos de hóspedes na outra. Caminharam silenciosamente por uma longa galeria de painéis de mogno com retratos de antepassados, masculinos e femininos, de Wyndham. O final do corredor levava à suíte do Conde, e Easton conduziu-a silenciosamente para uma grande sala enquanto ele ia ver o pai. Ele voltou e fez sinal para que o seguisse.

Ela ficou surpresa com o quão pequeno e frágil o conde parecia em sua enorme cama de dossel. Com que rapidez ele havia mudado nos poucos dias desde seu baile. Ele a notou e imediatamente começou a se esforçar para se sentar e cumprimentá-la. Ela correu para a cama para detê-lo.

— Milorde, não se esforce por minha causa. Não tem que me receber quando está se sentindo mal.

Ele limpou a garganta e lutou para tentar falar. Quando o fez, foi quase inaudível, e um lado do rosto estava caído. — Olhar para você é melhor do que qualquer remédio que eles possam me oferecer.

Elinor sorriu e corou lindamente, sem saber como responder. —

Obrigada, milorde. — Ela se sentou na cadeira de Easton colocada ao lado da cama, mas estava tão longe que não podia ver o rosto dele, então ficou ao lado da cama. Lorde Wyndham pegou sua mão e segurou-a, embora estivesse tremendo ligeiramente com o esforço. Ela envolveu sua outra mão ao redor da dele. Ele sentiu a mão dela e franziu a testa.

— Adam! — Ele chamou fracamente Easton para o seu lado.

— Eu estou aqui, pai.

— Não propôs corretamente? Ela não usa anel.

Easton teve a graça de parecer envergonhado. — Não tive a chance de comprar um anel apropriado. Vou remediar isso em breve. — Ele lançou um

sorriso de desculpas para Elinor.

— Não estou com pressa, milorde. A joia é meramente um símbolo.

— Absurdo. Adam, vá buscar o anel da sua mãe no cofre. Ela queria que o desse para sua noiva. Nada me faria mais feliz do que vê-lo enfeitar o dedo de Elinor.

Easton assentiu e foi buscar o anel.

— Estou feliz que ambos foram capazes de ver finalmente o quão adequado são um para o outro. Eu sabia disso assim que ele entrou pela porta vindo da América. Ele tinha uma paz sobre ele que eu não via desde antes de ele partir para a Península. Então não conseguia parar de falar sobre você e eu tive certeza. Se eu fosse mais jovem, ficaria tentado a fugir com você também — lorde Wyndham disse com o sorriso mais descarado que conseguiu, embora fosse uma luta por cada palavra, e ela sabia que era importante que ele as dissesse.

Easton entrou na sala e disse jovialmente: — Ora papai, está tentando roubar minha prometida?

— Eu o faria se pudesse. Agora, meu filho, deixe-me vê-lo fazendo isso corretamente.

Easton e Elinor se viraram e olharam para o conde em estado de choque. Ela gemeu interiormente. Ela não podia fazer isso.

— Por favor, faça por mim. Eu perdi toda a diversão no baile.

Elinor não pôde olhar para ele. Easton relutantemente caiu sobre um joelho diante dela e pegou sua mão esquerda na dele. — Senhorita Abbott, me faria a grande honra de se tornar minha esposa?

Ela olhou para o rosto dele e ficou surpresa com a sinceridade. Seu coração começou a disparar e ela ficou ali olhando para ele. — Vá em frente, Elinor, não pode voltar atrás agora. — O Conde cutucou sua mão.

— Sim. Sim claro. Eu ficaria encantada. — Ela se forçou a sorrir.

Easton soltou um suspiro de alívio e deslizou o anel em seu dedo. Era uma linda esmeralda verde-escura, de formato retangular, com dois diamantes de cada lado. A cor era parecida com as dos pentes que ele lhe dera para seu baile. Ela engasgou com o anel, que um dia enfeitou a mão de sua amada mãe, e de alguma forma sentiu que estava traindo-a ao usá-lo.

— Agora sele-o com um beijo — o conde disse suavemente.

O diabo, que vai! Elinor pensou, entrando em pânico. Ela queria se virar e sair correndo da sala. Olhou para Easton para salvá-la, mas seus olhos brilhavam e ele deu de ombros. Ela suspirou e se inclinou para frente

resignada para um beijo. Easton, no entanto, aproveitou-se e tomou o rosto dela entre as mãos e colocou um beijo suave, ainda que necessário, nos seus lábios. Ela se afastou e olhou para ele, os olhos arregalados, e ele piscou para ela e sorriu infantilmente. Se inclinou e sussurrou: — Você me deu permissão. Mais ou menos.

— Eu... acho que devemos deixar o Conde descansar agora. Sei que teve bastante emoção por um dia — ela disse tentando recuperar a compostura.

O conde sorriu abertamente. — Prometa que voltará amanhã e poderemos fazer

planos para o casamento.

Easton a empurrou do quarto antes que ela pudesse desmaiar.

Ele caminhou com ela de volta para a Dower House. Josie e Buffy seguindo atrás a uma distância discreta. Nem Elinor nem Easton estavam ansiosos para discutir a cena que haviam acabado de promulgar. — Estaria interessada em cavalgar de manhã? Vou visitar alguns inquilinos e achei que gostaria de ir junto.

Isso trouxe um sorriso genuíno ao rosto de Elinor. — Disse a palavra mágica. A que horas devo estar pronta?

— Nove é cedo demais?

— É perfeito. Até lá, lorde Easton. — Ela se virou e entrou em casa. Easton sorriu e achou que seu plano estava se desenrolando muito bem.

CAPÍTULO QUINZE

Elinor vestiu seu novo traje de montaria de lã verde-escuro e não pôde deixar de olhar para o anel de noivado que Easton havia colocado em seu dedo no dia anterior.

Josie sorriu. — Está inquieta em relação a que, Senhorita Elly? Vai cavalgar e, com um lorde lindo, devo acrescentar.

Elinor teve que rir dos esforços de Josie. — É cedo para tal insolência.

— Nunca é cedo demais! Agora, sente-se e deixe-me arrumar o seu cabelo para que não se atrase. Então pode me dizer por que está tão desanimada quando vai passar a manhã com o belo major que a adora tanto.

Elinor encolheu os ombros. — Não sei o que fazer, Josie. Não sou boa em fingir e me sinto culpada.

— Gosta de passar tempo com ele?

Elinor pensou por um minuto, depois olhou para o anel, girando-o ao redor do dedo. — Eu gosto, na verdade. Me sinto mais confortável com ele do que jamais pensei ser possível.

— Não há necessidade de se sentir culpada então. Divirta-se e veja como se sente. Falou com lorde Fairmont e agora precisa seguir em frente.

Esse era um pensamento adorável. *Divirta-se*. Ela poderia?

— Ele não irá machucá-la. Eu acho que sabe isso. Pode até se divertir. — Josie deu uma risadinha. Elinor corou. Por que o pensamento de se divertir deveria fazê-la corar, ela não queria examinar muito de perto. Se inclinou para a frente e colocou a botina.

— Josie, acho que pode ser uma boa ideia. — Elinor se levantou e começou a calçar as luvas. Dando uma última olhada no espelho, ela pensou que sua avó tinha feito uma boa escolha ao selecionar seu traje de montaria. Talvez ela até parecesse um pouco atraente. Nunca considerou estar atraente antes.

— Claro que é.

Elinor se levantou para lhe dar um abraço. — Não sei de onde vem sua sabedoria.

— Da senhorita, claro. Só precisa aprender a seguir seu próprio conselho.

Elinor riu. Desceu e encontrou Lorde Easton na sala de café da manhã, conversando com Andrew e encantando a viúva.

— Bom Dia a todos. A que devemos a honra da presença de todos antes do meio dia? — Elinor sorriu ao proferir esta saudação e fez uma reverência quando Lorde Easton se inclinou para ela, os dois homens haviam se levantado da mesa quando entrou na sala. Ela foi beijar a avó na bochecha.

— Não tenho certeza, querida. Mas não farei disso um hábito. Agora não está feliz por ter escolhido esse traje de montaria para você? É muito encantador, modéstia à parte.

Elinor corou ao ouvir seus próprios pensamentos recentes falados em voz alta. — Sim vovó, é muito lindo. Na verdade, parece lindo demais para cavalgar.

— Absurdo. Se não pode cavalgar nisto, então não está montando corretamente. — Ela acenou seu garfo com desdém.

Andrew e Easton começaram a rir. A viúva lançou um olhar inquisitivo para eles, e ambos tentaram controlar seu tremor.

— Me recuso a aceitar essa observação. — Elinor olhou para eles, mas não podia se zangar e sorriu sem querer. — Além disso, achei que poderia me permitir um pouco mais de liberdade no campo.

Andrew, ainda tentando controlar o riso, foi até o aparador. —

Bacon, alguém? — *Sempre uma diversão bem-sucedida, bacon.* Easton estendeu o prato para outra fatia.

Elinor escolheu mudar o assunto. — Onde vamos cavalgar hoje, milorde?

— Acho que ficará satisfeita. Queria visitar a aldeia, depois que deixássemos os cavalos esticarem as pernas, é claro.

— Claro. — Ela não precisava de mais incentivo. Ia se divertir. *Hoje. Aqui. Na Inglaterra. Com ele.*

Depois do café da manhã, eles vestiram seus chapéus e capas e reuniram suas montarias. Desceram em direção aos estábulos enquanto um cavalariço estava levando seus cavalos para fora. Easton, como sempre, estava subornando os cavalos com maçãs.

— Está tentando torná-los mais ousados, Easton? — Elinor cutucou.

Ele respondeu com um sorriso travesso. — Não pode lidar com a ousadia deles, senhorita Abbott? —Ele viraria isso contra ela.

— Eu estava tentando ter consideração com um veterano ferido. —

Dois poderiam jogar este jogo.

Ele suspirou dramaticamente. — Sim. Talvez consiga me acompanhar agora.

Isso foi todo o insulto que ela precisava. Montou sua égua e a incitou sem olhar para trás. Sim, hoje seria sobre se divertir. Ela riu quando se afastou. Easton a alcançou em questão de minutos, desacelerando ao lado dela o suficiente para lhe dar um sorriso indulgente. Então chamou por cima do ombro: — Uma

corrida até o rio.

Ambos dispararam em alta velocidade, Easton com precisão militar e Elinor com abandono imprudente. Eles ficaram empatados até chegarem ao rio ao mesmo tempo. Ambos estavam sem fôlego e começaram a rir quando pararam para deixar os cavalos descansarem. — Muito cavalheiresco da sua parte sair adiantado, Easton. Da próxima vez, vamos deixá-lo tentar montar em sela lateral também.

Ele tirou algumas maçãs de seu alforje e as deu aos cavalos. — Acho que a senhorita protesta demais. — Então ele piscou para ela. Elinor enrugou os olhos de uma maneira muito elegante.

— Isso foi ótimo. Obrigada, Easton. Eu precisava disso. — Ela parou e demorou para reparar o cabelo rebelde e recolocar o chapéu. Há muito tempo voara e as fitas mal o seguravam.

— O prazer é meu. Poderíamos, por favor, dispensar as formalidades? Acho que um compromisso garante o uso dos primeiros nomes.

— Por favor, vá primeiro.

Ele deu a ela um olhar exasperado. — Muito bem, *Elinor*. Tenho alguns inquilinos que preciso ver sobre alguns reparos. Gostaria de se juntar a mim? Tenho certeza de que os inquilinos apreciariam uma perspectiva feminina sobre quais são suas necessidades, em vez de um antigo soldado. — Ele olhou para ela, aguardando sua resposta.

— Ficaria feliz em ajudar, *Adam*. Está pensando em presentes para a época festiva?

— Sim, e qualquer outra coisa que possa precisar de atenção. Meu irmão ... bem, papai não estava tão doente quando saí. Meus pais se orgulhavam tanto da aldeia e de seu povo, mas temo que meu pai não tenha administrado as fazendas ultimamente.

— Ele não tem um administrador?

— Sim, claro, mas meu pai sempre sentiu a necessidade de a família estar envolvida.

— Não estou surpresa. — Ela sorriu. — Quão longe da aldeia?

— Apenas alguns quilômetros, seguindo o rio. Vamos?

Eles voltaram a montar seus cavalos e tomaram um passo mais calmo para desfrutar do cenário. Estavam andando basicamente por um caminho através de uma área densamente arborizada, mas agora tinham entrado em uma espécie de prado que levava à aldeia. Era uma cena pitoresca à sua frente: pequenas casas cobertas de gelo, com fumaça saindo das chaminés e lojas em fileiras ao redor de uma pista central. Desmontaram no Crown and Bull Inn, e um cavalariço saiu para levar os cavalos. Easton estendeu o braço para Elinor e começou a conduzi-la pela cidade.

Se Elinor alguma vez duvidara de que tipo de senhores os da mansão Wyndhams eram, ela não se perguntava mais. Ficou boquiaberta quando os aldeões reconheceram Adam e vieram cumprimentá-lo. Eles estavam mais do que um pouco curiosos sobre ela. Não era todo dia que o visconde passeava com uma mulher em seu braço. Todos eles assumiram que estavam noivos, e ele não fez nada para dissuadi-los. Bem, eles estavam noivos, não estavam?

Ele a levou a cada loja para cumprimentar os inquilinos, dirigindo-se a cada pessoa pelo nome e perguntando por seus filhos. Elinor teve o cuidado de documentar mentalmente seu entorno e suas possíveis necessidades, embora fosse óbvio que se tratava de uma aldeia bem cuidada.

Eles se viraram para o caminho de volta para a estalagem, tendo terminado um lado da rua da aldeia.

— Se importaria de parar para o chá? Sinto um pouco de sede depois do passeio. Podemos voltar depois, ou posso visitar mais tarde, se estiver cansada.

— O chá seria muito bem-vindo, e não, não me cansei disso.

— Agradeço a ajuda, mas as pessoas estão mais curiosas sobre você. Devo admitir, não tinha pensado em como eles entenderiam a minha acompanhante. — Uma sugestão de um rubor rastejou em suas bochechas. — Se isso a deixa desconfortável...

Ele estava nervoso? Easton? Ela estendeu a mão e tocou a mão dele antes de perceber o que estava fazendo. Muito tarde. — Não. Eu não estou

desconfortável. — Pelo menos não estava até que ela agarrou a mão dele! Colocou a sua sobre a dela e relaxou.

— Bom. Quero que se sinta bem-vinda aqui. — Eles entraram na estalagem e Easton pediu uma mesa, não havendo salões particulares no pequeno estabelecimento. Mais uma vez, Easton foi recebido de braços abertos e verdadeira camaradagem, o que a fez ver todo um novo lado dele. Como ele deve ter rido dela quando tinha falado sobre aristocratas preguiçosos!

Elinor percebeu que se sentia em casa entre essas pessoas, reconhecendo que não era tão diferente da América. As pessoas da aldeia trabalhavam muito aqui e ali. Eles olhavam para o seu senhor da mansão para seu sustento de uma maneira similar que os americanos faziam com seus proprietários de terra. A principal diferença era o legado. Na Inglaterra, a posse da terra era um direito de nascença. Nos Estados Unidos, qualquer pessoa tinha a oportunidade de conseguir o mesmo, independentemente do nascimento.

Elinor tomou um gole de chá e refletiu sobre as semelhanças e diferenças, enquanto Easton conversava com seus inquilinos.

— Elinor? — Ela olhou para cima e viu Easton olhando para ela com expectativa. — Quer compartilhar seus pensamentos?

— Imploro seu perdão, milorde. Estava sonhando acordada.

— Estava perguntando se acaso se importaria de ver uma ferida do ferreiro. Judd aqui diz que ele teve um corte desagradável que não está curando corretamente. Infelizmente, não temos médico na aldeia. Mandarei buscar o mais próximo, mas não tenho ideia de quanto tempo demorará.

— É claro que, se ele não se importar que olhe, ficarei feliz em fazê-lo.

Easton a favoreceu com um sorriso brilhante, assim como o estalajadeiro, embora Judd parecesse mais espantado do que qualquer outra coisa. Eles terminaram o chá e se dirigiram para o chalé do ferreiro. Passaram através de uma cerca de madeira pitoresca e foram recebidos por duas crianças brincando com um cachorro divertido. Ao notar os estranhos, os dois pararam e olharam boquiabertos para o casal. Elinor se ajoelhou na frente da garotinha e perguntou se a mãe dela estava em casa.

— Sou Elinor Abbott e este é Lorde Easton. Nós viemos visitar sua mamãe e seu papai. Poderia, por favor, dizer a eles que estamos aqui? — A menininha balançou a cabeça, fez uma reverência nervosa e correu para dentro.

Easton juntara-se a brincadeira do rapaz e continuou a brincadeira até a menina regressar para conduzi-los ao chalé.

— Bem, major Trowbridge! Sempre! — A mulher parecia um pouco mais velha do que ela, pensou Elinor, mas já tinha pelo menos dois filhos e parecia extremamente cansada. Ela limpou as mãos em uma toalha gasta e tirou o avental, depois atravessou a sala e deu um beijo no rosto de Easton.

— Maddie! Como é maravilhoso vê-la depois de todos esses anos. O

que é isso que eu ouvi sobre Sam?

Elinor fechou a boca quando percebeu que estava escancarada. Maddie se virou para olhar para Elinor, e Easton percebeu sua omissão.

— Perdoe meus modos. Miss Elinor Abbott, esta é Maddie Smith.

Maddie fez uma reverência. — Tenho o prazer de conhecê-la senhorita Abbott. — Ela sorriu para Easton.

— Esperava que isso fosse apenas uma visita social, mas Judd disse que Sam está doente. A senhorita Abbott é bastante útil com alguns ferimentos, tendo ajudado os enfermos que voltavam nos EUA, inclusive eu. Pensei que ela poderia ser capaz de ajudar se não se opuser a isso. Solicitei um médico, mas enquanto isso, talvez ela possa ajudar.

Maddie olhou Elinor de cima a baixo, primeiro com surpresa, depois com aprovação. — Sim. Seria apreciada. Ele não consegue trabalhar há duas semanas e está piorando. É uma época difícil do ano, sem trabalho. —

Easton assentiu. Elinor fez uma nota mental para enviar uma cesta de mercadorias para ajudar a aliviar as preocupações de Maddie. — Vou deixar Sam saber.

Maddie virou e levou Elinor e Easton para o pequeno quarto, onde um homem grande engolia a pequena cama em que estava deitado. Estava vermelho e

queimando de febre. O estômago de Elinor afundou quando sentiou o odor, em seguida, viu a ferida purulenta no braço esquerdo do homem. Easton olhou para Elinor gravemente e foi até a cama para cumprimentar o homem.

— Sam, é Adam. Lembra do seu antigo companheiro de brincadeiras? — O homem gemeu, mas não acordou. — Sam? Minha amiga vai dar uma olhada no seu braço. Tudo bem? — Sam fez um barulho que soou como um grunhido de assentimento. Elinor aproximou-se para dar uma olhada e imediatamente encontrou o cheiro pútrido de uma ferida infectada. Um corte desagradável, de fato.

— Easton, pode mandar alguém para Dower House para buscar Josie e meus suprimentos? Sra. Smith, pode colocar um pouco de água para ferver e recolher algumas toalhas ou trapos e bebidas alcoólicas, se tiver

alguma? Se houver alguma maneira de encontrar gelo, isso ajudaria a diminuir a febre. Se não, alguma água fresca. E Easton... mande chamar o cirurgião agora. — Os dois partiram para executar suas tarefas, e Elinor começou a rezar, com uma forte sensação de déjà vu lutando para superá-la, embora essa ferida fosse muito pior do que a de Easton.

Enquanto esperava Josie e seus suprimentos chegarem, Elinor começou a árdua tarefa de limpar a ferida, e finalmente remover o tecido morto aos poucos enquanto lutava para conter seu estômago. *Continue respirando pela boca. Através da sua boca.* Felizmente, Maddie decidira esperar do lado de fora com Easton, pois Elinor não conseguia conter todos os engasgos e gemidos que lhe escapavam.

Josie chegou finalmente e começou a trabalhar ajudando Elinor. —

Oh, que horror, senhorita Elly! — Ela imediatamente cobriu o nariz para evitar respirar os vapores nocivos. Elinor lançou um olhar exasperado. — A senhorita certamente encontra bons pepinos!

— Sim, bem. Não há muito a ser feito, mas faremos o nosso melhor agora que estamos aqui. Poderia despejar alguma bebida sobre isso? Acho que removi todo o tecido morto. — Elinor levantou-se para acalmar as costas cansadas que estavam doloridas de se inclinar sobre a cama para trabalhar no braço do homem. O paciente soltou um gemido alto quando Josie limpou a ferida com conhaque.

— O que vem a seguir? — Josie olhou duvidosamente para a confusão de carne no braço do homem. — Embalar com um cataplasma?

Elinor assentiu. — Então espere e reze para que o cirurgião não o ampute quando ele chegar. — Elinor se virou e saiu da sala, precisando desesperadamente respirar um pouco de ar fresco. Easton a encontrou no pequeno quintal, tremendo enquanto tentava conter as lágrimas. Ele colocou os braços ao redor dela em um abraço reconfortante, com o queixo na cabeça dela. Ele sussurrou: — Sinto muito. — Elinor não tinha certeza do que ele sentia muito, mas ela tinha tanta emoção reprimida que deixou as lágrimas caírem e relaxou a cabeça em seu ombro, grata pelo conforto.

Depois de alguns minutos, ela se recompôs e afastou-se dele, enxugando as lágrimas e rindo ao mesmo tempo. — Agora é a minha vez de me desculpar. Não tenho certeza do que aconteceu comigo.

— Nunca teria pedido que olhasse por ele se tivesse percebido a extensão. O cirurgião deve estar aqui em uma ou duas horas. — Ela balançou a cabeça.



— Não, por favor. Não é só isso. Eu não posso nem explicar. São tantas emoções acumuladas nas últimas semanas. Então a gravidade de sua condição trouxe de volta tudo o que você passou ... depois o cheiro. Eu ...

eu não achei que pudesse fazer isso. — Ela fez uma pausa e respirou fundo, não querendo dizer o que tinha que ser dito. — Easton, eu não tenho certeza se ele vai manter o braço ou mesmo se vai viver. — Ele estava procurando em seus olhos, como se estivesse tentando aceitar a realidade da situação. — Eu teria a opinião do cirurgião antes de dizer a Maddie — ela terminou calmamente.

— Ficarei aqui e esperarei pelo cirurgião, se não se importar de ir para casa desacompanhada. Mandei chamar um cavalariço da estalagem.

— De jeito nenhum. — Ela balançou a cabeça, sentindo-se culpada por sair, mas reconhecendo a necessidade devido à sua exaustão. — Josie se ofereceu para ficar com ele esta noite. Eu agradeceria muito se me deixasse saber o que o

cirurgião diz. — Easton assentiu, e eles voltaram para dentro para ela se despedir.

ELINOR VOLTOU PARA A DOWER HOUSE, grata pelo tempo de limpar a cabeça e apreciar o prazer culpado de montar sozinha - sem contar o cavalariço seguindo atrás.

Seu tempo sozinha era tão limitado em Londres, especialmente depois de ser virtualmente independente em Washington. Emoções que não entendia completamente vieram de um extremo ao outro. Estava com raiva por ter sido colocada nessa situação em primeiro lugar. Não queria ter voltado para a Inglaterra, ser empurrada para a sociedade e forçada a encarar Nathaniel. Não queria brincar de médico e acompanhar Easton e "arruinar-se" porque estava em um barco com ele.

Então seus pensamentos se voltaram para a melancolia; ela desejava a simplicidade de vida que tivera com seu pai em River's Bend, antes de se sentir culpada por estar gostando demais da amizade de Easton - e desejando que pudesse haver mais, mas sabendo que não poderia. Ela riu zombando de si mesma, de seus sentimentos e do modo como castigara Easton pela indolência da *sociedade*. Embora não tivesse sido

completamente imprecisa, não deveria ter julgado todos pelas ações de alguns. O fato era que estava gostando dessa parte da Inglaterra; foi reconfortante reconhecer que ela estava errada. Ela não deveria se apegar mais, ou ficaria triste em partir. Realmente acreditava nisso? Balançou a cabeça e empurrou a égua de volta para a casa.

Cedo na manhã seguinte, Elinor reuniu uma cesta de mercadorias, com a ajuda do cozinheiro e da governanta, de coisas que todos consideraram úteis para a Sra. Smith. Ela carregou sua égua e o cavalo do cavalariço com mercadorias e partiu para a aldeia para ver o Sr. Smith. A geada estalou sob os cascos dos cavalos, e a respiração deles condensou-se no ar frio enquanto percorriam o caminho até a aldeia.

A aldeia já estava agitada com a atividade de trabalho enquanto se apressava para a cabana dos Smiths, deixando o cavalariço descarregar suas oferendas na cozinha. Estava ansiosa para saber como Sam Smith se saíra durante a noite. A nota que recebera de Easton pouco fazia para confortá-la ou aliviar sua

preocupação. Apenas afirmara que o cirurgião não havia amputado o braço do Sr. Smith e o reavaliaria pela manhã. A porta se abria para uma casa, não cheia de doenças, mas de calor e alegria, os sons de crianças brincando, o cheiro de arenque frito e pão acabado de assar. Ao ver sua convidada recém-chegada, as crianças correram para cumprimentá-la.

— Senhorita Abbott, senhorita Abbott! Papai está melhor! — As duas crianças sujas puxaram-na pelos braços e sacudiram-na enquanto saltitavam alegremente. Ela acenou para Josie, cozinhando na cozinha, quando eles passaram, e notou que Buffy estava lá também. Ela sorriu e fez uma anotação mental para investigá-los mais tarde.

— Essa é uma notícia maravilhosa! Posso vê-lo? — Eles assentiram e arrastaram-na para o quarto onde ela deixara o doente febril ontem. Ela ficou surpresa ao encontrar Easton sentado em uma cadeira, despenteado, com as roupas de ontem e com o crescimento de barba de um dia. Ele deve ter ficado a noite toda! E ao lado dele, sentado na cama e conversando, estava Sam Smith. Graças a Deus!

— Senhorita Abbott — Easton se levantou ao notar sua entrada. — É

um prazer apresentá-la a Samuel Smith, sem febre. Sr. Samuel Smith, sua curadora.

Sam Smith sorriu e olhou timidamente para Elinor. — Senhorita Abbott, gostaria de lhe agradecer. O médico disse que eu teria morrido se não tivesse me ajudado.

— É muito bem-vindo, mas tenho certeza que ele teria conseguido.

— É muito modesta, senhorita. — Isso foi mais do que ele ficava confortável falando ao redor dela.

Easton entrou na conversa: — De fato. O médico chegou à tarde, e ele disse que não poderia ter feito um trabalho melhor. Disse que Sam teria perdido o braço, se não a sua vida, se a senhorita não tivesse agido tão rápido.

Antes que Elinor pudesse dar uma resposta, Maddie Smith entrou apressadamente no quarto e jogou os braços em volta de Elinor, lágrimas de alegria escorrendo pelo rosto.

— Perdoe-me, Srta. Abbott, mas sou muito grata. — Elinor devolveu o abraço totalmente. — Primeiro faz milagres com meu Sam, então traz comida suficiente para alimentar um exército, e sua Josie limpa a casa e faz o café da manhã. Eu me sinto como uma rainha, eu sinto!

— Foi o mínimo que pudemos fazer. Fico feliz que tenha ajudado um pouco. — Elinor afastou-se do abraço, mas segurou as mãos de Maddie e olhou-a nos olhos. — Assegure-me que vai me deixar saber se precisar de alguma coisa. — Maddie assentiu e lágrimas escorreram pelo rosto. —

Agora, deixe-me mudar essa bandagem para o senhor, Sr. Smith.

— Major Trowbridge, é melhor não a deixar escapar. — Maddie cutucou Easton em seu caminho para fora do quarto.

— Eu não pretendo — ele respondeu suavemente e piscou para Elinor. — Só espero que tenha uma chance — ele sussurrou depois que ela saiu.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Easton decidiu levar Elinor para casa agora que o Sr. Smith estava melhorando. Eles caminharam através da aldeia permanecendo em silêncio, nenhum deles tinha certeza do que dizer. Tanta coisa aconteceu em um dia.

Easton havia passado grande parte da noite anterior pensando sobre a situação entre ele e Elinor. Estava mais convencido do que nunca, quando a viu entrar naquela manhã, que faria qualquer coisa para mantê-la. Ela não podia ver a diferença que estava fazendo para a vida das pessoas daqui? Ela podia ver a diferença que estava fazendo para ele? Se ao menos ela pudesse vir a gostar dele como ele gostava dela.

Uma vez que estavam fora da aldeia, Elinor conseguiu falar. — Está familiarizado assim com todos os seus arrendatários?

Ele olhou de lado para ela com um pequeno sorriso. — Não, tive a sorte de brincar com os Smiths quando éramos crianças.

— Ah, entendo. Bem, foi refrescante e inesperado. Quase senti como se tivesse voltado para casa. — Ela sorriu divertida para ele.

— Nosso objetivo é agradar. — Ele tirou o chapéu e sorriu de volta, então não pôde evitar perguntar: — Tem passado muito tempo com seus primos? — Esperava que ela não pudesse detectar seus motivos ocultos ao perguntar, mas descobrir que poder Nathaniel mantinha sobre ela, o incomodava. Não podia

deixar de pensar que Nathaniel era a chave para resolver o mistério de Elinor.

Ela olhou para frente e demorou a responder. — Não, não seria exatamente algo agradável. Vovó, Andrew e eu estamos nos mantendo juntos no momento.

— Aconteceu alguma coisa? — *Bem, Isto não soou bem.* — Perdoe a impertinência; por favor, perdoe minha intromissão. — Não havia percebido que sua situação familiar estava tensa. Estava apenas curioso para saber se ela estava passando algum tempo com Nathaniel. Ela disse que não se casaria com ele, mas sabia que houve algo entre eles e se perguntou se ela queria que ainda houvesse. Elinor suspirou pesadamente, ponderando claramente o que deveria dizer. — Elinor, se não quiser me dizer, por favor, não se sinta pressionada a fazê-lo.

Ela balançou a cabeça: — Não, é só que não percebi que não tinha sido informado de tudo. Na manhã em que falou com meu tio, ele nos convocou para uma reunião de família. Ambos fizeram uma careta, não vinha nada de bom das reuniões de família com o duque. — Aparentemente, meu tio ouviu Beatrice espalhando os rumores sobre termos viajado juntos no navio.

— Foi sua prima, não lady Dunweather? — Ele parecia genuinamente surpreso.

— Sim, parece que ela não viu os benefícios no fato eu estar na Inglaterra e me vê como competição ou ignóbil demais para me relacionar com ela. — Ela sorriu. — Então, meu tio retirou seu dinheiro e baniu-a para o campo por um ano para aprender boas maneiras. — Conseguiu olhar para ele, e ele começou a rir, o que era contagiante.

— Isso faz tudo quase valer a pena! Ainda não acredito que Beatrice se rebaixou tanto — disse Easton. Ambos riram do absurdo de tudo isso. —

Não me admira que estejam apenas os três convivendo em Dower House. Eu também ficaria longe de Beatrice. — Ele balançou a cabeça —

então, seria muito precipitado de minha parte convidá-la para o jantar de Natal, se está evitando a Abadia?

— Não é muito precipitado para perguntar, mas terei que consultar a vovó para ver quais são seus planos. Como está o seu pai? Ele participará do jantar de Natal?

— Participará se souber que a senhorita virá — disse ele com uma risada agradável.

— Faça o senhor mesmo o convite para a vovó. Duvido que ela possa resistir ao seu encanto.

— Acha que sou encantador? — Piscando e sorrindo com aquelas covinhas para ela, levantou uma sobrancelha maliciosamente, enquanto entregavam as rédeas de seus cavalos para os cavalariços e se dirigiam para a casa.

— Não foi isso o que eu disse. Insinuei que a vovó acha isso. — Ela bateu nele com seu chicote de equitação e deu-lhe um sorriso brilhante. Antes que ele pudesse raciocinar, inclinou-se e roçou seus lábios nos dela.



ELA FICOU ALI, incapaz de se mover. Adam acabara de beijá-la e estava ali esperando que ela fizesse alguma coisa. Ela deveria castigá-lo e ir embora, mas tudo o que queria fazer era beijá-lo de volta. Ele não sentira *nada,* com certeza. Ela olhou nos olhos dele e percebeu que tinha se apaixonado completamente por ele. Como isso aconteceu? Ele deveria ter sido um imoral, um soldado endurecido, um lorde libertino e patife. Deveria ser fácil ir embora. Agora, ela não poderia ter a única coisa que pensou que jamais poderia querer. Ele merecia a verdade, mas não suportava ver a decepção em seu rosto, então se virou e voltou para a casa.

Easton seguiu lentamente atrás. *Inferno!* Ele tinha ido longe demais. Pode ver no rosto dela. Parecia que ela tinha suavizando em direção a ele, então seu rosto mudou, e ela se dissuadiu disso. Isso era a maior ironia. Ele passou anos se defendendo e se escondendo dos avanços das mulheres. Agora que havia encontrado uma que achava que não poderia viver sem, e ela não o queria.

Eles entraram no salão em silêncio, ambos se recusando a falar, pois fazê-lo seria admitir algo que não estavam prontos para falar em voz alta. Esperando ver apenas sua avó, Elinor colou um sorriso no rosto para esconder seu tumulto interno e entrou na sala apenas para encontrar seu tio tomando chá. *Não. Não,*

Não, Não. Ela sentiu um aperto no coração e uma espécie de buraco no estômago. Ele contaria a Easton. Amava muito seu tio, mas ele achava que era para o bem dela. Lançou um olhar de pânico para a avó enquanto Easton e o duque se cumprimentavam.

A viúva apenas a olhou como se dissesse: *O que acha que posso fazer?*

Seu tio se virou para ela. — Elly — ele estendeu os braços para um abraço, e apesar de Elinor ainda estar chateada com ele, não conseguia negar o seu carinho. — Por favor me perdoe? Eu não tive a intenção de machucá-la.

— Tio, por favor... — Ela tentou sussurrar e avisá-lo, mas ele não a estava ouvindo. Ela olhou para Easton, mas ele estava olhando para longe, sem qualquer emoção visível. Talvez ele não tivesse escutado..., e ela era a rainha de Sabbath.

— Ainda acho que deveria considerar a oferta de Nathaniel. Seria o melhor.

— Robert. — A viúva controlou uma conversa inteira com uma palavra. Elinor olhou nervosamente para Easton.

Easton percebeu que Elinor estava desconfortável com a presença dele, então se levantou e se curvou diante da viúva. — Milady, só tinha entrado para solicitar sua presença no jantar de Natal. Permitirei que continuem com sua...ah... discussão familiar sem a minha intrusão. — Se inclinou sobre a mão dela. — Um prazer, como sempre. — Easton fez uma reverência ao Duque, então se virou para sair.

— Eu o acompanharei até a porta. — Elinor voltou pelo corredor em direção à entrada. O mordomo entregou-lhe o casaco e o chapéu e saiu discretamente. — Eu sinto muito. — Elinor não conseguiu dizer a ele a parte sobre Nathaniel. Ela sentiu as lágrimas ameaçarem cair e não pôde olhar Easton nos olhos.

— Não há nada para se desculpar. — Ele hesitou, querendo consolá-

la. — Se houver algo que eu possa fazer, por favor, saiba que pode confiar em mim. — Queria dizer a ela que o que quer que fosse, não importaria para ele, mas não tinha certeza se ela iria querer ouvir isso. Se ela retribuísse seus sentimentos! Ela assentiu, mas ainda não olhou para cima. — A verei na igreja. — Ele se virou para sair, e ela lutou contra as lágrimas rolando por suas

bochechas enquanto voltava para encarar seu tio.

Eles olharam para cima quando ela voltou para a sala de estar. —

Elinor? O que aconteceu? Easton disse alguma coisa?

Ela balançou a cabeça violentamente e tentou conter sua emoção. —

Não, tio. Eu queria que o senhor, por favor, desistisse da ideia de me casar com Nathaniel. Não é isso que eu desejo.

— Mas não terá mais ninguém se descobrirem.

Ela manteve os olhos nas mãos por medo do que poderia fazer se levantasse os olhos.

— Não contou a Easton, não é? Acha que ele irá querê-la, se souber? Não quero ser cruel, Elly. Sabe que te amo como minha própria filha. Mas também sei o que um cavalheiro espera quando se casa com uma dama.

Ah, ela sabia, muito bem. Era por isso que tinha toda a intenção de voltar para a América para administrar a fazenda e permanecer uma



solteirona. Só que não esperava se apaixonar por Easton. O destino poderia ser mais cruel?

— Milorde. Não posso me casar com Nathaniel. Por favor, tente entender e não me peça mais isso. Espero que nossa amizade possa se recuperar um dia, mas nunca mais do que isso. Jamais.

— Mas... — ele protestou.

Ela tentou impedi-lo, querendo que ele entendesse sem mais humilhações.

— Ele precisará fornecer um herdeiro eventualmente... — sua voz sumiu.

Seu tio deu-lhe um olhar longo e firme, avaliando e finalmente percebendo seu significado. Não tinha pensado sobre como seria para ela ter que cumprir o leito conjugal com um homem que a violou? Ou ele não sabia toda a verdade? Nathaniel, como o futuro duque, teria que fornecer um herdeiro. E ele teria que estuprá-la novamente para conseguir isso, pois ela nunca seria capaz de ir até ele de boa vontade.

EASTON DEIXOU Dower House contra seu melhor julgamento. Se Elinor não parecesse desconfortável..., mas ela parecia, então ele partiu quando todo o seu ser queria ficar e protegê-la de seu tio bem-intencionado, mas dominante, que estava acostumado a fazer tudo do jeito dele. Por que o duque era tão insistente? Ele não era considerado um bom par para Elinor?

Ou ela estava desconfortável porque queria Nathaniel e não queria ferir seus sentimentos? De alguma forma, precisava descobrir o que estava causando a dor de Elinor. Talvez Andrew pudesse ajudar, mas ele partira para Londres com assuntos para o Ministério da Guerra. Tinha que haver um caminho.

O dia seguinte era o Natal. Todos iriam à igreja, e Elinor enviara uma mensagem de que ela e a avó ficariam encantadas em ir jantar. Não se sabia se Andrew retornaria a tempo de Londres. Nathaniel estaria na igreja e no baile no final da semana. Talvez tudo se revelasse em breve, e ele poderia



determinar se ela realmente tinha sentimentos por Nathaniel, ou esperançosamente, por ele.

A MISSA SERIA CONSTRANGEDORA, pois não havia como evitar sua família lá. Com as duas grandes propriedades adjacentes e apesar de separadas por dois vilarejos, havia uma vida paroquial compartilhada. Normalmente, isso parecia uma ideia lógica. Hoje, Elinor desejava o contrário. Apesar de todo o seu desconforto com a família, não queria que a situação atual fosse de conhecimento público. Portanto, ela teria que fingir que tudo estava bem, incluindo sentar no banco da família com Beatrice e Nathaniel. Se houvesse algum drama hoje, eles não seriam iniciados por ela.

Ela suspirou. O serviço de Natal era um dos seus favoritos. Ainda se lembrava de frequentar St. Christopher quando criança, quando sua família passava as férias na propriedade de seu tio. Tudo tinha sido normal e natural então. O que trouxe suas vidas para essa situação? Agora ela passaria o dia sozinha com a avó, já que seu pai, irmão e irmã não podiam vir. Felizmente, Easton as convidou para jantar, mas não seria o mesmo, sabendo o que estava por vir. Precisava dizer a ele para que entendesse, mas ainda não estava pronta. Mais um dia.

Ela desceu as escadas, tentando se convencer a sorrir, enquanto discutia consigo mesma. — Mais um dia. Só tem que fingir por mais um dia, e então poderá enfrentar isso. Nathaniel não irá mais machucá-la, e uma vez que não tiver que olhar para *ele* todos os dias, não será tão doloroso. Verá. Papai estará aqui em breve para levá-la para casa.

— Eu verei o quê? — Elinor olhou para cima para ver Easton e sua avó a aguardando. Estava falando em voz alta, e o que ele estava fazendo aqui? E com uma aparência incrivelmente atraente aliás. Como uma jovem se concentraria em um sermão com ele presente?

— Só estava falando comigo mesma. — Ela forçou um sorriso.

— Feliz Natal, senhorita Abbott. Pensei em acompanhar as damas para a igreja, se não se importarem? Papai não está forte o suficiente para

comparecer esta manhã. — Ele se curvou galantemente sobre a mão dela e roçou os lábios sobre os nós dos dedos.

— Claro que não. Foi gentil de sua parte. Feliz Natal para o senhor também. — Seus olhares se cruzaram, e ela engoliu um suspiro doloroso. *Ele é bom em fingir*. Não tinha certeza de quanto tempo ficaram olhando um para o outro, mas sua avó tossiu, sufocando uma risada divertida.

— Podemos ir. — A viúva deu um tapinha neles com sua bolsinha, conduzindo-os em direção à porta.

— Sim, milady — Easton disse humildemente, apesar de sorrir. Depois de ajudá-las a subir na carruagem para a curta viagem até a igreja, ele perguntou: — Seria ousado de minha parte pedir que se sentasse no banco da minha família já que estamos noivos? — Ele se inclinou para Elinor e sussurrou: — Ainda estamos prometidos, não estamos? — Ela olhou para ele com os olhos arregalados. Será

que ele não achava que ela teria a decência de informá-lo de que o estava abandonando? Ele estava sorrindo aquele sorriso diabólico. Ele estava chateado com ela, é claro.

Ele encolheu os ombros. — Eu não tinha certeza se seu tio a havia conseguido fazê-la mudar de ideia.

Sua avó torceu os lábios em pensamento. — Suponho que estaria tudo bem se sentássemos juntos. Ninguém questionaria. Além disso, tenho certeza de que é um conhecimento comum nas aldeias agora, depois que os dois saíram vagando por todos os lados.

Embora suas palavras fossem para repreender, ela não tinha nada além de diversão em sua voz. Elinor silenciosamente o abençoou, pois isso a impediria de ter que sentar ao lado de seus primos. Embora isso significasse que estaria sentada perto, *muito* perto dele durante todo o serviço, o céu a ajudasse.

Eles chegaram à igreja e Easton ajudou cada uma delas a descer da carruagem. Ofereceu seus cotovelos às duas damas e a duquesa zombou: —

Bobagem. Não sou tão velha que não possa andar sozinha. Escolte seu prêmio. — Ela piscou para Easton.

A viúva entrou, cumprimentando a todos enquanto passava por cada um dos bancos no corredor. Easton acompanhou Elinor atrás dela, aberto aos olhares curiosos. Ela tentou sorrir e esperou que ninguém notasse o quanto estava aterrorizada. Chegaram antes do duque e da duquesa e

sentaram-se no banco Wyndham do outro lado do corredor. Até agora, tudo estava bem. A música começou. Eles não viriam? Seria inédito quando todos soubessem que estavam na residência.

Enquanto o vigário se levantava para ocupar o seu lugar, o duque e a família entraram. O duque ergueu os olhos com uma sobrancelha levantada para o banco Wyndham, acenou com a cabeça em sinal de reconhecimento e se sentaram à ordem do vigário. *Talvez isso não será horrível afinal.* Se eles pudessem escapar com nada além de algumas brincadeiras, ela poderia conseguir.

Logo, Elinor se deixou levar pelo serviço com as antigas tradições das crianças cantando e realizando a natividade. Uma pequena menina angelical de quatro ou

cinco cantou, *O Come All Ye Faithful*, e Elinor sentiu lágrimas quentes ameaçarem cair. Ela havia cantado a mesma música nessa mesma igreja no último Natal que estivera com a mãe. Sua mãe tinha praticado e praticado a música com ela e a havia cantado para ela dormir como se fosse uma criança pequena. Sua avó sabia por que eram as lágrimas e pegou sua mão e segurou-a com carinho enquanto elas se lembravam juntas. Easton apertou discretamente um lenço na outra mão e apertou a mão dela ao fazê-

lo. Felizmente, a música terminou, e a graça no pastoreio de crianças e animais vivos através do presépio foi o suficiente para superar suas lágrimas.

Depois do culto, as duas famílias entregaram as tradicionais cestas de presentes e comida aos seus respectivos arrendatários. Elinor ajudou Easton, já que ele teria sido obrigado a cuidar de tudo por conta própria. Ela ajudou a organizá-los, afinal de contas. Enquanto se levantavam e cumprimentavam os inquilinos, pareceu a Elinor o quanto era natural estar ali com Easton. Ela sabia até que Easton visitava muitos deles. Sentiu uma pontada de tristeza, sabendo que o próximo ano seria diferente.

As filas chegaram ao fim, e Elinor se viu em frente a seus primos. Ela fez contato visual com Nathaniel e encontrou-se capaz de retornar seu olhar. Ele se curvou sobre a cintura em reconhecimento, mas não veio falar com ela. Parecia diferente, sincero. Beatrice não falou, o que foi o melhor.

Nem a olhou, o que foi surpreendente. Infelizmente, sua tia falou, com civilidade mal disfarçada.

— Feliz Natal para a senhora, tia Wilhelmina, e para o senhor, tio. —

Ela fez uma reverência. Seu tio pegou seu braço e começou a andar com ela em direção à carruagem.

— Sim, e para você, Elinor. — Ele parou e olhou-a nos olhos. — Elly, devo implorar seu perdão. Pensei muito sobre o que disse. Não forçarei o assunto por mais tempo. Queria dar a você e Easton minha bênção. Ainda estaremos realizando o baile dos inquilinos na semana que vem e faremos um anúncio. — Ele se inclinou sobre a mão dela. — Tudo isso vai melhorar, meu amor. Quero muito que faça parte de nossas vidas novamente.

— Obrigada, tio. — Ele lhe deu um abraço paterno, que ainda a surpreendeu.

— Virá para o jantar?

— Não senhor. Estaremos jantando com os Wyndhams. — O duque assentiu desapontado, apertou a mão de Easton e então se virou para caminhar em direção à própria carruagem. A viúva já estava esperando lá dentro. Easton ajudou Elinor a entrar e recostou-se no assento com um suspiro enorme. Já passava do meio-dia e ela estava exausta.

Eles entraram na mansão e a viúva se desculpou indo refrescar sua toilette. Elinor entregou o casaco e a touca ao mordomo, depois olhou em volta com espanto. Guirlandas de azevinho e fita adornavam o corrimão, e as salas estavam iluminadas com centenas de velas brilhantes. O efeito era mágico. Easton começou a rir. Elinor olhou para ele para ver o que era divertido.

— Cuidado por onde anda, minha querida. Papai está conspirando contra nós. Ou para nós, dependendo de como veja a situação.

Elinor olhou para cima e viu massas de visco penduradas em todas as portas e candelabros. Ela riu junto com ele até perceber que estava bem debaixo de alguns. Antes que ela pudesse recuar, Easton estava ao lado dela com seu sorriso diabólico e disse: — Isso, querida, é o mesmo que dar permissão.

Ela sabia que deveria impedi-lo, mas cada parte dela queria que ele a beijasse. Ela queria saborear cada sentimento, cada toque dele, essa pessoa que finalmente rompeu a parede de seu medo e insegurança. *Antes de não a querer mais* - pois quando ele descobrisse, ela sabia que tudo terminaria. E

o seu coração estaria partido. Então, foi gananciosa e aceitou o beijo dele.

Ele roçou os lábios nos dela, e quando ela não resistiu, segurou o seu rosto em suas mãos e a beijou mais e mais. Quando afastou os lábios, colocou a testa na dela, ainda segurando o rosto dela. — Elinor. Quero que fique. Para que isso seja real.



Seu coração ia pular de seu peito. Envergonhada pela reação dela ao beijo dele,

ela tentou se afastar, mas ele se recusou a deixá-la ir. Ela balançou a cabeça. — Não posso.

Antes que ele pudesse argumentar, houve uma batida na porta e eles se viraram para ver Andrew e Sir Charles.

— PAPA! — Elinor quase gritou quando correu para Sir Charles e jogou os braços ao redor dele. — Está realmente aqui?

— Sim, realmente, meu amor, estou aqui. Boas Festas! Não posso pensar em um presente mais bem-vindo do que um abraço seu! — Ele a abraçou e a avaliou com aprovação. — Vejo que a Inglaterra está combinando com você, afinal. E ouvi dizer que há muito para me contar. —

Ele a abraçou novamente e beijou sua bochecha. Olhou para cima com um sorriso para Easton, que prontamente se aproximou para cumprimentar seu padrinho.

— Senhor, é um prazer vê-lo novamente, uma adição muito bem-vinda para as nossas festividades de Natal. — Ele sorriu um sorriso que não sentia, porque seu coração estava em seu estômago. Se sir Charles estava aqui, a guerra terminara. Se a guerra acabara, ele deveria se alegrar, mas tudo o que conseguia pensar era em Elinor o deixando e sentiu dor em seu coração ao pensar nisso. O que ele estava pensando? Ele deveria ter mantido a distância... não, deveria ter corrido na direção oposta ao invés de roubar cada momento com ela que pudesse conseguir. Agora, sua partida apenas seria mais dolorosa. Percebeu que Sir Charles estava falando com ele e forçou sua atenção de volta para seu padrinho.

— Parece muito melhor do que quando o vi pela última vez! Sabia que Elly cuidaria de você. — Eles entraram na sala para aguardar os outros antes do jantar. — Andrew me disse que estão noivos. Temi que fosse tudo culpa minha por obriga-los a entrar naquele barco juntos, mas pelo que pareceu, quando entramos, não é um acontecimento indesejável.

As bochechas de Elinor ficaram vermelhas. Ela viu o canto dos lábios de Easton, e ele desviou o olhar.

— Não poderia estar mais satisfeito — disse Sir Charles.

— Obrigado, senhor. Fico feliz em saber que temos sua bênção. —

Easton olhou para Elinor, mas ela não encontrou seu olhar. Ele se virou para Sir Charles. — Deve estar exausto da sua viagem. Gostaria de descansar antes do jantar?

— Eu preferiria cumprimentar seu pai, primeiro. — Easton assentiu e liderou o caminho.

Elinor decidiu encontrar um lugar para se lavar antes do jantar e encontrou Buffy e Josie se abraçando novamente sob um visco. Ela recuou em silêncio, tentando não rir em voz alta.

Eles eram um grupo pequeno e íntimo para o jantar. Alguns lacaios ajudaram lorde Wyndham à mesa. Ele parecia frágil, mas estava de bom humor ao ver seu melhor amigo retornando e seu filho com sua noiva. Elinor observou os dois velhos amigos conversando e sentiu uma calma que não sentia desde que deixara os Estados Unidos.

— Então, papai, a guerra acabou? Como suponho, está nos trazendo boas notícias?

— Oferecemos um tratado de paz; no entanto, ainda deve ser apresentado para ratificação. Levará algum tempo para atravessar o Atlântico e ser ratificado pelos Estados Unidos, mas espero que isso signifique que a guerra acabou.

— Excelente, excelente. À paz. — O idoso conde ergueu o copo em saudação e os outros o seguiram.

— Estamos livres para voltar, então? — Assim que Elinor disse as palavras, ela estremeceu. Tinha esquecido de que ela e Easton não haviam contado a ninguém sobre o acordo deles em romper o noivado, especialmente ao conde. — Quero dizer, é seguro para o senhor voltar? —

Essa foi uma tentativa pobre para cobrir seu deslize. Todos olhavam para ela, mas o único que parecia notar que algo estava errado era Easton. Era um olhar de dor em seus olhos?

— Ainda vai demorar um pouco antes de sabermos disso. Pode levar meses até recebermos uma palavra aqui. O tratado foi assinado apenas na noite passada e nos apressamos diretamente para cá. Levará muito mais tempo para o tratado chegar a Washington e ser ratificado lá. — Ele suspirou, e Elinor sentiu que ele

estava escondendo alguma coisa dela, mas

não se atreveu a bisbilhotar durante o jantar, temendo que sua língua pudesse escorregar de novo.

Elinor assentiu e se virou para o pombo recheado para não ter que olhar para Easton. Era hora de acabar com a farsa e contar a verdade. Ela empurrou a comida ao redor de seu prato, de repente se encontrando sem apetite. Sua avó não iria deixá-la escapar tão facilmente.

— Está tão ansioso para se livrar de nós, Elinor? O que Easton tem a dizer sobre voltar às colônias?

— O desejo dela é uma ordem? — Ele sorriu e ergueu o copo para Elinor. Ela não pôde deixar de sorrir de volta para isso.

— Ficaria com inveja dos dois, se não fosse pela náusea prestes a me atacar! — Andrew defendeu, fazendo todo mundo rir.

— Terá sua oportunidade, querido. Não se preocupe. E é melhor que seja logo! — A viúva tentou lhe dar um olhar severo, mas ele apenas riu e a beijou na bochecha.

— Começarei amanhã, vovó.

— Não seja impertinente, criança.

— Não sou.

— Tudo bem, tudo bem. Vamos deixar Andrew escapar por agora. Ainda temos esse casamento para planejar — disse Sir Charles alegremente, acenando com a mão para o casal de noivos. Elinor precisava mudar de assunto antes que os planos de casamento fossem levados adiante. Ela falaria com o pai e com Easton no dia seguinte.

— Sim, estou feliz que esteja aqui, Charles. Eu queria celebrar a cerimônia em breve para poder participar — disse o conde. — Continuo sendo informado pelos médicos que eles não sabem a quantas crises mais posso sobreviver. — O conde parou para tomar um gole de vinho. — Não fique tão triste. Não pretendo morrer hoje à noite. Só quero viver o suficiente para ver Adam e Elinor se

casarem. Não poderia ter esperado por uma união mais feliz. Meu filho e sua filha, Charles. Isso me traz muita alegria. Max não mostrou sinais de se acomodar, e as mulheres a quem prestou atenção ... bem, estou muito feliz em recebê-la na família, Elinor.

— Obrigada, milorde. Estou honrada. — Ela abaixou a cabeça de volta para sua comida para esconder seu rubor. Seu pai e o conde estavam discutindo o casamento, e ela não conseguia pensar em nada para desviá-los disso. Ela olhou de relance para Easton e ele estava olhando para ela, sorrindo. Ela murmurou: — Faça alguma coisa — acenando com a cabeça



para indicar que o pai está planejando para ele, mas ele mostrou as covinhas para ela e encolheu os ombros. Ela teve um flashback daquela primeira noite na sala de estar em River's Bend, quando ele deu a ela aquele mesmo sorriso e pensou que ele era um libertino do mais alto nível. De repente, sentiu como se agosto tivesse sido há uma vida atrás, com tudo o que aconteceu entre eles. Ele não era nenhum libertino, e ela sentiria falta da amizade dele. Devia-lhe honestidade e faria o possível para ajudá-lo a não decepcionar o pai.

Olhou para ele. Isso foi um erro. Seu coração deu um salto com o olhar que estava lhe dando, e ela não conseguia desviar os olhos.

— Vamos sair logo após o dia de Ano Novo. — Ambos ouviram a proclamação de sir Charles e suas cabeças se voltaram para ele simultaneamente.

— O que disse papai? Peço desculpas, estava sonhando acordada. —

Andrew bufou e deu a ela um sorriso de uma sobrancelha erguida. Ela ignorou sua farpa não-verbal e olhou para o pai.

— Estava apenas dizendo a Wyndham que preciso que Adam me acompanhe de volta a Londres para fechar alguns negócios da guerra. —

Elinor indagou, olhando de seu pai para Easton. Easton parecia distraído, contemplativo.

— Mas acabou de chegar!

— Não pode ser adiado, Elly.

— Eu sei, apenas senti sua falta.

O doce Conde interveio: — bem, parece que terá que ficar com esse velho esquisitão como companhia. — Quem poderia não o amar?

— Será meu prazer, milorde.

— Podemos ter o casamento todo planejado no momento em que eles voltarem.

A PEQUENA FESTA passou para o grande salão, onde os criados se reuniram para a iluminação tradicional do tronco de natal. Adam e Andrew pegaram as peças do ano anterior e acenderam uma das extremidades do grande

tronco. Todos os servos aplaudiram e serviram a bebida quando o Conde entregou a cada fiel empregado seu presente de Natal. Essa era uma das partes favoritas de Elinor no ritual festivo.

Depois que os criados partiram para comemorar com seus próprios familiares, a família Wyndham tradicionalmente trocava presentes uns com os outros. Elinor achava que esperariam até voltarem à Dower House, mas o conde insistiu que ela recebesse o presente dele. Sorriu para Adam e instruiu que fosse buscar os presentes para ela.

Easton colocou um pequeno pacote em seu colo. Ela olhou com expectativa para o conde, que parecia tão animado quanto uma criança com um presente. Ela desembrulhou a linda fita e o papel e viu um belo diário de capa de couro que estava desgastado pela idade. Abriu as páginas e encontrou receitas manuscritas para todos os tipos de doenças, desde a indisposição até o reumatismo. Ela examinou as páginas com admiração.

— Esse era o livro da curadora da aldeia antes dela morrer. Pensei que poderia encontrar algum uso para ele. Pela forma como cuidou do meu Adam e do ferreiro da aldeia, acho que terá as mãos cheias. — Ele riu. —

Claro, já deve saber tudo que está no livro...

— Não, é perfeito. — Ela cruzou a sala e beijou-o na bochecha. — Eu realmente sei muito pouco, e isso é fascinante. — O pacote também continha um novo livro de medicina, mas ela achou o antigo livro de remédios mais interessante para ela. — Estou honrada por achar que sou capaz.

— Não há como duvidar, minha querida. A prova está no pudim, como dizem.

— E agora, o meu presente. — Easton entrou no corredor e voltou carregando um pacote grande, desajeitado, embrulhado em um cobertor e amarrado com um laço. Ela olhou para ele com curiosidade. — Bem, abra-o. Eu dificilmente estragarei a surpresa agora, embora quisesse ter lhe dado há semanas. — *Semanas? Ele me comprou isso semanas atrás?* Ela desembrulhou e abriu o mais rápido que pôde e quase chorou quando viu uma linda sela de couro na frente dela. Para montar *escarranchado*. Ela o olhou com espanto.

Ele encolheu os ombros e sorriu. — Para usar no campo. Eu sei o quanto sente falta de montar assim. Achei que isso poderia deixá-la com um pouco menos de saudades de casa.



Apesar da impropriedade, ela jogou os braços ao redor dele. —

Obrigada, obrigada, obrigada!

SIR CHARLES, Andrew e Easton se dirigiram para a biblioteca depois que o conde se retirou e as senhoras foram para o salão. Easton temia essa reunião íntima por várias razões, mas a principal delas era o inevitável retorno a Londres para " *negócios de guerra*", código para audiência por comportamento questionável no campo de batalha. Sir Charles o apoiara em Washington, mas, ocorrera algum evento que o fizera mudar de ideia ou sua lealdade?

Easton foi até um armário escondido e pegou seu uísque favorito que recebeu de um amigo na Escócia. Depois de derramar dois dedos para cada um deles, distribuiu os copos para Andrew e sir Charles e sentou-se perto do fogo. Contentes em tomar suas bebidas e refletir sobre as chamas dançando no fogo, passaram-se vários minutos antes que eles realmente discutissem qualquer coisa.

— Então, parece que você e Elly estão se dando muito bem, apesar do noivado forçado.

Easton olhou para cima, um pouco atordoado por Sir Charles estar falando de Elinor e não da guerra. Quanto Elinor contara a Sir Charles? Ele suspeitava que tudo era uma farsa para ela?

— Sim, ela parece estar se ajustando à vida aqui, apesar de sua determinação anterior de que seria diferente. — Todos os homens riram. —

No entanto ela tem sido muito gentil em renunciar a seus preconceitos. —

Ele suspirou e olhou para seu uísque como se estivesse procurando as palavras certas.

Sir Charles olhou para ele de lado, depois cutucou: — E como se sente em se casar com ela? Uma coisa é ser honrado, mas asseguro que quero sua felicidade e não serei a pessoa a forçá-lo a algo que garanta sua miséria.

— Obrigado, senhor, mas estou muito grato e me importo muito com ela. Não posso falar pelos sentimentos dela. Suspeito que ela vibraria com a chance de voltar para a América hoje à noite e nunca olhar para trás.

— Interessante. Isso não é absolutamente a impressão que tenho, mas o tempo dirá. Além disso, voltar para River's Bend não é mais uma opção.

— Isso fez com que toda a atenção de Andrew e Easton fosse dada a Sir Charles. — Eu preferiria dizer a Elinor, mas não pretendo voltar para a América. A casa da fazenda foi queimada assim que foram embora, Adam. E depois de estar aqui, acho que quero passar meus últimos anos com a família. Fugi por tempo demais.

— Elly ficará arrasada. Quando pretende contar a ela?

— Em breve. Não é justo manter suas esperanças se é realmente onde está seu coração. Talvez depois que voltarmos de Londres.

Easton queria ficar empolgado porque Elinor ficaria aqui e poderia estar mais disposta a recebê-lo, mas estava distraído com o que o Conselho de Guerra havia planejado para ele.

— Ah sim, Londres. Devo ser julgado e condenado?

— Até agora, tudo o que sei é que Knott está de volta e haverá uma comissão para rever o que aconteceu em Washington e Baltimore. Não ouvi seu nome associado a nada específico, apenas que sua presença foi solicitada. Lembre-se, eu testemunhei tudo - sem o conhecimento de Knott. Admito, o caso seria mais forte se Ross tivesse sobrevivido, mas a cicatriz nas suas costas é a prova do mau comportamento do próprio Knott. Podemos chamar outros soldados, se necessário, mas duvido que vá progredir até esse ponto.

Easton não estava tão confiante quanto Sir Charles, mas o que poderia fazer? — Há um favor que devo pedir. Podemos, por favor, guardar isso do meu pai o maior tempo possível? Temo que seus dias estejam contados, e não gostaria de sobrecarregá-lo, a menos que não haja alternativa.

— Claro. O pior caso é que foi insubordinado. No entanto, as ordens eram inquestionáveis, assim como seu método de punição. Além disso, é o herdeiro e vendeu a patente. — Ele balançou a cabeça. — Espero que haja poucas chances de ser chamado para explicar suas ações. — Easton suspeitou que seu padrinho estivesse apenas tentando não o deixar preocupado.

Easton assentiu devagar. Será que Sir Charles poderia estar certo? Mas Knott não seria frustrado a qualquer custo e não hesitaria em usar qualquer oportunidade para fazer um inimigo parecer ruim ou puni-lo. Não importando honestidade, integridade ou considerações cavalheirescas.

CAPÍTULO DEZESSETE

Elinor passou a noite irrequieta e agitada, pois estava tentando decidir como dizer a Easton o que aconteceu com Nathaniel. Ela também sabia que precisava contar ao pai, mas isso era o mais angustiante de todos. Levantou e se vestiu rapidamente com um simples vestido de musselina rosa e procurou Andrew para descobrir o quanto ele já havia dito a seu pai.

Felizmente, ela encontrou Andrew na sala de refeições, tomando café e lendo um jornal. Ele se levantou e caminhou para lhe dar um beijo carinhoso na bochecha. Mas quando olhou em seus olhos, ficou cheio de preocupação. — Elly, parece péssima! Aconteceu alguma coisa?

— Obrigada, querido. Nada de novo. É só que, com o papai estando aqui,

percebo que preciso contar a verdade a Easton. Estou tentando reunir coragem para fazer isso. Queria saber o quanto tinha contado ao papai. Eu preferiria que Easton ouvisse isso de mim. Como eles estão indo para Londres juntos, não queria que algo escapasse. Sei que papai não sabe, mas precisava ter certeza.

Andrew sacudiu a cabeça. — Não contei nada ao papai sobre o que aconteceu com Nathaniel. Só disse a ele que você e Easton tinham se tornado noivos desde que foi dito que estava desacompanhada no navio com ele. Achei que não cabia a mim dizer o resto. No entanto, como toda a família sabe, não será por muito tempo. Acho melhor que diga a ele em breve. Sabe que o tio não vai esconder isso dele!

Elinor riu asperamente. — Sim, por mais que eu ame querido tio, ele certamente acha que casar com Nathaniel é do meu interesse. Expliquei a ele que não teria um herdeiro se forçasse o casamento, e essa foi a única coisa que o fez parar de forçar isso.

— Por Deus, Elly, realmente disse isso a ele? Ah, queria ter visto o rosto dele! — Andrew olhou para ela com satisfação.

— Declarações mais sutis não pareciam dar a ele a sugestão. — Ela passou manteiga na torrada pensativa. — Alguma sugestão sobre como dar a notícia para Easton? Devo confessar que vim para cuidar dele e não gostaria de vê-lo ferido. Isso pressupõe, claro, que ele se importe o suficiente para se preocupar com a minha falta de pureza.

— Certamente está brincando, não é? Eu nunca vi Easton apaixonado antes. Se não consegue ver como ele se sente em relação a você, então eu questiono sua visão, *querida*.

— Acha? — Ela balançou a cabeça em descrença. — Andrew, pode manter um segredo?

Ele parecia ofendido por ela ter perguntado.

— Eu só queria ter certeza! Não me olhe como se eu tivesse roubado seu filhote! — Ela riu. — Só que eu e Easton fizemos um pacto que fingiríamos o noivado enquanto eu estivesse aqui, e depois, quando fosse em seguro, poderia dispensá-lo e voltar para casa com o papai.

Ela olhou para cima e Andrew não sorria mais. Na verdade, ele parecia bastante irritado.

— Oh, Andrew! Por favor, não me olhe assim. Deve compreender porque fizemos uma coisa dessas! Nos empolgamos. Agora papai parece tão satisfeito, e o conde parece tão feliz, e devo confessar que não gostaria de machucá-lo. Depois, há os inquilinos e a sociedade. Eu não quero decepcionar todo mundo, inclusive Easton. Não acho que ele irá me querer uma vez que ele descubra sobre Nathaniel!

Ela falava tão depressa que sua agitação se elevou, e as lágrimas ameaçaram de cair.

— Elinor! Elinor! Devagar! — Andrew se aproximou dela e envolveu-a com os braços e a balançou para frente e para trás. — Acalme-se agora, vai dar certo. Deve dizer a Easton, mas acho que ficará surpresa com a reação dele. Se ficar chateado, não será com você, prometo.

Uma vez que ela conseguiu se acalmar, pediu a Andrew para ir até Wyndham com ela antes que perdesse sua determinação. Se ela não fosse sozinha, não seria capaz de recuar.

Na chegada, eles foram imediatamente levados a uma sala de visitas, quente e aconchegante com fogo ardendo na lareira. Andrew entrou para buscar Easton, e Elinor olhou ao redor da sala com desejo, mas com pouca esperança de que pudesse ser dela. Ela finalmente encontrara um homem com quem se sentia à vontade, alguém de quem pudesse ser amiga, mas provavelmente seria inatingível. O destino estava brincando com ela. Todas aquelas ofertas que ela recusou. Quantas ofertas haveriam se algum deles soubesse? Talvez Nathaniel ainda tivesse sido forçado a pedir a mão dela. Ela estremeceu com o pensamento. Devia manter sua coragem. Ainda tinha uma vida para qual poderia voltar, e com uma fazenda próspera como



herança, ela poderia pelo menos ser uma solteirona autossuficiente. Se não

tivesse conhecido Easton, não saberia o que estava perdendo. Ela teria ficado contente. Agora não tinha escolha senão fazer o melhor possível.

Ela poderia até passar pelo casamento e deixá-lo descobrir mais tarde. Isso é o que muitas pessoas fariam. No entanto, não era como a maioria das pessoas e não queria começar um casamento com isso entre eles. Além disso, ela não sabia se poderia continuar com o ato do casamento sem ter um ataque de pânico. O fato de que ela estava mesmo considerando isso com Easton era um milagre. Mas ele poderia ter uma áspera surpresa se ela reagisse mal, e isso não seria justo para um noivo. Ainda tinha um pequeno lampejo de esperança de que Easton a desejasse, mas mudaria tudo? Esperava que pudesse dizer pela reação dele. Se sentisse repulsa pelas suas notícias, então ela iria embora e não o manteria no noivado.

Andrew voltou para a sala sozinho. — Bem, minha querida, terá que encontrar coragem outro dia porque Easton está fora em negócios da propriedade, e eles imaginam que fique fora a tarde toda.

Elinor cobriu o rosto com as mãos e gemeu. — Não sei se consigo encontrar alguma, Andrew. Quero acabar com isso!

— Eu sei, querida. Vai vê-lo no baile esta noite. Talvez tenha a chance de contar a ele então. — Ele a levou para os estábulos.

— Esqueci completamente o baile. Suponho que devemos ir. Mas não me deixe sozinha com a tia ou Bea. Por favor! — Ela implorou e puxou seu braço dramaticamente.

Ele riu. — Eles não vão comê-la. Bem, pelo menos não com o tio por perto. — Ela deu-lhe um soco no ombro, ele riu, e voltaram para a Dower House.

AQUELA NOITE SERIA o baile anual de Ano Novo, realizado por ambas as propriedades na Abadia de Loring para homenagear o trabalho árduo e a colheita do ano. Não havia como Elinor evitar sua família, pois tinham que colocar uma frente unida para o povo. Essa farsa nunca terminaria?

Esperançosamente, ela poderia passar mais tempo com os inquilinos Wyndham e evitar a família Loring tanto quanto possível.

Ótimo; agora ela tinha o resto do dia para considerar como dar a notícia a

Easton. Não queria contar a ele no baile. Com certeza, poderia fornecer um ambiente do qual era mais fácil escapar do que em um encontro solitário. Mas isso diminuiria o significado do que tinha a dizer. Talvez pedisse que a encontrasse pela manhã em seu lugar especial, com vista para o mar. Pelo menos não haveria outras testemunhas de sua vergonha e mortificação, mas ela também não pareceria insolente.

Entrou no salão para tomar chá e a conversa cessou abruptamente. Ela parou na porta para ver sua avó, seu pai e Andrew, todos tentando parecer normais. Qual era o problema? Deveria ignorar o constrangimento? Ela decidiu fazer pouco disso.

— Estou interrompendo um tête-à-tête? Posso voltar depois. — Ela sentiu hesitação. Quando a quietude continuou e ninguém a olhou nos olhos, ela começou a se sentir desconfortável.

Elinor olhou para cada um deles, mantendo o olhar em Andrew. —

Papa sabe?

— Sim — ele disse baixinho.

Ela caiu na cadeira mais próxima, jogou a cabeça entre as mãos e começou a soluçar. Andrew correu para ela e envolveu-a em seus braços. Ela nunca teria esperado que ele fosse o único que estaria sempre a confortando. — Quem ... quem disse a ele? — Conseguiu soluçar. Ela queria correr e se esconder, mas suas pernas não se moviam.

— Ele foi na abadia esta manhã para cumprimentar o tio. — Ele hesitou. — Agora ele está analisando tudo. Raiva, mágoa, decepção ... nós estávamos contando tudo o que tinha sido forçada a suportar nas mãos de nossa *família*.

— Como o tio ousou interferir? Ele não tinha o direito de contar! —

Ela se levantou para sair e sentiu a mão do pai sobre ela. Não suportava olhá-lo nos olhos. Andrew a libertou para ser substituído por Sir Charles.

Sua avó e Andrew saíram silenciosamente da sala com um clique silencioso da porta da sala atrás deles. Por que eles a estavam abandonando? Elinor nunca se sentira tão envergonhada. Ela temia esse momento acima de todos os outros,

ainda mais do que encarar Nathaniel.

Sir Charles passou os braços ao redor dela e ela relutantemente caiu em seu abraço. Sir Charles começou a chorar, dizendo: — Sinto muito,

Elly. Eu sinto muitíssimo. Poderá um dia me perdoar?

— Não há nada a perdoar.— Ela perdeu todo o controle das lágrimas e, quando começaram, as comportas se abriram até secarem. Ela não sabia quanto tempo havia chorado, mas quando pararam, ela já não sentia nada além de entorpecimento. Se afastou, pronta para falar do inevitável de uma vez por todas.

— Suponho que tenha um monte de perguntas. — Ela se obrigou a olhar para o rosto de seu pai. Ela lamentava por tudo. Ele parecia vulnerável. Parecia exausto, fatigado, cansado. Esperava poupá-lo disso. Suportara tudo para que ele não precisasse saber. Não se arrependia de não ter lhe contado há seis anos, porque se ele se sente assim agora, teria sido muito pior quando estava de luto por sua mãe.

— Sem perguntas. — Ele pegou as mãos dela nas dele. — Eu sei que não me contou porque eu estava muito perturbado por perder sua mãe. Não sei se algum dia me perdoarei por ser tão egoísta. — Ela começou a protestar, mas ele ergueu a mão para que ela o deixasse continuar. — Eu deveria tê-la apoiado. Percebi que algo a deixara mudada, mas tinha assumido que era o seu modo de enfrentar o luto e passar por suas mudanças femininas. — Lágrimas começaram a encher seus olhos, e ele desviou o olhar.

— Não podemos desfazer o passado, papai. Só espero que entenda porque não posso ficar aqui. Houve algumas partes boas sobre estar aqui. Ainda não sou uma amante da sociedade. — Ele riu disso. — Mas o campo é muito parecido com nosso lar. No entanto, sei que não posso me casar e seria mais fácil simplesmente voltar.

— E quanto a Adam? — Ele olhou para ela e o que viu quebrou seu coração. — Não pode me dizer que é indiferente.

— Ele não sabe. — Ela caminhou até a janela e olhou para fora como se o jardim pudesse conter a resposta. Girou as borlas por entre os dedos sem pensar, sem estar pronta para responder à pergunta.

— Ele sabe que planeja ir embora? — Ela assentiu, e uma lágrima solitária rolou por sua bochecha.

— Entendo. — Silêncio. As falésias pareciam mais atraentes a cada minuto. — Não acha que deveria ao menos dar a ele uma escolha?

Como responder isso? Que escolha havia lá?

— Elly, ele é um homem de honra e integridade. Sei que nem sempre é óbvio; um soldado aprende a mascarar suas emoções. No entanto, deve





perceber que ele também tem muito o que enfrentar, da morte de seu irmão empurrando-o inesperadamente para administrar um condado, para lidar com um pai doente, sem mencionar os efeitos da guerra. Digo isso porque acho que ele se importa profundamente com você e você pode não perceber o quanto. Por favor, dê a ele a oportunidade.

Por favor, não dificulte isso, papai. — Eu tentei dizer a ele esta manhã, mas estava fora. — Ele deu-lhe um aperto afetuoso.

— Boa garota. Vai dar certo, meu amor. Vai dar certo.

Se apenas.

INFELIZMENTE, o baile teve que continuar. Felizmente, seu pai recebera a notícia melhor do que jamais imaginara. É verdade que se sentiu aliviada por ter um dos seus fardos fora do caminho, mas não estava feliz. Talvez se ela tivesse dito a ele anos atrás, não estaria nessa situação agora. Esta noite ela teria que enfrentar o resto de sua família novamente. Sabia que precisava perdoar Nathaniel para seguir em frente com sua vida, mas queria ignorar tudo e esperar

que isso fosse embora.

Elinor se forçou a ir ao seu quarto para se vestir. Josie escolhera um vestido simples e recatado, de cetim lavanda, cintura império, decote modesto e mangas cobertas. O vestido sem adornos refletia o ar sombrio de Elinor. A última coisa que ela queria era mais atenção. Misturar-se com as tapeçarias estava mais de acordo com seu humor. Ela puxou o cabelo para trás em um coque simples e colocou uma única linha de pérolas ao redor do pescoço; não queria nem a ajuda de Josie esta noite.

EASTON LEVANTOU os olhos para inspecionar o salão de baile depois da interminável linha de saudação para receber todos os inquilinos. Normalmente, essa era uma de suas atividades favoritas na época do Natal. Este ano, no entanto,

havia tanta coisa em jogo em sua vida que ele estava tentando chegar a um acordo. Ser empurrado para a sociedade inglesa depois de oito anos longe já era ruim o suficiente, mas voltar para um pai morrendo *e ter* uma propriedade inteira para gerir - que ele não estava treinado para gerir - era assustador. Olhou para todas as famílias arrendatárias que conhecera toda a sua vida, e esperava desesperadamente que não falhasse com elas. Também rezou para que Sir Charles estivesse correto sobre ser chamado perante o Conselho de Guerra em Londres na próxima semana. Se fosse chamado por acusações, estremeceu ao pensar. O que aconteceria com o condado então?

E havia Elinor. Espirituosa, apaixonada, genuína, linda Elinor. Seus olhos foram atraídos como um ímã em direção a ela do outro lado do salão de baile. Quão diferente ela era das damas da sociedade. Ela era simples e deslumbrante. Olhou para ela, seu coração se encheu de amor. Ela poderia ser dele, se pudesse apenas convencê-la! Mas ela merecia muito mais do que ele. Como receberia a notícia de que sua casa tinha sido queimada e seu pai permaneceria na Inglaterra? Ela resolveria aceitá-lo, já que não tinha escolha melhor? Seu amor por ela era suficiente para fazer um casamento feliz? Muitos casamentos eram baseados em muito menos. Mas e se ele fosse considerado culpado de alguma coisa no Conselho de Guerra? Ele tinha que tirar seus pensamentos disso. Poderia se torturar até a morte com especulações.

Ele viu Buffy rodopiar com Josie e riu alto. Se Elinor não ficasse, teve a sensação de que perderia seu ordenança em breve. Seu olhar desviou novamente

para Elinor. Ela era como um farol, brilhando sua luz para ele. Lorde Vernon estava dançando com ela. O que Vernon pretendia?

Todos eram amigos praticamente do berço, junto com Andrew e Nathaniel.

Nenhum deles conscientemente envolveria a noiva de outro. Talvez ele estivesse simplesmente sendo amigo de sua prima distante. Ele viu quando Elinor jogou a cabeça para trás gargalhando, enquanto Vernon era aparentemente o patife mais espirituoso do mundo. Se isso era amigável, Easton estava com sérios problemas porque ele não se importava nem um pouco.

Nathaniel se aproximou de Elinor, e Easton assistiu com apreensão e curiosidade, esperando que a interação revelasse os verdadeiros sentimentos de Elinor por ele. Ela estava sorrindo educadamente. O que isso significa?

Que tinha sentimentos e estava sendo tímida? Ou que estava apenas sendo educada com seu primo? Ele daria boas-vindas a qualquer saída para sua





frustração no momento, porque estava usando toda a força que podia reunir para não agredir seus dois amigos mais antigos!

ELINOR TENTOU NÃO NOTAR cada movimento de Easton, mas no entanto, sabia onde ele estava. Tentando se convencer de que era indiferente, observou com crescente ciúme as mulheres penduradas em seu braço e praticando suas habilidades de flertar. Lorde Vernon se aproximou e fez o melhor para fazê-

la rir. Ele a estava entretendo, embora a maior parte de seu humor fosse derivada do sarcasmo à custa dos outros. Nathaniel se juntou a eles, e ela achou cada interação com ele um pouco menos dolorosa. Viu Beatrice se aproximando de

Easton conseguindo ser conduzida para a pista de dança.

Então, quando Nathaniel lhe pediu para dançar com ele, não estava sendo completamente coerente quando consentiu.

BEATRICE OBSERVARA a reação de Easton a Elinor quando ele notou a prima no salão de baile. Ele não parecia se importar que ela fosse usada como mercadoria. Ou talvez ele não soubesse? De fato, a prática muito apressada dela, não foi um impedimento para qualquer um dos homens, se a permanência contínua de um homem a bajulando fosse uma indicação. *A imoral pensou em escondê-la no campo para que ela não tivesse nenhuma concorrência? Ela foi embora há seis anos e não quer jogar pelas regras quando volta?*

Beatrice se aproximou do lado de Easton enquanto ele continuava a observar Elinor com Nathaniel. — Eles sempre terão um vínculo especial, sabe. Eu me pergunto se eles ainda têm sentimentos um pelo outro depois de todos esses anos? Talvez papai esteja certo de que eles deveriam se casar.

Easton olhou para Beatrice e seguiu seu olhar para Elinor e Nathaniel. Era isso que ele temia, e Beatrice dera voz àqueles



sentimentos. Se ao menos ele soubesse qual era esse vínculo especial. Ele olhou de volta para o par em questão. Uma conversa amigável, pelo que parecia. Se soubesse o que havia entre eles, se sentiria mais seguro.

— Venha, vamos dançar e tirar sua mente dela. Não é cortês continuar

— murmurou Beatrice enquanto puxava Easton para a pista.

Ele deu de ombros e estendeu a mão para levar Beatrice a pista. A orquestra começou a tocar uma valsa, não o tipo de dança típico para o baile dos inquilinos. *Brilhante.* Agora ele teria que ouvi-la vomitar seu veneno malicioso por uma dança inteira. Era isso que acontecia, não era? Beatrice estava tentando envenená-lo contra Elinor em retaliação por seu sucesso? Se ao menos ele pudesse ignorar as farpas bem colocadas em suas inseguranças.

Para completar, ele seria submetido a Elinor valsando com Nathaniel. Beatrice viu-o observando Nathaniel e Elinor quando se aproximaram do casal na pista de dança. Nathaniel estava olhando para Elinor como se ela fosse uma preciosa boneca de porcelana.

Bea continuou: — Deve admitir, eles fazem um casal encantador.

— Suponho que eu também gostaria de agradar a pessoa para quem entreguei a minha inocência — disse Beatrice em voz alta, no momento em que Elinor e Nathaniel se encostavam neles. Easton parou abruptamente e soltou os braços de Beatrice como se estivessem em chamas antes de virar-se e sair do salão, sem perceber que Elinor ouvira. Elinor se virou para Beatrice com uma expressão de mortificação. Então ela virou na direção oposta e fugiu.

NATHANIEL LEVOU Elinor para a pista de dança, e ela descobriu que não estava tão nervosa quanto na última vez que ele a tocou. Ela tentou relaxar e se manter calma, mas não conseguiu parar o tremor. Notou Easton dançando com Beatrice na pista, e de repente não estava pensando na dança com Nathaniel, mas que safadeza Beatrice poderia estar inventando em seu lugar. Ela esperava que Beatrice não fosse permitida no baile, mas o tio dissera Londres ou sociedade, então talvez considerasse que ela não poderia

causar muito dano aqui. *Claramente ele a subestimou*, Elinor pensou para si mesma quando viu o olhar satisfeito no rosto de Beatrice enquanto dançava com Easton.

Elinor desviou o rosto quando percebeu que Nathaniel lhe fizera uma pergunta. Quando ela viu o olhar em seu rosto, sentiu-se confusa e apreensiva ao mesmo tempo. Ele a olhara como se ela fosse uma frágil porcelana. Ela não sabia por que a olhava assim, mas esperava que fosse só porque estava grato por ela dançar com ele. Não podia começar a imaginar o que mais ele poderia estar esperando.

Notou que Easton e Beatrice estavam se aproximando deles. Elinor desejou que ela estivesse nos braços de Easton, não Beatrice. Ela precisava conseguir um momento para falar com ele, no mínimo. Eles se aproximaram tanto do outro casal, quase se chocando quando ela pensou ter ouvido Beatrice dizer: — Eu também gostaria de agradar a pessoa para quem entreguei a minha inocência. — Elinor parou abruptamente e encontrou-se olhando para Easton que estava

recuando depois, para o rosto de Beatrice que tinha um sorriso malicioso. Elinor se deu conta da informação que Beatrice acabara de transmitir, depois virou-se e fugiu dos olhares da multidão agora silenciosa no salão de baile.

Elinor correu para fora das portas do terraço e continuou através dos gramados e bosques, encontrando algum consolo nas dores que começavam em seu lado e na dificuldade de respirar. Ela não sabia quanto tempo correu, mas deve ter sido um bom tempo porque não conseguia mais sentir as bolhas em seus pés e distinguia o contorno de Dower House à luz da lua. Ela se forçou a caminhar, tentando recuperar o fôlego, depois encostou-se a uma árvore enquanto tirava as sapatilhas em ruínas e se deliciava com o alívio do chão congelado.

Embora correr não fosse tão reconfortante quanto cavalgar, servia para bombear o sangue e ajudá-la a encontrar uma pequena dose de conforto ao limpar a cabeça. Além disso, era difícil chorar durante a execução. Sabia que a farsa terminara. Desejou ter sido capaz de dizer a Easton antes. Mas talvez tenha sido melhor assim, ter visto sua reação hoje à noite. Foi pior do que ela temia. Pensou que ele ficaria desapontado e terminaria o noivado em silêncio. No entanto, não esperava essa reação.

Não deveria se surpreender, mas estava. Não achava mais que ela era capaz desses sentimentos, mas ela tinha deixado a si mesma no limite, e doía mais do que ela poderia ter imaginado. A traição de Nathaniel tinha

doído porque o amava como um irmão e ela era jovem demais para saber o que estava acontecendo. Mas esta foi uma sensação completamente diferente. Não sabia se poderia superar isso.

Agora, tinha que se concentrar em sobreviver até o pai voltar de Londres. Pelo menos Easton estaria com ele para que ela não tivesse que ver o desgosto em seu rosto. O pai havia aceitado melhor do que ela esperava. Ela sabia que não poderia suportar se seu pai também estivesse enojado com ela.

Grata pelo fogo que já ardia na lareira de seu quarto, Elinor gravitou em direção às chamas sem pensar. Ela caiu no chão de exaustão e ficou olhando para as faíscas que saltavam da lareira até que ela descongelou. Começou a considerar suas opções, e a única coisa que podia suportar era arrumar as malas e estar pronta para partir quando o pai voltasse de Londres. Ele certamente entenderia. Quando eles falaram mais cedo naquele dia, ele não parecia querer falar sobre ir

para casa, pensando que Easton ainda a teria. Obviamente, esse não seria o caso.

Castigando-se em sua tolice por se agarrar à esperança de que ele seria diferente, se levantou, marchou até o guarda-roupa e começou a jogar as coisas na cama. Ela abriu os baús e começou a enchê-los sem levar em conta o método. Não tinha ideia de quando seu pai retornaria de Londres, mas por Deus, ela estaria pronta! Não poderia estar longe daqui rápido o suficiente!

Ouviu uma batida na porta e presumiu que fosse Josie. — Entre — ela disse sem se virar para olhar.

— Podemos conversar? — Sua cabeça apareceu para ver Andrew parado ali.

— Sobre o que? — Murmurou da maneira mais afetada que conseguiu.

— Bem, para começar, por que correu do baile como se os cães do inferno a estivessem perseguindo, e por que, aparentemente, continuou vindo até aqui. Passei as últimas duas horas a procurando freneticamente, só para encontrá-la aqui fazendo as malas furiosamente.

— Teria pensado que é bastante óbvio.

— Suspeito que sei, mas ainda gostaria de ouvir o que aconteceu.

— Devo? —Ela levantou as mãos e se virou para ele. Observando o olhar em seu rosto, ela concordou. — Muito bem. Beatrice contou a Easton e ele foi embora. Não há nada mais do que isso. Vou embora assim que o



papai voltar de Londres. — Ela voltou à tarefa como se a discussão tivesse acabado.

— Vai fugir?

— Papa fez. — Ela estremeceu quando disse isso, sabendo que era injusto. Mas ela estava ferida e teve que atacar de alguma forma.

— Entendo. — Ele só ficou lá, braços cruzados sem expressão. Foi perturbador.

— Entende? Não brigará comigo? — Ele suspirou e ficou em silêncio por uma eternidade.

— Não, não vou brigar com você. Papai precisa saber, no entanto. Não teve a chance de falar com Easton sobre isso?

Elinor manteve a cabeça baixa e sacudiu. Ela sentiu as lágrimas ameaçarem e se recusou a deixá-las cair. Sabia como isso terminaria, então por que doía tanto? — Ele sabe o que precisa saber e sua reação foi bem clara. Não acho que tenha mais nada a dizer. No entanto, vou escrever uma nota e pedir desculpas.

— Muito bem. — Ele veio, deu-lhe um abraço e beijou-a no topo da cabeça, em seguida saiu. Elinor sentou na cama e soluçou até não restar nada.

EASTON OUVIU o que Beatrice disse e ficou furioso. Ela estava dizendo a verdade, ou ela estava apenas vomitando mais veneno? Olhou para o sorriso no rosto dela, e seu único pensamento foi afastar as mãos sujas dela e fugir. Marchou da pista sem se importar com o que as pessoas achavam de seu comportamento. Ele não poderia mais conduzi-la! Precisava pensar nisso.

Easton encontrou um caminho vazio que se afastava da casa. Começou a andar, tentando classificar seus pensamentos, mas nada fazia sentido! Ele tinha que admitir que havia algo entre Elinor e Nathaniel. Ele podia dizer pela reação dela em torno de seu primo. Mas ter lhe dado a inocência? Ela era apenas uma criança quando eles partiram para a América. Não acreditava que eles pudessem ter feito isso desde que ela tinha voltado. Supôs que eles poderiam ter escondido o relacionamento, mas com

que propósito? Seu tio, o duque, claramente queria Nathaniel e Elinor juntos. Ele balançou sua cabeça. Talvez ele devesse falar com Andrew. Ele não podia marchar até Elinor e perguntar-lhe uma coisa dessas! Mudou o que ele sentia? Não queria responder a isso ainda, mas não achava que poderia lidar com um casamento com ela sabendo que preferia outra pessoa. Parou por um momento, respirando fundo várias vezes em um esforço para se acalmar antes de voltar para a casa em busca de Andrew.

Sussurros silenciosos e estranhos saudaram Easton quando ele voltou para o salão de baile. Ele os ignorou como de costume e saiu em busca de sua presa.

Questionou alguns de seus conhecidos, mas ninguém havia visto Andrew há algum tempo. Esteve lá fora há quanto tempo? Ele checou seu relógio e ficou surpreso ao descobrir que vagou por mais de uma hora.

Pegou uma taça de champanhe de um garçom que passava e deu um gole de falsa coragem.

— Ela se foi, querido. — Easton olhou para cima para encontrar os olhos conhecedores da duquesa viúva sobre ele. — Ela fez sua própria saída dramática imediatamente após a sua. Na verdade, parece que fui abandonada por ambos os meus acompanhantes. Se importaria de me levar em casa, já que está a caminho?

Sabendo que a pergunta era retórica e não queria mais ficar lá, ele concordou. — Chamarei a carruagem.

Easton pediu a Barnes que chamasse sua carruagem para Sua Graça, e então viu Nathaniel sentado sozinho no hall de entrada.

— Lá fora, Fairmont.

Ouvindo seu nome, Nathaniel olhou para cima surpreso, tendo estado imerso em pensamentos e não percebendo a presença de Easton. Se levantou para acompanhá-lo.

— Suponho que gostaria de ter uma chance comigo também —

Nathaniel disse calmamente.

— Isso entre outras coisas — disse Easton apertando a mandíbula, mal controlando seu temperamento. — Não sei o que aconteceu no passado, mas para o futuro, não poderá tê-la. — Ele derrubou Nathaniel com seu melhor gancho de direita, e, com considerável satisfação, enviou Nathaniel esparramado pelo chão de mármore, tirando sangue no processo. Ele então se virou e foi ajudar a viúva a entrar na carruagem.

O silêncio reinou nos primeiros instantes, uma vez que eles estavam abrigados dentro da carruagem enquanto seguiam para a Dower House.

— As coisas nem sempre são como parecem, meu querido. Não pretendo saber o que pode ou não ter ouvido esta noite, mas ver você e Elly correndo do baile em

direções opostas me fez pensar. Eu permanecerei imprecisa, pois não é meu desejo interferir. No entanto, direi com muitos anos de sabedoria nas minhas costas, é melhor não fazer suposições, especialmente em assuntos do coração.

Easton abriu a boca para falar, mas descobriu que não havia palavras. Elinor fugiu do baile? Ela ouviu a Beatrice? Choque e compressão o assaltaram. Se perguntou por que a Duquesa estava dizendo isso para ele. Esfregou os nós dos dedos doloridos, pensando profundamente.

— Sua expressão o entrega, meu querido. Leve o seu tempo e lembre-se do que eu disse. —A carruagem parou, Easton desembarcou e ajudou a viúva a descer. Quando chegaram à porta da frente, ela foi aberta por Andrew.

— Obrigado, Easton, parece que me salvou uma viagem. Estava voltando para buscá-la depois de ter certeza que Elly estava segura. —Ele estendeu a mão e beijou sua avó.

— Bem, isso responde a minha pergunta sobre o paradeiro dela.

Presumi que alguém acabaria por perceber que ainda estava lá. Boa noite, querido. Vou checar minha neta. — A viúva se virou e subiu as escadas.

— Andrew, posso ter uma palavra?

Andrew notou o olhar solene no rosto de seu amigo e aceitou.

— É claro. — Ele apontou para o escritório e atiçou o fogo antes de derramar generosos dedos de uísque para os dois. Entregou um a Easton e sentou-se na cadeira em frente, esperando que ele falasse quando estivesse pronto. Easton finalmente levantou os olhos do fogo e bebeu a tudo em um gole.

— Sinto muito, Andrew. Pareço estar sem palavras. Suponho que saiba um pouco do que aconteceu esta noite. — Andrew assentiu sutilmente, mas permaneceu em silêncio. Easton passou a mão pelos cabelos e tentou compor seus pensamentos. — Se importaria de esclarecer a relação entre Fairmont e Elinor para mim?

Andrew quase estremeceu com a pergunta, suas lealdades divididas entre seu melhor amigo e sua irmã. Ele sabia que poderia consertar essa bagunça com uma frase, mas dera a Elly sua palavra de que não interferiria. — Adoraria, mas dei

minha palavra que não faria. Não é minha

história para contar, e gostaria que ouvisse com uma mente aberta e não fizesse suposições.

— Isso é tudo que eu tenho que saber? — Ele deu um pulo e começou a andar de um lado para o outro no tapete.

Observando a angústia de seu amigo, Andrew de repente percebeu que Easton se importava com Elinor além da amizade. Pensara que talvez Easton estivesse tentando descobrir como anular o escândalo que se seguiria, mas vendo sua reação, ficou claro para Andrew que esse poderia não ser o caso.

— Você se apaixonou por ela.

Easton ergueu os olhos com agonia no rosto. Não negou a acusação.

Andrew presumira que Easton sabia toda a verdade, já que Elinor apenas dissera que Easton ouvira.

Easton achava que Elinor amava Nathaniel e lhe dera inocência de bom grado. Andrew não havia negado isso.

— Como posso competir? — Easton sentiu um aperto no coração ao pensar em perdê-la, mas se ela amasse Nathaniel, ele teria que deixá-la ir. Que escolha ele tinha? Se ele tivesse uma escolha.

— Terá que lutar por ela. — Andrew disse sem rodeios.

— Sinto vontade de lutar. — Ele se sentia um assassino enquanto esfregava as juntas ainda latejantes. *Isso seria uma batalha perdida?*

Easton saiu, refletindo sobre as palavras de Andrew e imaginando como no mundo conseguiria conquistar o coração de Elinor. Sairia de manhã cedo com Sir Charles, então não teria a chance de falar com Elinor antes de sua viagem a Londres. Talvez tempo para organizar os sentimentos fosse o melhor. Desejou que sua mente não fosse tão obcecada por Elinor, e temia que estivesse longe de ser o seu melhor antes do Conselho de Guerra.

CAPÍTULO DEZOITO

A avó chegou ao seu quarto depois que Elinor já havia terminado de fazer as malas. Deu uma olhada no quarto e não disse nada sobre os baús lotados. Em vez disso, deslizou regiamente para o sofá e sentou-se, indicando com um tapinha no lugar ao seu lado, que Elinor fizesse o mesmo. Conversar era a última coisa que Elinor queria fazer, mas devia alguma explicação à avó. Presumiu que seu pai estaria muito absorvido na sala de jogos para já ter notado sua ausência, ou ele estaria aqui também para o interrogatório.

— Quer falar sobre isso? — A sobrancelha curiosa e onisciente empurrou sua testa para o alto.

Elinor deu de ombros como se nada de importância substancial tivesse acontecido. — Não, mas sei que não escaparei tão facilmente. O que sabe?

— Realmente não sei de *nada*. Ouvi muitos, vi alguns e acredito haver um mal-entendido.

— Há pouco para entender mal, vovó. Ouvi Beatrice dizer a Easton que perdi minha inocência para Nathaniel. Bem no meio da pista de dança! — Elinor sentiu a raiva borbulhar dentro dela novamente.

— E isso foi tudo o que ouviu? — Elinor assentiu, novamente lutando contra as lágrimas.

— Não sabe se ela contou toda a história? — Elinor sacudiu a cabeça.

— Isso importa? Ele sabe que estou arruinada. Isso é tudo o que importa. — Ela olhou para os pés doloridos.

— Absurdo. Isso importa muito. E ele se importa muito. Mas dê-lhe alguns dias. Ele precisa de tempo para resolver isso. Quando ele vier até você, deve contar tudo a ele. Agora, sem saber o todo, provavelmente está se preocupando que prefira Nathaniel a ele.

Elinor balançou a cabeça com veemência, depois desviou o olhar, envergonhada. — Não, vovó. Tenho que confessar algo para a senhora. —

Se obrigou a olhar nos olhos da avó, embora soubesse que iria magoar seus sentimentos.

— Hmm? — Sua avó fez um barulho questionador. Puxou-a para perto e começou a acariciar seus cabelos suavemente.



— Nós não temos um compromisso real. Tínhamos um acordo que eu o deixaria e voltaria para a América. Seu coração não está comprometido. Seu orgulho pode ter sido ferido, mas não seu coração.

— E desejaria que fosse diferente — disse a viúva, com bastante naturalidade.

— Meus desejos não importam. Tudo o que posso esperar é um retorno à vida como era antes.

A viúva sorriu quando a puxou para mais perto para um abraço. Beijou o topo da cabeça de Elinor.

— Às vezes temos que renunciar ao passado antes que possamos fazer o nosso caminho para o futuro.

A viúva se levantou e saiu, mas em vez de se retirar, como desejava fazer, voltou para encontrar Sir Charles e pedir sua ajuda em seu plano.

ELINOR ACORDOU com as cortinas sendo puxadas e as criadas carregando baldes de água para encher a banheira. Ouviu os sons que as acompanhavam, mas não conseguia tirar a névoa do cérebro para abrir os olhos ou formar palavras coerentes. Sentiu uma mão sacudi-la.

— Senhorita Elly! Senhorita Elly! Seu banho está pronto. Seu pai pediu sua presença antes que ele saia, então é melhor sair da cama. — Disse Josie chacoalhando-a mais forte.

— Tudo bem, tudo bem. — Elinor conseguiu se sentar, mas não conseguia abrir os olhos. Doía todo corpo de correr tanto na noite anterior. Josie a levou até a banheira, ajudou-a a descartar a camisola e entrar. Havia algo melhor que um banho? Ela ficou extremamente tentada a cochilar de novo e adiar a conversa inevitável que a aguardava, quando sentiu uma jarra de água sendo derramada

sobre sua cabeça. Josie então passou a esfregar seu cabelo com sabão, também não muito gentilmente.

— Isso deverá acorda-la. — *De fato.*

Josie se apressou com a toilette de Elinor para que se dirigisse à biblioteca para se juntar ao pai. Ela parou na porta e foi imediatamente

levada de volta ao último dia de abençoada ignorância, quando ficara perturbada pela proposta do Sr. Wilson e agrediu seus lábios. Seu corpo se encolheu com a lembrança da ocasião desagradável. Parecia ter passado uma vida desde aquele dia. Teria sido apenas alguns meses? Bateu de leve na porta e seu pai olhou para cima e sorriu.

— Aí está, minha querida. Sentindo-se descansada? — Ele parecia muito alegre.

— Queria um pouco de chá. — Ela sorriu com sono.

— Já foi solicitado. — Ele se levantou e deu a volta na mesa. Gesticulou para as cadeiras em frente à lareira. — Sente-se, querida.

Precisamos conversar antes de eu partir para Londres. — O mordomo entrou e colocou um serviço de chá na mesa entre as duas poltronas. Sir Charles dispensou-o e Elinor sentou e começou a servir. Permaneceu quieta em sua tarefa, esperando que seu pai começasse enquanto lhe entregava sua xícara.

— Se importa em me contar o que aconteceu com Adam?

Quantas vezes ela teria que passar por isso? Tinha acabado de criar coragem suficiente para contar a Easton antes de tudo ter desabado sobre ela no baile da noite anterior. Estava começando a ficar entorpecida e introspectiva, se isolando de tudo. Antes que pudesse falar, ele deve ter percebido sua hesitação.

— Pensei que poderia querer falar sobre isso, Elly. Já ouvi o que aconteceu, caso não deseje me contar.

— Dele? — Seus olhos arregalaram com o choque.

Ele balançou a cabeça enquanto engolia um gole de chá. — Não, da sua avó. Ela queria que eu soubesse antes de ir para Londres com ele. Provavelmente para

não piorar a situação.

— Entendo. — Talvez não precisasse conversar com Easton. Havia escrito um pedido de desculpas - vários – uma vez que tinha levado uma eternidade para cair no sono a noite anterior, mas talvez esse fosse o caminho mais fácil. Ainda sentia que precisava explicar. — Ele sabe tudo?

— Suponho que sim, mas ainda sinto que deveriam conversar e ter certeza. Alguma coisa se passava na cabeça dele. Sabe que Wyndham quer vê-los casados e logo, mas quero que ambos tenham certeza.

— Caso contrário, depois poderemos ir para casa? — Ela olhou em seus olhos e viu hesitação, depois tristeza. — O que foi, papai?

Ele suspirou, depois falou baixinho. — Não vou voltar, Elly.

— O quê? — A palavra saiu como um grito. Sua boca estava escancarada; não podia evitar. — Mas me prometeu.

— A fazenda foi incendiada. — Ele falou suavemente, mas ela ouviu.

Um grito escapou dela. Finalmente conseguiu palavras enquanto pensava em todos os amados trabalhadores das plantações e servos leais. —

Estão todos bem?

Ele assentiu. — Foi apenas a mansão. Abe está supervisionando tudo.

— Graças a Deus por isso. — Ela deu um pulo e começou a andar de um lado para o outro. — Quando ia me dizer? — Abriu os braços para dar ênfase. — Saber que ir para casa foi a única coisa que me manteve sã durante toda essa provação!

— Elly, por favor. — Ele parecia culpado.

— Essa tem sido minha vida por seis anos. Prometeu que poderíamos voltar! Tudo está desmoronando aqui, e agora não tenho para onde ir. —

Recostou-se na cadeira e jogou o rosto nas mãos. Odiava ser emocional e sabia que soava dramática, mas era muito mais do que uma pessoa podia aguentar.

Não pediu por nada disso.

Ele estendeu a mão e pegou uma das mãos dela. Ela se recusou a olhar para cima, desejando que as lágrimas quentes que escorriam pelo seu rosto secassem. — Pretendia contar assim que a visse, mas quando cheguei, havia muitos fatores atenuantes. Então, esperava que quisesse ficar por sua própria vontade. — Ele fez uma pausa e olhou para o fogo. — Elly, vendo a casa queimada, observando a batalha, o que aconteceu com Adam e depois de estar de volta com a família, percebi que quero envelhecer aqui, com toda a minha família. Fugi uma vez e não quero mais fugir. Aprenda com meus erros, Elly. Enfrente-os agora e lute pelo que quer.

Era tudo que ela podia fazer para não fugir da casa e ir embora em seu cavalo. Ele fez parecer tão simples. Como alguém luta pelo amor de outra pessoa? Sua admiração? Afinal, *a admiração, uma vez perdida, é perdida para sempre*. Riu de uma maneira autodepreciativa enquanto pensava nas horas que passara lendo seu amado livro para todos no navio. Certamente tinham completado um ciclo. Ela o rejeitara e agora ele certamente a desprezaria. Como deixou ir tão longe? Como pôde falhar em guardar seu coração e perdê-lo?

— Vou falar com ele papai, mas tenho pouca esperança de que tenha o resultado desejado — disse com resignação em sua voz. Afinal, não tinha mais nada a perder.



Ele se levantou e a colocou de pé. — Vamos, então.

A hora da verdade chegou.

ELINOR E SIR CHARLES atravessaram a entrada de Wyndham Court e foram levados para a sala de estar. Easton passou pela porta e hesitou quando viu Elinor, mas continuou se movendo e cumprimentou-os como se nada tivesse acontecido na noite anterior. Sir Charles pediu licença para se despedir do conde e os deixou sozinhos. Houve um silêncio perturbador e nenhum dos dois desejou encarar a conversa à frente.

— Easton, se importaria de caminhar comigo no jardim? A menos que tenha tempo para um passeio a cavalo? Há algumas coisas que preciso lhe contar — disse nervosa, mas estava determinada a explicar tudo e encerrar o assunto.

Ele assentiu e olhou pela janela, parecendo tão resignado com a conversa quanto ela. — Acho melhor caminhar. Os céus parecem incertos e podemos encontrar abrigo mais rapidamente se ficarmos perto da casa.

Ela concordou, então ele a acompanhou para pegaram seus chapéus, luvas e casacos. Ofereceu-lhe o braço, que ela aceitou, tentando ignorar o quanto era bom estar tão perto dele. Caminharam em silêncio por um tempo, ajustando-se à mudança abrupta de temperatura ao se afastarem do calor da sala de estar. Finalmente Easton quebrou o silêncio. — Não a forçarei a passar por isso se ama Nathaniel. Meu pai simplesmente terá que entender — disse Easton, em voz baixa, enquanto seguiam caminhando pelo jardim.

— Perdão? Acha que amo Nathaniel? — Ela parou e olhou nos olhos dele, depois se virou e continuou andando. — Suponho que mereço isso. Tive medo de lhe dizer a verdade.

— Medo? Não confia em mim? — Ele ergueu a sobrancelha e pareceu realmente ferido.

— Eu... suponho que sim, mas isso não é algo que se diz casualmente. Quis lhe dizer desde que descobri meus sentimentos por você, mas não suportaria ver sua decepção comigo. Estava sendo egoísta,

tentando segurar sua boa opinião sobre mim. — Ela chutou algumas pedrinhas no caminho, incapaz de encará-lo.

— Tem sentimentos por mim? — Ele parou e a segurou pelos antebraços, mas ela não podia olhar nos olhos dele. — Elinor, tenho me torturado pensando que tem sentimentos por ele! Sei que naquela idade provavelmente não entendia o que estava acontecendo entre vocês e o amor de infância pode levar a fazer coisas das quais se arrepende depois. — Ela olhou para cima.

— É isso que pensa? — Balançou a cabeça violentamente. — Oh, Adam. Não foi assim que aconteceu. Mas prometa-me que não fará nada tolo se eu lhe contar.

— Por que tenho a sensação de que vou me arrepender desse acordo?

— Não vai, porque faria mais mal do que bem. — Ele ponderou por um momento, depois de má vontade, balançou a cabeça e segurou suas mãos.

— Prometo considerar cuidadosamente antes de agir. — Seu pulso acelerou ao seu toque, mas de uma forma totalmente inesperada.

— Nathaniel estava intoxicado, não, parecia estar possuído, e ele me tomou contra a minha vontade. — Soltou a respiração com alívio de ter dito em voz alta.

Easton a puxou em seus braços. Ele também liberou uma onda de ar, mas em vez de uma série de maldições, ele a surpreendeu. — Shhh. Não precisa dizer mais nada. Sinto muitíssimo. Eu não tinha ideia.

Ela sentiu alívio quando o calor de seus braços a envolveu. Tinha imaginado muito pior. — Eu... eu precisava falar disso. Para colocar para fora. Lamento não ter dito antes. — Ele a levou até um banco e sentou-se com o braço ainda ao redor dela, abraçando-a. — Se quiser acabar com o noivado, vou entender o porquê.

Ele gentilmente inclinou seu queixo para que olhasse para ele. —

Nunca poderia pensar mal de você por algo que não estava no seu controle. Sabia que alguma coisa estava errada, mas nunca imaginei isso. Pode me perdoar?

Ela riu com alívio. Quem teria pensado que seria capaz de sorrir depois dessa revelação? — Perdoe a *mim* por duvidar de você. Sabia que era diferente; agora sei que é realmente especial.

— Não foi isso o que pensou no início — ele respondeu brincalhão.

Ela bufou. — Ha. Muito bem, não no começo. Demorei um pouco para perceber todos os seus atributos. Você apareceu e agiu como o bonito e arrogante libertino. E deve admitir que a sociedade é cruel sobre a virtude de uma mulher, ou a falta dela. Como eu ia pensar diferente? Ninguém, exceto Josie, sabia até algumas semanas atrás. Era difícil saber o que pensar nessa idade. Se eu fosse mais velha, poderia ter sido mais racional, mas também estava de luto por minha

mãe. Então ficou cada vez mais difícil tentar contar a alguém. Era mais fácil afastar a todos.

Ele olhou para ela com ternura e falou baixinho. — Acredite ou não, entendo isso. Sinto o mesmo sobre a guerra. Não é a violação íntima que experimentou, mas me sinto emocionalmente violado. —Olhou para o outro lado e fez um barulho na garganta. — Os homens não devem sentir essas coisas.

— Compreendo. Acho que é igualmente difícil, apenas de uma maneira diferente. — Estendeu a mão e segurou a mão dele.

— Obrigada por me dizer. — Ele olhou para ela. Viu as lágrimas de alívio em seus olhos e tomou-a em seus braços novamente. Colocou o queixo sobre sua cabeça e saboreou a sensação dela em seus braços.

Ansiava por dizer a ela como se sentia, declarar seu amor, mas não se atreveria até saber se conseguiria passar pelo Conselho ileso. Havia uma chance de que não conseguisse voltar, e embora achasse que ela tinha sentimentos por ele além da amizade, não ousaria dizer que ela possuía o seu coração e correr o risco de fazer seu fardo aumentar.

— Elinor, devo avisá-la que as coisas podem não correr bem em Londres. — Olhou nos olhos dela para ver se entendia. — Há uma chance de eu não conseguir voltar. — Tinha acabado de expressar seu maior medo em voz alta.

Ela engoliu visivelmente e falou baixinho. — Eu sei.

— Prometa-me que cuidará do meu pai enquanto eu estiver fora... e se alguma coisa me acontecer.

Elinor tentou interromper. — Adam, por favor ... — Ele levantou a mão.

— Mandei chamar minha irmã Olivia, da escola. Minha tia vai ajudá-

la, é claro, mas se puder ajudá-la com as coisas também. Olivia não tem mãe há anos e receio que Max, papai e depois ...

Lágrimas quentes caíram pelo rosto de Elly novamente. — Por favor, não fale assim!



— Preciso saber que serão cuidados. Por favor. — Segurou o rosto dela com as mãos e se inclinou para tocar sua testa com a dela.

— Elinor acenou com a cabeça em concordância. — Sabe que faria qualquer coisa por você.

— Eu sei. — Ele colocou um beijo casto em seus lábios, não querendo se atormentar com mais nada. Eles voltaram para a casa em silêncio. Não havia mais nada a dizer.

ELINOR SE ENTERROU em cavalgar e atendeu às necessidades dos arrendatários Wyndham, já que ultimamente mal podia suportar seus próprios pensamentos. Prestou pouca atenção às suas próprias necessidades. Comer era pouco atraente para ela, e o tempo ocioso era o diabo para seus pensamentos sombrios se apoderarem. Finalmente encontrou um homem que amava, que parecia disposto a ignorar sua impureza, e agora ele poderia ser julgado por crimes de guerra. Pensar que ele poderia ser responsabilizado pelo odioso coronel Knott, homem insuportável! Deveria ter sido ele, não o general Ross, a receber a bala do atirador!

A parte mais difícil de todas era passar o tempo com o conde, fingindo ser a noiva apaixonada e feliz enquanto planejavam o casamento que talvez nunca acontecesse, tendo que guardar todas as preocupações para si mesma. No terceiro dia depois que Easton e seu pai saíram, Elinor foi visitar o conde, como prometido. Em vez de ser recebida com alegre antecipação de sinos de casamento, o conde não parecia bem. Seu rosto estava pálido e cansado, e a inclinação que havia visto depois de um de seus ataques estava mais pronunciada. Ele mal teve a energia para cumprimentá-

la e não tinha realmente falado nenhuma palavra. Depois que o cumprimentou, pediu licença para se refrescar, mas em vez disso encontrou o mordomo e pediu que chamasse o médico imediatamente.

Voltou para a sala de visitas e pareceu que o conde havia adormecido. Elinor

tomou a liberdade de puxar seus pés para cima do sofá, acomodando-o com travesseiros e enfiando um cobertor ao redor dele. Ele abriu os olhos e tentou sorrir para ela. Ele estendeu a mão e ela a segurou

com a dela. Suas mãos estavam úmidas, o que a preocupava ainda mais, e ela estendeu a mão para sentir o calor em sua testa, como sua mãe havia feito quando cuidou de Elinor quando criança.

Ele estava febril e começou um ataque de tosse que parecia vir do fundo do peito. Ela puxou a corda da campainha e mandou um lacaio embora imediatamente para buscar Josie e seu livro de remédios fitoterápicos, sem saber quando o médico chegaria. Então começou a escrever um bilhete para Easton, na esperança de que ele pudesse voltar a tempo, pois temia que o débil conde não tivesse forças para lutar contra uma inflamação dos pulmões.

Enquanto esperava, pensou que poderia tentar ver o que estava acontecendo com lorde Wyndham, embora duvidasse de sua capacidade de ajudar. Seu conhecimento era bastante limitado a feridas de guerra e doenças leves das crianças de sua aldeia. — Lorde Wyndham, pode me dizer quando esse ataque começou?

Ele abriu a boca para falar, mas lutou por sua voz. Elinor levou um copo de água aos seus lábios, mas engolir também foi uma luta. Ele finalmente conseguiu dizer: — Esta manhã — embora tenha sido difícil de entender.

— Esse é igual que aos seus ataques habituais? Parece febril e tem uma tosse bem forte.

Ele balançou a cabeça, achando isso mais fácil que falar. Josie chegou com a bolsa de ervas de Elinor e ela as examinou com uma carranca. Não sabendo o que fazer, decidiu pela casca de salgueiro, sabendo que pelo menos poderia ajudar com a febre. Talvez o médico chegasse em breve e tirasse as decisões de suas mãos. No momento em que o médico chegou, a febre do conde pareceu melhorar, e ele estava descansando mais confortavelmente.

— Boa noite, senhor. — Elinor levantou-se para cumprimentar o Dr.

McGinnis.

— Tenho o prazer de finalmente conhecer a famigerada senhorita Abbott. — Ele

sorriu agradavelmente para ela. Ela sorriu de volta, mas não tinha certeza do que ele queria dizer com famigerada. Sentindo seu desconforto, ele continuou: — Peço perdão, senhorita Abbott. Estava me referindo ao seu trabalho com o ferreiro, e lorde Easton, é claro.

Ela corou. — Ah sim. Obrigada, Dr. — Não acostumada a ser elogiada, rapidamente se virou para Lorde Wyndham e contou como havia



encontrado o conde e que lhe dera chá de casca de salgueiro por causa de sua febre. O médico examinou e auscultou o conde, depois suspirou quando seu olhar voltou para Elinor.

— Parece que está certa de que ele parece ter uma inflamação nos pulmões. Vou deixar um pouco de xarope de sabugueiro e, claro, continuar com a casca de salgueiro. Acredito que tenhamos que esperar para ver, mas com sua recente crise, temo que seja muito difícil para ele lutar contra isso em sua condição já comprometida. Lorde Easton está disponível? Sinto que deveria falar com ele.

Elinor sacudiu a cabeça. — Ele está fora, em Londres para negócios de guerra. Encontrei Lorde Wyndham nessa condição quando vim tomar chá.

— Temo que deveria mandar chamá-lo. Ficará com ele? Ele se beneficiaria de alguém com sua perícia ao seu lado, especialmente porque sua família está longe. — O médico então orientou alguns lacaios a levar o débil Conde a seus aposentos.

— Claro. Não penso em sair. — Ainda não, de qualquer maneira.

EASTON SENTIU-SE infeliz ao assistir a mais um dia de testemunhos terrivelmente mundanos no Conselho de Guerra. Não conseguia se concentrar em nada do que estava sendo dito e não desejava reviver nada disso - a estratégia, a batalha ou as consequências. A última coisa que queria fazer era vir a Londres. A última pessoa que queria ver era o coronel Knott. Por alguma razão, tinha um mau pressentimento de sair de casa, e o sentimento só aumentara à medida que se afastavam de Sussex. Seu pai não parecia bem, e, é claro, ele

partiu sem se declarar a Elinor, não importando o fato de estar achando difícil não ficar obcecado em assassinar Nathaniel.

Voltou a concentrar o olhar para o procedimento e sentiu o cabelo em seu pescoço arrepiar enquanto observava Knott tomar o seu lugar para começar seu testemunho. Pegando seu escrutínio, o coronel lançou um olhar fixo para Easton. Seu pulso disparou; um gosto biliar invadiu sua boca. Ele viu seu futuro brilhar diante de seus olhos ao ouvir Knott começar a contar sua versão de Easton desafiando suas ordens e tentando atrair as

tropas para o seu lado, o contradizendo. *Isso não poderia estar acontecendo,* ele pensou. *Isso não poderia estar acontecendo*. É claro que Knott dava o seu lado e fazia Easton parecer o mais sombrio possível. Sir Charles estendeu a mão e tocou-lhe o braço de maneira reconfortante, mas não diminuiu o pânico que crescia dentro dele. Vários membros do comitê olhavam para Easton de vez em quando durante todo o depoimento com sobrancelhas questionadoras, mas nenhum interrompeu Knott.

Easton fez o melhor que pôde para manter o rosto impassível, sem ser afetado. Olhou furtivamente para os rostos daqueles que seriam seus juízes e jurados. Muitos deles eram familiares para ele, tendo servido com eles ou tendo associação através da sociedade. Easton só podia esperar que o testemunho de sir Charles o salvasse, porque o testemunho de Knott como ele dera o amaldiçoaria completamente.

Depois que Knott ficou satisfeito com suas lembranças da batalha contra Washington, o Conselho decidiu adiar para o almoço. Quando eles voltaram, o general presidente tomou seu lugar. Ele olhou diretamente para Easton e indicou que ele se levantasse. Easton prontamente ficou em alerta.

— Major Easton, devido ao testemunho de um de seus superiores, coronel Knott, achamos que há o suficiente para justificar um julgamento. É

aqui ordenado para a corte marcial. Vamos retomar em três dias para que tenha tempo de preparar seu caso. Será liberado aos cuidados do coronel Sir Charles Abbott devido ao seu registro impecável de serviço. Não pode sair de Londres. Entende?

— Sim, senhor.

— Muito bem. Estamos adiados até então.

Easton não deveria ter se sentido chocado; sabia que isso estava por vir. Mas sentiu. Sentiu choque e desespero. Nunca tinha tido alguém por quem quisesse viver, tanto assim.

CAPÍTULO DEZENOVE

Q uando Elinor começou a vigília para outro ataque de tosse do Conde, se perguntou se esse ataque seria o último. As convulsões que assolavam seu corpo e os sons que emanavam de seu peito sobrepujariam o mais forte dos homens, quanto mais esse frágil homem debilitado por anos de ataques e tristezas. Colocou um pouco de xarope de sabugueiro em sua boca, e ele finalmente conseguiu engoli-lo e se reacomodar. Encheu novamente a panela de água colocada sobre a lareira para umedecer o ar e, esperançosamente, aliviar a tosse; depois encharcou outro pano para colocar sobre a testa para diminuir a febre. Elinor ficou observando aquele senhor doce que era o pai do homem que ela amava. Sentia-se impotente para salvá-lo, assim como quando estava perto do leito de morte de sua mãe, anos atrás. Lágrimas brotaram em seus olhos, e ela tentou não se permitir desistir dele.

Elinor não pôde deixar de pensar na promessa que ela e Easton haviam feito a ele, e como ele ficara encantado ao pensar no casamento e nos futuros netos. Reprimiu um soluço e foi olhar pela janela para os jardins abrigados ao luar. Elinor se esforçou para ser forte, e não para se tornar melancólica sobre os e-se, os que-nunca-mais-seria ou os que-poderia-ter-sido. Recebeu a mensagem do pai de que o Conselho de Guerra estava procedendo a uma corte marcial. Queria gritar! Isso não poderia estar acontecendo quando finalmente teve um vislumbre de felicidade em sua vida novamente. Tinha que manter a esperança de que o testemunho de seu pai seria o suficiente.

Pelo menos as coisas correram bem com Nathaniel. Estava grata pela paz que ganhara por ter enfrentado Nathaniel e contado seu segredo. Agora encontrara um homem com quem se sentia à vontade, um homem que amava e poderia ter que bastar. Nunca pensou que seria possível. Começou a andar pelo tapete, ficando cada vez mais preocupada que Easton não voltasse a tempo de ver o pai - ou de jeito nenhum.

O que poderia estar demorando tanto? O mensageiro não conseguiu encontrá-lo?

Certamente não poderiam ser tão cruéis a ponto de proibi-lo de sair quando seu pai estava gravemente doente? Percebendo que sua



preocupação não estava ajudando, sentou-se no sofá ao lado da cama do conde, rezando para que ele pudesse durar até que Easton chegasse em casa.

OS TRÊS DIAS de prisão domiciliar em Londres foram uma tortura. Preferiria estar em um campo de batalha sem comida ou abrigo, lutando contra vinte dos mais ferozes guerreiros, do que jogar esse jogo de espera sem fim. Ele nem sequer tinha sido autorizado a apresentar seu lado da história antes que a corte marcial fosse anunciada. Então ele recebeu a carta de Elly, afirmando que seu pai tinha poucas chances de viver. Não só deixaria de estar com seu pai quando ele morresse, talvez também não fosse capaz de assumir por ele. Não podia nem se permitir pensar em Elinor, pois a dor era mais do que suportável.

O terceiro dia finalmente chegou, e Sir Charles e Easton entraram no tribunal. O general começou o procedimento lendo ao Major Easton sobre seus direitos e como deveriam proceder. Easton teria permissão para apresentar seu caso primeiro. Easton tremia de nervosismo e raiva pelo que estava acontecendo, mas respirou fundo e se preparou para começar. Reuniu os papéis a sua frente e limpou a garganta.

Antes de Easton falar, Sir Charles pediu permissão para se dirigir ao tribunal. O general olhou surpreso. — Isso é altamente incomum.

— Sou capaz de fornecer testemunho de primeira mão sobre o ataque. — Easton olhou para Knott, que imediatamente empalideceu. Então era verdade que ele não sabia da presença de sir Charles naquela noite. O general que estava supervisionando o processo pareceu espantado com o pronunciamento de Sir Charles.

— Não estava ciente da sua presença no campo de batalha naquela noite, Sir Charles. No entanto, as acusações que o Coronel Knott faz contra o Major Easton são realmente graves, e muito contrárias ao histórico anterior de

dedicação e bravura de Easton à Coroa, sem mencionar o título que herdará em breve. Congratulo-me com qualquer relato que possa averiguar essas reivindicações.

— Mas ele é o padrinho de Easton! E Easton é prometido a sua filha! — Knott não pôde conter sua explosão. — Sir Charles não é imparcial!

— Chega, coronel! Insulta este tribunal! Nós ouviremos o testemunho e decidiremos por nós mesmos. Se enfraquece com sua explosão. O senhor mesmo se prejudicará se ocorrer novamente.

O rosto de Knott estava roxo-avermelhado e suas veias visivelmente pulsantes, mas ele se sentou e segurou a língua. Sir Charles se levantou e entregou um pergaminho ao general, depois voltou ao seu lugar.

— Estava preocupado que isso pudesse ocorrer depois de testemunhar os eventos naquela noite. Tomei a liberdade de pedir a cada soldado que observara os eventos, que escrevesse seu relato, se capaz; alguns foram ditados. Notará que o relato do general Ross está incluído, que Deus guarde sua alma.

— Vários dos membros ofegaram e olharam para o coronel, que estava em uma raiva visível. Ele continuou segurando a língua, no entanto. O

general falou em voz baixa para os outros membros do tribunal.

— Vamos adiar esses procedimentos para que o tribunal possa ler esses relatos. Normalmente, exigiríamos testemunho em pessoa, e alguns dos soldados podem ser obrigados a fazê-lo. No entanto, isso não é possível com Ross, portanto, leremos esses relatos e ouviremos de Sir Charles e Major Easton, conforme necessário.

A corte foi adiada e passaram-se três horas antes de serem chamados de volta para a sessão - três horas de completo inferno para Easton. O

general pigarreou e olhou diretamente para Easton, Sir Charles e depois para Knott. Easton tentou não se contorcer. Sentiu-se como uma criança diante do diretor em Eton, aguardando seus açoites.

— Coronel Knott, parece que seu relato é notavelmente diferente do de Sir Charles e do general Ross, além de uma dúzia de outros soldados respeitados. Os

registros de oito anos de serviço do Major Easton também refletem os relatos desses soldados. Presumo que se pedíssemos ao Major Easton que tirasse a camisa para que pudéssemos testemunhar o ferimento a bala em suas costas, esses relatos seriam verificados. Ele olhou para Easton, que assentiu.

— As ações, como descreve, teriam sido uma inversão completa do caráter dele e de seu registro de serviço. O Major Lorde Easton já decidiu renunciar a sua comissão para assumir seus deveres para o Conde de

Wyndham, e não há provas para sustentar suas reivindicações, apenas refutá-las. Portanto, rejeitamos suas acusações contra o major Lorde Easton. — Se virou para Easton. — Lorde Easton, aceitamos sua renúncia e agradecemos por seus anos de serviço. Pode se retirar.

Easton soltou o ar que não percebera que estava segurando. Nem seria obrigado a depor! Ele assentiu e saudou a corte. — Obrigado, senhor. —

Pegando seu cotovelo, Sir Charles levou-o para fora do salão, e apertou sua mão assim que passaram pelas portas. Sentiu uma enorme onda de alívio ao saber que a provação terminara. Caminharam para aguardar a carruagem.

— Bem, que agradável reviravolta nos acontecimentos. Estou chocado por ele tê-lo perseguido, mas agora tudo está como deveria ser. Vamos tentar voltar esta noite? — Sir Charles estava completamente sereno, como se o pescoço de Easton não estivesse na corda há um quarto de hora. Easton sacudiu a cabeça, incrédulo.

— Tinha quase certeza de que Knott se vingaria. É um traço do seu caráter orgulhoso. Sou incrivelmente grato por Ross e sua previsão de ter escrito tudo. — Sentiu uma onda de tristeza por seu mentor, Ross.

— Não posso ter todo o crédito. Depois de mandá-lo de volta para a fazenda, consultei Ross e pensei que seria melhor ter isso por escrito, não se sabe o que pode acontecer de uma batalha para a outra.

— Graças a Deus por isso. — Nenhum dos dois falou em voz alta sobre onde Easton estaria agora, caso não tivessem conseguido. Se instalaram na carruagem e viajaram para o sul em direção ao campo.

— Bem. Agora que os negócios desagradáveis acabaram, o que fará com Elly?

Easton tentou não se engasgar com a franqueza de Sir Charles.

— Só quero o que for melhor para ela. Quero que ela seja feliz, e não vou forçá-la a se casar comigo — disse com determinação, tentando se convencer também. Esperava desesperadamente que ela não tivesse mudado de ideia.

— Seu pai pode. — Easton riu apesar de seu medo de que seu pai não viveria para vê-los se casar. Ele rezou para que não fosse tarde demais para se despedir. Easton assentiu e eles ficaram em silêncio enquanto a paisagem passava.



EASTON FICOU OLHANDO PELA JANELA, ansioso, enquanto entravam na entrada da propriedade, por qualquer indicação de que fosse tarde demais. Felizmente, não detectou sinais de luto, mas a aurora estava apenas começando a sugir no horizonte. A equipe talvez ainda não estivesse ciente de que algo aconteceu. Depois da viagem ter sido adiada por várias horas pelas súbitas chuvas torrenciais e estradas enlameadas, Easton ficou aliviado quando a carruagem finalmente parou em frente à mansão. Desceu o mais rápido que pôde e correu para a casa, mal conseguindo saudar Hendricks. Chegou aos aposentos de seu pai e parou a tempo de recuperar o fôlego e se preparar para o que poderia ver.

Ele abriu a porta da saleta de estar, depois espiou o quarto de seu pai, onde a porta estava entreaberta. O conde ainda estava na cama, e Easton entrou com o pulso batendo freneticamente, correu para o lado do pai e segurou sua mão. Soltou um suspiro enorme de alívio ao perceber que a mão ainda estava quente. Sentiu a mão apertar suavemente contra a sua, então olhou para o rosto do pai para vê-lo acordado com um sorriso torto. O

conde tentou levantar um dedo para dizer *shh* e indicou Elinor que dormia ao lado de sua cama. Easton olhou surpreso ao ver uma Elinor exausta, desgrenhada e mais bonita do que nunca. Assentiu em reconhecimento e se inclinou para sussurrar.

— Está se sentindo melhor então, pai? Vim o mais depressa que pude. — O

conde assentiu fracamente, mas não falou. — Há algo que eu possa fazer pelo senhor? — O conde balançou a cabeça. Easton parecia cético, inseguro do que fazer, mas impressionado ao encontrar seu pai vivo.

Elinor começou a se mexer e sentou-se com o sono pesando em seus olhos e círculos escuros sob eles. Vendo o Conde acordado, se levantou e correu para o lado dele. — Milorde! Está acordado! — Ela rapidamente colocou a mão na cabeça dele, então afundou de volta ao lado dele com visível alívio. — Oh! Graças a Deus. Easton deverá estar em casa em breve.

Os olhos do conde se dirigiram para seu filho e Elinor seguiu seu olhar. Pulou quando viu que Easton estava lá há algum tempo. Seu olhar travou no dele, e ela iluminou a sala com seu sorriso.

— Bem-vindo ao lar, milorde. Estou muito feliz em dizer que parece que minha nota foi prematura.

— Senhorita Elinor. — Ele acenou com a cabeça em reconhecimento. — Assim como eu. — Ela parecia incrivelmente bonita em seu estado desgrenhado, que acenar era tudo o que ele podia fazer para não a pegar e fugir com ela. Com uma pequena batida, Sir Charles enfiou a cabeça pela porta. Ele veio e cumprimentou seu amigo.

— Não posso dizer como estou feliz em vê-lo acordado, velho amigo. — O conde conseguiu sorrir, mas continuou sem falar.

— Senhorita Abbott, pode nos contar o que aconteceu? — Easton perguntou, preocupado que seu pai não estava falando. Elinor explicou como achara o conde fraco de febre. O médico o havia visitado várias vezes e disse que o conde tinha uma inflamação nos pulmões e estava dando a ele as infusões receitadas pelo médico.

— Não saiu do lado dele, senhorita Abbott?

Ofendida por ele perguntar isso, não respondeu. Se virou e começou a preparar remédios para o conde. Ouviu uma pequena risada dele, que provocou outra rodada de tosse. Ela se aproximou e puxou-o de volta de onde ele tinha escorregado durante a noite e os orientou que o apoiassem nos travesseiros enquanto ela lhe dava um pouco mais de xarope para tosse e água de cevada.

— Bem, parece que foi feita para fazer a medicina. — Easton sorriu para ela. — Estou muito grato, como certamente meu pai também está. —

O conde estendeu a mão para a dela e depois para de Easton. Ele as segurou juntas, e Elinor tentou acalmar o tremor. O conde limpou a garganta para falar. Elinor tentou dissuadi-lo de falar, mas ele sacudiu a cabeça insistentemente. Tudo o que podiam fazer era esperar. Finalmente, ele conseguiu dizer a palavra — casamento.

Elinor não pôde deixar de olhar para Easton. Ela congelou por um momento, depois sorriu um pouco. Ele apertou a mão do pai e então riu. Elinor soltou a respiração que estava segurando.

— Paciência, pai. Elinor está exausta e o senhor apenas despertou. Falaremos disso assim que todos estiverem descansados. —O

conde parecia prestes a protestar, mas depois olhou para Elinor e assentiu.

Sir Charles e Elly foram embora, prometendo voltar mais tarde para ver o conde. Pela primeira vez, Easton conseguiu respirar com facilidade.



Seu pai estava melhor e ele livre. Agora será que Elly queria se casar com ele? Esperava que sim, porque não achava que poderia viver sem ela.

SIR CHARLES PASSOU o braço em volta de Elinor e beijou a cabeça dela, enquanto caminhavam em silêncio de volta para a Dower House. Sentiu como se estivesse sonambulando no momento em que cruzaram o limiar. Josie apressou-se a ajudá-la, mas ela não se lembraria de muito além da abençoada sensação de sua cabeça encontrando o travesseiro.

Sir Charles acompanhou-a de volta a Wyndham Court mais tarde naquela manhã, e Easton se juntou a eles logo após a chegada deles.

Após as saudações habituais, Elinor expressou sua preocupação pelo conde: — Como está seu pai agora? — Fazia apenas algumas horas desde que haviam

partido, mas sabia que a febre poderia voltar com uma vingança.

— Ouso dizer que melhorou? Está quase tagarelando, preocupado com o casamento. — Eles trocaram olhares e ela não pôde ler o que estava em seus olhos. Nervosismo?

— Esqueci de perguntar como foi o julgamento em Londres. Presumo que sua presença seja um bom sinal? — Não podia acreditar que estivera cansada demais para perguntar. Ficara aliviada ao vê-lo e ao conde ter vencido a febre.

— Melhor do que eu esperava. —Easton fez uma pausa para recolher seus pensamentos, mas Sir Charles interveio primeiro.

— Não esperava que Knott tentasse se vingar, o traidor arrogante. Claramente, se achava acima de qualquer reprovação e não fazia ideia de que houvesse testemunhas de suas atrocidades. Cavalheiro, na verdade — zombou Sir Charles.

— Não fiquei surpresa ao receber a nota de que tinha ido para a corte marcial — disse Elinor balançando a cabeça. — Temia que ele fizesse algo do tipo. Homens assim pensam que não podem se sair mal. Obviamente, algo convenceu o conselho de sua inocência, ou não estaria aqui.

— Sim. Seu pai. — Ela assentiu como se fosse exatamente como suspeitava. — Nem sequer tive que testemunhar depois que ele produziu relatos escritos de várias testemunhas.

— Graças a Deus. — Todos eles assentiram, depois ficaram em silêncio. Terminaram o chá, e Sir Charles se levantou e anunciou que estava indo visitar Wyndham, o que deixava Elinor e Easton desajeitadamente sozinhos.

— Se importaria de dar outro passeio? Acredito que temos uma conversa para continuar.

Ela assentiu e passou o braço pelo dele. Era bom tê-lo de volta. —

Estou aliviada que tudo tenha sido resolvido com o coronel Knott. Espero que ele receba o que merece. Além disso, com a saúde do seu pai. Não posso dizer como eu estava preocupada.

Ele parou e se virou para encará-la. — Estou certo de que tem sido horrível para

você. Sei como me senti estando lá, incapaz de fazer qualquer coisa por mim mesmo ou sabendo se o pai ainda estava vivo. — Ele suspirou. — Elinor, não vou prolongar meu assunto. Eu te amo, não importa o que aconteceu e quero que fique aqui, comigo, como minha esposa. Não quero mais fingir. — Ela riu, depois ficou séria. Ele notou a mudança. Assistiu as emoções brincarem em seu rosto. — Podemos até mesmo voltar para a América para visitar? — Ele implorou, tentando convencê-la. Agora ela desviou o olhar.

— Easton, não tenho certeza se.... — ela deixou o pensamento se afastar. Não sabia se poderia falar sobre isso. Ficaram quietos por alguns momentos. Ele parecia perceber o porquê de sua hesitação. Saíram para os jardins e sentaram-se em um banco.

— Elinor, tem medo de mim?

Ela balançou a cabeça. — Não.

— Está com medo do meu toque? — De repente, ocorreu-lhe, embora o fato de ela pensar que iria forçá-la doeu um pouco. Será que ela não sabia que o que experimentariam seria completamente diferente do que aconteceu com ela antes?

Ela respirou fundo. Não queria dizer isso, mas sabia que tinha que dizer. — Eu estou preocupada. — Ela hesitou. — Mas não sinto náuseas ao seu redor.

— Isso é encorajador — disse ele secamente.

Ela riu nervosa, esperando que pudesse explicar. — Quero dizer, se um cavalheiro tenta me tocar, me sinto mal. Não me sinto assim com você.

Ele pegou as duas mãos dela nas dele. Ela olhou para cima e segurou seu olhar. — Elinor, prometo, jamais vou te empurrar mais do que estará confortável. Mesmo que isso signifique que meu pai nunca tenha netos, que seja. Eu só quero que seja feliz. E aceitarei qualquer parte sua que esteja disposta a me dar. — *E espero poder ser digno de você.*

— Tal coisa é possível? Eu pensei que um homem tinha que, para ... —

ela engoliu em seco, incapaz de dizer as palavras.

Ele riu. — Nós não somos todos controlados por nossos desejos mais básicos.

Isso não quer dizer que eu não ficaria muito feliz se você quisesse favorecê-los de vez em quando.

Ela riu nervosa, em seguida, olhou corajosamente para sua boca. Se inclinou e o beijou timidamente.

Ele se afastou gentilmente, agradavelmente surpreso. — Está se sentindo mal? — Ela balançou a cabeça. — Bom. — Ele pegou o rosto dela nas mãos e puxou os lábios para os dele novamente, beijando mais e mais profundamente, deixando os dois sem fôlego.

— Como está agora? — Ele perguntou recuperando o fôlego.

— Me sinto tonta — disse tentando se reorientar enquanto sentia novas sensações.

— Significa que fizemos isso corretamente. — Ela pensou sobre isso, então um sorriso se espalhou em seu rosto.

— Adam, podemos fazer isso de novo? — Ele riu.

— Tanto quanto queira. No entanto, acho que por agora é melhor que eu favoreça meu pai e realizar o casamento. Agora.

CAPÍTULO VINTE

Q uando os dois voltaram para casa, de mãos dadas, o conde e Sir Charles estavam abrigados perto do fogo ardente em conversas profundas. O conde olhou para a aproximação deles com um sorriso torto espalhado de orelha a orelha. Sir Charles também pareceu satisfeito, com um brilho nos olhos.

— O dois estão prontos afinal? — Adam e Elinor se entreolharam.

Como ele sabia? Adam encolheu os ombros.

O conde ergueu uma sobrancelha e depois fez sua melhor tentativa de um olhar severo enquanto cruzava os braços sobre o peito. Isso o fez parecer inofensivo na melhor das hipóteses. — Achou que eu não sabia que algo estava acontecendo?

Elinor riu de sua repreensão fingida.

Ele continuou: — Seus sentimentos um pelo outro são óbvios para todos os outros; estou feliz por ambos finalmente terem percebido isso.

Então ele sabia o tempo todo, o conspirador.

— Minha parte favorita foi o olhar em seu rosto quando o fiz pedi-la em casamento e a beijar.

Elinor engasgou e sentou-se no sofá. Adam sentou-se *junto* a ela.

— Oh, eu sabia, pai. A parte difícil foi convencer Elinor. — Sua noiva o olhou, a incredulidade estampada em seu rosto. — Não lhe agradeci apropriadamente por organizar a linda cena naquele dia. — Ela lhe deu um bom empurrão com o cotovelo. Ele apenas riu e esfregou a área que logo estaria roxa. O conde retornou aos negócios, ignorando suas brincadeiras.

— Já mandei buscar o bispo. Ele deverá estar aqui em dois dias com a licença. — *Dois dias*? O conde respondeu vendo sua mandíbula pendurada entreaberta. — Sim, querida, nós estamos esperando há meses. Acho que fui bastante paciente, considerando... — O frágil conde gesticulou para seu corpo frágil como se isso fosse explicação suficiente.

— Talvez eu deva pedir autorização ao meu padrinho primeiro, pai? —

Interveio Easton.

Sir Charles entrou na conversa, balançando a cabeça. — Bobagem, Adam. Tem minha permissão e minha bênção. — Eles atravessaram a sala e se abraçaram.



Elinor segurou as lágrimas. De repente, ela teve um desejo de que sua mãe estivesse lá. O Conde se aproximou e apertou a mão dela como se sentisse seus pensamentos.

— Acho que um bom casamento, aqui em Wyndham Court, seria apenas parte da coisa. Espero que sua avó já tenha terminado todos os preparativos.

— Disso não tenho dúvidas. Eu esperava que ela estivesse planejando, não o senhor. — Isso produziu outro largo sorriso.

— Os dois devem informar sua avó e seu irmão. — Ele enxotou-os e voltou-se para Sir Charles como se nada significativo tivesse ocorrido. *Patife.*

— Temos sido meros marionetes neste show o tempo todo, minha querida — Easton sussurrou em voz alta e a beijou na têmpora. Os dois cavalheiros mais velhos *riram*.

— Aparentemente — concordou Elinor. Galante, ele lhe ofereceu um braço e partiram para Dower House.

EM UM DIA frio e ensolarado de janeiro, quando o sol brilhou nos cristais na neve, ela espiou pela janela do quarto. Não podia acreditar que este dia fosse real. Easton queria casar com ela, apesar do seu passado. Havia encontrado alguém que não usava seu passado contra ela. Pensou em como ela e Adam haviam sido reunidos através de conexões, provações e tribulações - e ela sabia que deveria ter havido intervenção divina. Alguns chamavam isso de destino, alguns de coincidência, mas Elinor sabia que era tudo a mesma coisa.

Sorriu para alguns solitários flocos de neve caindo pelo sol, e sentiu a presença de sua mãe com ela, uma sensação penetrante de paz e retidão. Abriu a janela para pegar o frio em seu rosto e estendeu a mão para fornecer um poleiro para alguns dos cristais de neve. Estremeceu apesar da alegria que sentia, e puxou o roupão mais apertado. Uma batida suave a tirou de sua reflexão, e sua avó olhou da porta.

— Bom dia, querida.

— Bom dia, vovó. — Fechou as janelas e atravessou o quarto para cumprimentar sua avó com um beijo na bochecha.

— Não sei como pode suportar o frio. Parece que vai direto para os meus ossos na minha idade. — Sua avó estremeceu e caminhou em direção ao fogo. — Vim para ver se precisava de alguma coisa. — Josie passeou atrás dela com uma bandeja de chocolate quente e biscoitos e os depositou na mesinha ao lado do sofá. Fez uma reverência, piscou para Elinor e prometeu voltar em breve com o banho.

— Não consigo pensar em nada, vovó. Estou extraordinariamente calma para esse dia. Parece tão certo. — E era o que acontecia. Não se sentia tão feliz desde que sua mãe estava viva.

— Não posso te dizer como estou aliviada ao ouvi-la dizer isso. Sei que Adam é um homem maravilhoso, mas temia que a tivéssemos empurrado para o que queríamos, com motivos egoístas. — Elinor sacudiu a cabeça em sinal de protesto. — Acho que despertei minha consciência sobre esse assunto durante a noite.

— Por favor, não se sinta assim, vovó. Sei que todos vocês querem o que é melhor para mim. Juro que não poderia ter sido *empurrada* para isso se não estivesse disposta. — Sentou-se ao lado da viúva no sofá e pegou uma xícara de chocolate.

— Sei que deve sentir muito a ausência de Elizabeth hoje. — Fez uma pausa para reunir sua emoção. — E eu sei que Sarah estaria aqui se pudesse, mas terá que estar satisfeita comigo por agora. — Ela ergueu a mão para parar o protesto de Elinor. — Também sei que a última coisa que quer ouvir de uma mulher idosa é o conselho sobre o leito conjugal. —

Elinor deu uma risadinha e ficou rosada. Sua avó piscou para ela. — No entanto, quero dar alguns conselhos.

Tudo o que Elinor pôde dizer foi: — Oh. — *Por favor, sem imagens mentais.* Ela esperava ser poupada da conversa que a maioria das senhoras recebia antes do casamento.

— Em primeiro lugar, a experiência com alguém que ama ou até mesmo *cobiça* será completamente diferente do seu infeliz incidente com Nathaniel. — *Não deixe que vovó saia do assunto.*

— Em segundo lugar, relaxe e tente se divertir. — *Claro. Relaxar.* Ela assentiu com a cabeça.

— Em terceiro lugar, use sua imaginação. — A viúva ergueu a sobrancelha e sorriu um sorriso conhecedor. *Isso era tudo o que ela ia*

dizer?

— Isso é tudo? — Graças a Deus acabou.

— Sim, Adam ensinará o que precisa saber. — Elinor engasgou com seu chocolate. Sua avó riu e, em seguida, deu-lhe um abraço antes de partir. Josie entrou com a água do banho, mais excitada que Elinor.

Depois de tomar banho e pentear o cabelo, Josie tirou um vestido de cor creme do quarto de vestir e Elinor soltou um suspiro quando viu o vestido.

— É… o vestido de casamento da minha mãe? — Correu para tocar o vestido familiar que vira diariamente em um dos poucos retratos que tinha de sua mãe. — Nem sequer pensei no que vovó tinha escolhido para eu vestir. Oh, é ainda mais bonito do que me lembrava! — Ela carinhosamente tocou os botões costurados com nós de prata que adornavam as camadas de seda.

Josie ajudou-a a colocar o vestido e Elinor sentiu-se encantada ao envolver-se no mesmo vestido que a mãe usara para casar com seu pai. Não poderia ter se sentido mais perfeita. Josie colocou em seu pescoço as pérolas de sua mãe, depois de um último olhar, desceu as escadas correndo até o lugar onde o pai esperava para levá-la à igreja.

Estava envolta em uma capa de arminho e um casaco de pele para o breve passeio. Um trenó os esperava para levar Elinor e seu pai à igreja. —

Um trenó! Que maravilha, papai!

— Sua mãe também foi levada para St. Christopher neste trenó. O

duque construiu para o nosso casamento. Só parecia apropriado. Não é muito útil em Sussex. Ela subiu no trenó e segurou a mão do pai enquanto olhava para o céu, sentindo a presença de sua mãe abençoando-a naquele dia.

— Sinto a presença dela conosco, papai. — Até agora, ela tinha conseguido segurar as lágrimas, mas sentada, com vestido de casamento de sua mãe, em seu trenó a caminho da mesma igreja para se casar, com seu pai ao seu lado, as lágrimas corriam.

— Ela ficaria orgulhosa de sua linda filha. — Seu pai estava lutando para conter suas próprias lágrimas. — Seu papa está mais do que orgulhoso.

— Entregou-lhe um lenço com um sorriso e um abraço.

— Oh, papai. Eu sei. Eu te amo.

Ele mal conseguiu dizer — Eu também — enquanto lutava para manter a compostura.

Ao entrarem no pátio da igreja, Elinor não pôde deixar de sorrir ao ver todas as crianças do orfanato alinhadas em vestidos e ternos iguais. Eles não conseguiram controlar a excitação quando notaram o trenó puxado por cavalos parar. Elinor ficou muito contente por poderem participar e ter um feriado fora de Londres. Se certificaria de que eles se divertissem mais tarde.

Quando saiu do trenó, as crianças entregaram-lhe uma rosa branca e fizeram uma reverência diante dela, depois entraram na igreja. As duas meninas menores, uma delas a pequena Susie de Adam, precederam Josie à igreja, jogando pétalas de rosa por toda parte. Elinor podia ouvir as risadas dos que estavam lá dentro. Então Josie passeou pelo corredor. Elinor só podia imaginar o enorme sorriso em seu rosto. Finalmente chegou à sua vez. Quando a porta se abriu, respirou fundo e ficou surpresa com a multidão reunida na igreja. Deveria saber que sua avó faria um grande evento. Tentou não pensar em todos olhando para ela. Quando seu pai a conduziu pelo corredor, mal ouviu a música ou viu os rostos familiares dos aldeões. Notou a avó enxugando os olhos com um lenço, o duque sorrindo orgulhoso para ela, e Nathaniel ao lado dele como se para lembrá-la de que isso estava certo. Percebeu que o perdoara e parecia certo. O perdão era uma coisa bonita, de fato.

O conde sentou-se em seu banco no outro lado, sorrindo o suficiente para iluminar a igreja. Ficou encantada em agradá-lo, mas não tão feliz quanto estava em se casar com o homem atrás dele na frente da igreja, ao lado do vigário, seu irmão e Buffy. Finalmente ousou olhar para Adam, não tendo olhado para ele antes deliberadamente, por medo de não conseguir andar pelo corredor.

Estava, se possível, mais atordoante do que o normal, de casaca preta, com colete prateado e gravata branca como a neve. Ele estendeu a mão para ela, depois lhe entregou uma única rosa vermelha. Amor. Seu pai colocou sua mão na dele e disse a Adam que não havia mais ninguém a quem preferisse entregá-la. Elinor não lembrava quase nada da cerimônia, exceto pelo fato de ter sido abençoadamente rápida.



DEPOIS DO CASAMENTO, ela finalmente conseguiu relaxar e rir de novo. Sentiu uma paz que nunca conhecera antes. Era maravilhoso sentir-se ela mesma novamente. Sabia que ainda tinha um grande obstáculo a superar, mas não estava preocupada em enfrentá-lo com Adam. De alguma forma, sabia que seria diferente com ele. Ficou até um pouco curiosa e animada.

O café da manhã de casamento no Wyndham Court era quase uma festa. Finalmente conseguia ver todo mundo que não havia notado na igreja e

ficou

surpresa

com

quantas

pessoas

viajaram

para

a

cerimônia. Rapidamente se perguntou há quanto tempo sua avó e o conde tinham marcado a data, enquanto espiava Andrew dançando com uma das trigêmeas, e Buffy e Josie se divertindo juntos. Detectou um padrão ali.

Parecia não haver nenhum tipo particular de dança ocorrendo com as crianças no meio. Era mais um puxa-valsa-empurra com risadinhas e jovialidade. As meninas deram as mãos e giravam em círculos enquanto os adultos tentavam uma valsa modificada. Virou-se e riu ao observava as crianças dançando, particularmente Susie, enquanto segurava com todo carinho em Adam com os pés sobre os dele. Se ele ainda não tivesse capturado seu coração, o teria perdido

novamente para ele agora.

— Pode reservar uma dança para o seu velho pai? — Elinor se virou e viu seu pai ali olhando para ela.

— Acho que posso organizar isso. Pegou sua mão, e ele a levou para um local seguro na pista.

— O que vem a seguir para o senhor, papai? Conseguirá ficar aqui um pouco?

— Talvez, embora eu queira que você e Adam tenham algum tempo para si mesmos sem a interferência de todos nós velhinhos. — Ela fez uma careta divertida.

— Onde vai se estabelecer? Nós adoraríamos tê-lo aqui, é claro.

— Não decidi nada além de que é hora de seguir em frente. Eu poderia ir a Londres, ou talvez de volta ao campo, quando os inquilinos se mudarem, embora não tenha certeza se quero morar lá novamente. — Ele fez uma pausa. — E não sou tão velho ainda.

— Claro que não é velho, papai! — Ela interveio. Ele riu.

— Mas também não sou jovem. O amor e a companhia de sua mãe eram tudo para mim. Realmente senti que parte de mim morreu com ela. No entanto, sei que ela ficaria desapontada comigo por viver no passado por tanto tempo. Então, a partir de agora, estou determinado a viver um dia de cada vez e ver o que acontece.

Elinor sorriu para ele. — Acho que é uma lição para todos nós, papai.

Abraçaram-se e ele a levou até Adam, que estava cercado por crianças adoráveis.

— Perdoem-me todos, mas se me permitirem uma dança com minha linda esposa, depois iremos ao ar livre para lutas de bolas de neve e passeios de trenó antes de voltarmos para o chocolate.

A notícia foi recebida com os aplausos das crianças, e Adam agarrou Elinor e levou-a para a pista de dança.

— Finalmente, a tenho para mim por um momento. Mesmo que tenha tido que subornar as crianças.

Ela olhou para ele com adoração e riu. — Ama cada minuto, e sabe disso.

Sorriu amorosamente e rodopiou com ela. — Como se sente sendo Lady Easton?

— Surpreendentemente bem, embora acredite que prefiro ser a Sra.

Trowbridge.

— Surpreendentemente? Deveria estar ofendido? —Ergueu as sobrancelhas fingindo indignação.

Ela bateu em seu braço de brincadeira. — Não, deveria levar pelo lado bom.

Ele riu. — Lição de casamento número um, anotada. — Rodopiaram novamente. Buffy e Josie ainda estavam dançando. — Parece que haverá outro casamento em breve.

— Sim, ela encontrou seu belo namorado. — Elinor sorriu melancolicamente.

— Estou feliz por ter sido útil. — Fez uma pequena reverencia enquanto dançava.

— Sim, funcionou bem. Não teve que se preocupar tanto em apresentá-los.

— Registrado para o futuro. Puxou-a para mais perto e continuou a rodopiar. Nathaniel e uma das trigêmeas passaram por eles e sorriram

saudando. Quando estavam afastados no salão, Adam perguntou sobre a situação. — Como está se sentindo sobre as coisas com Nathaniel? Ainda não tenho certeza de como devo reagir.

— Sinto-me aliviada por acabar com isso. Embora suponha que ainda haverá Beatrice para lidar de alguma forma.

— Onde está a víbora? — Ele fez um esforço indiferente para examinar a sala.

— Ela convenientemente tem uma constipação. — Significando que seu pai não deixaria que arruinasse outro dia de Elinor.

— Ah. — Ele a puxou para mais perto e se divertiu em tê-la em seus braços pelo restante da dança, deixando todo o resto à sua volta desaparecer. Quando a música parou, não a soltou e todos riram ao redor deles.

Ouviram uma colher tinindo contra um copo e ergueram os olhos para ver seu pai, o duque e o conde no estrado prontos para fazer um brinde. Um lacaio entregou-lhes taças de champanhe e observou quando o conde foi baixado em sua cadeira e rolou para eles.

— Não vou aborrecer todos vocês com longos discursos. Apenas direi que sou grato por ter sido capaz de testemunhar este evento maravilhoso, e não poderia estar mais feliz. Agora aqui estão as chaves da casa de campo, meu filho. Eu não quero vê-lo por pelo menos duas semanas. Tem meus netos para fazer! — Fez movimentos de enxotar indicando que queria dizer imediatamente.

Ela sentiu suas bochechas queimando de vergonha. Não havia uma boa resposta, talvez, exceto para esvaziar o copo. Entregou o copo a um lacaio, depois sentiu Adam puxando-a para a porta. Fizeram despedidas apressadas, garantiram que Andrew cuidaria de entreter as crianças e depois ela foi acomodada em uma carruagem.

Quando chegaram ao bosque em direção ao chalé, Elinor se aninhou perto de Adam. Ele levantou um braço para permitir que ela se aconchegasse mais perto. — Devo assumir que isso significa que não considera a minha pessoa ofensiva, Sra. Trowbridge? — Sorriu e balançou uma sobrancelha para ela.

Ela olhou para cima com seus grandes olhos verdes e com um sorriso igualmente travesso. — Assume corretamente, Sr. Trowbridge. — E, ele estava correto. Assim como o que todo mundo havia lhe dito, que quando encontrasse o homem certo, não teria medo.

Adam tomou isso como um bom sinal e bateu no teto da carruagem para que o cocheiro se apressasse.

NOTA DA AUTORA

Infelizmente, agressão a mulheres e crianças tem sido um problema desde o começo dos tempos. Enquanto algumas pessoas podem ter ficado frustradas com o final, o perdão foi a chave para a cura na minha situação.

As circunstâncias da história e dos personagens são fictícias, mas espero que através dessa história outros também encontrem o dom da cura.

Table of Contents

Título

Conteúdo

Direito autoral

Dedicação

Agradecimentos

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Quatorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis

Capítulo Dezessete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Nota da Autora